

Da mesma escritora de Uma janela fechada

IGNEZ SCOTTI

REVIRAVOLTA





PERIGOSAS NACIONAIS

IGNEZ SCOTTI

REVIRAVOLTA

Ela pode sangrar, mas nunca desiste.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Copyright ©2019 de Ignez Scotti

Todos os direitos reservados. É proibido o armazenamento ou a reprodução de qualquer parte desta obra – física ou eletrônica -, sem a autorização prévia do autor.

Título: Reviravolta

Linha literária: Romance – Jovem Adulto

Capa: Mari Scotti

Diagramação: Mari Scotti

Revisão: Ignez Scotti

1ª edição

Sumário



[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Agradecimentos](#)

[Biografia](#)

[Outros livros da autora](#)

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 1



A espera, inútil espera de o tempo passar. O forte odor dos carros, que surgem num vai e vem e num acelerar constante, maltratam minhas narinas, enrijecidas pelo frio. Acendo um cigarro na esperança de me aquecer um pouco, mas o que consigo é apenas tornar o ar mais sufocante e insuportável. Preciso parar de fumar...

Olho à volta, tentando encontrar um rosto amigo. Nada. Não há sequer um sorriso nos lábios que vislumbro. Apenas a pressa. A fútil pressa de chegar. Todos querem correr, fugir, mas o trânsito os prende e os transforma em uma mera massa em movimento lerdo, preguiçoso e, de quem devia chegar, não há sombra. Nem sequer um ínfimo vestígio de sua presença. Onde estará? Não sei.

PERIGOSAS NACIONAIS

Provavelmente, é mais uma partícula dessa massa que busca desesperadamente seu lugar.

Aos poucos, me canso de ficar aqui parada e vem a vontade de sair, de procurar um canto mais quente aonde pudesse me refugiar do vento, do frio e dos olhares curiosos. O banco está gelado, assim como meus pés e mãos. O rosto torna-se insensível ante ao castigo que recebe. Mais alguém surge. Talvez, para esperar como eu. E o barulho das buzinas, do ronco dos motores e do apito dos guardas na esquina torna-se cada vez mais irritante e alto. Os sons quase que penetram em mim e tenho ânsias de gritar para que parem. Quem me dera encontrar uma parca fogueira que me aquecesse...

Ligo-me à espera. À teimosa e interminável espera de qualquer coisa. Por que não desisto?! Com certeza, ele achou algo mais importante para fazer e nem se importa onde estou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Disse alguma coisa? – pergunta o rapaz sentado em frente a mim.

Sem perceber, eu acabara falando em voz alta.

— Desculpe. Creio que falava sozinha.

— É duro ter de ficar esperando, não é? Ainda mais neste frio... *Brrrrrrrrrr*... Não sei se vou aguentar muito tempo.

— Eu já *devia* ter desistido...

— Faz tempo que está aí?

— Desde as 18:00hs.

— Meu Deus! – olha para o relógio em seu pulso. – Mas, já são quase 20:00hs!

— Para você ver como sou paciente...

— Perdoe a indiscrição, mas quem a senhora está aguardando?

— Meu marido. Hoje, é nosso aniversário

PERIGOSAS ACHERON

de casamento e combinamos de nos encontrar aqui para jantarmos juntos e comemorar. Só que, pelo jeito, ele esqueceu... *De novo!*

— Quantos anos?

— Cinco, mas parece que são vinte.

— Por quê?

— É que sempre me disseram que os homens passam a esquecer de datas importantes após uns dez ou quinze anos de casamento. Porém o meu, há três que não sei sequer se ele lembra que é casado.

— Que é isso?! Não pense assim. Ele deve ser um homem muito ocupado e preocupado com o bem-estar da família e, por isto, acaba negligenciando algumas coisas. Lembro-me de minha mãe chorando, ano após ano, porque meu pai também se esquecia dos aniversários. Quantas vezes a ouvi lamuriar-se por causa disso e, depois,

PERIGOSAS ACHERON

a via abraçada com ele, sentada no sofá da sala. Era engraçado vê-los brigando pelo mesmo motivo todos os anos, pois, eu e meus irmãos sempre sabíamos como acabaria: num romântico namoro à moda antiga.

— É como acontece comigo. Faço o maior escarcéu, brigo, choro, recito ladainhas intermináveis e, no fim, acabo me arrependendo e pedindo desculpas. Pode?! *Eu* é que acabo me desculpando.

Solto uma risadinha discreta.

— Bem, eu já vou. Minha namorada está chegando. Prazer em conhecê-la e... Feliz aniversário!

— Obrigada. Também gostei de conhecê-lo. E, olhe, quando você se casar, tente ser diferente.

— E me lembrar das datas, certo?

— É isso mesmo. Para vocês, pode parecer bobo, mas, para nós, é uma demonstração de carinho.

— Tudo bem. Vou procurar seguir seu conselho. Tchau.

— Tchau e boa sorte.

— Obrigado. Para a senhora também.

— “Que pena. A companhia era tão boa... Tinha, até, esquecido do frio que faz esta noite. Bom, acho que vou jantar sozinha, afinal”.

Levanto-me e sigo em sentido oposto ao do rapaz que saíra ao encontro de uma belíssima jovem. Arrisquei, inclusive, uma olhadinha invejosa àquele casal agarradinho, caminhando alegremente em direção ao fim da praça.

...

O ambiente aconchegante faz-me sentir

mais reconfortada. O *maitre* se aproxima e sua recepção polida, porém mecânica, quase me impele a desistir de jantar ali. Já era mais do que suficiente ter enfrentado aquele frio terrível e a decepção de ter sido em vão. O que preferia agora, realmente, era sentir algum calor humano, mesmo que fosse de uma pessoa estranha. Mas, enfim... O negócio é matar a fome e voltar para casa. Procurar outro restaurante a esta altura não vai ser uma boa ideia. Peço, então, uma mesa mais reservada e ele me conduz a um canto próximo a uma bela coluna estilo romano. O garçom se aproxima.

— Boa noite. Deseja fazer o pedido ou está aguardando por alguém?

— Vou pedir já. Infelizmente, estou sozinha.

— Pois não.

A escolha é difícil ante a riqueza do

cardápio.

— Traga-me um filé ao molho madeira com os acompanhamentos e uma salada de tomates com palmitos. Com *muitos* palmitos...

O garçom se diverte com meu pedido e, cortesmente, continua.

— E para beber?

— Um vinho tinto suave, não gosto muito de vinhos secos.

— Perfeito. Com licença.

A salada estava uma delícia. O vinho, muito bem escolhido, desce suavemente acompanhando a refeição e causa certo torpor. Não posso me embriagar. Sempre fui e serei contra aos que se refugiam de seus problemas na bebida. Se isto os resolvesse, mas não é bem assim e só complica tudo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Um casal se senta em uma mesa ao lado da minha. Sua alegria desperta minha atenção, fazendo-me prisioneira por alguns momentos a observá-lo. Puxa! Que mancada a minha! Deise, Deise... Nunca lhe disseram que é falta de educação fixar os olhos nos outros? Ainda bem que ninguém percebeu.

— Boa noite. Posso oferecer-lhe um drinque? – diz alguém que se aproximou.

Levanto a cabeça e...

— Então, posso me sentar?

— Rafael?! Mas... Que surpresa! O que faz aqui?

— Jantando... Como você. E aí? Ainda não respondeu às minhas perguntas.

— Desculpe. É claro que pode se sentar. Só não aceito o drinque. Creio que já bebi vinho suficiente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Rafael se acomoda na cadeira oposta.

— Mas, que incrível encontrá-la depois de tantos anos...

— É verdade. Na última vez que o vi, nem sonhava em conhecer meu marido.

— Quanto tempo faz?

— Bom... Estou casada há cinco anos e, entre namoro e noivado, mais três. É... Pelos meus cálculos, já se passaram uns nove anos.

— Puxa! O tempo voa... E você continua linda!

— Mesmo gordinha?...

— Que é isso?! Está com complexo de obesidade?

— Às vezes, acho que sim... Ganhei uns quilinhos após o casamento. Sabe como é? Já tinha fispado a cara metade...

PERIGOSAS ACHERON

Era bom vê-lo rir. Rafael sempre foi um rapaz simpático e cheio de vida. Meio burro por ter se casado tão jovem, mas legal. Seus cabelos castanhos e encaracolados, aliados àqueles lindos olhos esverdeados sempre chamaram a atenção de muitas menininhas. Só que ele acabou se apaixonando por Luciane Medeiros, uma moça muito bonita, loira e de olhos castanho claros.

— E Luciane, como vai?

— Deve estar bem.

— Como assim?! Essa eu não entendi.

— Nós nos separamos no ano passado.

— Por quê? Vocês se davam tão bem.

— Nem tanto. Ela era muito ciumenta. No começo, foi fácil lidar com isso e eu, até, gostava, pois, me sentia importante com todo aquele cuidado. Só que, depois, foi se tornando insuportável. Seu comportamento obsessivo criou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

situações tremendamente embaraçosas diante de amigos e parentes. O pior acesso foi no meu escritório.

— O que ela fez?

— Eu estava com uma cliente, discutindo detalhes sobre a decoração de uma sala íntima que minha empresa estava elaborando no projeto de sua residência. De repente, Luci entrou. Foi terrível! Ela me viu em pé ao lado da jovem Sra. Hernandez, estudando os detalhes da planta sobre a prancheta e achou que eu a estava cortejando.

— Não pensei que ela fosse assim tão ciumenta. Pelo menos, nunca demonstrou.

— É que você a conheceu em outra época. Os ciúmes começaram quando montei meu primeiro escritório de arquitetura. Precisava conseguir bons clientes e, para isto, trabalhava como louco na elaboração de projetos arrojados.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Passei a chegar tarde em casa e, por vezes, varar noites em cima de uma prancheta de desenho. Valeu a pena profissionalmente falando, mas ela não entendeu que fazia isso por nós.

— Já sei. Começou a desconfiar de você e a fazer mil cobranças, não é mesmo?

— Com certeza. Ela começou a achar que eu a estava traindo com alguém e não acreditava que era só o trabalho que me prendia fora de casa. Puxa! Eu estava construindo nosso *futuro*!

— As mulheres, às vezes, não compreendem as intenções de seus maridos. Mas, em outras, o problema está com eles mesmos... São eles que não buscam entender suas esposas.

— É verdade. Se eu tivesse percebido os sintomas e sido, talvez, mais sensível às necessidades dela, a história poderia ser outra.

— Sei que sua intenção era fazer algo

PERIGOSAS ACHERON

grande, da qual ela se orgulharia e o tiro acabou saindo pela culatra. Creio que meu marido está fazendo o mesmo... Só queria que ele soubesse que sinto sua falta.

— As coisas estão difíceis entre vocês?

— É. Hoje, é nosso aniversário de casamento e deveríamos estar jantando juntos, mas ele não apareceu.

— Sinto muito. Ao ver você agora, posso ter ideia do que a Luci sentiu nas inúmeras vezes que a desapontei.

— Você também se esquecia das datas?

— Continua esperta com antes...

As horas passaram agradáveis, com recordações da época da faculdade e de velhos amigos. Rimos muito, lembrando momentos pitorescos e inesquecíveis. É uma pena que tudo passe e acabemos descobrindo que nem sempre

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aproveitamos como deveríamos nossas vidas.

— Mas, Deise, você está trabalhando?

— Não. Quando me casei, Alex me fez largar o emprego. Disse que não me queria perto do Celso.

— Aquele *carinha* que gostava de você?

— Ele mesmo. Alex tinha ciúmes e, para não arrumar encrenca, acabei cedendo.

— O ciúme é uma droga!

— Concordo. Sinto falta de fazer alguma coisa a mais do que ficar em casa comandando a criadagem ou indo a Shoppings e festas chatas. Gostaria de ser útil e valorizada pelo que sei fazer e não pelo que o dinheiro do meu marido pode comprar.

— Não sabia que estava tão bem de vida assim...

PERIGOSAS ACHERON

— Alex herdou um conglomerado de empresas de seu pai e, desde que assumiu a presidência, não pensa em outra coisa a não ser em honrar o nome da família. São reuniões, serões, jantares de negócios, viagens... Nos últimos meses, quase nem o vejo. Pensei que, pelo menos, hoje...

O nó aperta a garganta e tenho de fazer força para não dar um vexame no meio do restaurante. Rafael percebe as lágrimas que brotam, ameaçando cair, e segura minha mão, num carinhoso gesto de apoio.

— Vamos sair daqui. Acho que você precisa de ar puro.

— Vamos, sim, Rafael. Além do mais, já está muito tarde e preciso ir para casa.

— Só não entendi uma coisa. Por que vocês marcaram de se encontrar em uma praça ao invés dele buscá-la em casa? Pelo que me contou,

PERIGOSAS NACIONAIS

você ficou lá mais de duas horas e passou um frio danado.

— É que foi lá que nos conhecemos. Íamos fazer uma espécie de retrospectiva romântica, mas não deu certo.

— Você está de carro?

— Não. Como ia voltar com ele, preferi vir de táxi. Vou, inclusive, pedir ao *maitre* que me providencie outro enquanto pago a conta.

— De jeito nenhum. Eu a levo e pode deixar que acerto a despesa também.

— Sempre gentil.

— Tive uma ótima educação...

Ao sairmos, havia esquecido quão fria estava aquela noite de 13 de junho. Olhei para o relógio que marcava 23:55hs. O manobrista encosta um Mercedes esporte à frente do restaurante e o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

recepcionista abre a porta do passageiro para que eu entre. Rafael liga o ar condicionado para nos manter aquecidos enquanto dirige rumo ao bairro do Morumbi, onde moro.

— Sabia que somos vizinhos, Deise?

— Verdade?

— É. Moro próximo ao Palácio do Governo.

— Não é que somos vizinhos mesmo? Minha casa é um pouco à frente da sua, perto da faculdade na Avenida Morumbi.

— A FIAM FAAM? Sei qual é. A filha do meu gerente de projetos está cursando Publicidade e Propaganda ali.

— Ótima escolha. Essa é uma carreira que eu escolheria se não tivesse feito Arquitetura.

— Por falar em carreira... Você não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

gostaria de trabalhar comigo. Um de meus projetistas vai sair e preciso de alguém para seu lugar.

— Não sei... Alex pode não aprovar.

— Ora, fale com ele.

— Prometo que vou pensar, mas estou fora do mercado há muito tempo.

— Faça uma experiência. De repente, você pode se espantar com você mesma. Pelo menos, eu acredito na sua competência.

— Que bom. Mas, de qualquer jeito, preciso falar com meu marido.

— Eu sei. O Barnes deve ficar ainda duas semanas e você tem tempo de me dar uma resposta. Espero que positiva. É só me ligar.

— Tudo bem. Já tenho seu telefone... Estamos chegando. Vire à direita... Agora, à

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

esquerda... É ali, naquele portão preto.

Rafael estaciona em frente da casa.

— Pronto. Entrega em domicílio.

— Obrigada. Foi muito bom tê-lo encontrado. O que era para ter sido um desastre acabou se tornando uma noite agradável. Gostaria de entrar e tomar alguma coisa?

— Não. Já está tarde e preciso voltar para casa, mas também gostei de revê-la. Principalmente, porque existe a possibilidade de trabalharmos juntos. Sempre admirei seu talento e criatividade.

— Eu gostava muito do que fazia...

— E ainda deve gostar. Pense com carinho em minha proposta.

— Vou pensar, sim. Agora, preciso ir. Tchau.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tchau, Deise. Bom descanso e... Feliz aniversário!

— Até qualquer hora respondo, fazendo um muxoxo.

O jardim iluminado sempre me fascina. Atravesso a varanda e Roberto já me aguarda com a porta aberta.

— Algum recado para mim?

— Não, senhora.

— E o Alex? Já chegou?

— Também não. Deixei a correspondência sobre a mesa, como pediu.

— Obrigada, Roberto. Se quiser, pode se recolher.

— Sim, senhora.

— Ah, só peça para Odete me trazer um chá, por favor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pois, não. Boa noite.

— Boa noite e durma bem.

— Obrigado.

Contas, propaganda... Nada de importante. Sento-me no sofá ao lado da lareira, providencialmente acesa. O grande retrato da família Alencar Rubiano repousa solene sobre ela e, ao contemplá-lo, sinto certa repulsa. O olhar autoritário e severo de Alexandro, pai, sempre intimidou a todos.

— A culpa é sua! – digo, dirigindo-me à foto. – Se não tivesse exigido tanto de seu filho, ele não precisaria provar nada a ninguém e estaria ao meu lado hoje, *seu velho cretino!!!*

— Seu chá, senhora – entra a governanta sem demonstrar que me ouvira falar sozinha.

— Oi, Odete. Obrigada. Fez o chá rápido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Imaginei que, quando chegasse, gostaria de beber algo quente e já havia deixado a água aquecida na chaleira.

— O que eu faria sem você?

— Dona Deise... Desculpe a intromissão, mas...

— Fale, minha querida. Você sabe quem tem toda liberdade comigo.

— A senhora está tão triste... Ele faltou ao jantar, não é?

— Faltou sim. Fiquei horas, parada no frio, esperando, mas ele não apareceu.

— Por que não ligou para ele?

— Esqueci o celular e o único telefone público da praça estava quebrado.

— Esses vândalos!

— Ele telefonou para cá, Odete?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não. Sinto muito.

— Não se preocupe. Já estou acostumada. Pelo menos, aconteceu algo de bom hoje.

— O quê?

— Encontrei um amigo da faculdade e ele me deu uma carona para casa. Até convidou-me para trabalhar com ele em sua empresa.

— E a senhora aceitou?

— Não sei se devo. Além do mais, não preciso e posso estar tirando o lugar de alguém que precise.

— Acho que não deveria dizer, mas, se eu fosse a senhora, aceitaria.

— É mesmo?

— Claro. Assim, a senhora ocuparia seu tempo em algo produtivo. Não vive dizendo que está cansada de não fazer nada. Então?

PERIGOSAS ACHERON

— Tem razão, mas não posso decidir sem primeiro falar com o Alex. Bom, já está tarde. Vá descansar.

— Vou sim, obrigada. O dia foi cheio hoje e estou mesmo cansada. Boa noite, Dona Deise.

— Boa noite, Odete.

Tento ligar para Alex, mas seu celular cai na caixa postal.

— “Não sei para que tem um celular se nunca atende as ligações...” — penso irritada.

Capítulo 2



O dia amanhece gélido e úmido, devido à chuva fina que cai de quando em quando. Demoro-me sob as cobertas. *Brrrrrrrrrrrr...* Já basta o que sofri ontem. Hoje, não quero nem pensar em sair de casa. A porta do quarto se abre, deixando passar a

PERIGOSAS ACHERON

figura alegre da ama mais simpática, doce e eficiente que encontrei e que está comigo desde que me casei.

— Bom dia, Dona Deise! A *preguicinha* do frio a pegou hoje, não é?

— Com certeza, Odete. Mas, que belo desjejum vejo nessa bandeja!

— Tem café, leite, suco de laranja... Neste frio, é importante repor a vitamina C para evitar resfriados... Tem, também, pão, manteiga, frios, bolo de coco e metade de um mamão papaia.

— Hummmm... Estou faminta! Mas, como sabia que eu estava acordada?

— Eu a conheço bem e sei que, não importa a hora em que se deite, nunca consegue dormir além das dez horas. Como vi que já eram 10:15h, resolvi subir.

— Você é demais! Obrigada. Mas, não vi
PERIGOSAS ACHERON

o Alex chegar ontem e nem se levantar hoje. Você sabe a que horas ele veio? Esperei-o até quase duas da manhã.

— Na verdade, ele não veio para casa ontem.

— Como assim? Deve ter voltado.

— O Roberto sempre acorda quando chega alguém por causa do sistema de alarme. Os sensores do portão e da casa sempre sinalizam a passagem de qualquer um e, quando é alguém da casa, logo digita os códigos de acesso, evitando que dispare.

— Estranho... Será que Roberto não pode ter dormido um sono mais pesado esta noite, afinal, vocês foram dormir tão tarde...

— Difícil. Ele tem sempre o sono leve. Qualquer barulhinho o desperta. Além do mais, seu marido não tomou seu café esta manhã. Isaura já

estava em pé às seis horas e, também, não o viu.

— Não é possível. Alguém deve tê-lo visto. A arrumadeira, o jardineiro... Você perguntou a eles?

— Não, mas, se quiser, posso perguntar agora.

— Faça isso e venha me dizer.

— Tudo bem. Tome sua refeição tranquila. Vou ligar para o escritório também. A secretária do seu Alex deve saber onde ele está.

— Nem perca tempo. Hoje é sábado.

— É verdade...

Os pensamentos se misturam ante as inúmeras possibilidades sobre o paradeiro de Alex. Será que ele viajou sem me avisar? Não... Ele não faria isto. Vai ver se engraçou com... Não! Isto não é do seu feitio. Sei que não me trairia. Será que

houve algum acidente? Levanto-me e vou ao armário. Visto uma roupa quente e desço para a sala. Odete está ao telefone.

— Sei... Entendi sim... Não, ainda não... É verdade e é por isto que estamos preocupados... É claro. E o pior é que o motorista também não apareceu... Dona Deise?... Ela acabou de descer... Certo, eu digo... Tudo bem. Até logo.

Olho-a com uma enorme interrogação em meu rosto e Odete logo diz:

— Fui perguntar à Alice e ao Jonas se haviam visto seu Alex, mas nenhum deles o viu. O Roberto, enquanto isto, foi procurar o Nadinho no quarto dele e disse que nem a cama estava desfeita.

— Bom, ele pode ter levantado cedo e arrumado a cama antes de sair, talvez, para levar Alex a algum lugar.

— Na verdade, creio que eles não

PERIGOSAS ACHERON

voltaram para casa, dona Deise. Eu liguei para o celular do seu Alex, mas deu caixa postal. Depois, procurei a Helena, secretária do seu Alex, e ela me disse que ele saiu ontem para um encontro de negócios no Guarujá por volta das dezoito horas.

— Guarujá?! Mas, é muito para minha cabeça! Então, ele me largou sozinha para ir a um *encontro de negócios*?! Logo no dia do nosso aniversário?! Chega! Ligue para a Helena e pergunte se ela sabe quem Alex iria encontrar. Não! Não precisa mais incomodar ninguém. Depois, eu tento falar com Alex... Peça para a Isaura buscar a bandeja no meu quarto. Acabei não tomando o café que me levou. Desculpe, Odete. Estava tão nervosa...

— Não tem problema. Vou pedir que ela renove o café e o leite e sirva seu desjejum na sala de jantar.

— Obrigada. Agora, pretendo comer aquele bolo delicioso. Vou até o quintal respirar um pouco. Avise-me quando estiver tudo pronto.

A estufa atrás da casa me abriga do vento. Jonas cuida muito bem do jardim e da coleção de orquídeas e flores exóticas expostas nas prateleiras. As samambaias e folhagens são belíssimas. Lembro-me do orgulho que ele teve quando veio a equipe da revista Casa e Jardim fotografar essas raridades para uma de suas publicações. Chegou quase a gastar todo salário comprando exemplares para guardar e distribuir entre os amigos e parentes. Quando vi isto, dei-lhe uma gratificação extra. Afinal, fez um excelente trabalho e merecia um agrado a mais.

— Dona Deise, a mesa está posta.

— Obrigada, Odete.

Após o passeio, sinto-me mais tranquila e

PERIGOSAS NACIONAIS

a refeição parece ter ganhado mais sabor. Puxa! Já é quase hora do almoço e ainda estou tomando café da manhã... Roberto vem avisar que há uma ligação e vou atender.

— Alô?

— E então? Dormiu bem esta noite?

— Rafael? Como dizia a Marcinha na faculdade: “isso foi *trasmimento de pensação*”.

— Você ainda se lembra dessa?

— E quem esqueceria? Ela vivia fazendo trocadilhos como esse.

— A Márcia era legal. Vivia sempre rindo ou fazendo alguém rir.

— Verdade. Mas, estava pensando em lhe telefonar.

— Que bom. Isso significa que já tem uma resposta.

PERIGOSAS ACHERON

— Não seja apressado. Você disse que eu teria alguns dias para pensar, lembra? Então, por que acha que já tenho a decisão tomada?

— Ora, foi você que disse que iria me ligar... E aí? O que ia me dizer?

— Na verdade, queria desabafar, eu acho. Mas, estou tentada a aceitar sua proposta.

— Falou com seu marido?

— Não. Ele está *viajando*.

— Senti um tom de ironia na sua palavra. Algum problema?

— Nada que eu não possa resolver. Mas, voltando ao nosso assunto, será que eu poderia, sem compromisso, ficar uns dias observando o trabalho de vocês?

— Como um estágio?

— É, gostei da colocação. Se o meu

PERIGOSAS NACIONAIS

“estágio” der certo, poderei decidir melhor sobre o emprego.

— A ideia é ótima. Assim, você pode se reintegrar com mais facilidade e se atualizar com as tendências do mercado. Quando quer começar? Segunda-feira?

— Pode ser. Assim, terei tempo de conversar com o Alex. A que horas começo.

— Às oito.

— Combinado.

— Fico feliz com sua decisão.

— Obrigada. Estou me sentindo renovada com a ideia de fazer algo produtivo. O ser humano tem necessidade de se sentir útil e valorizado.

— Com certeza. Vejo você na segunda, então. Bom final de semana.

— Para você também. Tchau.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tchau.

Será que conseguirei? Imagino-me sentada a elaborar um novo projeto... Um edifício... Enorme... Para uma empresa multinacional...

— Parece mais animada. Está até sorrindo — repara a ama.

— É que resolvi fazer uma experiência e aceitei a proposta do meu amigo.

— Que bom, dona Deise!

— Vai ser como um estágio no princípio e, se tudo der certo... Ah, Odete... Sinto-me como aquela jovem recém-formada e cheia de sonhos na cabeça partindo para o primeiro emprego.

— A senhora irá se sair muito bem. Criativa como é, logo seu amigo lhe oferecerá sociedade.

— Que exagero!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sociedade em quê, pode-se saber?

— Pode ir, Odete.

— Com licença.

Não sei se me alegro ou se voo no pescoço dele. Chegando a esta hora com a maior cara lavada e querendo se intrometer na conversa alheia, como se nada tivesse acontecido.

— O que houve? Está me olhando de um jeito...

— Onde esteve, Alex?

— Lá vem ladainha...

— *Desta vez*, eu só quero que responda.

— Fui ao Guarujá a convite do prefeito. Ele estava recepcionando alguns investidores estrangeiros e chamou inúmeros empresários para um jantar promovido pela prefeitura. Foi uma noite bastante proveitosa, pois fiz ótimos contatos.

PERIGOSAS ACHERON

— E por que não me avisou?

— Ora, querida. Eu tinha certeza de haver lhe falado sobre essa recepção e não achei necessário. Ainda mais porque você é sempre tão atenta à minha agenda.

— É... Pena que você não tenha o mesmo interesse sobre a *minha* agenda...

— Por quê? Esqueci-me de algum compromisso social em que deveria tê-la acompanhado?

— Por que não consulta sua secretária ou outra pessoa qualquer? Até nossos empregados sabem qual foi sua mancada de ontem. E, com licença, sua presença me dá enjoo.

— Mas, o que eu fiz?!

Meus olhos marejam e mal consigo enxergar os degraus da escada. Subo sem pressa para não demonstrar o tamanho da minha raiva e

PERIGOSAS ACHERON

decepção e, assim que entro em meu quarto, fecho a porta e me recosto a ela, com a mão ainda na maçaneta. O cinismo e o descaso me machucam profundamente. As lágrimas, agora, descem sem controle e uma dor lancinante aperta meu peito, dificultando a respiração. Vou em direção à porta da sacada com a intenção de abri-la. O ar me falta, a vista escurece e...

Abro os olhos lentamente. A luz me ofusca e demoro a perceber com clareza onde estou. O quarto não é muito grande. À direita da cama, há uma enorme janela de alumínio e, abaixo dela, um confortável sofá de couro com grandes almofadas soltas. Do outro lado, vejo uma mesa com copos e uma jarra de água sobre uma bandeja de inox. À direita da mesa, a porta. O que imagino ser um armário fica em frente ao leito onde me encontro deitada. Levanto o braço esquerdo e percebo um equipo de soro pinçado em minha mão.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ainda estou um tanto zozza quando a porta se abre e uma enfermeira entra, trazendo um aparelho de pressão e um estetoscópio.

— Boa noite – diz ela cordialmente,

— Que horas são e onde estou? – pergunto enquanto ele mede minha pressão arterial.

— São dezoito e trinta e a senhora está no Hospital dos Bandeirantes.

— Mas... O que houve?

— O médico está conversando com seu esposo lá fora e já vai passar para vê-la.

Neste meio tempo, entra uma funcionária com o jantar, o qual é colocado sobre a mesa. Com certa dificuldade e a ajuda da enfermeira, levanto-me para ir ao banheiro, onde aproveito para tomar um banho reconfortante.

Após o banho, volto para a cama e fico

PERIGOSAS ACHERON

aguardando a visita do médico enquanto como. Ele entra pouco depois em companhia de Alex. É um homem gordo, cabelos escuros e um rosto muito bonito. Seus olhos, porém, demonstram algum problema de saúde, talvez, cardíaco devido ao roxo em volta deles.

— Como vai, está se sentindo melhor?

— Um pouco tonta, apenas.

— Provavelmente, efeito dos remédios.

Após um exame minucioso, ouço as explicações.

— Seu caso não é grave, mas, nem por isto, deve ser negligenciado.

— Gostaria de saber, exatamente, o que aconteceu. Nem sei como vim parar aqui.

— A senhora desmaiou e foi trazida no início da tarde. Seus exames não acusaram nenhum problema e acredito que tudo foi causado por um stress, provavelmente, emocional. Pode parecer

PERIGOSAS ACHERON

algo simples, mas o stress é uma doença silenciosa que pode levar a quadros graves. Vou mantê-la aqui ainda hoje para fazermos mais alguns exames e cuidar para que volte bem para sua casa, está bem?

— E quando vou poder ter alta?

— Provavelmente, amanhã cedo. Só quero ter certeza de estar em condições de liberá-la. E seria bom se a senhora encontrasse algo para se distrair, algum *hobbie*, talvez. O que gosta de fazer?

— Desenhar.

— Paisagens, animais ou o quê?

— Na verdade, sou formada em arquitetura e o que mais gosto é desenhar casas, prédios... Às vezes, faço alguns desenhos ou projetos de decoração para minha própria casa.

— Isso é ótimo – diz o médico. – Invente algo novo... De repente, uma nova ala em sua casa,
PERIGOSAS ACHERON

jardim, ou na casa de uma amiga.

— Desculpe, doutor. Não concordo com isso – Alex intervém. – O que diriam meus clientes e investidores se soubessem que minha esposa está fazendo projetos de decoração para suas amigas? Dirão que estou com problemas financeiros.

— Creio que poderá justificar com facilidade – repliquei. – Pode dizer que está testando uma nova área de investimento.

— Boa ideia. Sua esposa está certa e creio que uma atividade fará muito bem a ela.

— Pode até ser, doutor, mas apenas como passatempo e *em casa*.

— Na verdade, recebi uma proposta de trabalho de um amigo – digo. – Ia falar com você sobre isto ontem.

— Como assim?! Que amigo? – pergunta Alex com a voz alterada.

— Rafael, um colega da faculdade. Ele me ofereceu um cargo de projetista em sua empresa e eu aceitei fazer um teste. Para ver se me adapto.

O médico despede-se e sai para não ser indiscreto, ouvindo nossa discussão.

— Onde e *como* este amigo fez o convite?

— Na sexta-feira à noite. Eu estava jantando sozinha quando ele me viu e veio conversar comigo.

— E desde quando você vai a restaurantes desacompanhada?!

— Desde que meu marido esquece os compromissos que assume comigo e me deixa plantada por mais de duas horas na praça aonde nos conhecemos. Quase morri congelada, esperando por uma romântica comemoração que *nunca* aconteceu.

— Então, era por isso...

— Que eu estava zangada? Sim. E é pelo mesmo motivo que estou neste hospital. Lembrome de chorar muito antes de desmaiar.

— Perdoe-me...

— Alex, vá embora, por favor. Não estou me sentindo em condições de ficar ouvindo mentiras que só me magoarão ainda mais.

— Mas, Deise...

— Não entendeu que não quero conversar com você?! — digo enraivecida. — Preferia, inclusive, sequer vê-lo quando voltar para casa. Faça suas malas e vá para um *flat* ou algo assim.

— Não vai deixar que eu me explique?

— Já ouvi suas explicações! Prefeitos, vereadores, investidores estão sempre acima de mim em sua vida. Os negócios são muito mais importantes para você do que nosso casamento. Portanto, *fique* com eles! Você fez sua escolha e eu

PERIGOSAS ACHERON

estou fazendo a minha.

— Vamos conversar melhor quando estivermos em casa. Você está nervosa. Aqui não é lugar para discutirmos nossas vidas. Além do mais, você está me envergonhando.

— Estou lhe envergonhando?! E você?! Cada vez que me desconsidera, você me ofende, me humilha. Por favor, respeite, pelo menos, minha saúde e vá embora. Dentro de alguns dias, podemos voltar a falar sobre tudo isso. Agora, o que desejo é ficar sozinha. Uma vez em sua vida, faça algo *por mim*.

— Está bem. Seja como quiser.

Alex sai cabisbaixo e, pela primeira vez após assumir a presidência das empresas de seu pai há três anos, eu o vejo render-se a uma palavra minha. Sempre que discutíamos, ele acabava dando a última palavra. Quase sinto pena e o chamo de

volta, mas não o faço. Ele precisa acordar e perceber que a vida não pode girar só em torno de negócios. Desta vez, não serei eu a pedir desculpas.

No dia seguinte, o táxi me deixa em casa e, enquanto Roberto paga a corrida, subo até o quarto para verificar se Alex, realmente, fez o que pedi. Olho os armários e vejo que faltam algumas coisas. Alguns ternos, camisas, sapatos... Apenas o suficiente para uma curta viagem. Ao sair do closet, vejo um envelope sobre a cama. Dentro dele, um recado.

“Espero que esteja satisfeita”. Alex

— Com licença. A senhora está melhor?

— Sim, Odete. Obrigada por sua preocupação.

— Alguma notícia ruim? — pergunta, apontando para o bilhete em minha mão.

— Vindas do *Alex*, não poderia esperar

PERIGOSAS ACHERON

que fossem boas... Diga uma coisa: por que os homens são tão teimosos?

— Minha mãe costumava definir meu pai como um “cabeça de concreto” de tão turrão que ele era. Por mais evidente que fosse o fato dele estar errado, o velho não dobrava. Queria sempre ter razão. E quer saber mais? Morreu assim.

— Acho que é o que vai acabar acontecendo com Alex. Fez o que fez comigo e ainda quer ser a “pobre vítima incompreendida”.

— É assim mesmo, dona Deise. O negócio é deixar a mágoa passar e fazer de conta que não houve nada. A gente sofre mais se não fizer desta forma.

— Não sei se vai passar desta vez...

— Vai sim, dona Deise. Vai sim... A senhora quer almoçar?

— Quero. Peça para a Isaura arrumar tudo

PERIGOSAS ACHERON

que já estou descendo. Vou só tomar um banho e trocar de roupa. Estou cheirando a hospital.

— Está bem.

Fazia tempo que não almoçava sozinha por opção. Todas as vezes que olhava o lugar vago à mesa, a dor do sentimento de abandono machucava bastante. Hoje, porém, foi diferente e me senti livre, pois sei exatamente onde ele está: *fora da minha vida*. A campainha toca e, após alguns minutos, Roberto introduz na sala quatro pessoas muito conhecidas da casa. Áurea, minha irmã mais nova, com aquele corpinho de Miss e ar faceiro que sempre me encanta e, não posso deixar de confessar, me causa uma pontinha de inveja quando me olho no espelho. Para variar, fez algumas mudanças em seus cabelos, cortando-os um pouco e fazendo luzes douradas sobre o castanho original de seus fios. Ficou ótimo!

Reinaldo, seu noivo, é um jovem advogado, porém, com o sucesso garantido, pois herdou o escritório de advocacia e o talento de seu pai. Pele clara, cabelos e olhos escuros, nem magro nem gordo e com uma postura sempre imponente, o que causa muito boa impressão, inspirando credibilidade junto aos clientes. Sempre considerei sua figura como um dos pontos de grande poder e influência em suas constantes vitórias nos tribunais. Apesar da carreira relativamente curta ainda, já possui a fama de não pegar uma causa para perder.

Com eles, vieram Tininha e André, um simpático casal de amigos e presenças constantes ao nosso lado. Ela, baixinha e esperta com olhos fantasticamente azuis, cabelos claros e muito bonita. Ele, de estatura mediana, mas, mesmo assim, bem mais alto que ela, de quem vivia caçoando com apelidos como: “Pulguinha”, “Formiga atômica” e outros, aos quais Tininha PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

respondia com certos socos em seu estômago. Seus cabelos eram castanhos e tinha, também, um belo semblante.

— E aí, maninha? Tudo bem? Estivemos no hospital, mas você já havia recebido alta.

— Saí de manhã. O médico disse que foi só um susto e que preciso apenas buscar me entreter com algo que me distraia.

— Que bom. Ontem, não pudemos vê-la por que estava desacordada e fiquei muito preocupada.

— Nós também – completa Reinaldo.

— E o Alex? – pergunta Tininha – Não acredito que ele não esteja em casa, mesmo com você tendo acabado de sair do hospital.

— E o pior, em pleno domingo – emenda André.

PERIGOSAS ACHERON

— Calma, gente. Fui eu que o mandei sair.

— Você?! – Áurea estranha.

— É. Pedi que arrumasse as suas coisas e saísse por alguns dias.

Minha irmã aplaude com energia como se estivesse no auditório de um grande show.

— Até que enfim! – diz – Finalmente, resolveu tomar uma atitude e parar de ficar chorando pelos cantos.

— Espere um pouco, Áurea. Deixe-a contar – pede Tininha. – Estou curiosa para saber a história toda.

— Mulheres!

— Fique quieto, André!

Mais um soco direto que o faz se encurvar.

— Puxa, amor! Precisava bater tão forte?

— Ei, não briguem – interrompo,

segurando o riso. – Eu vou contar.

Os quatro sentados nos sofás da sala de estar ajeitam-se mais confortavelmente e fixam os olhos em mim para ouvir a história narrada com riqueza de detalhes.

Capítulo 3



— Bom dia, em que posso ajudá-la? — pergunta a jovem recepcionista.

— Gostaria de falar com o Sr. Rafael Linhares. Diga que é Deise Rubiano.

— Um instante, por favor.

Ela pega o telefone e liga para Cristina, secretária de Rafael, anunciando minha chegada. Depois, pede que eu aguarde uns minutos e eu me assento no confortável sofá colocado próximo a entrada do prédio.

Começo a observar detalhes do local e confirmo o sempre presente bom gosto do meu colega. Ele nunca foi chegado a exageros e seu estilo é mais para uma boa combinação de cores e elementos do que para o excesso de detalhes e

adornos. A entrada envidraçada em tom verde tem apenas gravado o nome da empresa em letras douradas: Linhares Projetos, Arquitetura e Paisagismo Ltda. A mesa da recepção, na forma de um “L” e com pés dourados, é também em vidro e no mesmo tom da porta. Ela está equipada com um computador e materiais de escritório específicos. O tapete da sala de espera é ligeiramente fofo e seu tom creme combina com o sofá. Uma simpática mesa de centro e duas de canto completam a decoração, amparando algumas revistas, jornais e delicados vasos de pequenas flores do campo. Lindas samambaias adornam os cantos atrás da recepcionista. Realmente, um ambiente elegante e aconchegante ao mesmo tempo.

— Sra. Rubiano.

A figura extremamente elegante e carismática de Cristina me desperta dessa viagem

PERIGOSAS NACIONAIS

de exploração e reconhecimento. É uma jovem loira de cabelos e olhos brilhantes.

— Vamos. O Rafael a espera.

Ela me acompanha até a sala de Rafael, o qual me recebe com extrema alegria.

— Que bom que você chegou. Estava em dúvida se viria mesmo ou se seu marido a convenceria do contrário. Cristina, providencie dois cafés para nós, por gentileza.

— Pois não – responde ela. – Com licença.

— Belíssima secretária, hein?

— É claro. Afinal, passar o dia inteiro tendo que olhar e conviver com uma baranga não é meu estilo.

— Sei...

— E, além disso, ela é efficientíssima. Você vai perceber isto logo.

PERIGOSAS ACHERON

— *Lógico que vou.*

O tom sarcástico o faz rir, mas sei que ele só a contratou por perceber nela competência para o cargo. Era seu jeito. Quando se tratava de negócios, sua seriedade e responsabilidade estavam acima de tudo. Se tivesse de aprovar uma candidata menos atraente para ter uma boa profissional ao seu lado, com certeza teria feito isso.

Depois de conversarmos um pouco sobre a empresa e seus planos, Rafael me levou a conhecer as dependências e os funcionários.

A estrutura das instalações impressiona quem as visitam. Ele me levou por todos os andares e salas do prédio. Por último, fomos ao setor de Projetos aonde eu ficaria. A área, bastante ampla, é formada por uma recepção própria, aonde trabalha Suzana, uma secretária exclusiva para atender as necessidades do departamento. Possui, ainda, uma

grande sala com pranchetas para uso dos assistentes de projetos, responsáveis pela finalização e detalhamento das plantas sugeridas pelos projetistas. Estes últimos possuíam, cada qual, uma sala e se dividiam de acordo com suas especialidades e estilos.

Lamarck é um arquiteto arrojado e ousado, seguindo uma linha mais futurista. Carlos Beniel gosta de trabalhar com combinações de estilos, unindo, com harmonia e requinte, o novo e o velho, o que agrada muito aos clientes. Sonia Carvalho já puxa para o tradicional, o que a leva a ser a principal responsável pelos projetos de apartamentos, conjuntos residenciais ou comerciais solicitados pelas Construtoras. Ernesto Barnes, a quem devo substituir, é especialista em fachadas, paisagismo e decoração de ambientes. Sua sala reflete bem essa especialidade. Cores claras, folhagens, vasos, quadros e móveis de extremo

PERIGOSAS ACHERON

bom gosto decoram o lugar.

— Como vai, Barnes? — pergunta Rafael ao entrar.

— Muito bem, obrigado. Vejo que a minha substituta o acompanha. Estou certo?

— Está sim. Deise, quero apresentar Ernesto Barnes.

— Muito prazer. Ouvi muito a seu respeito e espero poder substituí-lo à altura de sua fama.

— Que é isso! Pelo que *eu* ouvi, estou inclinado a discordar — diz ele. — Rafael a elogia muito e, há anos, ouvimos sobre seu desejo de tê-la na equipe.

Olho ruborizada em direção a Rafael.

— É verdade, Deise. Como Barnes disse, você sempre me impressionou com suas ideias na faculdade. Confesso que a procurei ao abrir este

escritório, mas sem sucesso, pois não estava mais morando no mesmo endereço. Fiquei bastante chateado ao falhar em minhas buscas.

— É que, após meu casamento e a morte de meu pai, minha mãe e minha irmã decidiram vender a casa e se mudar para um apartamento aonde estariam mais seguras e longe das lembranças.

— Só que o mundo dá voltas e, para minha alegria, acabei por encontrá-la, sem querer, naquele restaurante.

— Sem querer nada – brinca Barnes. – Ele colocou detetives à sua procura, espalhou cartazes de “Procura-se” e “Recompensa-se por informações” por toda cidade. Fez até promessa... Esse papo de coincidência é a maior roubada! *‘Tô falando...*

— Deise, não entre nessa. Esse cara é um

mentiroso de carteirinha.

— Outra coisa que Rafael não mentiu foi sobre sua beleza. Seus olhos azuis são fantásticos e, se não tivesse os cabelos castanhos e ligeiramente ondulados, diria que era descendente de alemães, que, em geral, são loiros. E garanto que isso não é nenhuma mentira – diz Ernesto com convicção.

Ficamos um tempo brincando e procurando nos conhecer melhor. O ambiente era saudável e lembrava a época da faculdade. Eu parecia uma jovem em início de carreira, tal minha animação.

— Barnes, por que você vai sair da empresa? Pelo que pude perceber, o relacionamento de vocês é perfeito e não senti nenhuma ponta de insatisfação, pelo menos visível, que justifique sua saída.

— Na verdade, eu não estou deixando meu

emprego. Estou apenas mudando de cargo e de cidade.

— Como assim?

— Deixe-me explicar – intervém Rafael. – Eu tenho Ernesto como se fosse um irmão e, através dos anos, a confiança e a amizade que tenho por ele cresceram muito. Hoje, não o considero mais como um funcionário ou apenas um amigo. Por isto e, também, pelo seu trabalho fantástico, resolvi colocá-lo como diretor de uma filial que estou abrindo no Rio de Janeiro. Ele vai comandar a montagem do escritório, a contratação de pessoal e dirigir todos os negócios por lá.

— Puxa, meus parabéns!

— Obrigado – responde o projetista. – É um grande desafio assumir essa função e espero corresponder às expectativas.

— É claro que vai conseguir, meu amigo.

Se eu não acreditasse nisto, não estaria investindo no seu talento. Bom, vou deixá-los a sós. Deise precisa conhecer os projetos que estão em andamento, as novas técnicas e tendências e temos poucos dias para colocá-la a par de tudo.

— Tem razão e Barnes vai ter muito trabalho pela frente nesses próximos dias.

— Que é isso! Desenhar e criar é como andar de bicicleta. A gente não esquece.

O incentivo e a confiança de Rafael em meu trabalho me deixam mais segura. Assim que ele sai, eu e Ernesto passamos a conversar e a trocar ideias sobre tudo que dizia respeito a empresa, projetos, clientes habituais, seus gostos e preferências, ao que estava mais “na moda” entre outras coisas. Foi uma verdadeira aula e o entusiasmo que nos cercou fez com que nem sentíssemos o tempo passar. Até durante o almoço,

nosso papo seguiu animado.

— Com licença.

A voz meio cantada de Rafael entrando no restaurante interrompe uma ardente e deliciosa discussão sobre um polêmico projeto de um renomado arquiteto americano.

— Gente, tudo bem por aí?

— Oi, Rafa – respondo. – Está tudo ótimo.

— Meu amigo, sua colega é uma fera, no bom sentido, é claro. Pelo que vi, ela não precisa de um estágio muito prolongado.

— Não falei? Aposto que Deise nem está tão desatualizada.

— E tem razão.

— Parem com tanto confete. Desse jeito, vou ficar encabulada.

Os dois, primeiramente, olham para mim

e, depois, se entreolham como se tramassem algo. De repente, ambos me pegam e me levantam como se estivessem comemorando um campeonato. Por mais que eu gritasse, não me soltaram senão após alguns minutos. Todos que estavam no restaurante riam da situação e da bagunça. Depois, todos sentamos novamente e finalizamos o almoço.

— Que tal jantarmos juntos à noite também? – sugere Ernesto.

— Não posso – desculpo-me. – Prometi a minha irmã que jantaria com ela. Ela quer saber como foi meu primeiro dia de trabalho.

— Que pena. Que tal sexta-feira, então? Marcado?

— Boa ideia, Barnes. Assim, não teremos que nos preocupar com horários. Tudo bem para você, Deise?

— Tudo. Sexta-feira é a melhor opção. E

PERIGOSAS ACHERON

agora? Vamos voltar ao trabalho?

— Vamos sim. Ainda preciso mostrar algumas coisas para você.

— Que animação, Ernesto. Estou vendo que minha escolha de convidar a Deise foi bem acertada.

— Concordo — responde Barnes. — Vamos?

Voltamos para a empresa e passamos uma tarde fantástica. Apreendi muito com o Ernesto e pude, inclusive, sugerir algumas ideias para um cliente que as aprovou na hora. Fiquei muito entusiasmada.

A volta para casa é tranquila e nem o trânsito da Avenida Cidade Jardim tirou meu excelente humor. Ao chegar, cantarolava uma antiga canção e, quando dei por mim, estava sendo observada com extrema curiosidade por Roberto e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Odete.

— Por que estão me olhando desse jeito? Parece que viram um fantasma...

— É que não a ouvíamos cantar há tanto tempo... – diz Odete em tom choroso.

— Odete tem razão. Desculpe se fomos um tanto indiscretos, mas sentíamos falta dessa sua alegria. Além do que, sua voz é muito bonita.

— Obrigada, Roberto. E, para dizer a verdade, eu também sentia falta de me sentir assim. Bom, mas chega de nostalgia. Estou exausta e faminta.

— Gostou de seu novo emprego, dona Deise?

— Amei, Odete. Depois, conto os detalhes. Agora, vou tomar um bom e relaxante banho.

PERIGOSAS ACHERON

— Vou avisar Isaura para que deixe o jantar no jeito. Assim, estará tudo pronto quando descer.

— Ela preparou o cardápio que pedi?

— Sim.

— Ótimo. Roberto, prepare alguns coquetéis. Daqui a pouco, devem chegar Áurea, Reinaldo e minha mãe.

— Os de sempre?

— Sim. Você já sabe os gostos de cada um, não é?

— Com certeza.

Creio que vou vestir o conjunto rosa, com barrado de flores na blusa. Estou me sentindo tão leve que poderia virar até uma borboleta voando na primavera. Pensando bem... Não havia pensado nisso antes, mas, na verdade, eu já sou uma

borboleta recém-saída do casulo.

Odete chega para avisar que meus convidados chegaram.

— Que bom! Já vou me juntar a eles. Ah, Odete. Antes de ir, você sabe onde coloquei meus brincos de pérolas? Aqueles que ganhei da minha mãe?

— Estão no porta joias de cristal.

— Obrigada. Já vou descer.

Não havia reparado antes, mas o novo lustre da sala de estar formava desenhos suaves nas paredes. Olhando para eles, era como se estivesse num avião voando sobre as nuvens. É lindo!...

— Você vai ficar aí plantada na escada em devaneios ou vai descer para o mundo dos vivos?

— Ora, ora, se não é a velha dona Rose. Como vai, mãe?

— Muito bem e feliz por você. Já me contaram que resolveu mudar as coisas e isto é bom. Quem sabe aquele seu marido não toma jeito agora. Só precisava ter que trabalhar?! Isto me parece tão desnecessário...

Nos abraçamos e saímos rindo em direção à varanda aonde estavam os outros. No caminho, pedi à governanta que nos avisasse quando o jantar estivesse servido.

A conversa seguiu animada até tarde. Quando, finalmente, saíram, Nadinho entra acompanhado do Roberto.

— Com licença, dona Deise – começa o mordomo. – O Nadinho quer lhe falar.

— Tudo bem, Roberto. Pode se recolher, caso queira.

— Está bem. Se precisar de mim...

— Não se preocupe. Assim que terminar

PERIGOSAS ACHERON

essa conversa, pretendo me recolher. Bom descanso e obrigada por tudo.

— Obrigado. Até amanhã.

— Pronto, Nadinho. Pode falar.

— É que... Sabe, dona Deise... Eu não queria atrapalhar a reunião com sua família e, por isto, vim tão tarde, mas tive medo de não conseguir conversar com a senhora.

— Nadinho, há quanto tempo está conosco?

— Quatro anos.

— E o que o preocupa tanto? Há muito, não o via tão formal e nem tão tremulo. Creio que não precisa ter medo de falar comigo.

— Desculpe, mas é que é a primeira vez que fico sem saber qual será meu futuro nesta casa.

— Entendo. Você está com receio de

perder seu emprego por causa da saída de Alex?

— Na verdade, estou sim. Afinal, eu servia mais a ele como motorista por conta de suas idas à empresa e viagens. Agora, minha função ficou meio sem razão, pois a senhora gosta de dirigir e quase não solicita meus serviços.

— Vou confessar uma coisa. Estava mesmo pensando em chamá-lo para definir sua situação.

Os olhos castanho-esverdeados daquele simpático jovem de 27 anos se arregalam e percebo que ele se assusta, chegando a perder levemente a cor de suas faces e lábios. Sigo falando normalmente para não o deixar ainda mais apavorado.

— Bem, eu comecei a trabalhar em uma empresa de arquitetura e, devido localizar-se na Av. Brigadeiro Faria Lima, percebi que o trânsito é

bastante complicado nos horários em que vou e volto de lá. Hoje mesmo, levei um tempão para chegar por conta de a Cidade Jardim estar bastante congestionada. Por isto, pensei bem e achei melhor não dirigir e, sim, pedir que você me leve e, depois, me busque. Assim, volto mais descansada para casa. O que acha?

— Puxa! — respira ele aliviado. — Será um prazer levá-la aonde quiser.

— Que bom. Ah, e usaremos o Corolla. É mais confortável e versátil. Enquanto eu estiver no trabalho, você servirá às necessidades da casa, levando Isaura, Odete e Roberto para as compras ou para onde for preciso. Amanhã, devo sair às 7:30hs, ok?

— Obrigado, dona Deise. Ficaria muito triste se tivesse de deixar esta casa.

— Eu sei e, principalmente, se tivesse de

ficar *longe da Isaura*, não é?

— Dona Deise!!!

O rubor tomou conta de suas faces e eu comecei a rir tanto que, logo, ele estava às gargalhadas comigo.

Capítulo 4



— Esta semana passou tão depressa, não é mesmo? – comenta Rafael, sentado à mesa da churrascaria.

Estávamos eu Barnes, Sonia, Suzana, de um lado da mesa e Rafael, Lamarck, Carlos e Cristina do outro. O movimento dos garçons era constante, ora trazendo uma deliciosa picanha, ora galeto, ora maminha ou linguça. Nossos pratos nunca ficavam vazios e a mesa de frios e saladas era tão rica que ficava difícil escolher o que comer. Aliás, já havia comido tanto que pensei que iria explodir.

— Que acham de darmos uma esticadinha? Um colega meu está fazendo um show em um bar em Moema e me convidou para assistir

PERIGOSAS NACIONAIS

– sugere Sonia.

— A que horas é o show?

— Começa às 23hs, Suzana. Dá tempo de sobra de chegarmos lá.

— Desculpe, mas eu prefiro ir para casa.

— Que pena, Deise – lamenta Barnes.

— É que estou cansada e meio sem pique para uma noitada. Afinal, já fazia muito tempo que não trabalhava e essa semana foi desgastante.

— Eu também vou dispensar essa – diz Rafael. – Amanhã, mesmo sendo sábado, preciso me levantar cedo.

— Nããããoooo... Você caindo da cama cedinho em pleno sábado?! Só pode estar doente – brinca Lamarck.

— Que nada – complementa Carlos. – Deve é ter pintado um “programinha interessante”.

PERIGOSAS ACHERON

Lembram do iate ancorado no porto de Santos? Quem sabe ele não vai dar um belo passeio pelo mar azul...

— Mas, que iate, seu doido? E eu lá tenho iate?

— Você não, mas lembra da filha do Comendador?

— Mas, lá vem você com essa história de novo. Eu nunca sai e *nem pretendo* sair com essa moça.

— Mas, bem que ela tentou, né?

A risada é geral e eles acabaram me contando que, há cerca de nove meses, um Comendador veio solicitar um projeto para uma casa de veraneio no interior de São Paulo. Rafael, como sempre, acompanhava de perto e fez algumas viagens até o local onde seria feita a construção, juntamente com a equipe. Tudo precisava ser

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

elaborado com muito cuidado para não haver falhas ou problemas futuros. Nesse meio tempo, a filha do cliente acabou dando em cima do Rafael com uma marcação extremamente cerrada, causando uma dor de cabeça tão grande que, por pouco, ele não desiste do contrato só para se livrar do assédio.

— Puxa. Ela deu o que fazer – relembra ele.

— E como você se livrou? – perguntei curiosa.

— Simples. Apresentei a ela o filho de um cônsul amigo meu.

— Huuummm... – entendi.

Nova gargalhada geral.

— Mas, afinal. Aonde você vai amanhã? – pergunta Cristina.

— É aniversário de uma tia e os parentes

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

resolveram se unir para dar uma grande festa em sua homenagem. Faremos um churrasco no sítio de minha prima em Arujá.

— Isso é que é gostar de carne! – brinca Suzana.

— É mesmo – concorda Cristina. – Por que você não disse que iria a um churrasco amanhã? Teríamos ido jantar em outro lugar hoje. Sei lá, num restaurante chinês ou árabe.

— E estragar o prazer de vocês?

— Bom, quem vai ao show? Já está quase na hora e não quero me atrasar.

— Eu vou – diz Suzana.

Barnes, Lamarck e Carlos também aceitam e todos saem bem animados.

— E vocês duas estão de carro?

— Eu não – responde Cris.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nem eu – digo também.

— Então, vou levá-las. Primeiro, deixo a Cris e, depois, levo a Deise que mora mais perto da minha casa.

Ao chegar em casa, convido Rafael para um café.

— Boa noite, Roberto – digo ao entrar. – Este é Rafael, meu chefe.

— Muito prazer, senhor.

— O prazer é meu.

— A Odete ainda está acordada?

— Estou sim, dona Deise.

— Oi, linda. Não havia visto você. Será que pode nos trazer dois cafés bem quentinhos?

— É pra já.

— Sente-se, Rafael.

— Obrigado. Amei sua casa. É lindíssima.

PERIGOSAS ACHERON

Quem a projetou?

— Na verdade, não sei. Alex a comprou de um amigo que ia se mudar para a França pouco antes de nos casarmos. Como gostei da forma que estava decorada, resolvi não mudar nada. A não ser o lustre que troquei recentemente. Estava enjoada do antigo.

— Teve bom gosto na escolha.

— Obrigada. Eu queria algo mais de acordo com o ambiente e achei este perfeito.

— Mas, por que não quis ir com o pessoal? Cristina eu entendo, pois ela não apreciava muito essas coisas, mas você sempre gostou de música e era a primeira a topar programas como esse. Lembro, inclusive, daquele bar com karaokê. Você deu o maior show.

— Se me lembro bem, nem todos gostaram quando fui cantar. Caçoaram um bocadinho.

PERIGOSAS ACHERON

de mim.

— Nem tanto. O dono até convidou-a para cantar toda semana como contratada da casa.

— Que loucura! Bem que fiquei tentada a aceitar, mas minha mãe me mataria se eu fizesse isso.

— É. A dona Rose sempre foi liberal, mas tinha certas reservas quanto à vida artística.

— Ela ouvia muitas histórias sobre as drogas que rodeavam os artistas famosos. Sempre criticava aqueles que abusavam dos vícios.

— E eu não a condeno. Lembra do Leonardo Sanches?

— Com certeza. Ele saiu da faculdade para arriscar a carreira de ator, mas logo se envolveu com as drogas e acabou tendo uma overdose. Foi um choque na época.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Dona Deise, o café – interrompe Odete.

— Obrigada, querida.

— E eu esqueci de lhe dizer que seu marido ligou para a senhora esta noite.

— E o que ele disse?

— Perguntou aonde a senhora estava e ficou chateado quando disse que havia saído para jantar com seus colegas de trabalho. Depois, quis saber se tudo estava em ordem aqui em casa e desligou.

— Depois, eu ligo para ele. Obrigada e pode ir descansar se quiser.

— Com licença.

— Você sente falta dele, não é?

— Sinto sim, meu amigo. A gente se acostuma com a presença de alguém ao nosso lado e, de repente, percebemos o quanto a pessoa faz

PERIGOSAS ACHERON

falta quando ela não está mais conosco.

— Sinto o mesmo em relação à Luci. Já pensei em reatar o casamento, mas tenho um pouco de medo.

— Eu sei o que é isso. Apesar de ser apenas uma semana, temo voltar àquela vida de “solidão acompanhada”, entende?

— Engraçado. Estou me sentindo como se estivesse do outro lado da linha. Eu, como seu esposo, supervalorizando o trabalho e você, como a Luci, triste pelas minhas ausências constantes. Começo a entender suas crises de ciúmes. O que ela, realmente, queria, era que estivesse mais junto dela e nem tanto nas reuniões e viagens de trabalho.

— Acho que nosso encontro serviu para abrir nossos olhos e começarmos a enxergar o que nossos cônjuges sentem e pensam. Através de mim, você passou a entender melhor a Luciane e eu a

compreender os motivos de Alex. Mas, não sei se estou pronta a arriscar. Nos últimos anos, eu me sentia como uma viúva que não tinha certeza de sua viuvez por não ter assistido ao enterro de seu esposo.

— Sensação estranha, não?

— Terrível! Imagine alguém que soube da morte de um ente querido, mas que jamais viu seu corpo ou acompanhou seu funeral. Fica sempre o sentimento de vazio, de algo inacabado, incerto.

— É de enlouquecer.

— Por isso, acabei por parar no hospital sábado passado.

— Hospital?!

Expliquei a ele o que aconteceu com rápidas palavras porque ainda não havia contado o motivo de ter pedido para Alex sair de casa. A semana foi tão empolgante que acabei não

PERIGOSAS ACHERON

comentando nada sobre isso.

— Por que não me contou antes? Você deve ter sofrido muito nos últimos dias.

— Só quando chegava em casa e me via sozinha. Durante o dia, ficava tão absorta no trabalho que acabava por não pensar nesse problema.

— E o que pretende fazer?

— Ainda não sei. A mágoa em meu coração está tão recente que, se pedir que ele volte, posso não ter estrutura para perdoar por completo e gerar conflitos ainda maiores.

— É, na hora da raiva, dizemos coisas que podem marcar para o resto da vida. Como dizem: “palavras lançadas são como flechas e não voltam para trás”.

— Por isso, quero ter certeza de querer uma reconciliação. Não sou adepta a essa estória de PERIGOSAS ACHERON

briga, separa, volta, briga de novo e assim por diante. Além do mais, Alex precisa entender e se conscientizar que a vida deve ser vivida em sua totalidade e não por partes. Li um trecho da Bíblia que diz sobre haver um tempo para todas as coisas debaixo do sol. Dizia algo semelhante a haver um tempo de chorar e tempo de rir e eu acredito que isto é uma grande verdade. Devemos usar nosso tempo com sabedoria, aproveitando tudo sem exageros e sem omissões. Não podemos nos preocupar somente com uma coisa, como o trabalho por exemplo, mas aprender a nos dedicar a tudo que é necessário. Foi aí que aprendi que, pelo menos uma vez no dia, eu devo, inclusive, dedicar parte do meu tempo para falar com Deus.

— Profundo isso. Gostei.

— Tente fazer isso. É muito bom, pode ter certeza. Eu não sei, às vezes, o que falar, mas

converso com Ele como se conversasse com meu melhor amigo. É reconfortante.

— Deise, você é crente?

— Não, mas já senti vontade de ir a uma igreja evangélica. Um dia, acabo indo.

— Como você disse, há tempo para tudo.

— É...

— Bom, já está bem tarde. Eu que queria ir para a cama cedo. Mas, foi muito bom conversar com você e obrigado pelo café.

— Eu o acompanho até a porta.

...

Acordo confusa com um alvoroço de vozes vindas, aparentemente, do jardim. Levanto-me, visto um *robby* e vou em direção às portas da sacada do meu quarto. Ao sair para a sacada, debruço sobre a grade para tentar ver de onde vinha

todo aquele barulho. À esquerda, abaixo do quarto de hóspedes e próximo à saída lateral de acesso ao jardim, estão Jonas, Alice e Roberto num bate-boca acirrado.

— Mas, querem parar com essa discussão!

Roberto tenta, inutilmente, apaziguar os ânimos.

— Eu não quero saber! — grita a arrumadeira — Ele sujou toda a área da varanda. E veja as cortinas e o tapete perto da porta. Tudo molhado e cheio de grama e terra.

— Quantas vezes tenho de dizer que não tive culpa?! O regador automático acionou sozinho enquanto eu aparava o gramado com esta máquina infernal! — fala nervoso ao mesmo tempo em que erra um chute no aparador elétrico de grama. — Droga! É a quinta vez que ela fica doida e acaba chacoalhando tanto que perco o controle.

— E por que não manda consertar?!

— E o que acha que tenho feito nos últimos dois meses?! Só que, cada vez que o técnico a traz de volta, ela quebra de novo. Quando ela começou a ficar descontrolada hoje, não pude segurá-la. Por isto, acabou batendo no regador e o jato d'água levou a grama que já estava cortada.

— É e fez toda essa bagunça! Justo hoje que é meu dia de folga!

— Alice, quer se acalmar, por favor.

— Ah, Roberto. Dá uma olhada nisso! — aponta para o local sujo. — Até eu conseguir limpar, vou perder a hora do embarque no ônibus para Pirassununga. E aí? Vou perder o dinheiro da passagem e o passeio? O que acha que minha mãe vai sentir quando eu não chegar? Puxa! Faz três meses que não a vejo!

— Eu sei disso. Só que, se continuar a

PERIGOSAS ACHERON

gritar desse jeito, você vai acordar a dona Deise.

— Tomara que acorde, Roberto. Assim, ela manda essa maluca embora.

— Maluca?! Eu vou mostrar quem é maluca!!!

O mordomo quase cai tentando segurar a fúria de Alice que parte feito um furacão para cima do jardineiro. Assisto a cena com um misto de chateação e diversão. Fico em dúvida se dou aquela bronca ou se caio na risada. Preferi a segunda, discretamente, é claro! Chamo a atenção dos três que me olham assustados.

— Não falei?! – ralha Roberto.

— Ah, desculpe, dona Deise – tenta se justificar a jovem empregada. – Eu não queria acordá-la, mas é que esse doido do Jonas...

— Não precisa explicar, meu bem. Esperem um pouco aí embaixo, que eu já vou

PERIGOSAS ACHERON

descer.

— Não falei? Essa escandalosa vi perder o emprego.

— Chega, Jonas! Não me admiro em nada se vocês dois não forem demitidos. E querem saber? Bem que mereciam isso.

— Pare de agourar, Roberto. Eu, hein?

— É isso mesmo! – concorda Alice.

Saio do quarto ainda me divertindo com a situação e, ao chegar à varanda, percebo bem o porquê da briga. Estava tudo bastante sujo e enlameado. Quando cheguei perto dos empregados, os três começaram a querer falar ao mesmo tempo.

— Ei, desse jeito não vou entender nada – disse. – Ninguém precisa explicar nada. Eu vi o que houve e tenho a solução.

Os dois abaixam a cabeça como que

esperando o pior.

— Para começar, acho que você está atrasada, não é Alice?

— É sim, sra. – responde sem graça.

— Então, o que está esperando? Vamos! Vá terminar de se arrumar, menina. Não desaponte sua mãe.

— Mas...

— Sem nenhum *mas*... Ande, ou vai perder o ônibus.

— Obrigada, dona Deise.

— Não precisa agradecer. Tenha uma boa viagem e aproveite bem o carinho de sua mãe.

A arrumadeira vai correndo em direção ao seu quarto.

— Quanto a você, Jonas, gostaria que limpasse essa bagunça, ok? Tire as cortinas e o

tapete e os leve para a lavanderia. Depois, recolha essa grama e lave a varanda. Sei que não foi sua culpa. Só estou pedindo isso para que Alice não perca sua viagem, está bem?

— Está certo. Pode deixar comigo.

— Roberto, peça para a Odete chamar a empresa de limpeza para que leve o tapete e as cortinas para lavar.

— Sim, senhora. Mais alguma coisa?

— Jogue essa máquina fora e, depois, pegue o carro e vá a alguma loja de equipamentos de jardinagem e compre uma nova. Você pode levar meu cartão, ok? Se o Jonas quiser ir com você para escolher, acho que seria uma boa ideia. Assim, vocês trazem a melhor que houver.

Jonas ficou vermelho como um pimentão quando dei a ordem olhando para o lado dele.

— Desculpe o que falei sobre o aparador,
PERIGOSAS ACHERON

dona Deise.

— Da próxima vez, fale comigo ao invés de ficar com uma ferramenta inútil e problemática, concorda?

— Sim, sra.

— Quer que eu peça que Odete providencie seu desjejum?

— Sim, Roberto. Vou subir para me trocar enquanto isso.

— Com licença, então.

— Pode ir. Você também, Jonas. Mãos à obra.

É, acho que algo está mudando em mim. Antes, não teria a mesma paciência ou reação. Mas, ainda sinto falta do Alex...

...

— E aí, maninha?

PERIGOSAS NACIONAIS

O susto quase me faz derrubar o copo de suco de laranja.

— Puxa, Áurea, não dá para fazer suas “entradas” mais silenciosas?

— Você é quem precisa parar de ficar no mundo da lua, sabia? – enquanto fala, senta-se à mesa e começa a passar geleia em uma torrada. – Huuummmmm... Sempre amei essa geleia! Aonde você encontra essa delícia? Já cansei de procurar essa marca.

— Alice traz do interior sempre que visita sua família.

— É mesmo! Como fui me esquecer? Acho que vou pedir-lhe que me traga alguns vidros. Você sabe quando ela vai viajar?

— Sinto muito. Ela saiu a pouco.

— Ah, que pena! Mudando de assunto, o que vai fazer hoje?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não planejei nada especial. Talvez, um passeio à praia... Não sei.

— Tenho uma ideia melhor. Eu, Rei, Tininha e André vamos passar o dia na piscina. Por que não faz o mesmo?

— Piscina? Ué, mas aonde? Pelo que me lembro, você não é muito fã de frequentar a piscina de seu prédio.

— Ora, meu bem, mas eu tenho uma irmã maravilhosa e que, infelizmente, está tão solitária, coitadinha... Além do mais, ela tem uma piscina incrível na casa dela!

— Safada! E, desde quando a minha casa está aberta como um clube? Acho que ainda não solicitei nenhum alvará de funcionamento.

— Bom dia, meninas.

— Oi, Rei.

PERIGOSAS ACHERON

Áurea se levanta para receber o noivo.

— E aí, cunhadinho? Que tal nos acompanhar? — pergunto, apontando para a mesa.

— Só se você tiver aquela *geleinha* dez.

Eu e minha irmã olhamos uma para a outra e caímos na risada.

A manhã transcorre tranquila e, até, gostei da ideia desses quatro malucos terem vindo para cá.

— Dona Deise. Seu Alex está ao telefone.

— Obrigada, Odete. Vou atender no escritório.

— Sim, sra.

A ampla sala é decorada meio à moda antiga, com uma estante em mogno embutida e tomando toda a parede no lado oposto à porta. A mesa, em frente a ela, é maciça e pesada com cadeiras confortáveis e estofadas para acomodar os

visitantes, tendo uma imponente e com rodinhas, na qual Alex costumava se sentar quando estudava ou lia um dos muitos livros de sua imensa biblioteca. Um jogo de sofás à direita da porta, também em modelo clássico, completava o ambiente austero. O único objeto fora do antigo é o computador de última geração que meu marido comprara em uma de suas viagens aos Estados Unidos.

— Alô... Alex?

— Sim, como está Deise? – fala em tom meio inseguro.

— Estou bem. Estava na piscina com Áurea, Rei e uns amigos. Por isto, demorei um pouco a atender.

— Não faz mal. Eu liguei para saber se está tudo bem e se precisa de alguma coisa.

— Não sei por que toda essa preocupação. Há anos que vivo sozinha nessa casa, tendo a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

responsabilidade de comandar tudo por aqui e nunca recebi uma ligação sua oferecendo seus préstimos ou outra coisa qualquer.

— Não acha que está sendo um tanto injusta? Sempre lhe telefonei em minhas viagens.

— É claro que sim. Para pedir o despacho de um terno, camisas ou de algum documento esquecido.

— Deise...

— O que você quer, afinal?

— Saber de você. Sinto sua falta, se é que isto lhe interessa.

— Puxa, que novidade! – Ergui a mão.

— Não seja tão sarcástica.

— Por que não? Você nunca sentiu minha falta ou procurou se interessar pelos meus sentimentos ou necessidades. Agora, vem com essa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

conversa fiada? Como diz a Isaura: “Me poupe, meu caro. Me economize”.

— Mas, que coisa! Meu amor, eu não quero brigar com você.

— Tudo bem – respiro fundo, tentando me acalmar. – Vamos conversar.

— Ok. E você? Enturmou-se rápido em seu emprego?

— Sim. O pessoal da empresa é muito bom. Profissionais competentes, responsáveis e muito simpáticos.

— E... Está gostando de trabalhar?

— Estou sim. É gratificante saber que ainda existem pessoas que valorizam a gente. Fazia tempo que não me sentia tão bem.

— É bom saber disso. E, em casa? Algum problema?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo sob controle.

— Sei...

— Se conheço você bem, acho que está querendo alguma coisa. O que é? – digo desconfiada.

— Bem, eu liguei por dois motivos. Saber como está e pedir que você me permita buscar alguns documentos importantes que deixei no escritório.

— E não precisa de roupas também?

— Na verdade, pensei em pegar algumas peças.

— Sabia... – dou de ombros.

— Mas, eu... – tenta se justificar.

— Cale-se, Alex – interrompo com voz embargada, segurando o choro. – Não quero mentiras. Faça o seguinte: vou deixar Roberto e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Odete avisados de que você virá buscar suas coisas esta tarde, ok? Mas, venha ESTA TARDE!!! – enfático com firmeza.

— Por que está falando assim? – pergunta Alex com um ar de “não sei o que fiz”.

— Porque vou aproveitar sua vinda e sair para algum lugar. Assim, não preciso me encontrar com você. Na verdade, será um alívio não ver sua cara! – respondo nervosa. – E quer saber mais, ADEUS!

Bato o telefone sem esperar resposta. Cachorro!!! “Ah, meu bem, estou com saudades. Será que dá para eu passar em casa e buscar umas coisinhas?” Hipócrita!!! A quem ele pensa que engana?!

Meu coração bate tão forte que sinto como se ele fosse sair pela boca. E eu que cheguei a ter dó dele nas conversas que tive com Rafael... Como

PERIGOSAS ACHERON

sou tola! Ele só se interessa pelas coisas que concernem a ele. Eu sempre vou estar em último plano.

As lágrimas escorrem copiosamente e os soluços saem tão alto que a governanta ouve da sala e entra no escritório para saber o que houve.

— Dona Deise, o que aconteceu?! — pergunta cheia de preocupação.

— O Alex. Para variar, mais uma decepção... Aliás... — Começo tentando me recompor. — Ele virá hoje à tarde buscar algumas roupas e papeis que esqueceu aqui. Você e Roberto podem ajudá-lo? Eu vou sair para espairecer. Preciso colocar minhas emoções em ordem e vê-lo não vai me fazer nada bem.

— Pode deixar, mas, desculpe me intrometer, a senhora não está em condições de sair sozinha. Além do mais, acredito que uma boa

PERIGOSAS NACIONAIS

conversa entre vocês poderia resolver toda essa confusão – sugere ela carinhosamente.

Odete é muito sábia e, às vezes, sinto como se ela fosse mais uma mãe postiça para mim do que a governanta da casa. Suas palavras sempre me acalmam.

— Eu sei de tudo isso e, até, concordo em parte com você. O problema é que estou tão magoada que receio não conseguir ter uma conversa tranquila com ele. Agora mesmo, acabei explodindo no telefone e creio que, pessoalmente, possa ser pior. Ainda dói muito quando penso na frustração que tive no dia de nosso aniversário. O tempão que tive de esperar, o frio que passei, a solidão do jantar... Tudo é muito recente e descobrir que ele esqueceu de nosso compromisso e preferiu ir a um jantar com autoridades e empresários é muito triste.

PERIGOSAS ACHERON

Volto a chorar e Odete me abraça com carinho. O aconchego em seus braços me faz sentir amparada e amada. É um alívio para a dor que parece me quebrar por dentro. Ficamos assim, sem dizer nada, por alguns minutos. É... Eu precisava desse abraço.

Afasto-me lentamente e olho para ela com gratidão.

— Não sei o que faria sem você, Odete. Obrigada por tudo e pelo cuidado que tem por mim.

— Minha menininha... Eu a considero como a uma filha que nunca pude ter. Agora, levante essa cabeça e vá aproveitar um pouco mais a piscina e a companhia de seus amigos e familiares. Daqui a pouco, a Isaura servirá o almoço e, depois, de comerem, podem sair juntos para algum lugar. Tenho, inclusive, uma sugestão.

— É? Qual? – pergunto curiosa.

— Que tal irem ao Aquário de São Paulo?

— Aquário?! – franzo a testa, imaginando o porquê da sugestão. Nunca pensei em ir a um lugar assim e, aliás, nem sabia que havia um aqui na capital.

— Sim. É um lugar bonito e os médicos e psicólogos sempre dizem que olhar peixinhos nadando é extremamente saudável e acalma os nervos.

— Verdade. Já ouvi sobre isso também. Gostei da ideia e vou ver com o pessoal o que acham. Mais uma vez, obrigada.

Saio do escritório mais tranquila e vou ao encontro dos outros.

— Gente, eu não vou ficar com vocês hoje à tarde aqui. Caso queiram, podem continuar curtindo a piscina sem mim.

— Por quê? Aonde vai? – pergunta Áurea.
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ainda não sei ao certo. Só não quero estar aqui quando Alex vier buscar algumas coisas – eu explico calmamente. – Odete sugeriu uma ida ao Aquário de São Paulo, mas estou pensando em ir para meu apartamento no Guarujá.

— Nós vamos com você.

— Não precisa...

— Sem conversa – Áurea me interrompe. – Nós já estamos com nossas roupas de banho. É só passarmos em casa para pegar mais algumas coisas.

— Está bem. A Isaura já está terminando o almoço e podemos sair em seguida, passar na casa de vocês e pegar a estrada.

— Perfeito – concordam todos.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 5



— Boa tarde, dona Deise – cumprimenta-me com satisfação o porteiro do prédio no Guarujá.
– Há quanto tempo não a via.

— É, Tarcísio. Faz quase um ano que não venho para cá. E, como estão as coisas?

— Tudo bem – responde ele. – A única novidade é a morte do seu Laurindo. Lembra? Era o morador do terceiro andar.

— Aquele senhor tão simpático?! – pergunto penalizada.

— Ele mesmo. Foi uma pena, mas morreu tão suavemente que emocionou a todos.

— Como assim? – pergunto curiosa.

— Ele desceu para seu passeio diário, bateu no meu ombro com aquele sorriso fantástico
PERIGOSAS ACHERON

de costume e foi até a praia. Quando voltou, encontrou a filha sentada no living e resolveu sentar-se ao lado dela. Depois de um tempinho, ele a abraçou, beijou seu rosto e dormiu... Para sempre.

— Que lindo! — comentei emocionada. — Bem que eu gostaria de morrer assim... Sem dor... Sem trauma...

— Pare com isso, Deise! — reclama Reinaldo. — Ainda é muito cedo para pensar nessas coisas, não acha?

— Ele tem razão. Que pensamento mórbido... — concorda Tininha.

— Transmita meus sentimentos à família, Tarcísio.

— Transmitirei, dona Deise. A senhora vai ficar muito tempo?

— Apenas o final de semana — respondo. — E aí, pessoal? — dirigindo-me aos demais. — Vamos PERIGOSAS ACHERON

subir?

O apartamento duplex de cobertura é amplo e bastante arejado. Enormes vidraças em todas as paredes externas proporcionam uma luminosidade fantástica e, além da paisagem estupenda da orla marítima, permitem a entrada do sol durante quase o dia inteiro. As portas, em madeira maciça, possuem um lindo desenho em relevo que retrata o nascer do sol na praia. A sala, com cerca de 80m², é dividida em três ambientes. O primeiro, à direita da entrada, é decorado com um belíssimo conjunto modular estofado, revestido de couro e no formato de um “L”, duas mesinhas de canto e uma de centro em madeira. O segundo, à esquerda da porta e antes da enorme escada de madeira que leva aos dormitórios, possui móveis em vime, grandes vasos de plantas e uma cadeira de balanço aonde amo me sentar e relaxar. Por último e à frente da escada, é a sala de jantar com

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma mesa de vidro, cadeiras de encosto alto e um buffet em mogno.

Ruth e Raul, casal responsável pela manutenção e limpeza do apartamento alegram-se com nossa chegada e nos recebem com festa.

— Ah, dona Deise. Por que não avisou que viria? Eu a teria esperado com aquele bolo de coco cremoso que tanto gosta — Ruth reclama.

— Sempre me paparicando, não é? — respondo alegremente enquanto abraço com carinho aquela meiga senhora de cabelinhos tão brancos e sedosos que chego a desejar que os meus fiquem do mesmo jeito quando eu envelhecer.

— Seu Alex não veio? — pergunta Raul.

— Seu Alex foi passear *bem longe*... — Áurea ironiza.

— Aonde ele foi? — continua o curioso caseiro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Todos riem, deixando o simpático casal sem entender nada.

— Não ligue para eles, Raul. Eu e meu marido estamos separados.

— Mas, por quê?! – espanta-se Ruth. – Vocês formam um casal tão bonito...

— Bonito, mas infeliz – comenta Tinhinha, abraçando André com força.

— Puxa, Pulguinha, o que houve? – pergunta ele em tom jocoso. – Está com medo que eu a deixe também? Não se preocupe. Enquanto estiver em pé aquele “dote” que seu pai me ofereceu, nosso casamento está garantido. Uffff!...

Com a mão no estômago, André se curva após mais um soco rápido e, extremamente, certo da namorada.

Novas risadas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bom, gente. Não sei quanto a vocês, mas eu estou com uma fome tremenda!

— Ah, Rei, você *sempre* está com fome — Áurea comenta.

— Olha quem fala! Não é você que vive querendo *geleinhas*, *pudinzinhos* etc. Sabem quanto eu gasto com ela todas as vezes que saímos, pessoal? É *muita grana*!

— Mas, que mentiroso! É você que sempre fica querendo dar umas “paradinhas” para beliscar alguma coisa — retruca Áurea.

— Não briguem, crianças. A gente sabe que a gula é mútua — brinca André.

Enquanto todos se divertem, eu chamo Raul e Ruth para junto da mesa de jantar.

— Gostaria de lhes pedir um favor.

— Pois, não — respondem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Primeiro, o jantar fica à sua escolha, Ruth. Faça o que estiver mais à mão. Amanhã, podemos ir ao supermercado abastecer melhor a dispensa, está bem? Se precisar de algo, Raul pode providenciar. Eu dou a ele dinheiro ou meu cartão do banco.

— Sim, sra. Mas, e o almoço?

— Nós comemos antes de sair de São Paulo, fique tranquila. Agora, só vamos, talvez, fazer um lanche no Shopping ou no Clube, ok? Mas, o que eu queria, realmente, pedir é que, caso Alex ligue para cá, não digam que estou aqui. Prefiro que ele não me procure por enquanto.

— Se a senhora quer assim...

— Sei que vocês gostam muito dele, Raul e entendo sua decepção e estranheza, mas quero estar mais equilibrada emocionalmente e de cabeça fria quando encontrá-lo.

PERIGOSAS ACHERON

— Não vá fazer nenhuma bobagem, dona Deise.

— Não se preocupe, Ruth. É exatamente isso que pretendo evitar. Agora, vou levar essa turma para comer antes que assaltem sua geladeira. Parece que nem almoçaram... — rimos os três. — Então, pessoal. Que tal irmos passear?

— E comer? — pergunta eufórico Reinaldo.

— Mas, você não tem jeito mesmo — completo rindo.

— Podemos ir ao Shopping La Plage. É enorme — sugere Tininha. — E acho que vocês vão gostar muito das batatas recheadas da Roasted Potato. Tem uma variedade bem legal de recheios.

— Verdade. Fui lá uma vez com a Áurea — concorda Rei.

O Shopping é gigantesco. Creio que o maior da cidade. Damos umas voltas, olhando as

PERIGOSAS ACHERON

lojas e, depois de saborear as deliciosas batatas, resolvemos finalizar tomando um chocolate bem quentinho na loja da Copenhagen. A temperatura caíra bastante neste fim de tarde.

— Gente, que mudança de temperatura. De manhã na sua casa, não estava tão frio.

— Verdade, Tininha – concordo. – O inverno está bravo esse ano. O mundo está sofrendo mudanças drásticas. No verão passado, lembro de que a temperatura chegou a 45° em São Paulo. Vi em um desses relógios de rua quando ia para o aniversário do filho da Silvia na Lapa.

— Tudo culpa da ganância do ser humano que não se preocupa com o futuro.

— A Áurea está certa – afirma Tininha. – Fala-se tanto em ecologia, em proteger o planeta, mas ninguém leva isso realmente a sério. Os governantes e os empresários só pensam na

PERIGOSAS NACIONAIS

lucratividade e não na extinção dos recursos da natureza.

— Vocês são muito ingênuos – racionaliza Reinaldo. – Não existe movimento ecológico forte o suficiente que evite o caos. A humanidade é por demais egoísta e materialista. O máximo que pode ocorrer é que os efeitos da poluição e da agressão contra a natureza sejam apenas minimizados. É como um doente terminal incurável. A única coisa que os médicos conseguem é prolongar um pouco mais a vida do paciente e dar a ele uma melhor qualidade de vida nos últimos meses ou semanas.

— Puxa, vocês são muito incrédulos – diz Tininha.

— Na verdade, somos realistas – comenta seu namorado. – O mundo só tende a piorar e o pouco que alguns ainda têm a consciência de fazer ajuda, mas não resolve os problemas ambientais

PERIGOSAS ACHERON

por completo.

— Concordo com vocês, mas que tal voltarmos para o apartamento? — sugiro. — Está ficando cada vez mais frio e eu não vim com uma roupa muito quente.

— Boa ideia. O jantar já deve estar quase pronto a esta hora — fala Reinaldo, lambendo os lábios.

— Não disse que era ele que vivia com fome?! — Áurea brinca.

Já nos carros e rumo ao apartamento, me sobrevém uma estranha sensação. Meu coração parece parar de funcionar por alguns segundos e, depois, começa a bater descompassada e apressadamente ao mesmo tempo que um frio percorre minha espinha e um vazio atinge meu estômago. Tenho a impressão de que chego quase a desmaiar... Graças a Deus, não estou ao volante e

não conto nada a ninguém, mas fico bastante inquieta e aflita para chegar.

Já passam das 19hs quando subimos no elevador do prédio. Áurea comenta qualquer coisa inaudível para mim, tão absorta em meus próprios pensamentos.

— Hei, Deise! Acorda!

Com um chacoalho, ela me tira daquela espécie de transe.

— Que houve com você? — insiste ela preocupada. — Estava tão distante que cheguei a me assustar.

Procuro me explicar sem muito sucesso, pois as palavras saem de minha boca tão desconexas quanto meus pensamentos. Quando as portas do elevador se abrem e me vejo frente às portas do apartamento, abro-as repentinamente, como se buscasse refúgio ante a um perigo terrível

e iminente.

— Desculpem – voltando-me aos demais.

– Não sei o que deu em mim.

— Aconteceu alguma coisa? Parece até que você viu um fantasma.

— Não sei dizer, André – respondo ainda confusa. – Tive um mal-estar muito grande no carro, como se algo terrível estivesse para acontecer. Não falei nada para não preocupar vocês.

— Tipo um pressentimento? – pergunta Tininha.

— Tipo isso, sim. Mas, já passou. Deve ter sido uma somatória dos sentimentos causados por toda essa situação com o Alex. Está tudo se acumulando dentro de mim e, talvez, tenha só se refletido em uma crise de ansiedade.

— O que você precisa é de um bom vinho

para relaxar.

— Boa ideia, Reinaldo – concorda André.

– E, nesse frio, um vinho vem bem a calhar.

Peço a Raul para nos servir e nos sentamos no sofá, aguardando o jantar com conversas leves e triviais.

— Reinaldo, quando você vai parar de enrolar a Áurea? – pergunta André em tom de brincadeira.

— Sei lá, André –Áurea interpele. – Já estou quase desistindo de esperar o grande pedido.

— Até parece, noivinha linda. Eu a pedi em casamento no dia do nosso noivado. E de forma bem romântica pelo que me lembro.

— Pode ser – continua ela. – Mas, não falou nada sobre a data ainda...

— Mas, não é a noiva que, geralmente,

PERIGOSAS NACIONAIS

escolhe a data? Eu é que estou sendo enrolado nessa história – brinca Reinaldo.

Ruth interrompe o papo, avisando que o jantar estava pronto.

Mais tarde, o grupo está dividido. Reinaldo e Áurea sentam-se no sofá para assistir um pouco de TV e eu, André e Tininha preferimos ficar na saleta de vime.

— Mas, voltando ao assunto de antes, quando eles planejam se casar? – pergunta Tininha, referindo-se ao casal acomodado no sofá.

— Ainda não marcaram a data – respondo.
— Estão reformando a casa que compraram primeiro. Quando ela estiver pronta, partirão para a compra de móveis, eletrodomésticos, cortinas...

— Entendi.

Nesse instante, toca o telefone e Raul atende.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Alô... Sim, é daqui mesmo... Quem gostaria de falar com ela?... Um momento, por favor... Dona Deise, telefone para a senhora. Disseram ser de uma delegacia.

— Delegacia?! – estranho enquanto eu me levanto e pego o telefone. – Alô... Sim, é a Sra. Rubiano. Quem está falando?... Como?!

O coração dispara, as mãos ficam trêmulas, o ar me falta, a vista se turva e sinto meu corpo totalmente sem forças, desabando no chão.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 6



Já nem sei mais quem passou por aqui. Estou exausta e respondo mecanicamente aos cumprimentos que recebo.

— Sinto muito – diz alguém.

— É uma tragédia, minha querida – comenta outro.

— Quem diria? Tão jovem... – afirma um terceiro personagem.

Procuro alguém que possa me tirar daqui. Preciso respirar. Levanto-me e caminho em direção à saída, passando por entre inúmeras pessoas que falam comigo sem que eu preste atenção a uma única palavra.

Encontro Rafael conversando com Lamarck e Sonia e peço a ele que me leve a algum

PERIGOSAS ACHERON

lugar. Preciso espairecer.

— É claro — responde prontamente. —
Vamos sair um pouco. Quer um café?

— Quero sim, Rafael.

— Então, vou pegar o carro e levá-la a um lugar que conheço não muito longe do cemitério. Há uma pequena lanchonete aqui, mas creio que será melhor se você sair um pouco. Ficar longe por uns minutos desse pessoal que só quer falar banalidades ou que fica o tempo todo perguntando detalhes do que aconteceu fará bem.

— Acho que tem razão. Estou cansada desses “papa defuntos”. A maioria sequer nos conhecia direito, outros só vieram para “marcar presença”. Aquele vereador, por exemplo.

— Qual? — pergunta, tentando se lembrar.

— Aquele meio esquisito, baixinho, de voz rouca e que parece ter levado um choque de tão
PERIGOSAS ACHERON

elétrico.

— Já sei quem é. Ele parece um chihuahua: pequenininho, mas difícil de acompanhar, de tanto que corre e se mexe de um lado para o outro.

— Esse mesmo – concordo em meio a risos. – Pois é, veio só para garantir votos para a próxima eleição – continuo falando, um tanto indignada. – Parece que nem está em um velório, mas no meio de uma campanha política.

— Verdade. Acho que o nome dele é Lindinalvo alguma coisa.

— Acho que é isso mesmo. Também não me lembro do sobrenome.

— Você quer esperar aqui enquanto pego o carro ou prefere ir comigo até onde estacionei. Está um pouco longe.

— Prefiro ir com você. Apesar do frio,
PERIGOSAS ACHERON

caminhar um pouco vai ser bom.

— Então, vamos.

Ao chegar no Bar café, sentamo-nos em uma mesa próxima à cozinha e logo somos servidos. Eu pedi um café cremoso, acompanhado de um delicioso pedaço de bolo de coco. Rafael preferiu pedir um chocolate quente e duas fatias de torta folheada, uma recheada de creme e outra de nozes com maçã.

O tempo transcorre sem sentirmos e a tranquilidade do lugar me desperta o desejo de não querer sair dali. Rafael, no entanto, me lembra que precisamos voltar ao cemitério.

— Tudo bem? — pergunta ele, percebendo minha vacilação.

— Sim — respiro profundamente, buscando retomar o ânimo.

A proximidade do momento final de
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minha despedida de Alex mexe muito comigo e começo a sentir que estou perdendo as forças. Aceito o abraço amparador de meu doce amigo e voltamos para o velório.

— Onde vocês estavam? — Pergunta Áurea.

— Levei sua irmã para tomar um café e comer alguma coisa. Desde cedo, ela não saiu do lado do caixão. Precisava refrescar um pouco a cabeça.

— Obrigada, Rafael. Eu e minha mãe já havíamos tentado tirá-la um pouco daqui, mas as pessoas não deixavam. A todo instante, tinha alguém querendo falar com ela.

Reinaldo vem até nós e fala que o padre havia chegado para celebrar o ofício fúnebre.

— Ele está na sala, esperando por você — completa.

PERIGOSAS ACHERON

— Obrigada, Rei. Vou lá falar com ele. E vocês podem avisar os demais para que se reúnam para o ofício? — peço, dirigindo-me aos que estavam comigo.

— Com certeza — respondem.

Após conversar com o padre e acertar os detalhes, paro junto ao caixão. É estranho vê-lo ali deitado, inerte... Porém, também penso na estranheza da coincidência entre o acidente que ele sofreu e o acidente ocorrido com seus pais meses atrás. Naquela ocasião, era seu pai que estava ao volante. Assim como Alex agora, ele havia decidido dispensar o motorista e dirigir ele mesmo para o litoral. A família era dona do apartamento em que estive no sábado e todos gostavam muito de ir lá para descansar e curtir o sol e a praia. A única diferença foram os locais dos acidentes, pois Alex já havia passado o lugar da morte de seus pais

quando perdeu o volante do carro e despencou na ribanceira.

Ele estava indo ao meu encontro...

A cerimônia foi simples e rápida. Fecharam o caixão exatamente às 11:30hs e o colocaram no carrinho que já estava na porta da sala funerária. Seguimos em silêncio até a campa de nossa família. Foram os oito minutos mais longos da minha vida e, ao ver Alex baixar à sepultura, tive a certeza, a dura certeza de que jamais o veria.

— Definitivamente, agora sou uma viúva de verdade...

A frase, escapada involuntariamente de meus lábios causa estranheza a algumas pessoas à minha volta. Apenas Rafael compreende, pois se lembrou de eu ter-lhe dito que me sentia como uma viúva que não tinha certeza da morte de seu

marido. Sinto seu amparo através de seus braços sobre meus ombros que me puxam um pouco mais para perto de seu peito.

O grande número de pessoas começa a dispersar. O “show” havia acabado. Alguns aproximam-se para as despedidas. Outros apenas vão embora. Espero que a maioria se retire antes de me mover. Queria evitar o tumulto natural que ocorre na saída de funerais de celebridades. Alex era muito conhecido e havia uma série de repórteres do lado de fora do cemitério. Eu não permiti que a imprensa tivesse acesso ao interior, pois queria maior privacidade nesse momento. Quando estava quase chegando ao estacionamento, pude ver diversas autoridades que haviam comparecido dando entrevistas junto aos portões, provavelmente, enaltecendo as qualidades empresariais de Alex, herdeiro das grandes empresas de seu pai.

— Você vai para casa? – pergunta Rafael.

— Não. Vou passar o resto do dia com minha mãe. Estou sem coragem de ficar sozinha naquele casarão... Se eu não tivesse brigado com ele... – a lembrança da briga e um enorme sentimento de culpa me invadem e choro copiosamente.

— Não pense assim, Deise. Não foi sua culpa.

— Mas, Rafael... Se eu não o tivesse mandado sair de casa, nada disso teria acontecido. Ele não precisaria pegar a estrada para ir atrás de mim na tentativa de uma reconciliação – digo, entre lágrimas.

— Deise – continua ele – Você sabe que ele vivia descendo para o litoral e, quase sempre, sem sua companhia. Poderia ter acontecido isso em qualquer uma dessas viagens. Foi apenas uma

fatalidade.

— Pode ser, mas ainda dói demais... — digo, colocando a mão sobre meu peito na tentativa de amenizar a dor, mas é impossível. — Bem, obrigada por tudo. Ter você ao meu lado foi muito importante.

— Não precisa agradecer. Conte comigo para o que precisar, está bem?

— Está bem, meu amigo.

Dou-lhe um beijo no rosto e caminho para o carro. Nadinho estava à minha espera e eu lhe dou instruções para levar meus empregados de volta para casa, pois todos haviam comparecido ao enterro de Alex.

— Você leva o pessoal, por gentileza — digo. — Eu vou para a casa da minha mãe com Áurea e Reinaldo. Vou passar o dia com eles, ok?

— Pode ficar tranquila — responde o
PERIGOSAS ACHERON

motorista. — Estarei à sua disposição. É só me chamar quando quiser voltar para casa.

— Obrigada, Nadinho. Ah, e, provavelmente, não irei jantar em casa. Diga para a Isaura que não precisa se preocupar em preparar nada.

— Assim que ela chegar com o resto do pessoal, eu falo. Vá com Deus, dona Deise.

— Você também, Nadinho.

Áurea já está no carro e me chama para sairmos. Ela percebeu que alguns repórteres estavam tentando se aproximar e me apressou para que eu pudesse escapar deles.

No dia seguinte, encontro minha mãe na sala de seu apartamento ajeitando umas flores no vaso sobre o buffet da sala de jantar.

— Bom dia, mãe.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bom dia, Deise. Dormiu bem?

— Creio que “capotou bem?” seria a pergunta certa.

Ela esboça um sorriso.

— E a Áurea? Foi trabalhar? – pergunto.

— Não. Ela decidiu pedir uns dias de folga para ficar com você e ajudar no que for preciso. Agora, ela foi à padaria buscar algumas coisas para nosso café da manhã. Achei que você ia dormir até mais tarde. Ainda são só 8:00hs.

— Não consegui ficar na cama. Até deu vontade, mas minha cabeça está dando voltas, pensando no que vou fazer agora.

— Ainda é muito cedo para você pensar nisso. Espere uns dias e, aí, você decide o que vai fazer.

— Verdade, mãe. Preciso colocar minhas

PERIGOSAS ACHERON

ideias no lugar... Pelo que vejo, você ainda faz tudo sozinha – reparo enquanto ela prepara o café.

— Eu prefiro assim – responde ela. – Não tenho muita paciência de aguentar uma pessoa o dia inteiro comigo.

E não tinha mesmo. Apesar da boa renda deixada por meu pai, ela só tinha uma faxineira e uma lavadeira nos serviços da casa, as quais não moravam com ela. Chegavam pela manhã apenas duas vezes por semana, faziam seus serviços e iam embora à tarde.

— Não sei como você atura aquele bando de gente estranha – continua ela. – Eu sei que sua casa é muito grande e precisa de várias pessoas para mantê-la, mas eu não aguentaria. Por isto, vendi nossa casa quando seu pai se foi e comprei este apartamento. É mais fácil de cuidar e eu não preciso de tanto espaço. Sua irmã logo se casa e eu

vou ficar sozinha. Não preciso de uma mansão.

Áurea chega, trazendo pães, frios e uma rosca de coco.

— Sentem-se, meninas – diz minha mãe, apontando para a mesa da cozinha. Apesar de ter uma linda sala de jantar, ela sempre gostou mais de comer no aconchego de sua copa. Ela dizia que era mais íntimo e familiar.

— Áurea – digo, dirigindo-me a ela. – Você me acompanha em alguns lugares que preciso ir hoje?

— Claro que sim. Aonde vamos?

— Vou passar no escritório de Alex, no advogado e no banco. Quero acertar algumas coisas.

— Tudo bem. E posso lhe fazer uma pergunta?

PERIGOSAS NACIONAIS

— O quê? – pergunto curiosa.

— Quem vai comandar as empresas agora?

— Áurea! – ralha minha mãe. – Não acho que ela tenha cabeça para pensar nessas coisas ainda.

— Tudo bem, mãe. Mais cedo ou mais tarde terei de resolver isso – tento acalmá-la.

— Por que não deixa isso para amanhã ou outro dia? Você precisa descansar, filha.

— Eu sei, mas creio que minha ida ao escritório pode trazer mais tranquilidade e segurança para os funcionários. Eles devem estar meio perdidos quanto ao futuro das empresas. Além do mais, ficar parada só me deixaria mais abatida do que já estou.

— Pode ser, mas vá com calma, tudo bem?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Beijo seu rosto carinhosamente e, após o desjejum, saio com a Áurea. Nadinho já nos esperava com o carro.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 7



O prédio de quinze andares possui uma estrutura tradicional sem nenhum arrojo arquitetônico. O único destaque é o de ser o único edifício daquela rua e ter sua fachada em granito de várias tonalidades, formando desenhos geométricos muito interessantes. Na entrada e acima da porta principal, encontra-se o nome da empresa: Alencar Rubiano e Cia.

Em homenagem a Alex, foi colocada uma enorme faixa preta, feita de um tecido largo, que descia desde o topo até o primeiro andar, como sinal de luto.

Pegamos o elevador e subimos até o décimo quinto andar aonde ficam os escritórios da diretoria e da Presidência. Assim que se abrem as

portas, vemos a belíssima recepção, decorada com muito bom gosto. Atrás da mesa da secretária, um quadro com desenhos semelhantes aos da fachada, porém em tons mais claros.

— Bom dia, dona Deise — diz ela educadamente. — Não sabíamos que viria hoje aqui.

— Bom dia, Helena. Decidi vir para dar uma olhada nas coisas. Como estão todos?

— Ainda bastante abalados. Fomos pegos de surpresa com a notícia da morte do Sr. Alex e parece que nem acreditamos ainda. Eu a vi ontem no velório, mas a senhora estava tão assediada pelas pessoas que nem consegui me aproximar. Desculpe.

— O que é isso, querida. Nem precisa se desculpar. Eu acho que não me lembro de metade daqueles que vieram me dar os pêsames. Na verdade, eu estava no automático e, se alguém me

perguntar quem estava presente, com certeza não saberei responder.

— Entendo. Mas, em que posso ajudá-la?
— pergunta de forma solícita.

— Gostaria de conversar com a diretoria se possível. Você poderia reuni-los para mim? Pelo menos, os que estiverem na empresa.

— Na verdade, todos já estão na sala de reunião. Posso levá-la até lá se quiser.

— Agradeço. Vamos Áurea? — dirigindo-me à minha irmã.

— Vá você. Prefiro ficar esperando. Afinal, são assuntos de negócios e creio que não poderei ajudar em nada.

— A senhora pode aguardar na sala do Sr. Alex — sugere Helena.

Dirijo-me à sala de reuniões acompanhada

da secretária e, ao entrarmos, todos se levantam para me receber.

— Bom dia senhores, senhoras... — começo enquanto assento-me à cabeceira da grande mesa de mogno. Meu sogro sempre gostou de móveis suntuosos e fortes. Dizia que davam um ar de perenidade e segurança. — Desculpem se atrapalho sua conversa, mas entendo que este momento deve estar gerando certa instabilidade entre os funcionários e gostaria de ajudar no que for preciso.

— Nós agradecemos sua preocupação — diz Marcos Torres, um rapaz de 28 anos que, apesar de ser relativamente novo para a função, é o Vice-presidente das empresas. — Pensamos em convidá-la para essa reunião, mas acreditamos que a estaríamos incomodando.

— Não há necessidade de desculpas — digo cordialmente. — Vim porque precisava me ocupar

de algo e saber como vocês estavam.

Foram duas horas de discussões sobre diversos procedimentos necessários e urgentes. A morte de Alexandro, pai de meu marido, e o afastamento de seu sócio, Fernando de Alencar, devido a idade e a inúmeros problemas de saúde fizeram de Alex o único responsável pelo comando das empresas. Agora, a diretoria estava sem saber o que aconteceria e, apesar de serem competentes para dar continuidade aos negócios, sentiam-se meio órfãos.

Minha presença acabou por aliviar um pouco a tensão e ficou decidido que, até a abertura do testamento de Alex, Marcos assumiria como presidente interino. Ele estava a par de todos os projetos e os levaria adiante como planejado. Isto seria comunicado aos funcionários e clientes a fim de trazer tranquilidade aos que estavam inseguros

em relação ao futuro.

— Parabéns, Deise. Desculpe, Sra. Deise — cumprimenta-me Marcos após o término da reunião e a saída de todos.

— Ora, por quê? — pergunto.

— A senhora falou muito bem durante a reunião. Demonstrou um senso de liderança fantástico.

— Que é isso! — respondo, sentindo minhas bochechas esquentarem.

Sou salva desse momento meio constrangedor por Helena que me avisa da presença do advogado.

— Ele está na sala do Sr. Alex e a aguarda.

— Obrigada, Helena. É bom que ele esteja aqui. Poupou-me de ir até seu escritório.

A sala de Alex segue o estilo austero de

PERIGOSAS NACIONAIS

seu pai. O espaço é amplo e dividido em dois ambientes. Ao fundo e em frente à janela, a enorme mesa com cadeiras em tons escuros. Nas paredes laterais, estantes contendo livros, vasos, retratos com fotos da família e de ocasiões especiais, além de objetos decorativos. À esquerda próximo à porta, um conjunto estofado na cor bege destoa um pouco da austeridade, dando um ar mais leve e convidativo a uma boa e descontraída conversa.

Dr. Everaldo, sentado junto à mesa, remexe em alguns papéis em sua pasta enquanto conversa com a Áurea, sentada ao seu lado. Era um homem de baixa estatura, com cerca de 70 anos, porém com a aparência e o vigor de quem ainda possuía uns 40 ou 45 anos. A única coisa que denunciava sua idade eram seus bigodes e cabelos serem brancos como flocos de algodão.

PERIGOSAS ACHERON

— Como vai, doutor? – cumprimento-o ao entrar.

— Bem, graças a Deus – levantando-se educadamente para me receber. – E a senhora? Mais refeita?

— Não sei. Acho que vai demorar para eu aceitar tudo o que houve.

Não consigo segurar as emoções que afloram e o doce e gentil advogado vem em minha direção, oferecendo seu abraço carinhoso.

— Venha sentar-se na saleta, minha querida. Assim, podemos conversar mais tranquilamente. Quer que eu peça um copo de água para Helena?

Balancei a cabeça negativamente e começamos a conversar sobre Alex e os últimos acontecimentos. Abri meu coração e disse o quanto me sentia culpada por sua morte, mas ele foi

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

categórico em afirmar que, na morte, não existem culpados a não ser quando é causada propositalmente, o que ele acreditava não ser o caso.

— Mas, pense comigo, doutor. Se eu não tivesse sido tão dura com ele, mandando-o embora e, depois, fugindo para não o ver no sábado... Meu orgulho causou tudo isso.

— Se... Se... Tenho mais um “se” para você. Se ele não tivesse sido tão burro ao ponto de não enxergar o rombo que fazia em seu coração... Muitas coisas poderiam ser evitadas se o ser humano fosse mais atento ao que o cerca e medisse mais suas ações, mas não é assim. O mundo nos impele a falar e agir de maneiras, muitas vezes, impensadas. Por isto, estamos sempre nos arrependendo de atitudes, palavras, pensamentos ou sentimentos no decorrer de nossas vidas. Você não

PERIGOSAS ACHERON

tem culpa a não ser a de ter tentado mostrar a ele seus erros para que os corrigisse. Agora, o que precisa fazer é procurar reerguer-se do meio dos escombros e esquecer essa história de achar que é culpada.

— Vai ser um pouco difícil... — digo ainda duvidando.

— Eu não disse que seria fácil — continua ele. — Mas, que você deve seguir em frente para seu próprio bem. Agora, vamos mudar de assunto. Precisamos conversar sobre o testamento de seu marido. Vim para falar com Marcos, mas, já que está aqui, podemos aproveitar para acertar algumas coisas.

— Tudo bem — concordo. — Eu havia planejado passar em seu escritório e sua vinda foi providencial.

— Precisamos marcar uma reunião para a

abertura e leitura do testamento e convidar algumas pessoas que estão citadas para dar andamento ao cumprimento das últimas vontades de Alex.

Agendamos para quinta-feira à tarde na sala de reuniões da empresa. Assim, teríamos tempo de comunicar a todos.

Os dias seguem morosos e tristes. Voltei para casa, mas me sentia como se estivesse em um lugar completamente estranho. Os empregados também estavam quietos e mal os ouvia, exceto quando precisavam falar comigo ou realizavam tarefas mais audíveis, como quando Alice aspirava os tapetes.

Na quinta-feira, Helena já havia acomodado a todos quando entrei na sala de reuniões acompanhada do Dr. Everaldo. Tomamos nossos lugares e ele passou à leitura do testamento.

— Apesar da tenra idade, o Sr. Alex achou

que deveria deixar registrados seus últimos desejos, aos quais comunicarei agora.

Ele inicia a leitura. Alex lembrou-se de todos que, de alguma forma, mereciam seu reconhecimento e gratidão. Incluso em sua lista estava o próprio Dr. Everaldo, a quem deixou dois imóveis e uma boa quantia que lhe proporcionaria uma confortável aposentadoria.

Outra pessoa beneficiada foi Helena. Ela herdou a casa em que morava com sua família. Alex a deixara morar ali em regime de comodato após o falecimento de seu pai que sempre fora corretíssimo no pagamento do aluguel. A jovem emocionou-se grandemente, pois sempre disse o quanto gostava daquela casa.

— Desculpem-me — diz ela. — Eu não esperava por isso e cheguei a pensar que precisaria me mudar com a morte do Sr. Alex.

— Eu não permitiria isso — interrompo. — Ouvi sempre tantos elogios sobre você que, se ele não tivesse tomado essa decisão, eu teria feito o mesmo.

— Obrigada — diz, enxugando as lágrimas.

O advogado retoma a leitura.

— Por último, deixo o restante de meus bens móveis, imóveis e semoventes à Deise Rubiano, minha amada esposa. É meu desejo, também, que ela venha a assumir a presidência das empresas em meu lugar, as quais passam a pertencer a ela integralmente. Como é sabido de toda diretoria, o Sr. Fernando de Alencar, antigo sócio de meu pai, vendeu-me a parte que lhe pertencia na ocasião de seu afastamento. Portanto, a única proprietária passa a ser a Deise a partir da leitura deste testamento. É meu desejo, ainda, que seja mantido Marcos Torres na vice-presidência,

bem como toda a diretoria em seus cargos atuais. Afirmo serem estas as minhas vontades finais e estar em plenas condições físicas e mentais no momento da elaboração deste documento, não sofrendo nenhum tipo de coação para assim firmá-lo, ao qual assino e dou fé. Alexandro Rubiano Júnior.

Todos os presentes são unânimes em dizer que Alex fora extremamente generoso e justo em sua partilha, não esquecendo de ninguém.

— Vou dar prosseguimento às providências de transferência de todos os bens a quem de direito – declara Dr. Everaldo. – Aqui está o documento original devidamente registrado em cartório e mais duas cópias autenticadas, Deise.

— Obrigada. Vou deixar uma das cópias com Helena para guardar no cofre aqui no escritório e levar o restante para casa.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Seja bem-vinda às empresas, Deise — cumprimenta-me Marcos depois que todos se retiram.

— Nem sei o que dizer. Estou assustada com tudo isso. A Presidência... Será que sou capaz? — pergunto confusa e trêmula.

— É claro que sim — responde o jovem vice-presidente. — E, depois, você tem a mim e a todos os diretores para auxiliá-la. Nós lhe passaremos todas as informações e detalhes que precise. Não se preocupe. E, aliás, quando pretende assumir? Podemos fazer uma recepção para oficializar sua posse, convidando os principais clientes, fornecedores, membros da diretoria, gerentes, supervisores e chefes de departamento. Ah, e sem esquecer da imprensa.

— Creio que não podemos esperar muito para não criar um clima de dúvida no mercado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Uma instabilidade agora prejudicaria as empresas. Peço apenas que me dê um tempo de luto e faça um comunicado de que você está no controle ainda interinamente e que os negócios seguem como antes, sem alterações. Depois, acertaremos uma data.

— Como quiser — concorda.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 8



Ilhas Seychelles... Não poderia ter escolhido lugar melhor para reestruturar minhas ideias e meus sentimentos. Estou me sentindo perto do paraíso... A reportagem que li algum tempo atrás sobre este lugar estava corretíssima ao afirmar que “se existe um lugar no mundo que lembre o Jardim do Éden, esse lugar é Seychelles”. A repórter, da qual infelizmente não recordo o nome, tinha razão. A paisagem, a calma, a beleza destas ilhas são de tirar o fôlego!

Segundo o guia turístico que contratei para me levar aos lugares mais exóticos e, ao mesmo tempo, me servir de intérprete, o arquipélago tem mais de uma centena de ilhas (não me lembro do número exato) e fica no Oceano Índico à leste da costa africana. A população fala inglês e francês,

PERIGOSAS ACHERON

mas o idioma oficial é o *creole* – uma mistura de francês e dialetos africanos muito interessante e pitoresco.

Cheguei a ter dúvidas em aceitar a sugestão da empresa de turismo antes de decidir para onde viajaria. Tive medo de que houvesse um certo exagero por parte do vendedor. Ele me ofereceu outros pacotes turísticos, mas, quando expressei meu desejo de viajar sozinha e longe dos barulhos das excursões, ele me olhou e me disse com firmeza:

— Já sei o que a senhora procura.

Em seguida, mostrou-me as fotos, hotéis, possíveis passeios na tela de seu computador e acabei por me encantar com as ilhas e as acomodações pareciam extremamente confortáveis.

— Será a melhor viagem de sua vida – afirmou enfaticamente.

PERIGOSAS NACIONAIS

Preciso agradecer a sugestão quando retornar ao Brasil.

Na vinda, o avião fez escala de um dia em Johannesburgo, na África do Sul. Muito bonita, apesar de ter ficado ali pouco tempo. Quando nos aproximamos das ilhas, ouvimos a saudação de boas-vindas nos alto-falantes do avião que dizia que ali eram “as ilhas dos nossos sonhos”.

Assim que desembarcamos, François já me aguardava para levar-me ao hotel.

— *Bonzour, madame. Komman sava?* — cumprimentou-me em genuíno *creole*.

— Bom dia, François. Estou muito bem, obrigada.

— Fez boa viagem? — pergunta com um sotaque encantador.

— Ótima.

PERIGOSAS ACHERON

O guia era um homem relativamente jovem, negro, alto, de porte atlético e com um rosto muito bonito. Sua pele, lisa e brilhante, realçava ainda mais seus belos traços. Fiquei um tanto encabulada ao perceber que ele notara minha admiração. Disfarcei e perguntei:

— Aonde vamos hoje?

— *Ozordi*, a levarei ao Hotel Golf Reef Club na ilha de Mahé, aonde deverá se acomodar e descansar um pouco. Após o almoço, daremos um leve passeio. *Demen*, começaremos nosso tour pelas ilhas de Mahé, Praslin, Moyenne, La Digue e Bird, está bem?

— Sim. Agora, você poderia me atualizar? *Ozordi* eu sei que significa “Hoje”, mas e *Demen*?

— Significa “Amanhã”.

— Quando for embora, vou conhecer várias palavras em sua língua, não é mesmo?

— Com certeza. É um francês modificado. Não muito difícil de compreender.

O hotel é maravilhoso e o almoço, a base de peixes de sabor forte, estava delicioso. Em meio aos ingredientes havia a fruta-pão, obrigatória nas refeições dos visitantes. Devido ao clima de superstição e magia que povoa todas as ilhas, os nativos afirmam que comer esse fruto traz sorte a quem o come e faz a pessoa voltar sempre para cá.

François era uma excelente companhia e falava quase o tempo todo, mas, mesmo sendo tão tagarela, eu não cansava de ouvir suas histórias e explicações sobre cada lugar, cada paisagem, cada construção... Era possível ver em seus olhos o imenso orgulho que tinha por ser habitante daquele paraíso tropical.

— Vamos dar um passeio por Mahé – diz ele. – É a maior ilha do arquipélago, possuindo 27

quilômetros de comprimento por oito de largura. Nossa capital, Victória, tem 25 mil habitantes e blá, blá, blá... – continua entusiasmado.

Passamos toda tarde indo a lugares tão encantadores e deslumbrantes que já sentia minhas forças e meu ânimo renovados.

— Seria tão bom se Alex estivesse comigo... – desabafo, sentada em uma das pedras de granito à beira da praia enquanto admiro o fantástico pôr-do-sol.

— Seu esposo? – pergunta o jovem guia. – Por que ele não a acompanhou nessa viagem?

— Desculpe. Não lhe contei... Ele faleceu a alguns dias e estou aqui para tentar colocar minha cabeça no lugar – respondo tristemente.

— A senhora sente muito a falta dele, não é?

— Sim. Mas, creio que sinto muito mais

PERIGOSAS ACHERON

não ter aproveitado melhor a companhia dele enquanto estivemos juntos.

— Como assim? — pergunta sem entender.

— A vida em meu país é muito atribulada e meu marido dedicava-se por demais ao trabalho, negligenciando a família na maior parte do tempo.

— As pessoas de fora dessas ilhas precisam aprender a viver. Quando saí daqui para estudar, optei por fazer a faculdade de Turismo para poder voltar e me estabelecer em minha terra natal. Não gostei da vida corrida e sem sentido que presenciei. Aqui, o povo é amigável e companheiro. Não há tantos crimes ou qualquer tipo de segregação. Negros, brancos, homens, mulheres têm o mesmo valor e, por isto, quase não existem desavenças, ciúmes, brigas em nosso meio. Somos como uma grande família.

— Seria bom se o mundo se espelhasse

PERIGOSAS NACIONAIS

nesse exemplo e mudasse. Mas, o egoísmo, a corrupção, a ganância são os sentimentos que mais predominam, infelizmente.

— Vou levá-la de volta ao hotel.

— Vamos. Apesar de ter amado o passeio, estou bastante cansada.

Após o jantar, sento-me na área externa do hotel com François que voltara para combinarmos as excursões de amanhã.

— E sua esposa? — pergunto. — Ela também é nativa das ilhas?

— Madeleine nasceu na ilha Denis e, após nosso casamento, decidimos que seria conveniente morar em Mahé para atender melhor aos turistas.

— E ela não fica enciumada de vê-lo passeando com mulheres solitárias como eu?

— De jeito nenhum — afirma com

PERIGOSAS ACHERON

convicção. — Aqui, não existe isso. O conceito de traição está fora de nossos dicionários.

— Como assim?

Fico imensamente curiosa com tanta certeza demonstrada em sua resposta.

— É nosso costume não haver casamento como no seu país. Nós moramos juntos, mas é permitido namorar e, até ter filhos com outras pessoas.

— E isso não cria problemas entre os casais e as crianças?

— Não. A convivência é extremamente natural e não há nenhum tipo de discriminação entre as famílias.

— Incrível! — digo admirada. — E quase inacreditável, diga-se de passagem.

— Quando nos acostumamos com aqueles

PERIGOSAS NACIONAIS

conceitos de “você é diferente” ou “você não pertence ao meu meio”, muito comum em outros países, é difícil assimilar a liberdade, sinceridade e simplicidade de nossa forma de pensar e viver. Mas, a senhora se acostuma com o tempo.

— Pode ser, mas ainda é estranho. Tive uma criação muito rígida e com fortes preceitos sobre o que podia ou não fazer. Se me contassem que existia um lugar na terra igual a este, não acreditaria.

— Mas, existe...

— Agora, eu sei – digo sorrindo.

— Bom, vou deixá-la descansar. *Demen*, a pegarei às 8 horas para irmos a Praslin, Moyenne ou La Digue. Estas ilhas são mais próximas e de fácil acesso. Assim, a senhora não se cansa tanto. Deixaremos Bird e Denis para outro dia, pois é necessário ir de avião a qualquer uma delas.

PERIGOSAS ACHERON

— Avião?! Quero distância de aviões por uns dias, se possível — brinco, referindo-me à longa viagem que enfrentei para vir para cá.

François solta uma gostosa e contagiante gargalhada e é a lembrança daquela alegria espontânea que embala meu sono naquela noite.

...

O mar nesta parte do mundo é simplesmente fantástico. As águas transparentes e em diversos tons, variando entre verdes e azuis, chegam a ofuscar a vista de tanto que brilham, refletindo a luz do sol. Nos lugares mais rasos, é possível ver uma infinidade de peixes que nadam tão próximos à superfície que quase dá para pescá-los com as mãos nuas.

Na ilha de Praslin, François levou-me a conhecer alguns pontos pitorescos, mas o que mais me impressionou foi o Vale de Mai.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quantos metros de altura tem esses coqueiros? – pergunto assombrada.

— Cerca de 30 metros.

— Uau! Parece que estou no meio de um daqueles filmes de dinossauros, aonde tudo é gigantesco.

— Cheguei a assistir alguns em meu tempo de estudos na Inglaterra. Acredito que os diretores podem ter se inspirado neste vale. E a história desses coqueiros é bem interessante – continua François. – Eles são os únicos no mundo que produzem cocos machos e cocos fêmeas.

— Machos e fêmeas?! – digo bastante interessada em saber como isso acontece.

— Sim. Está vendo aquele redondo?

— Estou.

— Esta é a fêmea e tem um formato que

PERIGOSAS ACHERON

lembra a púbis de uma mulher. O outro, se reparar naquele fruto comprido, é o macho. Dizem as lendas que, nas noites de tempestade, eles se acasalam fazendo um barulho imenso. Parecem folhas de zinco batendo umas nas outras.

— E alguém já viu isso acontecer?

— Não que eu saiba. Os habitantes da ilha afirmam que qualquer um que veja morre.

— Ai, credo! – um arrepio percorre minha espinha.

— Vamos continuar o passeio. Ainda há muito para se ver.

Voltamos a Praslin por quatro dias consecutivos, indo, a cada dia, em pontos diferentes por conta do tamanho da ilha. Tudo me fascinava e ficava imaginando como seria morar nesse lugar de sonhos. Uma terra aonde não havia cobiça e o amor à natureza superava qualquer oferta de riquezas

materiais em troca da exploração turística. O número de visitantes era limitado em todas as ilhas para evitar destruição do meio ambiente.

— Esta é a minha casa — diz François ao voltarmos para Mahé.

— Que linda! — olho encantada com a simplicidade aliada à beleza dos detalhes. — Foi muita gentileza de sua esposa convidar-me para o jantar.

Madeleine me recebeu com muita alegria e fez questão de mostrar tudo. A construção era de madeira em um estilo meio colonial, meio haitiano, e com uma enorme quantidade de janelas e enfeites feitos em madeira talhada. A casa ficava em um terreno repleto de plantas, flores, folhagens e coqueiros. Parecia uma pequena floresta.

A esposa de François é uma jovem negra extremamente linda, com um sorriso tão ou mais

impressionante que o dele.

— Como vocês conseguem?

— O quê, dona Deise? – pergunta ela, enquanto retira os pratos da mesa após terminarmos o jantar.

— Terem essa beleza mágica e envolvente. Seu marido me impressionou logo de cara e hoje, vendo você, fico ainda mais certa que este arquipélago possui algum segredo. Cada rosto que vejo, cada olhar, cada sorriso esboça uma alegria tão verdadeira que chego a desejar não ir mais embora para poder ter essa mesma felicidade que expressam.

— A felicidade não está, e nem pode estar, aonde a senhora vive – diz o rapaz. – Ela precisa estar em seu coração. Aqui ou em seu país, a senhora deve olhar para dentro de si mesma e perceber a pessoa maravilhosa que está escondida

PERIGOSAS NACIONAIS

ali. É, com certeza, uma obra-prima do Criador que nos criou para sermos felizes e desfrutarmos das belezas da natureza que ele nos deixou para cuidar.

Um alvoroço do lado de fora chama nossa atenção e François sai para ver o que aconteceu. Ao voltar, seu semblante estava triste.

— Desculpe, dona Deise — fala com a voz embargada. — Receio que más notícias tenham vindo interromper nossa noite.

— O que houve? — pergunta sua esposa.

— Nicole acabou de falecer.

Nicole era uma velha senhora de 97 anos, muito querida por todos.

Enquanto ele me levava de volta ao hotel, explicou que o costume local era o de vigiar o corpo por toda noite em um caixão aberto.

— O povo aqui é muito supersticioso —

PERIGOSAS ACHERON

explica. — Eles temem que o defunto seja roubado e transformado em um zumbi pelos *tialberts* das ilhas.

— O que são esses tial... O que mesmo?

— *Tialberts* são feiticeiros, a quem se atribuem muitos poderes mágicos. Todos os respeitam.

— Entendi.

Ele me acompanha de volta ao hotel.

— Obrigada por ter me trazido de volta e agradeça à sua esposa. Na confusão, creio que não agradei como deveria pelo delicioso jantar e pela noite maravilhosa. E, outra coisa, fique com seus amigos amanhã. Eles devem precisar de você. Eu posso aproveitar para dar umas voltas perto do hotel e, talvez, comprar algumas lembranças, está bem?

— Obrigado. Depois, telefono para
PERIGOSAS ACHERON

combinarmos os demais passeios.

— Combinado. Boa noite, François.

— Boa noite, dona Deise. Durma bem.

Acordei cedo e desci para o desjejum no restaurante do hotel. A mesa ficava ao ar livre como em todos os restaurantes da região. Servi-me de frutas e um suco de laranja para começar e, de repente, surge um lindo pássaro branco que, sem a menor cerimônia, pousou ao lado do meu prato. Já havia visto outros fazerem o mesmo nas mesas dos outros turistas, mas era a primeira vez que recebia essa visitinha. Meu mamão foi delicadamente devorado enquanto eu assistia aquele “cara de pau” acabar com minha refeição. E ele era a coisinha mais linda que já vira. Só não sabia que a cena se repetiria nos dias seguintes. Acho que o safadinho gostou de mim...

Sorri encantada com a situação e esperei

PERIGOSAS NACIONAIS

que ele terminasse sua alimentação para me levantar e me servir de outras coisas. Afinal, estava com muita fome.

Não havia uma variedade muito grande de souvenirs para se comprar, mas o passeio que fiz pela cidade de Victoria valeu a pena. No fim do dia, liguei para o Brasil.

— Olá, maninha. Tudo bem? —Áurea diz, animada com minha ligação.

— Tudo bem. E por aí, como vão as coisas?

— Tranquilas. A mãe queria falar com você, mas acabou de sair. Foi fazer umas compras.

— Mais tarde, eu ligo para ela. E você? Tudo em ordem?

— Tudo. Encontrei Rafael e ele perguntou quando você iria voltar. Eu disse que não sabia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho que deve estar preocupado sobre se vou continuar trabalhando com ele, mas, com a responsabilidade de ter de assumir a presidência das empresas...

— Pare! — interrompe minha irmã. — Deixe para pensar sobre essas coisas quando voltar para casa. Agora, trate de descansar, que é o que você precisa.

— Verdade, mas é difícil não pensar sobre o que me espera. Estou tão insegura...

— Deise, você não deve se preocupar. Com a assessoria do Marcos e da diretoria, com certeza se sairá muito bem. E, além do mais, você é muito inteligente. Vai tirar isso de letra.

A eloquência das palavras dela me animam um pouco e mudamos de assunto. Conto a ela algumas das experiências maravilhosas que tenho vivido aqui e em como esse lugar é mágico.

PERIGOSAS ACHERON

— Que bom que você está aproveitando a viagem — diz ela. — Pretende voltar quando?

— Ainda tenho vários lugares para visitar. Não quero perder nada. Tudo aqui é muito lindo e impressionante. Aviso quando marcar a viagem de volta, ok?

— Ok. Se cuide.

— Pode deixar. Estou muito bem assessorada e, além do mais, dificilmente algo ruim pode acontecer nessas ilhas. Tudo é extremamente calmo. Depois, ligo de novo. Mande um beijo para a mãe.

— Mando sim. Beijos, maninha.

Os dias seguintes passam tão rápido que quase nem sinto. Visitei Mayenne, Bird, Denis e, como em todos os lugares, fiquei encantada com as paisagens cheias de cores e os animais exóticos.

— Quem diria, François? Já estou aqui há

PERIGOSAS ACHERON

quinze dias...

— Verdade e, hoje, vamos visitar minha ilha favorita. Deixei La Digue por último porque eu a considero a mais linda de todas.

— E pode haver coisas mais lindas do que as que eu já vi? – pergunto no caminho para o barco que nos levará.

Da embarcação, é possível ter uma visão das pedras esculpidas pelo mar e pelos ventos, como também da intensa vegetação da ilha.

— Estou inclinada a concordar com você – digo ao desembarcarmos. – Que beleza de lugar!!

— Foram nessas praias que eu me criei. Sempre amei ficar olhando para essas pedras. Elas parecem pertencer a um grande acervo de obras de arte e, como vai ver, atrás de cada uma tem uma linda praia.

— Vou sentir falta dessas ilhas... – falo em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meio a um gigantesco suspiro.

— Todos sentem. Por isto, acabam voltando, alguns até para ficar de vez.

— Para ficar, eu não digo, mas, com certeza, voltarei um dia — digo convicta, percorrendo com o olhar aquela praia paradisíaca.

Essas foram também, minhas últimas palavras antes de embarcar no avião de volta para casa. De volta para a realidade... A realidade sem Alex...

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 9



Quase morro do coração ao ver aquele bando de gente me aguardando no saguão do aeroporto. Senti-me como uma atleta famosa, ganhadora de uma medalha de ouro em algum campeonato ou olimpíada. A exagerada da minha irmã fez até uma enorme faixa de “BOAS VINDAS”, segurada por ela e por Reinaldo. Um escândalo! Por sinal, delicioso...

Estavam presentes minha mãe, Áurea, Reinaldo, André, Tininha, Rafael, Barnes, Sonia, Lamarck, Marcos Torres, Helena, Odete e Nadinho. Uma verdadeira festa que me alegrou muito.

— Calma, pessoal! — disse, tentando chamar a atenção de todos. — Se continuarem falando ao mesmo tempo, não consigo entender

nada.

O turbilhão de perguntas, no entanto, continua até chegarmos em minha casa, aonde outra recepção, desta vez, dos funcionários, me aguardava. Só consegui responder a todos os questionamentos sobre a viagem umas cinco horas depois.

Aos poucos, um a um vai embora e, finalmente, sento-me exausta no sofá, enquanto Odete senta-se ao meu lado, oferecendo-me um chá quentinho.

— Puxa! Pensei que eles iam ficar aqui até amanhã – comento. – Mas, que bela festa todos fizeram! Apesar do meu cansaço, fiquei muito feliz com a recepção.

— Dona Áurea ficou planejando por vários dias como ia fazer e quem chamaria para estar junto. Estávamos com muitas saudades.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu também, Odete. O lugar é maravilhoso e passei dias incríveis ali, mas nada como estar em casa.

— E agora, dona Deise. Já decidiu o que vai fazer? Vai continuar trabalhando com o Sr. Rafael?

— Bem que eu gostaria, mas creio que não será possível. Com a morte de Alex, as empresas Alencar Rubiano ficaram sob minha responsabilidade.

— E tem alguma empresa de arquitetura no grupo?

— Na verdade, nem sei ao certo quais os segmentos de mercado que as empresas representam. Mas, creio que não há nesse ramo de arquitetura ou construção.

— Que pena. Se tivesse, a senhora poderia usar seus talentos...

PERIGOSAS ACHERON

— É mesmo. Mas, terei de usar meus talentos para outras coisas que nunca sonhei. Só espero dar conta.

— Com certeza, dará. E, caso tenha alguma dificuldade no início, a senhora tem uma grande equipe para assessorá-la.

— Tenho mesmo. O Alex sempre elogiava o Marcos e a diretoria. Chegava a ficar com ciúmes de tanto que ele falava sobre todos eles. Mas, acho que vou me deitar. Estou quebrada por conta da viagem e da festa.

— Aproveite que hoje é sexta-feira e durma até mais tarde amanhã.

— A ideia é ótima, Odete. Boa noite e bom descanso.

— Boa noite.

Ao entrar no quarto, um grande vazio se apoderou de mim. De repente, vi-me diante do
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quadro que seria uma constante a partir de agora: uma enorme cama sem ninguém para compartilhá-la comigo...

— Ah, Alex... O que houve conosco? — falei em voz alta. — Tínhamos tantos planos, tantos sonhos...

Deitei-me abraçada com um enorme urso de pelúcia, presente que ele me dera em nosso primeiro aniversário de casamento. Sem perceber, adormeci em meio ao choro.

Pela manhã, acordei inquieta, acometida de um mal-estar muito grande. Chamei Odete pelo interfone que liga meu quarto às demais dependências da casa.

— Bom dia — diz ela ao entrar no quarto. — Dormiu bem?

— Dormi, mas não estou me sentindo bem hoje.

PERIGOSAS ACHERON

A governanta se aproxima e coloca a mão em minha testa.

— Meu Deus! A senhora está queimando de febre! – diz assustada. – Vou ligar para o Dr. Wagner e ver em qual hospital ele pode atendê-la.

— Faça isso e peça ao Nadinho para tirar o carro para me levar. Vou me vestir.

Cerca de 45 minutos depois, já estava no consultório com o médico. Ele tem, se não me falha a memória, uns 40 anos, é meio gordinho, mas extremamente simpático e competente. Há muito tempo tem sido meu médico pessoal e cuida de seus pacientes com um carinho e uma atenção fora do comum.

— Vou pedir que a levem para um quarto – diz, enquanto escreve algumas coisas em meu prontuário.

— Será necessária uma internação? –

pergunto meio contrariada com a ideia.

— Sua febre e sua pressão arterial estão muito altas – explica ele. – Não posso liberá-la sem fazer alguns exames que podem ser um pouco demorados. Então, você ficará mais confortável se estiver no quarto, ok? É provável que seja alguma doença tropical que adquiriu em sua viagem.

Havia contado a ele sobre as ilhas, pois imaginei que seria algo transmitido em algum momento dos passeios ou no próprio avião.

Já no quarto, sinto o sono me vencendo e acabo dormindo por algumas horas. Sou acordada pela enfermeira que vem fazer os exames rotineiros e percebo que deixaram meu almoço sobre a mesa próxima à porta. Assim que a enfermeira sai, desço da cama e sento-me para almoçar. Comidas de hospital nunca são apetitosas e essa, em particular, estava bastante insonsa. Creio que por

PERIGOSAS NACIONAIS

recomendação médica devido ao problema de pressão que apresentei ao ser examinada mais cedo.

A demora em saber o resultado dos exames me deixa um pouco ansiosa. Voltar de um lugar paradisíaco e acabar internada não estava em meus planos, mas estou me sentindo bem melhor devido à febre já ter cedido.

Por volta das 17h, o médico entra e me encontra sentada na confortável poltrona ao lado da cama.

— Trouxe boas notícias, Deise — começa ele. — Felizmente, os exames não indicaram nenhuma doença tropical. Apenas uma gripe muito forte. Vou prescrever alguns remédios e você poderá voltar para casa, ok?

— Graças a Deus, doutor. Realmente, não estava nem um pouco animada de ter de ficar aqui — comento aliviada.

PERIGOSAS ACHERON

— Só vou encaminhá-la para um colega cardiologista a fim de verificar a alteração que constatei em sua pressão. Pode não ser nada, mas é bom investigar, está bem? Dr. Renato é muito competente e vai atendê-la muito bem, pode ter certeza.

— Obrigada. Assim que melhorar, marco uma consulta.

Ao chegar em casa, Odete me recebe com todo cuidado e atenção.

— Não precisa tanto cuidado, querida. Dr. Wagner disse que é apenas uma gripe forte – eu explico. – Depois que ele deu o diagnóstico, lembrei que acabei dormindo sem me cobrir direito. Devo ter pego uma friagem durante a noite.

— Ainda bem que foi só isso – diz ela. – A senhora deve estar com fome. Quer que eu peça para a Isaura servir o jantar?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quero sim. Estou faminta! A comida do hospital estava horrorosa! — brinco.

— Só uma coisa que deveria ter falado ontem, mas a senhora estava tão cansada que decidi deixar para hoje.

— O que foi, Odete?

— Enquanto a senhora estava viajando, ligaram de uma delegacia querendo falar-lhe.

— Delegacia? — estranho. — O que eles queriam?

— Não disseram. Mas, devem retornar, pois disse que a senhora estava fora do país descansando.

— Vamos esperar, então.

Fico pensativa sobre essa ligação, mas acabo acreditando ser algo relacionado ao acidente e vou jantar.

PERIGOSAS ACHERON

...

Na terça-feira e já refeita da gripe, levantei-me cedo e pedi ao Nadinho que me levasse até a sede das empresas.

Helena me recebeu alegre e me encaminhou para a sala da presidência, agora minha. Ao ver minha hesitação, a secretária insiste para que eu me acomode em minha cadeira.

— Não é muito fácil ocupar um lugar como esse – desabafo. – Substituir dois grandes empresários como Alex e meu sogro é uma tarefa dura.

— A senhora é muito capaz, dona Deise – diz ela. – Além do mais, conheço inúmeras mulheres que se saíram muito bem na direção de grandes empresas como essa. Na verdade, a intuição feminina e a forma mais ampla de enxergar os detalhes por parte das mulheres é

bastante benéfico para os negócios.

— Pode ser. Vamos testar isso, não é mesmo?

— Seu marido confiava muito no talento feminino. Grande parte da gerência dos departamentos está nas mãos de mulheres. Além do mais, estamos aqui para ajudá-la.

— Obrigada, Helena. Bom, o negócio é me sentar. A partir daí, seja o que Deus quiser!

A sensação é estranha. Um misto de orgulho, vaidade e temeridade me invadem. Acho que é isso que significa sentir o peso da responsabilidade sobre os ombros. É bom estar no topo, mas é preciso ter consciência de que não é uma brincadeira. Muitas famílias dependem dessas empresas e da minha administração. Não posso me dar ao luxo de me envaidecer e esquecer que qualquer erro pode ser tremendamente prejudicial.

— E, então? Pronta para começar sua nova vida?

Marcos, parado à porta do escritório, sorri ao dirigir-se a mim.

— Espero que sim – respondo.

— Tomamos algumas providências para sua posse e gostaria de colocá-la a par de tudo. Pode ser agora ou prefere se situar primeiro?

— Terei muito tempo para me ambientar. Sente-se e me conte tudo.

Marcos explica que ele e a diretoria aguardavam minha volta para agendar uma reunião, na qual pretendem me passar todos os detalhes relacionados as empresas, ramos de atividade, filiais, produtos e serviços oferecidos por nós.

— Que bom, Marcos. Esperava que fizessem isso mesmo. Alex comentava muito pouco sobre os negócios e preciso conhecer tudo para

PERIGOSAS ACHERON

poder administrar com eficiência. Na verdade, sou como uma nova funcionária que está começando no emprego. Tenho muito a aprender.

— Verdade. E sugiro que faça isso com calma. Com o tempo, estará inteirada de tudo e dominando com maestria. Posso agendar para amanhã cedo a reunião?

— Pode sim e gostaria de ter um encontro mais descontraído com os diretores, gerentes e chefes de departamento. Que acha de marcarmos um almoço ou uma recepção?

— Creio que uma recepção seria mais adequada – comenta Marcos. – A senhora teria mais tempo de conversar com cada um. O almoço traria uma certa limitação de tempo e espaço.

— Concordo. Vou ver os detalhes com a Helena e pedir que providencie tudo. Ah, e não precisa me tratar tão formalmente. Afinal, temos

pouca diferença de idade.

— Tudo bem. Mas, continuarei sendo formal diante dos funcionários para dar o exemplo de respeito que sua posição exige.

— Certo.

Ele se despede e sai. Helena entra em seguida e me mostra uma pasta azul sobre a mesa.

— Eu tomei a liberdade de escrever um texto para seu pronunciamento junto aos funcionários no auditório que fica no térreo do edifício. Eles estão ansiosos por conhecer a nova presidente. Só preciso saber quando deseja que eu marque essa reunião geral.

— Muito boa iniciativa, Helena – elogio a secretária. – Que tal marcarmos para quinta-feira? Como amanhã terei uma reunião com a diretoria, creio que seria melhor dar um dia a mais para que todos estejam presentes.

— Perfeito.

— Gostaria que você tomasse as providências para as duas reuniões e convocasse a todos.

— Sim, senhora. Precisa de mais alguma coisa?

— Por enquanto, não. Obrigada.

Fico um tempo apenas recostada à cadeira, examinando a sala e lembrando-me das poucas vezes em que estive aqui. Alex não gostava de ser perturbado no trabalho e, por isto, evitava aparecer a não ser que fosse convidada.

— “Talvez, eu faça algumas mudanças na decoração” – pensei ao observar os detalhes do ambiente.

Volto-me para a pasta sobre a mesa, abro-a e passo a ler e revisar o pronunciamento escrito por Helena.

PERIGOSAS NACIONAIS

Por volta das 10:30h, Marcos retorna e me encontra em pé junto à enorme janela atrás da mesa.

— Já está pensando em suicídio?! Seu início foi tão ruim assim? – brinca.

— Muito pelo contrário. Foi até muito produtivo.

— Que bom!

— Marcos, estou pensando em mudar a decoração. Tudo nesta sala é tão austero, frio...

— E traz muitas recordações, não é?

— Também. Apesar de ter visitado Alex pouquíssimas vezes, parece que ele continua aqui.

— Acho a ideia atraente. E é importante que você se sinta mais à vontade, num ambiente mais de acordo com sua personalidade.

— Verdade. Vou pedir alguns projetos

PERIGOSAS ACHERON

para meu amigo Rafael e ver qual escolho.

Ao final do dia, despeço-me de Helena.

— Até amanhã, querida.

— Até amanhã, dona Deise. Parece bem cansada.

— E estou mesmo. Mas, creio que é mais da tensão de iniciar algo totalmente novo para mim do que pela quantidade de serviço que tive.

— Já fiz as mudanças que pediu no texto e, também, agendei a palestra para quinta-feira.

— Obrigada. A reunião com a diretoria ficou para as nove horas de amanhã, não é?

— Isso mesmo.

— Ok. Boa noite, então.

— Boa noite.

— Direto para casa, dona Deise? — pergunta Nadinho quando entro no carro.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim. Quero descansar. Amanhã, terei um dia cheio.

— Vou tentar escapar um pouco do trânsito, está bem?

A boa vontade do motorista era grande, mas, mesmo com todas as voltas e reviravoltas, levamos quase 90 minutos para chegar em casa.

Roberto já me esperava à porta.

— Deseja um drinque? – pergunta ele solícito.

— Acho que vou tomar uma taça de vinho. Tem um *Cabernet Sauvignon* 2009 que estava guardando para tomar com Alex no dia de nosso aniversário de casamento quando voltássemos do jantar, mas, agora, é bobagem deixar fechado. Você traria para mim?

— Sim, senhora. Só um momento.

PERIGOSAS ACHERON

O mordomo sai por uns instantes e eu me sento na poltrona em frente à lareira. Fixo os olhos no quadro sobre ela. A figura imponente de Alexandro, pai, reflete toda rigidez e aspereza de sua personalidade. Não sei se sinto orgulho de tê-lo como sogro ou se raiva pelo que fez ao meu marido, transformando-o em um homem que só pensava nos negócios e em provar ao pai, mesmo depois de morto, que era competente e digno de ser seu herdeiro.

— Comigo, você não fará o mesmo, seu velho mesquinho! – pego-me a falar com o quadro, com os dentes cerrados e o dedo em riste em sua direção.

— Ih, tem gente ficando caduca...

Áurea entrara sem que eu percebesse.

— Há quanto tempo está aí? – pergunto.

— Tempo suficiente para vê-la pagar o

maior “mico” em frente dessa pintura – aponta para o quadro.

— Ora, ora. A menina falando gíria... Desde quando ficou tão moderninha? – caçoo.

— Ora, a gente precisa se atualizar. Mas, para quem não entende ainda, “pagar mico” significa “dar um fora” ou fazer papel de tonta...

— Engraçadinha! Sei muito bem o que isso quer dizer. Só não costumo usar essas expressões. Alex morreria se eu entrasse em uma de suas festas ou encontros sociais agitando os braços e dizendo: “E aí, galerinha? Cheguei pra detonar, falou?”.

— Hummm... Tem gente atrasada no tempo por aqui. A expressão “Falou?” é coisa velha já – diz ela, rindo. – Mas, eu conheço umas clínicas geriátricas excelentes. Quer que indique uma?

— Já vou dizer quem precisa de clínica

geriátrica... — avanço para ela, fingindo que iria pegá-la.

— Calma, maninha. Mas, você há de convir que vê-la falando sozinha com a figura nesse quadro horroroso é para se pensar, não é? Quer uma *bengalinha*?

Saio correndo atrás dela e acabamos parecendo duas menininhas brincando de pega-pega no meio da sala.

Após o jantar, voltamos a nos sentar no sofá perto da lareira.

— Como foi seu primeiro dia na presidência?

— Tranquilo, na verdade. Creio que amanhã será mais corrido, pois tenho uma reunião agendada com a diretoria. Aproveitei para ler algumas coisas no site das empresas para me adiantar no conhecimento dos negócios. E falei

PERIGOSAS NACIONAIS

com Rafael também. Pedi que ele fizesse um projeto para mudar a decoração da minha sala. Quero tirar aquele clima pesado.

— E deu para entender alguma coisa sobre o funcionamento das empresas?

— Um pouco. Pelo site, dá para saber que há uma diversidade grande de atividades. Temos uma fábrica de brinquedos, uma indústria têxtil que fornece tecidos para o mercado em geral e, também, para os brinquedos que fabricamos, uma confecção de roupas de cama, mesa e banho e uma transportadora que, além de escoar todos os nossos produtos, presta serviços a outras empresas.

— Uau!

— O melhor de tudo é que a interligação entre elas faz com que uma atenda às necessidades da outra, gerando uma lucratividade maior devido a economia de não termos de contratar terceiros. Há

PERIGOSAS ACHERON

uma diversidade também no setor de vendas com uma equipe de representantes externos e um departamento de Telemarketing bastante forte e atuante, tanto nas vendas quanto no pós-venda.

— Andou estudando bastante... — Áurea comenta.

— Na verdade, não queria chegar na reunião com a diretoria sem saber nada. Pelo menos, não vou parecer tão alheia aos negócios como era.

— E o Rafael? Como ficou seu emprego lá?

— Não ficou. Já conversamos sobre isso e ele mesmo disse que seria impossível para mim administrar as empresas e trabalhar com ele ao mesmo tempo.

— Ele é pedacinho de mau caminho, não é mesmo? — diz insinuando um possível

relacionamento entre mim e ele.

— Sim, mas casado...

— Ué? Ele não está separado?

— Está, mas não divorciado. E, pelo que pude perceber, eles ainda se amam e estou tentando convencê-lo a reatar com a esposa.

— Por quê? Ele seria um ótimo partido para você.

— Eu até tive uma quedinha por ele na época da faculdade, mas precisamos entender que muitos dos problemas que eles viveram são parecidos com os que vivi com Alex. O desejo de dar o melhor para a esposa fez com que Rafael se dedicasse demais ao trabalho e negligenciasse o relacionamento e o convívio familiar da mesma forma que meu marido fez comigo. Isto gerou ciúmes, desconfiança e insatisfação, porém, não significa que o amor tenha acabado. Rafael

PERIGOSAS NACIONAIS

entendeu que Luciane só estava triste com a solidão que o excesso de trabalho estava trazendo para ela. Creio que eles irão se acertar em breve.

— Você ainda se culpa com a morte de Alex?

— Não só pela morte, mas pela vida que poderíamos ter e desperdiçamos por não entendermos as necessidades um do outro.

— Você está certa. Espero que meu casamento seja diferente.

— Áurea, você pode ter certeza de uma coisa. Haverá muitos problemas, atritos, diferenças a serem acertadas, mas o importante é que os dois tenham consciência de que precisam lutar juntos para corrigir os erros e evitar rombos irremediáveis. Lembre-se sempre: ceder não é demonstração de fraqueza, mas de amor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 10



A reunião foi proveitosa e esclarecedora. Pude conhecer detalhes que não havia no site das empresas e me surpreendi com a quantidade de funcionários contratados em todas as fábricas, filiais e escritórios espalhados pelo Brasil. Não tinha ideia do tamanho de todo conglomerado. São tantas propriedades que levaria meses para visitar todas.

Após o almoço com os membros da diretoria, sentei-me no sofá da minha sala e tentava relaxar um pouco quando Helena entrou, anunciando a presença do Dr. Everaldo.

— Diga a ele que entre e peça para o pessoal da copa nos trazer um café, por favor.

— Sim, senhora.

O advogado entra e o recebo ali mesmo no sofá.

— Em que posso ajudá-lo, doutor? — pergunto enquanto ele se acomoda.

— Trouxe-lhe alguns documentos que devem ser assinados para que eu finalize os trâmites da transferência dos bens de Alex para a senhora.

— Obrigada.

Estendo a mão para apanhar a pasta que ele me oferece e dirijo-me à mesa, aonde a abro e reviso os documentos, assinando-os em seguida.

— Pronto — digo, devolvendo os papéis para ele.

— Certo. Agora, você é definitivamente a mais nova empresária de São Paulo. Basta apenas registrar esses documentos no cartório.

Passamos alguns minutos conversando sobre meus planos de fazer algum curso de administração ou algo que me ajude a melhorar meu desempenho na presidência. Ele sugeriu algumas opções muito interessantes, as quais fiquei de pesquisar.

— Engraçado, eu queria tanto trabalhar, mas não esperava que seria dessa forma – digo.

— Se fosse possível prever o que nos aconteceria ou para que rumo nossas vidas iriam, nossa existência seria sem sal, não acha?

— Verdade, doutor. Mas, a reviravolta que houve na minha é, de certa forma, assustadora.

Minha mente viaja para o dia em que estava sentada sozinha naquele restaurante. Eu me sentia tão sozinha, indignada, frustrada e com tanta raiva. Se, ao menos, eu tivesse deixado Alex se explicar, se desculpar. Mas, não! Eu precisava ser

dura! Mostrar toda minha fúria e descarregar minha frustração em cima dele. Sinto-me idiota agora porque estarei sozinha para sempre. Não tem mais volta...

Helena me desperta do breve devaneio e percebo que deixei o advogado falando sozinho.

— Desculpe, Dr. Everaldo. Fiquei tão absorta em meus pensamentos que não ouvi o que disse.

— Não se preocupe. Falava de banalidades. Agora, creio que sua secretária precisa lhe falar – diz ele, apontando para Helena.

— Há um investigador de polícia procurando pela senhora – diz ela. – Ele está na recepção.

— Deve ser o mesmo que ligou para minha casa enquanto eu estava em viagem. Mande-o subir, por favor.

Peço ao advogado que fique um pouco mais.

Em poucos minutos, uma figura bastante pitoresca entra em minha sala. Era um homem de cerca de 30 a 35 anos, cabelos escuros e olhos esverdeados. Bonito até. Trajava uma roupa um tanto extravagante que mais lembrava seriados policiais americanos antigos, do tipo *Starsky e Hutch* ou *Miami Vice*. Luto para não rir.

— Boa tarde. Sra. Deise Rubiano?

— Sim. Sente-se — digo, apontando a cadeira ao lado do advogado, apresentando-os. — O que deseja, senhor...?

— Castro. Detetive Romeu Castro — responde ele. — Precisamos falar sobre o acidente de seu marido.

— Claro. O senhor toma um café, um suco, uma água? — ofereço.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Uma água cairia bem, obrigado.

Peço que Helena providencie a água e suco para todos. Depois, volto-me para o detetive.

— Em que posso ajudá-lo, senhor Castro?

— Eu a procurei antes, mas, devido à sua viagem, não foi possível – começa ele. – E, por falar nisso, gostou de seu passeio pelas ilhas Seychelles?

— Muito. Pena que Alex não estava comigo. Com certeza, ele teria amado aquele lugar.

— Sinto muito pela sua perda e, infelizmente, creio que minha visita não será muito agradável.

— Por quê? – pergunto num misto de curiosidade e temor.

— Minha unidade ficou responsável por apurar as causas do acidente que vitimou seu

PERIGOSAS ACHERON

esposo. A perícia tirou inúmeras fotos do local e levou o carro para ser examinado. As provas levantadas apontam que não foi um acidente, mas um crime premeditado.

— **Meu Deus!!!**

As forças me fogem. Levanto-me assustada e sinto que vou desmaiar, ao que sou amparada por Castro que, percebendo meu mal-estar, corre em minha direção como um foguete. Dr. Everaldo apressa-se em me oferecer um copo de água, recém entregue por Helena, e ambos me fazem sentar no sofá.

Após alguns poucos minutos e já refeita, volto-me para o detetive sem entender nada e pergunto o motivo de suas suspeitas.

— Na verdade, não são apenas suspeitas, senhora — responde ele. — O fato é que a perícia detectou que os freios do carro foram sabotados

deliberadamente.

— Mas, que absurdo! — sussurro numa voz quase inaudível.

Meu coração mais parece um tambor de tão acelerado, minha cabeça dói e a sala gira como um carrossel. Tento me controlar para poder ouvir as explicações de Castro e entender o que está acontecendo.

— Por favor, detetive, continue — peço.

— Bem, como deve supor, foi aberto um inquérito para apurar as circunstâncias do crime e levantar prováveis suspeitos de terem sabotado o veículo. Desculpe, mas preciso lhe fazer algumas perguntas.

— Pois não. Pode perguntar o que quiser — respondo.

— Seu marido tinha inimigos?

— Não faço a menor ideia. Talvez, alguns concorrentes, mas inimigos? Realmente, não creio nisso.

— E vocês? Estava tudo bem entre os dois?

— Na verdade, estávamos passando por uma crise. Após a morte de meu sogro, Alex enterrou-se nos negócios e quase não nos víamos devido ao excesso de viagens, reuniões, jantares e serões que fazia.

— Sentia-se abandonada?

— Com certeza e isso foi o motivo de nossa última discussão dias antes de sua morte. Pena que só agora pude compreender que ele, na verdade, só queria provar a si mesmo, a mim e, principalmente, ao pai que era capaz de substituí-lo à altura.

— Ao pai, a senhora disse?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim. Alex sempre foi muito pressionado e cobrado por seu pai. Ele não admitia erros e era, por demais, severo e intransigente.

— Do tipo durão? – pergunta o detetive curioso.

— Do tipo perverso e cretino do meu ponto de vista – comento sem pensar.

— A senhora, pelo jeito, não gostava muito de seu sogro?

— Na verdade, não gostava de suas *atitudes*. Ele era mestre em humilhar as pessoas, principalmente, o filho. Qualquer pequeno deslize era motivo para uma repreensão desmedida.

— Conheço bem o tipo. Tive um chefe, antes de ingressar para a polícia, de quem poderia dar a mesma descrição. Mas, continuando sobre seu marido, a senhora tem ideia de quem lucraria com sua morte?

PERIGOSAS ACHERON

— Não. Sinto muito. Somente agora, estou me colocando a par dos negócios da família. Alex quase não falava sobre as empresas comigo e nem queria que eu me envolvesse. Preferia ter apenas uma bonequinha de luxo esperando por ele em casa. Isto quando resolvia aparecer...

— A senhora não o acompanhava nas recepções e jantares?

— Quase nunca. Eu não gostava muito dessas festas e, quando ia, acabava ficando de lado. Ele me largava sozinha e ia conversar com empresários, políticos e com quem mais tivesse algum interesse comercial. Quem, geralmente, me fazia companhia era Helena ou Marcos, presente na maioria delas.

— E quando eles não estavam?

— Ficava sentada no meio daqueles *chatos*. Mas, não me pergunte o que eles falavam e

PERIGOSAS NACIONAIS

nem seus nomes. Ficava tão entediada que não prestava a menor atenção.

— E agora que teve de assumir a presidência? Como se sente?

— Insegura. E pensar que eu é que terei de ir a essas reuniões... *Argh!*

O detetive esboça um breve sorriso, divertindo-se com minhas palavras.

— Mais umas perguntas – voltando ao ar mais profissional. – Aonde a senhora estava no momento do acidente?

— Em meu apartamento no Guarujá junto com minha irmã, seu noivo e um casal de amigos.

— E, antes de descer para o litoral, aonde estive?

— Por que essas perguntas, detetive? Sou suspeita de haver matado meu marido, por acaso? –

PERIGOSAS ACHERON

pergunto um tanto exaltada com o direcionamento da conversa.

— Todos são suspeitos, dona Deise — responde Castro com um ar meio autoritário e desconfiado.

Confesso que quase o mandei sair da minha sala, mas contive meus impulsos para evitar ainda mais desconfianças.

Expliquei a ele todos os meus passos, desde o dia em que Alex me deixara sozinha em nosso aniversário, com detalhes. Ele escutou atentamente, anotou algumas coisas em um bloquinho parecido com os bloquinhos dos seriados policiais. Lembrei-me da impressão que tive sobre ele quando o vi entrar hoje e quase solto uma gargalhada.

Dr. Everaldo percebeu e chamou a atenção de Castro para que ele não visse minha expressão

de riso, ao que agradei. Não queria constranger o detetive.

— Bem, aqui está meu cartão – diz o jovem policial após mais algumas perguntas. – Se lembrar de algo, me ligue, ok?

Aceito o cartão de Castro e nos despedimos.

— Que petulância achar que eu, justo EU, causaria a morte de Alex! – desabafo contrariada enquanto volto para minha mesa.

— É o trabalho dele, Deise – diz o advogado, tentando me acalmar. – A polícia precisa investigar todas as possibilidades.

— Eu sei, doutor – digo, sentando-me em minha cadeira. – Mas, quem teria feito isso?! Meu Deus! Alex assassinado... Que coisa terrível!

— Verdade. Nunca imaginei que isso fosse possível. Sei que grandes empresários como ele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sempre criam certas inimizades, mas Alex era mais carismático que o pai e criou excelente relacionamento com fornecedores, clientes, funcionários e até junto aos seus concorrentes. Não consigo pensar em ninguém que quisesse sua morte.

Marcos entra em minha sala bastante alterado. Helena havia dito que um policial estivera conversando comigo e queria saber o que acontecera. Expliquei sobre a perícia no carro e as suspeitas de sabotagem que ocasionaram o acidente. Ele me ouvia com expressão de incredulidade e, levantando-se de onde se sentara, andava nervoso de um lado ao outro da sala.

— Mas, como isso é possível?! — perguntava-se a si mesmo. — Não dá para acreditar...

— Nós também ficamos perplexos com a

PERIGOSAS ACHERON

notícia — comenta Dr. Everaldo. — Agora, a delegacia responsável vai apurar os fatos e a única coisa que podemos fazer é esperar pelos resultados da investigação. Como advogado da empresa e da família, vou solicitar que me ponham a par do andamento do processo e os mantereí atualizados.

— Faça isso, doutor — diz Marcos, concordando com sua sugestão. — E conte comigo, Deise. Será um tempo difícil que você viverá.

— Eu sei, Marcos. E pensei que não havia mais nada para acontecer...

Minha expressão de tristeza e medo comovem aos dois que, em silêncio, ficam sentados por alguns minutos para me consolar e fazer companhia.

O turbilhão de ideias que passam pela minha cabeça nesse período me deixa apavorada. O que mais poderia vir? E em quem eu poderia

confiar a partir de agora? Alguém matara Alex. Mas, quem? Quem?!

— Deise, acho que você deveria ir para casa — sugere Marcos. — Quer que eu a leve?

— Que horas são? — pergunto.

— Quase cinco da tarde.

— Então, Nadinho já deve estar na garagem do prédio me esperando. Combinei que viesse me buscar nesse horário. Obrigada.

Peço para Helena verificar se o motorista já havia chegado e ela confirma que sim. Despeço-me de Marcos e do advogado e desço para o subsolo do edifício.

A volta para casa estava silenciosa. Não conseguia parar de pensar em tudo que Castro contara sobre suas investigações. Quando percebi, estávamos perto da praça em que fiquei esperando em vão por Alex. Pedi a Nadinho que parasse o

PERIGOSAS ACHERON

carro e me deixasse ali. Ele obedeceu sob protestos de que eu não estava bem e que deveria ir para casa. Só concordou quando disse que procurasse um estacionamento próximo e que o chamaria assim que quisesse ir embora.

Dirigi-me ao meio da praça e me sentei no mesmo banco de dias atrás. As recordações de anos distantes começam a surgir sem que eu me dê conta.

— *“Posso me sentar ao seu lado?”* — pergunta um jovem intrometido.

— *“O banco é público, não é?”* — respondo rispidamente.

— *“Puxa, está brava hoje. Comeu jiló no almoço?”*

— *“E é da sua conta o que eu comi ou deixei de comer? Nem o conheço!”*

— *“Tudo bem — ele disse, levantando as*
PERIGOSAS ACHERON

mãos em defesa. – Só queria puxar papo. Desculpe”.

— *“Não, sou eu quem precisa se desculpar. Tive um dia difícil hoje, mas isso não me dá o direito de descontar em ninguém, principalmente em quem nem sequer conheço”.*

— *“Alex”.*

— *“Como?” – pergunto.*

— *“Alexandro Rubiano ao seu dispor”.*

...

As lembranças fazem as lágrimas correrem sem barreiras e não sei se posso suportar tanta dor. Desde o enterro, tento não pensar ou chorar, fugindo da saudade que sinto, mas hoje é impossível.

— Boa noite. A senhora precisa de ajuda?

— Não, obrigada. Estou bem – respondo,

enxugando as lágrimas.

Ao olhar para cima, tenho uma surpresa.

— Eu a conheço... — diz o rapaz à minha frente.

— Não era você que estava sentado naquele banco outro dia? Estava esperando sua namorada.

— E a senhora esperava seu marido, não é mesmo? E aí, ele apareceu?

— Infelizmente, não.

— Está esperando por ele novamente?

— Desta vez, não. Vim apenas recordar...

— Posso me sentar ao seu lado.

Aquelas palavras têm um forte efeito sobre mim e quase perco o fôlego, mas respondo que sim.

— O que houve? A senhora parece tão abatida... — repara o jovem.

Conto a ele sobre a morte repentina de Alex.

— Puxa! Sinto muito em saber. Agora, entendo por que chorava.

— Tudo bem. E foi até bom tê-lo encontrado, pois acabei resgatando um momento feliz do passado. Foi aqui que vi meu marido pela primeira vez. Estava sentada remoendo uma raiva de coisas ruins que tinham me acontecido quando ele chegou e pediu para se sentar ao meu lado. Do mesmo jeito que você fez agora a pouco.

Conto a ele rapidamente sobre meu primeiro encontro com Alex e o que conversamos naquele dia.

— Ele não era muito original nas “cantadas”, não é mesmo?

— Com certeza, não era mesmo — concordo, esboçando um sorriso. — E sua garota,
PERIGOSAS ACHERON

como vai?

— Bem. Meio zangada comigo...

— Por quê? Você aprontou alguma? —
pergunto curiosa.

— Na verdade, ela passou no vestibular da UNIASSELVI, em Santa Catarina, e me disse que umas amigas que também irão estudar lá propuseram alugar uma casa ou apartamento para morarem juntas. Eu disse que a ideia era muito boa e, aí, acabei levando a maior bronca.

— Essa eu não entendi. Por que ela ficou brava com você? Até *eu* achei a ideia excelente. Morar sozinha, além de dispendioso, é muito triste.

— Foi o que eu disse, mas ela ficou muito brava. Disse que eu não gostava dela, que não via a hora de me ver livre dela e coisas semelhantes. Foi aí que percebi o que estava acontecendo. Acho que ela esperava que eu fizesse uma cena de ciúmes,

PERIGOSAS ACHERON

que dissesse para ela não ir ou algo assim.

— Ou que propusesse ir junto...

— É, não pensei nessa hipótese...

— E o que vocês vão fazer?

— Não sei. Creio que teremos de manter um relacionamento a distância. Eu acabei de perder meu emprego e estou sem condições de me mudar para qualquer lugar no momento. E minha família não poderia bancar minhas despesas também.

— Você estuda?

— Não. Já sou formado em Arquitetura.

— E está desempregado? Por quê?

— A firma em que trabalhava faliu. Havia um sócio que lesou a empresa e fugiu para os Estados Unidos com a grana.

— Que safado! E você é um bom arquiteto?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pelo menos, tento ser — responde ele meio sem graça.

— Quanto tempo você trabalhou nessa empresa? E qual sua especialidade?

— Trabalhei lá desde que me formei há oito anos. Comecei como estagiário e me especializei em Fachadas, Paisagismo e decoração de interiores.

— Então, creio que posso arrumar um emprego para você.

— A senhora está brincando! — exclama ele quase pulando de alegria.

— Tenho um amigo que precisa de uma pessoa nesse momento. Eu ia trabalhar com ele, mas, com a morte de Alex, vai ser impossível. Perguntei ontem se ele já havia arrumado alguém e ele disse que não. Desculpe, mas como você se chama?

PERIGOSAS ACHERON

— Fabiano.

— Muito bem, Fabiano. Vou apresentá-los e vamos ver o que acontece. Que acha?

— Obrigado. Vai ser muito bom.

Nem percebi o tempo passar. Fabiano é um rapaz muito simpático e creio que vai se dar bem com Rafael.

Chamei Nadinho e, já em casa, peço que Roberto me prepare uma bebida e me sento na sala de estar absorta em meus pensamentos.

Odete se aproxima preocupada.

— Aconteceu alguma coisa, dona Deise? A senhora está tão abatida...

Conto a ela e a Roberto tudo o que ouvira do detetive. Eles ficam pasmos ante aos fatos, quase que paralisados.

— Que horror! Quem faria isso ao Sr.

PERIGOSAS NACIONAIS

Alex?!

— Não sei, Roberto. Fiquei tão ou mais indignada do que vocês quando Castro me falou sobre isso. Quase desmaiei de susto.

— Imagino... – diz Odete. – E será que o Sr. Alexandro e dona Esther também podem ter sido assassinados?

— O pai e a mãe de Alex? – pergunto sem entender.

— É, dona Deise. O acidente deles foi quase no mesmo local do de seu marido e quase do mesmo jeito.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 11



Meu corpo dói em demasia devido a todo stress das últimas semanas. O detetive Castro interrogou a mim e aos executivos da empresa inúmeras e repetidas vezes. Sempre com as mesmas perguntas e já não aguentava mais ter de dar sempre as mesmas respostas.

— O Sr. Rafael está ao telefone — informa Helena.

— Obrigada... Alô, Rafael.

— Pela voz, já deu para perceber que você não está bem.

— E não estou mesmo.

O cansaço, a angústia, o nervosismo acabam me vencendo e começo a chorar convulsivamente. Solto o telefone e Helena,

PERIGOSAS ACHERON

prontamente, o pega.

— Desculpe, Sr. Rafael. Ela não está em condições de conversar com ninguém.

— Percebi assim que ela disse “Alô”. Você pode me fazer um favor? Peça ao Nadinho que a traga até meu escritório. Vou tentar distrai-la de alguma forma e, caso seja preciso, a levo ao médico para ver se lhe receita um calmante ou algo assim.

— Está bem.

— Estou esperando.

Cerca de vinte minutos depois, Rafael me aguarda na recepção da sua empresa. Logo, subimos ao seu escritório.

— Por que não me procurou, Deise? Você está desmoronando com toda pressão que vem sofrendo.

— Eu sei, mas o que você poderia fazer?

— Ouvi-la, por exemplo? Sei que não é grande coisa, mas poderia ter sido de alguma valia. Quem sabe, teria levado você para jantar ou passear em algum lugar, talvez.

— Poderia ser bom. Estou tão cansada! Não tenho cabeça para nada. Até a mudança de minha sala acabei adiando com tudo que vem acontecendo. Seu projetista tentou marcar uma visita tantas vezes que perdi a conta.

— Isso é o que menos importa agora. O que precisa é buscar se acalmar e não ter medo de pedir ajuda aos amigos. Dividir o fardo sempre funciona, concorda comigo?

— Concordo – respondo já mais calma.

— Talvez, fosse interessante fazer uma terapia.

— Nem pensar! Detesto ficar falando com
PERIGOSAS ACHERON

psicólogos. Eles são muito chatos.

Rafael ri com meu comentário.

— Eles podem ser chatos, mas stress também mata, sabia?

— Sabia, mas uma das coisas que mais me irritava nas festas em que ia com Alex eram os papos sobre terapeutas que surgiam do nada. Sei que estou debaixo de muita pressão, mas não quero nenhum psicólogo xeretando minha cabeça.

— Tudo bem, mas deve se cuidar. Pelo menos, conte com seus amigos e com sua família para desabafar ou algo assim. Agora, que tal reunirmos o pessoal e irmos jantar em algum lugar bem legal.

— Vamos. Estou mesmo com fome.

O maitre nos encaminha a uma mesa.

— Pena que Suzana e Carlos não puderam

vir – lamenta Barnes.

— Verdade – concorda Cris. – Mas, Carlos tem uma ótima desculpa. Está comemorando seu aniversário de casamento com um encontro romântico.

— Pena que Alex não era como Carlos... – lamento.

— Deise, as pessoas têm personalidades e pensamentos diferentes. Não faça isso a você mesma, comparando os dois desse jeito.

A bronca de Rafael desperta vários outros comentários do pessoal sentado à mesa. Arrependo-me grandemente de ter reclamado porque essa história rendeu até que os pratos fossem servidos e todos esquecessem do assunto para se concentrarem em suas refeições.

— Lamarck, você nunca se casou? – pergunta Cris.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vai ver que é porque ele é muito chato
— brinca Rafael.

— Chato, eu?! Olha quem fala! — retruca Lamarck, aderindo à brincadeira.

— Não briguem, meninos. Afinal, nem todos podem ser tão lindos, simpáticos e carismáticos como eu.

— Mas, vejam só! O novato já está mostrando as asinhas.

— Que é isso, Lamarck? Eu nem tenho asas... — continua brincando Fabiano, mostrando que já estava bem enturmado com o pessoal.

O jantar segue tranquilo e, por algumas horas, consigo me esquecer do rumo que minha vida tomou depois dos últimos meses. E pensar que nem conhecia toda essa turma divertida e alto astral antes de brigar com Alex.

O telefone de Rafael toca.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim? – diz ele ao atender. – Boa noite, dona Wilma. Tudo bem?

Wilma é a mãe de Luciane e todos prestam atenção à conversa, pois é muito estranho que ela ligue para Rafael tão tarde da noite. Já eram quase dez horas.

— Sério?! Mas, como ela está?... Não, não se preocupe, por favor. A senhora fez bem em me ligar... É claro. Não é porque estamos separados no momento que eu não me sinta responsável por ela... Sim, irei agora mesmo... Sei onde fica... Tudo bem, já lhe disse que não precisa se preocupar. Fique calma, está bem? Estou saindo agora mesmo... Ótimo! Chego em alguns minutos... De nada. Até já.

— O que houve? – pergunto atemorizada com o que pudemos ouvir da conversa.

— Luci sofreu uma queda e está no

hospital – explica ele.

— Foi grave?

— Ainda não sei, Lamarck. Dona Wilma disse que ela está fazendo alguns exames, mas está consciente.

— E como ela caiu? – pergunta Cris, também preocupada.

— Parece que escorregou nos degraus da escada que dá acesso ao edifício em que mora. Pelo que entendi, os degraus estavam molhados por algum motivo.

— Quer que alguém vá com você?

— Não precisa, Deise. O hospital é aqui perto e não deve ser nada muito sério.

— Mas, eu vou – diz Lamarck. – Uma companhia sempre ajuda.

— Obrigado, amigo. Bom, mando notícias

PERIGOSAS NACIONAIS

assim que souber de mais detalhes, ok?

— Ok — concordam todos.

Fabiano se oferece para me levar até em casa, ao que agradeço. No caminho, conversamos sobre seu novo trabalho e ele, entusiasmado, conta detalhes de seus projetos e ideias.

— Você está muito feliz com sua nova função, não é?

— Estou sim e, também, muito grato pela senhora ter me apresentado a Rafael.

— Por favor, senhora não! Sou muito nova ainda — brinco. — Mas, esqueci de perguntar se era seu caminho me levar para casa. Onde mora, Fabiano?

— No Brooklin.

— Mas, você estava perto de sua casa... Se soubesse, eu teria chamado um táxi.

PERIGOSAS ACHERON

— Que é isso? É um prazer poder ajudar. Além do mais, a senhora... Digo, você não poderia perder a companhia desse galã, não é? Já disse que as menininhas piram quando me veem? — aponta para si mesmo enquanto fala.

— Você é engraçado.

— Olha, as gatinhas já me disseram que eu sou lindo, simpático, romântico, carinhoso e parecidíssimo com Leonardo Di Caprio, mas engraçado?! Essa é a primeira vez.

Seguimos o trajeto nesse ar de brincadeiras até minha casa.

— Tem certeza de que não quer entrar e tomar um café ou um drinque?

— Tenho sim. Tenho um projeto que preciso finalizar até amanhã e pretendo trabalhar nele ainda hoje.

— Mas, é tarde — comento.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, mas o cliente tem certa urgência e creio que vou varar a noite em cima da prancheta.

— Gostaria de estar no seu lugar...

— Já que gosta tanto de arquitetura, por que não investe na área? Sei lá, monte uma empresa.

— Com tantas empresas que tenho sob minha responsabilidade, seria bem difícil. Teria de montar uma equipe de confiança e deixar tudo nas suas mãos. Mal teria tempo de estar com eles na elaboração e execução dos projetos.

— Verdade. Bom, preciso ir. Você ficará bem?

— Ficarei sim, obrigada. E bom trabalho.

— Obrigado.

Fabiano é um rapaz interessante, atencioso, bom papo... Tomara que dê tudo certo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

entre ele e a Jussara. Hoje em dia, não se encontram pessoas como ele com facilidade.

Após um banho demorado, vou me deitar. Durmo rápido, bem diferente das outras noites.

Logo pela manhã, desço para tomar café e encontro Odete na sala de jantar.

— Bom dia, dona Deise. Dormiu bem?

— Dormi sim, Odete. O passeio de ontem me fez bem.

— Graças a Deus. Estava preocupada – diz ela enquanto me olha com carinho. – Não tem sido fácil para a senhora.

— Não mesmo. Ontem, dei o maior vexame no escritório. Todos ficaram alvoroçados.

— Não sei por que acha que foi um vexame. Todos sabem pelo que a senhora está passando.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim, mas eu sou a presidente das empresas. Não posso me dar ao luxo de desmoronar na frente dos funcionários. Que exemplo passarei ou que segurança eles terão em mim se não sou capaz de controlar minhas emoções?

— A segurança de saber que sua chefe é um ser humano, de carne e osso como eles. Alguém que possui total condição de compreender seus problemas e necessidades.

— Espero que tenha razão, Odete.

— E tenho. Ou já esqueceu que também sou sua empregada?

— Você é muito mais do que isso para mim. Obrigada por tudo.

Roberto nos interrompe para avisar que o detetive Castro estava na porta, desejando falar comigo.

— Peça a ele que entre, Roberto. já vou

PERIGOSAS ACHERON

atendê-lo. Mas, o que será que esse homem quer logo cedo? – pergunto meio indignada para a governanta.

Vou para a sala de estar e o recebo.

— Bom dia, sra. Rubiano.

— Bom dia. A que devo a *honra* dessa visita tão cedo?

— É minha impressão ou a senhora não está muito feliz em me ver?

— O que acha? – falo ironicamente.

— Desculpe. É que gostaria de lhe falar antes que saísse.

— Por quê? O que precisa saber que eu ainda não lhe tenha dito?! – pergunto meio agitada.

— Calma, por favor – pede ele gentilmente. – É que surgiram novos questionamentos e eu não queria falar isso em seu

escritório.

— Não entendi...

Convido-o a sentar, pois minha raiva de ser importunada logo de manhã e antes que eu tivesse a oportunidade de comer alguma coisa me fizeram atendê-lo em pé.

— Desculpe minha falta de educação. Aliás, já tomou seu café da manhã. Ia fazer isso quando chegou. Gostaria de me acompanhar?

Ele aceita e nos acomodamos à mesa e, após nos servirmos, ele continua a conversa de onde parou.

— Como disse a pouco, surgiu uma nova vertente nas investigações e há indícios de que o acidente sofrido pelos seus sogros também tenha sido criminoso.

— Mas, de onde tirou essa ideia maluca? — pergunto sem entender mais nada. — Por que isso

PERIGOSAS ACHERON

não foi levantado na época?

— Na verdade, essa hipótese chegou a ser cogitada, mas, como o carro explodiu na colisão, os peritos não conseguiram confirmar nada. Só havia o depoimento de testemunhas sobre o motorista parecer estar sem controle pouco antes da batida contra o morro. Então, o caso ficou sem uma solução e arquivado. Pelo menos, até agora. Como o acidente que vitimou seu esposo foi próximo ao local em que aconteceu o outro e em circunstâncias parecidas, o delegado decidiu reabrir a investigação.

— Entendo... Será possível?!... O que mais vai surgir, meu Deus?!

Minhas palavras saem entrecortadas e meio sem estarem direcionadas a ninguém especificamente. Saem apenas soltas no ar.

— Quero que saiba também – continua ele

— que não há mais nenhuma suspeita que recaia sobre a senhora.

— Pelo menos isso — digo aliviada em meio a um grande suspiro. — Mas, eu não consigo imaginar quem faria algo assim. Nem por quê.

— Desconfiamos que seja alguém ligado aos negócios das empresas. A senhora tem alguma noção de quem se beneficiaria com a morte dos três?

— Ou dos dois... — digo. — Minha sogra era como eu e não participava dos negócios.

— Por isso, a descartamos como suspeita. Além de não ter nenhuma ligação ou contato com quem pudesse sabotar o veículo, a senhora não tinha interesse em se tornar a presidente. Assumi por não haver outra opção, estou certo?

— Certíssimo. O que eu queria mesmo era exercer minha profissão como arquiteta... —
PERIGOSAS ACHERON

confesso. – Não entendo nada de administração e estou, inclusive, pensando em fazer uma faculdade para me ajudar a dirigir melhor as empresas.

— A ideia é boa. Bem, eu a mantereí informada sobre o andamento das investigações. Obrigado pelo café. Ah, e não comente com ninguém sobre isso ainda. Como não sabemos quem é o responsável pelas mortes, não é bom prevenir o assassino.

— Tudo bem e, mais uma vez, perdoe-me por tê-lo recebido tão mal...

— Fique tranquila – interrompe o rapaz. – Sei o quanto deve estar sob pressão.

Castro se despede e sai, deixando-me sozinha com meus pensamentos.

— “Que loucura! – penso – Parece até que estou no meio de um filme!”

— A senhora já vai sair? – pergunta a
PERIGOSAS ACHERON

governanta.

— Vou sim. Peça ao Nadinho para deixar o carro pronto. Só vou pegar um casaco e a bolsa.

— Sim, senhora. Ah, e não esqueça que sua mãe e sua irmã virão para o jantar hoje.

— Puxa! Ainda bem que me lembrou. Precisa de alguma coisa?

— Não. Já providenciamos tudo.

— Então, já vou. Qualquer coisa, me ligue e tenha um bom dia.

— A senhora também.

No elevador das empresas, estou tão absorta em meus pensamentos que nem percebo que já chegara ao 15º andar.

— A senhora não vai descer?

A voz gentil do ascensorista me tira do transe e saio, um tanto sem graça, rumo a minha

sala.

Helena entra para tratarmos da agenda do dia.

— A senhora está bem? — pergunta ela, reparando minha apreensão. — Alguma coisa errada?

— Não é nada, querida. Só cansaço... Você poderia fazer o favor de ligar para o Rafael e transferir para minha mesa?

— Sim, senhora. Mais alguma coisa?

— Por enquanto não, obrigada.

Fico sentada pensando em tudo o que Castro dissera e imaginando quem lucraria com a morte de Alex e do meu sogro.

Assusto-me quando o telefone em minha mesa toca.

— Sua ligação, dona Deise — ouço a

secretária dizer quando atendo.

— Obrigada...

— Bom dia, minha amiga. Dormiu bem?

— Como uma pedra, Rafael. Mas, e a Luci? Estou ansiosa por notícias.

— Ela está bem. Quebrou o braço na queda e a maior preocupação do médico era a batida na cabeça, mas os exames descartaram qualquer complicação mais grave. Creio que terá alta amanhã.

— Tomara que ela se recupere logo.

— Também espero. Fiquei apavorado com a ideia de perdê-la ontem.

— Quer um conselho, meu amigo? Assim que ela melhorar, convide-a para um jantar romântico e peça para reatarem. Procure reconstruir suas vidas. Vocês se amam e não vale a pena

destruir uma relação por causa de bobagens.

— Vou tentar, Deise. Realmente, ela é o meu tesouro e vou procurar dar-lhe mais atenção e não deixar mais o trabalho roubar o tempo precioso que podemos ter juntos.

— Muito bom saber disso. Agora, você pode almoçar comigo hoje? Tem algo que preciso falar e creio que você é a única pessoa com quem posso conversar sobre isso.

— Posso sim. Pego você às 12:30h, está bem? Podemos ir ao Coco Bambu da Av. Juscelino Kubitscheck. Eles servem um camarão maravilhoso!

— Perfeito. Até lá.

Já no restaurante, o garçom nos estende o farto cardápio e é difícil escolher entre tantas opções incríveis.

— Que tal pedirmos *Camarão*
PERIGOSAS ACHERON

Jangadeiro? – sugere Rafael. – Eles são recheados com catupiry, empanados e servidos sobre um delicioso arroz à grega e batatas gratinadas. E serve duas pessoas muito bem.

— Gostei da sugestão.

— E para beber? – pergunta o garçom.

— Creio que um vinho branco. Que acha, Deise?

— Ótimo.

O garçom se retira.

— Mas, o que você queria me falar? – pergunta Rafael.

— O detetive Castro esteve esta manhã em casa e...

Rafael escuta atentamente enquanto narro os detalhes de minha conversa com Castro.

— Que loucura, Deise! – diz meu amigo,

PERIGOSAS NACIONAIS

assustado com o que acabara de ouvir. — E você também pode estar em perigo. Quem matou os dois pode querer matá-la agora.

— Não havia pensado nisso. Queria apenas me abrir com alguém em quem, com certeza, posso confiar.

— E você desconfia de alguém em particular?

— Não. Pode ser qualquer um ligado às empresas. Um cliente insatisfeito, um fornecedor, até alguém da diretoria... Não sei o que fazer, Rafael. Estou assustada e com muito medo.

— E com razão.

— As empresas cresceram muito nos últimos anos. Eles investiram pesado e alcançaram vários mercados novos no Brasil e no exterior. Provavelmente, incomodaram alguns concorrentes e despertaram inveja e cobiça em certas pessoas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O número de suspeitos é bem grande, então. Vai ser difícil para a polícia chegar a quem fez isso.

— Foi o que Castro comentou. Chegou a suspeitar de mim, mas fui descartada das investigações.

— De você?! Que absurdo!

— Pois é, mas, em casos assim, dá para entender. Não o culpo. Acho que eu também desconfiaria da esposa que herdou tudo...

— Gostaria de poder ajudar.

— Só de me ouvir, você ajuda mais do que pensa, Rafael.

— Mas, como sabe se não sou eu o *assassino cruel*? – brinca ele.

— Nossa! É mesmo! – digo, entrando na brincadeira. – E se você for o *bandido da tarja*

PERIGOSAS ACHERON

preta?

— Tarja preta?! — pergunta, rindo.

— Ué. Os grandes bandidos sempre têm nomes estrambólicos, tipo “O bandido da luz vermelha”, “Jack, o estripador”, “O Maníaco do parque...”.

Rimos um pouco.

— Sabe, meu amigo. Estou brincando, mas, no fundo, tenho medo. Nunca imaginei que algo assim pudesse acontecer. A gente vê tantas notícias sobre crimes, mas não esperamos que eles cheguem à nossa porta.

— É, mas, às vezes, chegam. O negócio é não se deixar amedrontar, Deise. Não lhe fará nenhum bem ficar remoendo ideias loucas agora.

— O que preciso mesmo é de um amigo...

Ele segura minha mão carinhosamente e

PERIGOSAS NACIONAIS

promete que vai estar ao meu lado até que tudo seja esclarecido e o responsável preso.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 12



— E aí, Luci? Seu braço melhorou? — pergunto enquanto recebo a ela e a Rafael em minha casa.

— Melhorou sim, obrigada. Ainda terei de ficar um tempo engessada e, depois, fazer fisioterapia, mas, graças a Deus, não aconteceu algo mais sério.

— Verdade — concordo. — Sentem-se que vou pedir ao Roberto para servir alguns drinques. O que preferem?

— Pode ser um martini — diz Rafael.

— Eu não posso beber por conta dos remédios que o médico receitou, mas aceitaria um suco.

— Perfeito. Vou falar com o Roberto para

PERIGOSAS NACIONAIS

preparar o martini e para a Isaura trazer um suco. Que sabor você gostaria?

— De laranja seria ótimo, obrigada.

Eu também pedi um martini e, depois de todos servidos, passamos a conversar descontraidamente.

— Fiquei muito feliz em saber que vocês reataram, Luci. O Rafael estava muito triste com a separação e acredito que você também.

— Verdade, Deise. Sentia muita falta dele e, quando ele foi me buscar no hospital, acabamos nos entendendo. Fiquei até feliz de ter sofrido aquela queda, pois pude perceber o quanto Rafael se preocupa comigo.

Estava uma noite quente. A frente fria que estava sobre São Paulo, finalmente, deu uma trégua e sugeri que fossemos à beira da piscina para saborear as bebidas até a hora do jantar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quanto tempo você vai ficar com esse gesso? – pergunto.

— Cerca de três meses, segundo o médico. Ele, inclusive, disse que tive muita sorte de não haver fraturado outras partes do corpo. A queda foi bem feia.

— O importante é você descansar e aproveitar o tempo para abusar os paparicos do maridinho...

— Verdade. E são muitos – completa ela rindo.

— E eu prometi a ela que os negócios nunca mais roubarão nosso tempo juntos – diz Rafael. – O susto que levei ao saber que ela caíra e que algo muito ruim pudesse ter acontecido me fez acordar para o que realmente é importante. A família deveria ser a prioridade de todos. Acho que, se fosse, não haveria tantos conflitos e tantas

PERIGOSAS ACHERON

separações.

— Concordo. Se eu tivesse percebido certas coisas antes, com certeza Alex estaria ainda comigo – lamento com pesar.

O jantar é servido ali mesmo na beira da piscina. Isaura preparou um cardápio delicioso com uma salada mista acompanhada de um delicioso arroz à grega e um peixe ao molho *rosê* fantástico. A sobremesa foram morangos cobertos com uma fartíssima camada de chantily.

— Essa sobremesa é para derrubar todo “light” da refeição, não é? – brinca Luciane.

— E quem disse que só de regime vivem as mulheres? – completo.

— Freud, se não me engano... – responde Rafael em tom de pilhéria.

A brincadeira segue por um tempo. Bem que eu precisava rir um pouco. A tensão dos
PERIGOSAS ACHERON

últimos dias estava acabando comigo.

— Deise, como você está se saindo na direção dos negócios da família? – pergunta Luci curiosa.

— Acho que já estou pegando o jeito. Essa semana fui, diretamente, responsável por ganhar uma concorrência muito importante para as empresas. Vamos abrir uma filial da fábrica de brinquedos no Nordeste e, com isto, gerar muitos empregos na região ao mesmo tempo em que abre um novo mercado.

— Parabéns! – diz Rafael, aplaudindo. Não disse que você era capaz? E isso é só o começo, você vai ver.

— Obrigada.

— Você merece, Deise – completa ele.

— Agora, o que mais me preocupa são as investigações sobre a morte de Alex – digo,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mudando de assunto. – O detetive Castro disse que já tem alguns suspeitos, mas não quer dizer quem são para não prejudicar o andamento do processo.

— Ou para não a colocar em embaraços – diz Luciane sabiamente. – Afinal, haveria certo constrangimento se essas suspeitas recaírem sobre pessoas muito próximas a você, concorda?

— Você está certa. Seria muito difícil para mim olhar nos olhos de alguém que pudesse ser o responsável pelos dois acidentes que mataram Alex e meus sogros.

— Esse mundo está cheio de pessoas covardes e sem escrúpulos. Matar ou causar a morte de alguém... É difícil de entender... – lamenta Luci. – Eu jamais teria coragem de fazer algo assim.

Passamos mais algumas horas conversando e aproveitando a noite agradável. Era

PERIGOSAS ACHERON

quase meia noite quando nos despedimos e vou para o quarto me preparar para dormir. Odete pede licença e entra.

— Dona Deise, desculpe incomodar, mas sua irmã ligou para avisar que virá buscá-la para irem juntas ao salão de beleza amanhã. Como disse que a senhora já havia subido, ela pediu apenas para dar-lhe o recado.

— Obrigada, Odete. Vamos a um casamento e, realmente, preciso dar um retoque no visual.

A governanta se diverte com meu comentário e sai.

No dia seguinte...

— Minha querida, há quanto tempo! — exclama Jacques com aquele jeitinho meio escandaloso, meio carinhoso de sempre. — Venha! Você também, Áurea! Sentem-se aqui. — Aponta-

nos o sofá da sala de espera do salão.

— Como vai, Jacques? — pergunto.

— Eu vou muito bem. Só não sei quanto a você. Desde que aconteceu aquela coisa *horrível* com seu marido, só tenho notícias suas por meio dos jornais ou dos nossos amigos.

— Você deve entender que não havia muitos motivos para eu me arrumar ultimamente, não é?

— Que tragédia, meu Deus! Ai, o Alex era um homem tão distinto... E lindo também. É verdade que não foi um acidente? Li algo sobre isso.

— Não finalizaram as investigações ainda, mas a perícia feita no carro indica que ele foi sabotado.

— Você deve estar sofrendo tanto...

— Creio que estou superando a fase mais dura. Mas, ainda tenho muito caminho pela frente.

— É verdade, querida. Mas, o que vocês duas desejam fazer? Corte, escova, manicure...

— Pacote completo — diz minha irmã. — Temos um casamento e precisamos estar lindas, principalmente, a Deise que tem de deixar esse ar de viúva.

— Com certeza — completo. — Estou cansada das pessoas me olharem com ar de dó o tempo todo. Hoje, quero estar bem.

— Então, vamos caprichar — diz ele fofoso.

Jacques era um rapaz muito bom. Jovem, cabelos encaracolados e tingidos de ruivo. Extremamente simpático e amava usar roupas coloridas e vivas. Dizia que isso refletia o seu espírito alegre e contagiava as pessoas para que se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sentissem felizes em sua presença.

— E então, Áurea. Quando vai, finalmente, se casar com aquele gato?

— Logo, meu amigo. Estamos preparando tudo e é você quem vai me arrumar.

— Pode contar comigo. Vou deixá-la deslumbrante!

— Não duvido nem um pouco – digo. – Com esse seu talento, até baranga vira princesa...

— Mas, que maldade dessa sua irmã... – brinca ele.

De volta em casa, fico quase meia hora em frente ao armário em busca de um traje adequado. Não queria ir demasiadamente chique e nem simples demais para evitar comentários. Acabei optando por um conjunto azul marinho discreto, porém, elegante.

PERIGOSAS ACHERON

Peço para Odete chamar o Nadinho.

— Diga a ele que já estou pronta e não quero me atrasar. Ainda vou pegar minha mãe.

— Dona Áurea não vai com a senhora? — pergunta a governanta.

— Ela vai com o Reinaldo e nos encontraremos na igreja.

E, por falar em igreja, nos deparamos com uma decoração extremamente exagerada para o casamento. O tule, intercalado entre os bancos no corredor central, quase cobria totalmente os assentos, tamanha quantidade de pano usada. Os arranjos nos bancos que, em geral, costumam ser discretos, mais pareciam um buquê gigante e as flores quase tocavam o chão. No altar, a quantidade de flores era tão grande que cheguei a me perguntar se haveria lugar para o padre, os padrinhos, pais e noivos se posicionarem para a cerimônia. Mas, o

PERIGOSAS NACIONAIS

pior ainda estava por vir.

— Mãe, acho que exageraram um pouquinho, não é? Nunca vi uma igreja decorada desse jeito...

— Nem eu, Deise – comenta ela com uma viradinha de lábios, bem peculiar quando, discretamente, tinha críticas sobre alguma coisa. – De quem terá sido essa ideia?

— Sei lá, mas bem que gostaria de saber.

— Para poder contratar os serviços do decorador? – ironiza ela.

— Quem sabe para mandá-lo para bem longe. Com um gosto destes, essa pessoa deveria ser expulsa do país.

Dona Rose segura uma gargalhada para evitar chamar a atenção, mas, como disse antes, ainda não tínhamos visto o pior.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

De repente, soam tambores dentro do templo (tambores?... pode isso?!). Em seguida, ecoam alto trombetas, como se anunciassem a entrada de um rei, seguida pela música “Carruagens de Fogo”. Um a um, os 24 casais de padrinhos começam a entrar, 12 de cada lado. Entram também, os pais do noivo, a mãe da noiva e, por último, o próprio noivo.

Após um enjoado canto lírico, finalmente, entra a jovem, trajando um vestido deslumbrante. Era uma réplica quase perfeita do traje usado pela princesa Diana, em seu casamento com o príncipe Charles, da Inglaterra. Estava bonito, mas não pude evitar de olhar para minha mãe que, embasbacada, mal conseguia mover os olhos.

— Que é que é isso?! — solta baixinho, sem desviar o olhar da moça.

Eu, por minha vez, seguro o riso diante da

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cena.

Na festa, os comentários eram contraditórios. Uns aprovavam, outros criticavam.

— Meu Deus! Que exagero foi aquele?! Para que toda essa pompa? – dizia um.

— Era o sonho dela, gente – replicava outro. – Desde menina, eu a ouço dizer que queria que seu casamento fosse o “acontecimento do século”.

— E foi *messsssssssssssssssssssssssmo...* – concordava um terceiro.

Por onde nós andávamos, as conversas eram as mesmas.

— Mãe, já não tenho tanta certeza se gostei ou não de tudo isso – digo, apontando para os adornos do salão de festas, tão ou mais exagerados que na igreja.

PERIGOSAS ACHERON

— Também não, filha. Ela parece estar tão feliz que chego a me sentir culpada de haver criticado suas escolhas. Uma coisa, porém, é certa. *Ninguém* irá se esquecer desta noite.

— Concordo – digo entre risos.

— Ora, não sabia que você conhecia os noivos.

Volto-me para olhar quem havia falado e deparo-me com uma surpresa.

— Fabiano?! Que faz aqui? – pergunto em meio a um sentimento de espanto e alegria.

— Ué, vim assistir a um casamento. Ou será uma *coroação*?

Começo a rir e, desta vez, não consigo me controlar. Muitos me olham, curiosos, e outros que, provavelmente, estavam se segurando como eu acabam explodindo em gargalhadas, enchendo todo salão e contagiando a todos os convidados. Foi um

PERIGOSAS ACHERON

momento ímpar.

— Ai, que vergonha!... Vocês viram o que acabei provocando?

— E como! – responde dona Rose.

— Ah, mas valeu – diz Fabiano. – Você viu como descontraíu todo mundo? Creio que todos estavam esperando que alguém se manifestasse para que pudessem extravasar também.

— É, mas tinha que ser *eu*? – digo ainda meio sem graça.

— Nem liga, maninha. Ainda bem que foi você. Senão, quem teria passado vergonha era eu...
– Áurea afirma entre risos.

— Só não tenho certeza se a noiva gostou – brinca Reinaldo.

— Não liga para o Rei, Deise – retruca minha mãe. – Você não viu, mas acho que ela foi

quem mais se divertiu com a história.

— Sério, mãe?

— Claro. Eu olhei direto para ela quando você disparou a gargalhar e, garanto, nunca a vi rir tanto.

— Que alívio! Tive medo que ela achasse que estraguei sua festa.

— Fique tranquila – diz Fabiano. – Eu também vi a noiva rindo junto com você.

— Mas, voltando ao início de nossa conversa, como você veio parar aqui? – pergunto.

— Conheço o noivo há algum tempo. Estudamos juntos na faculdade.

— Que bom. Gostei de vê-lo.

Áurea, Reinaldo e minha mãe decidem fazer um giro entre os convidados para conversar e rever alguns amigos, deixando Fabiano e eu

sentados na mesa.

— Quer dar uma volta? – sugere ele. – Há um jardim muito bonito fora da mansão – diz, referindo-se ao casarão onde se realizava a festa.

— Boa ideia.

Saímos para fora e, realmente, o jardim era absurdamente lindo e iluminado. Foi uma ótima escolha do casal, com certeza.

— Muito lindo, não é?

— Lindo mesmo, Deise. Acho que ela queria mesmo um casamento inesquecível.

— Verdade. Mas, Fabiano? E sua namorada? Por que não veio com você? – pergunto estranhando a falta dela.

— Ela rompeu comigo.

— Por quê? Quando?!

— Há dois dias. Ela estava em São Paulo

em meio a uma folga da faculdade e havia pedido que eu fosse buscá-la para jantar. Como me atrasei meia hora do horário marcado, fez um escândalo digno de sair no programa do Datena.

— Ué, mas você foi. Pior seria se não tivesse aparecido como era comum com Alex.

— Eu sei disso. Tentei explicar que havia um acidente grave no trajeto para a casa dela, o qual causou um congestionamento enorme, mas não adiantou.

— Que pena... Vocês formavam um lindo casal.

— Também achava isso, mas esse não foi o primeiro problema que tivemos.

— Você me contou que estavam se desentendendo ultimamente.

— Minha mãe acha que foi melhor assim. Ela, na verdade, não aprovava muito nosso namoro,
PERIGOSAS ACHERON

pois considerava Jussara muito nova e dizia que a diferença de idade entre nós acabaria provocando atritos.

— Ela tem razão. Quando a diferença de idade é muito expressiva, os pensamentos acabam sendo um tanto diferentes e geram certa incompatibilidade.

— Verdade. Às vezes, as brigas aconteciam por motivos bobos e por eu não concordar com algumas atitudes dela.

— Coisas que você considerava infantis, estou certa?

— Certíssima. De um lado, fiquei chateado com o rompimento, mas, de outro, estou até aliviado.

— Entendo o que quer dizer. Acontece isso comigo também.

— Com você?! Em que sentido? —
PERIGOSAS ACHERON

estranha ele.

— No mesmo que o seu. A diferença é que meu rompimento foi um tanto drástico e sem chance de retorno, mas essa ambiguidade de sentimentos também existe em mim.

— Tristeza pela perda e alívio por não ter de sofrer mais com as brigas e descasos de seu marido?

— Soa estranho, mas é isso. Nunca falei a ninguém sobre esses sentimentos por medo de ser mal interpretada.

— A “viúva alegre” – brinca Fabiano.

— Acho que isso seria uma das menores coisas que diriam a meu respeito.

— Por que as pessoas não procuram entender os sentimentos dos outros?

— Porque é mais fácil julgar e criticar,

meu amigo.

— Verdade.

Dona Rose aproveitou a festa ao máximo. Conversou, riu, brincou. Parecia mais a anfitriã do que uma convidada, pois ia, de mesa em mesa, puxando assunto e cumprimentando a todos. No final, desabafou:

— Puxa, deu para cansar!

— Os pés ou a língua? – brinca Reinaldo enquanto andamos em direção aos carros.

— Como você é maldoso! – diz ela com ar de marota.

Os dois pombinhos se despedem.

— Obrigada pela companhia – digo, dirigindo-me a Fabiano que nos acompanhara ao estacionamento.

— Eu é quem agradeço. Foi uma ótima

PERIGOSAS NACIONAIS

noite. Pena que está acabando.

— É mesmo. Me diverti muito hoje.

— E o que você acha de darmos uma esticadinha? – sugere ele. – Está uma noite quente e tão bonita.

— E convidativa... – concordo.

— Então... Que tal?

— Acho uma ideia excelente. Vai lá, Deise – incentiva minha mãe.

— Mas, a senhora não se importa de voltar para casa sozinha?

— Ora, o Nadinho me leva. Fique tranquila e aproveite para passear. Você bem que precisa se distrair. Agora, deixe-me ir porque estou um caco.

Entra no carro, mas, antes de Nadinho sair, me chama e sussurra em meus ouvidos:

PERIGOSAS ACHERON

— Ele é bem bonitinho, não é? — piscando em seguida.

— Mããããeeee... — ralho também baixinho para Fabiano não ouvir.

Ela vai embora rindo.

— Vamos? Meu carro está logo ali.

— Vamos, Fabiano.

Já acomodados, começamos a pensar aonde ir.

— Que tal descer a serra? — sugere ele. — Podíamos tomar e beliscar alguma coisa em algum restaurante na orla e, depois, passear pela praia. Amo andar na beira do mar à noite.

— Que coincidência! Costumava fazer isso quando descia para o Guarujá. Muitas vezes, acordava de madrugada e, como não conseguia dormir de novo, descia para a praia e ficava

passando até amanhecer.

— Então, acho que é uma boa pedida.

Devido ao horário, a estrada estava praticamente vazia e, em pouco tempo, estávamos sentados em um restaurante à beira mar, tomando um vinho e comendo tirinhas de filé mignon com uma porção de fritas.

— Aposto que seu marido não a levava a programas tão “requintados” como esse.

— Imagine... Sentar-se em um lugar aberto e junto a calçada, comendo fritas? Alex jamais desceria de seu pedestal para isso. E quer saber? Ele não sabia se divertir, essa é a verdade.

Pego logo duas fritas e as degusto com prazer. Era muito bom estar ali, ainda mais em uma companhia tão agradável.

Por volta das três horas da madrugada, passeávamos descalços pela praia bem perto da
PERIGOSAS ACHERON

água. De repente, Fabiano segura minha mão e sai correndo, levando-me junto. Quase deixei cair os sapatos que segurava na outra mão. Brincamos como dois adolescentes, ora entrando na água, ora correndo um atrás do outro até que, exaustos, desmoronamos de costas na areia e com os braços abertos.

— Você já viu tantas estrelas juntas? — pergunto encantada com a linda visão do céu.

— Só quando me dou ao luxo de passear sozinho pela praia como agora — responde ele ainda ofegante.

— Mas, hoje você não está sozinho — comento.

— Ainda bem que não e nem *você* está, não é mesmo?

Viro-me para ele e encontro seu olhar que penetra fundo em meu coração. Assusto-me com o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

frio que percorre minha espinha e volto a vista para as estrelas, temendo que ele tenha percebido minha reação. Não sei se por discrição, mas ele continua a conversar sobre as constelações e a falar sobre elas, dando-me uma aula de astrologia.

Ficamos ali até o nascer do sol.

— Que pena que está acabando...

— O que, Fabiano?

— Nosso tempo. Acho que você deve estar cansada e querendo ir para casa.

— Não necessariamente — digo sem pensar. — Tenho um apartamento aqui perto, onde podemos tomar um banho, comer alguma coisa e descansar um pouco. Depois, vemos o que fazer. Que acha?

— Legal. Gostei da ideia, mas você esqueceu que estamos com roupas de festa e sem outra para trocar...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu tenho um armário cheio de roupas minhas e do Alex. Você tem o corpo parecido com o dele e devemos achar algo que sirva.

— Você me convenceu. Não consigo imaginar melhor programa para esse domingo do que passá-lo ao seu lado.

Minhas bochechas enrubescem e me levanto rápido para disfarçar.

— Vamos? – convido.

— Mostre o caminho – diz ele animado.

Ruth e Raul se assustam ao me ouvir entrar tão cedo, levantam-se da cama e vão para a sala.

— Por que não avisou que vinha, menina? Quer nos matar do coração? – brinca a doce senhorinha.

— Desculpe. É que não tinha ideia de que

PERIGOSAS ACHERON

viria para cá até agora a pouco. Podem voltar a dormir, se quiserem. Eu me viro aqui. Vamos tomar um banho, comer alguma coisa e descansar. Estivemos acordados a noite toda.

— Que é isso? O Raul vai na padaria comprar uns pães enquanto eu preparo um caféquentinho. Vou arrumar umas toalhas de banho e ajeitar o quarto de hóspedes para seu amigo.

— Perfeito. Assim que estiver pronto, subimos – digo e, voltando-me para Fabiano – Os dois quartos são suítes e você pode tomar banho sossegado, ok? Quando terminar é só descer para o café da manhã.

Enquanto Ruth prepara o quarto, subo e escolho algumas roupas de Alex para que Fabiano possa vestir. É estranho fazer isso, pois meu marido nunca deixava que eu decidisse o que ele iria usar. Mal tocava em suas coisas. Era como se eu não

fizesse parte de sua vida.

Após o banho, descemos para o desjejum.

— Deixei um pijama leve sobre a cama no quarto para você, ok?

— Obrigada, Deise. E quem diria que estaríamos aqui hoje? A vida nos surpreende... Pensei que iria apenas a um casamento chato e, no fim, foi uma noite perfeita – comenta ele. – Depois do fora que levei da Jussara, não imaginei que meu final de semana ia ser tão bom.

— Esquece ela. Vamos curtir o dia sem pensar nas decepções que sofremos.

— Já não está mais aqui quem falou – brinca ele.

Por volta do meio dia, acordo e me espreguiço demoradamente. Há tempos, não me sentia tão bem. Visto um maiô e uma saída de banho e vou para a sala. Fabiano já estava lá, lendo PERIGOSAS ACHERON

um jornal.

— Olá.

— Oi, Deise. Dormiu bem?

— Com certeza.

— Vejo que já está pronta para ir à praia.

— E por que você não fez o mesmo?
Deixei uns trajes de banho para você experimentar
no quarto.

— E o que acha que visto sob a bermuda?

— Ah, bom – brinco.

— Dona Deise?

— Sim, Raul.

— Ruth pediu para avisar que o almoço
está pronto caso queiram comer antes de sair.

— Que eficiência! – repara Fabiano. –
Bem que eu estava sentindo um cheirinho bom
vindo da cozinha...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então, espere para experimentar o tempero dela. É tremendamente engordativo —
comento rindo.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 13



— Bom dia, Deise.

— Bom dia, Rafael – respondo ao atender o celular.

— Fiquei sabendo que passou um ótimo final de semana...

— Larga a mão de ser malicioso – retruco sem graça. – Não aconteceu nada demais. O Fabiano é muito linguarudo – brinco.

— Já está no escritório? Queria saber se podemos ir aí para tirar as medidas de sua sala para o projeto da nova decoração.

— Estou sim. A que horas pensa em vir?

— Não sei. Pode ser agora pela manhã?

— Pode sim. Estou tranquila. Ah, e decidi

ampliar a reforma. Conto os detalhes quando você chegar, ok?

— Ok. Devemos chegar por volta das 9:30h.

— Tudo bem.

Ligo para Helena e peço que venha a minha sala.

— Pois não. O que deseja, dona Deise?

— Sente-se um pouco. Quero acertar algumas providências e preciso de sua ajuda e sugestões.

— O que pretende fazer? – pergunta a jovem curiosa.

— Quero redecorar a ala da presidência e os projetistas já estão a caminho para tirar as medidas e analisar os espaços. Só que, quando começarem as reformas, vou precisar realocar o

peessoal para que possam trabalhar sem atropelos. Por isto, resolvi fazer um cronograma e já deixar meio definido a ordem das salas a serem reformadas e os possíveis locais aonde os ocupantes de cada uma possam ficar durante o processo.

— Boa ideia. Há algumas pequenas salas de reunião que seriam perfeitas para isso. E, se posso elogiar, creio que a senhora está mostrando que nasceu para o comando das empresas, sabia?

— Por que diz isso? — pergunto meio sem graça. — Acho que tenho tanto a aprender ainda...

— Com o tempo, a senhora aprende o que ainda for preciso. O que quis dizer é que vejo que tem a mente de uma empresária. Seu temperamento, sua firmeza na tomada de decisões, sua antecipação de ações necessárias para o bom andamento dos trabalhos, sua simpatia e tato nas

PERIGOSAS NACIONAIS

negociações e no trato com os funcionários são ingredientes importantíssimos.

— Obrigada, Helena. Isso me anima bastante. Agora, por onde vamos começar?

— Que tal a sala do Diretor Financeiro?

— Pode ser e, a seguir...

Depois de tudo acertado, pedi que Helena redigisse uma circular, explicando minhas intenções e o cronograma de reformas, deixando apenas as datas em aberto, pois elas dependem da empresa de Rafael e da finalização dos projetos e compras de materiais, equipamentos e mobiliário.

Enquanto a secretária saía, entra Marcos com um enorme sorriso no rosto.

— Bom dia, Deise.

— Bom dia, Marcos. Pelo visto, você está bem feliz hoje. O que houve de tão bom?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Lembra-se de que nossa indústria têxtil estava tentando fechar parceria com aquele grupo europeu?

— É claro que sim. Há semanas, vocês estão batalhando nisso.

— Pois, acabamos de bater o martelo.

— Que maravilha! – exclamo animada com a notícia. – Como conseguiram?

— O representante do grupo estava visitando outras indústrias do ramo no Brasil, analisando as instalações, equipamentos, matérias primas, tipo e qualidade dos tecidos fabricados e chegou à conclusão de que a nossa empresa está mais dentro dos padrões que eles buscavam. Além do mais, gostou muito da nossa apresentação e das nossas propostas. Portanto...

— Que excelente notícia, Marcos! Parabéns!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Obrigado, mas o mérito não é só meu e, sim, de toda equipe que trabalhou nesse projeto. Estou pensando em premiá-los de alguma forma pelo esforço que tiveram. Você tem uma ideia?

— Não sei... E se dermos um valor em dinheiro, tipo participação nos lucros? Poderíamos estender a todos os funcionários da fábrica também. Creio que eles ficariam bem satisfeitos.

— Boa ideia. Vou pedir para o departamento financeiro calcular qual valor seria viável e apresentamos para a aprovação da diretoria.

— Faça isso. E, mais uma vez, parabéns pela conquista.

— Obrigado. Depois, nos falamos.

Mais uma troca. Desta vez, sai Marcos e volta Helena avisando que o pessoal da Linhares havia chegado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Entram Rafael e dois funcionários acompanhados, para minha surpresa, de Fabiano.

— Quem diria que você seria meu decorador pessoal? – brinco.

— Ora, você se esqueceu a quem eu substituí na Linhares?

— Barnes. É verdade... Agora, *você* é o projetista de interiores.

— Pois é.

— Mas, sentem-se. Aceitam um café, um suco, água.

— Não, obrigada – respondem todos.

— Você disse que queria ampliar a reforma – inicia Rafael. – No que está pensando?

Explico minhas ideias e, depois, os levo para conhecer as dependências da ala presidencial. Logo de cara, vi que Fabiano foi uma boa indicação

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minha para Rafael. Em cada espaço, cada sala, ele já imaginava e sugeria mudanças, cores novas nas paredes, troca de persianas, colocação de vasos ornamentais, quadros, troca dos móveis. Confesso ter ficado bastante impressionada.

— Creio que vou deixar as reformas em excelentes mãos — comento animada com as sugestões dadas por ele e pela equipe. — Rafael, o andar inteiro está aos seus cuidados. Se ficar satisfeita, quem sabe não aproveito para fazer algumas alterações na minha casa também.

— É só falar que a gente vai até lá e vê o que pode ser feito.

Na hora do almoço, vamos todos a um restaurante bem peculiar próximo à empresa, chamado “Mérito ao Chefe”.

— Que lugar pitoresco — repara Fabiano. — Como o descobriram?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Na verdade, foi um tipo de “boca a boca”. Alguém veio comer aqui um dia, gostou e espalhou para os demais. Se você reparar, 90% das mesas estão tomadas por nossos funcionários — explica Helena.

— Só não entendi o porquê do nome — comenta Álvaro, um dos projetistas que vieram com Rafael e Fabiano.

— O dono uma vez me explicou — responde Helena. — Acontece que ele trabalhava em uma empresa aonde não importava quem tivesse as ideias ou executasse bem os serviços, pois o mérito era sempre dado somente ao Chefe de cada sessão. Isto o deixava muito indignado e, quando resolveu sair e montar seu próprio negócio, decidiu colocar esse nome.

— Mas, qual o sentido disso? — pergunta Fabiano sem entender.

PERIGOSAS ACHERON

— É que, se alguém elogia ou critica qualquer coisa, ele sempre responde: *o mérito é do chefe...* Se for crítica, o chefe errou. Se for elogio...

— Entendi – diz Álvaro rindo. – Bem conveniente.

— E difícil de esquecer – acrescenta Rafael.

— Concordo, mas que tal pedirmos? Estou com muita fome – digo esfregando as mãos.

O cardápio também era bem exótico e diferente. Havia o “Puxa-saco do chefe”, um delicioso sanduíche de carne suína acompanhado de fritas e molho de mostarda e laranja. Outra boa pedida era o “Capacho do chefe”, um pastel de banana amassada com canela em pó, ou a “Secretária do chefe”, um elegante sanduíche servido no prato com pão sírio, peito de frango desfiado, maionese (ou molho tártaro), palmitos,

alface, tomate e azeitonas. Além de mais uma grande variedade de opções, todas inspiradas na rotina do escritório do antigo emprego do proprietário.

— Esse cara é muito criativo! — elogia Fabiano.

No fim do dia, eu e Fabiano nos sentamos na ala informal do meu escritório. Ele no sofá e eu em uma poltrona. Acertamos alguns detalhes extras enquanto saboreávamos um delicioso suco de frutas vermelhas. Cícero e Álvaro já haviam voltado para a Linhares junto com Rafael.

— Quero acompanhar de perto os projetos.

— Nem precisava pedir, Deise. Seu conhecimento em arquitetura vai nos ajudar a elaborar tudo de acordo com seu gosto e preferências.

— Obrigada, mas, na verdade, quero

aproveitar para matar a saudade.

— E eu não sei disso? — brinca ele.

— Outra coisa, eu gostaria de que cada espaço tivesse algo que fosse a cara de quem o ocupa. Seria legal se vocês pudessem vir um dia a mais para conversar com cada um e ver quais são seus temperamentos, gostos. Não penso em fazer cada sala diferente e sem seguir um certo padrão, mas, talvez, colocar um tipo de ornamentação, quadros ou enfeites que façam a pessoa se sentir bem dentro de seu escritório. Creio que isso ajuda muito a eliminar o stress do trabalho e a evoluir no desempenho profissional.

— Gostei muito da ideia, Deise. Vou fazer isso pessoalmente. Sou bom em analisar o jeito, os pensamentos e gostos das pessoas. E, assim, ficar mais perto de você também.

Quase cai da poltrona com essas últimas

PERIGOSAS NACIONAIS

palavras. Dei graças a Deus por Helena entrar na sala, interrompendo a conversa.

— O detetive Castro deseja falar com a senhora. Peço que ele espere?

— Não. Pode deixar que ele entre.

Castro entra e, sem cerimônia ou convite, acomoda-se na outra poltrona em frente à minha como se fosse alguém já íntimo e familiar. Isto me irrita ligeiramente, pois sua atitude cria um certo embaraço em Fabiano.

— O que deseja? – pergunto em tom meio formal.

— Desculpe interromper a conversa com seu *amigo*.

— Estávamos tratando de negócios – interpelo, contrariada com o tom desrespeitoso usado pelo detetive.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Puxa, não me interprete mal. Não quis ser indiscreto...

— Por favor, Dr. Castro. Tive um dia cansativo e pretendia encerrar logo meu expediente. Por isto, agradeceria se fosse direto ao assunto.

— Uau! Doutor? Subi de cargo, obrigado – brinca Castro, tentando quebrar o clima pesado que havia criado. – Bem, estive investigando a oficina na qual seu marido e seu sogro costumavam levar os carros da família para revisões periódicas e me disseram que, alguns dias antes do acidente que vitimou seu esposo, a *senhora* havia levado o carro dele para um conserto. É verdade?

— Se o senhor se informou corretamente, isso aconteceu cerca de *trinta* ou *quarenta* dias antes.

— Não segundo o mecânico. Ele disse que a senhora esteve lá apenas *quatro* dias antes.

PERIGOSAS ACHERON

— Como isso seria possível?! – irrita-me profundamente com as insinuações de Castro. – Alex não estava em minha casa nesses dias e muito menos seu carro. Além do mais, estive trabalhando na Linhares durante toda a semana que antecedeu o acidente. Se quiser, dou-lhe o telefone de Rafael, dono da empresa, para que confirme os dias e horários em que lá estive.

— Essa é minha função. Investigar.

— O que pensa?! – pergunto exaltada. – Por acaso, acha que matei meu marido?!

— Ainda não acho nada, Sra. Rubiano. Só sei que a senhora levou o carro para a oficina.

— Já lhe disse que isso é IM-POS-SÍ-VEL! – Soletro para ver se abro a cabeça desse detetive petulante. – Qual mecânico falou essa bobagem?!

— O Jair. Segundo ele, uma mulher com
PERIGOSAS ACHERON

sua descrição apresentou-se como sendo esposa de Alex Rubiano e pediu que fizesse uma revisão nos freios do automóvel. Inclusive, ficou olhando e fazendo uma série de perguntas sobre o sistema de frenagem e os possíveis riscos e “perigos” de um mal funcionamento. A senhora há de convir que isso soa bastante estranho, não acha?

— Para começo de conversa, eu sequer conheço esse tal de Jair. Todas as vezes em que fui à oficina, pouquíssimas por sinal, falava diretamente com Luciano, proprietário do lugar. Nunca tratava direto com seus funcionários.

— Quer dizer, então, que o único que a conhece é o dono?

— Exatamente isso.

— A senhora não se *misturava* com os subalternos, então?

— Seu tom é extremamente rude, Castro —

interrompe Fabiano. – Não há nenhum motivo para se dirigir a ela dessa forma.

— Rapaz, não se intrometa em assuntos que não são de sua alçada – repreende o detetive em voz autoritária.

— Fabiano... – interrompo. – Deixe que eu me entendo com esse *senhor*.

— Hummm... Agora, sou *senhor*...

— Cale-se, Castro. Você já foi longe demais! – censuro com veemência. – Acreditava que o senhor era um homem honrado e justo. Pelo menos, foi o que transpareceu em todos os nossos encontros anteriores. Hoje, está se mostrando um péssimo profissional e uma pessoa rude e grosseira. Acredito não ter feito nada que mereça esse tratamento que está me dispensando nesse momento.

Castro se levanta bruscamente.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não adianta procurar me ofender! Estou em busca da verdade e vou achá-la.

— Então, procure-a no lugar certo e, antes de vir me afrontar com suas suspeitas e insinuações, procure ter certeza dos fatos. Se o senhor fosse um homem sensato e coerente, teria primeiro tomado a precaução de averiguar tudo com detalhes e não ter bancado o idiota. NÃO MATEI MEU MARIDO! Você já pensou na possibilidade de alguém haver se passado por mim?! Mostrou uma foto minha ao mecânico para reconhecimento, por acaso?! Duvido, pois, se tivesse feito isso, não estaríamos tendo essa conversa absurda!

Ele anda nervoso até a porta e se volta, falando rispidamente:

— Amanhã, esteja na delegacia às 10:00h e nem pense em não ir.

PERIGOSAS ACHERON

— Mas, que atrevimento! — exclamo logo após sua saída.

Levanto e começo a andar nervosamente de um lado a outro da sala, falando coisas desconexas e levadas pela indignação. Fabiano vai ao meu encontro e me abraça, tentando me acalmar.

— Esse sujeito vem ao meu escritório, primeiro, para dizer que Alex pode ter sido assassinado. Depois, que chegou a suspeitar de mim, mas que havia mudado de ideia. Agora, vem com essa maluquice toda!... Quem ele pensa que é para falar desse jeito comigo?! — esbravejo, soltando-me dos braços de Fabiano.

— Um tira... — diz ele, olhando-me com ar de fim de assunto.

Essas palavras me fazem estancar no meio da sala.

— Ele não vai me deixar em paz, não é

mesmo? – pergunto com voz baixa e embargada.

— Não enquanto não resolver as dúvidas sobre o caso ou sobre sua possível participação.

— Meu Deus! – desmorono sobre o sofá, enquanto Fabiano senta-se ao meu lado, passando o braço sobre meus ombros e puxando-me para seu peito.

Desabei a chorar.

Capítulo 14



— Bom dia.

— Um momento, senhora.

Paro ao lado do balcão da delegacia enquanto espero ser atendida pelo policial atrás dele. Após algum tempo, ele se volta para mim.

— O que deseja?

— O detetive Castro disse que eu viesse aqui hoje às 10:00h.

— Seu nome?

— Deise Rubiano.

— Aguarde naquelas cadeiras que já a chamo – diz, apontando para um grupo de cadeiras na recepção.

— Obrigada.

Cerca de cinco minutos depois, Castro estava à minha frente, mostrando-me o caminho para uma sala nos fundos. O corredor era estreito e frio devido à estrutura de concreto. A saleta em que entramos era simples com uma mesa, algumas cadeiras, um computador e um telefone.

— Bem, o que o senhor queria de mim? — pergunto um tanto ríspida após me sentar em frente à mesa.

— A senhora já vai saber — responde ele secamente.

Nesse instante, entram dois homens. O primeiro trajava uma calça preta elegante, uma camisa branca e tinha pendurada uma corrente com o distintivo de policial preso a ela. O segundo vestia uma calça jeans, camiseta e tênis.

— Bom dia, Jair. Sente-se, por favor.

— Bom dia — responde ele.

PERIGOSAS NACIONAIS

Presumi ser o mecânico sobre quem o detetive me falara. Era um rapaz loiro e bem-apessoado. Até simpático, poderia dizer se não estivesse tão brava.

— Pedi a Jair que viesse aqui para averiguar a veracidade dos fatos — diz o detetive, dirigindo-se a mim.

Olho para os dois sem dizer nada.

— Jair — começa, Castro, voltando-se ao mecânico. — É verdade que a Sra. Rubiano compareceu à oficina em que trabalha para solicitar serviços no automóvel de seu esposo?

— É sim.

— Você poderia me dizer a data em que isso ocorreu?

— Foi na terça-feira antes do Seu Alex despencar daquele barranco.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como sabe que foi nesse dia?

— Tenho tudo anotado no programa de entrada de veículos para conserto no computador da oficina. Eu, inclusive, imprimi a folha para o senhor, lembra? No dia em que estive lá conversando comigo.

— Sim, eu me lembro. E o que ela pediu para fazer no carro?

— Ela queria que eu desse uma olhada nos freios. Disse que o marido ia viajar e precisava que tudo estivesse em ordem.

— Viajar para onde?

— Isso ela não disse.

— E, durante o conserto, onde a Sra. Rubiano ficou?

— Ela ficou junto comigo o tempo todo. Disse que não tinha pressa e que iria esperar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E vocês conversaram nesse tempo?

— Ah, e como! Eita mulher simpática! Gostava muito de falar e nem se importou de ficar em pé do lado do carro enquanto eu verificava os freios.

— E sobre o que foi a conversa?

— Muita coisa. A gente falou do tempo, sobre a notícia que ouvimos de um acidente de ônibus no dia anterior ali perto da oficina. Foi bem feio. O ônibus passou por cima de um fusca e quase matou o casal dentro do carro. Graças a Deus, eles saíram com ferimentos leves.

— Sim, mas sobre o que mais falaram?

— Bom, do conserto do carro e do medo que ela tinha de o freio falhar e acontecer uma batida. Perguntou para mim sobre tudo que poderia fazer o freio parar de funcionar e se havia jeito do motorista descobrir a tempo de evitar um acidente

PERIGOSAS ACHERON

grave.

— E o que você respondeu a ela?

— Ah, eu falei das pastilhas, do burrinho, da perda de óleo que, às vezes, não percebemos que está vazando até na hora de precisar frear e não conseguir parar o carro.

Durante todo depoimento do rapaz, meu sangue ia subindo e lutei para não interromper e desmentir tudo o que ele dizia. Minha vontade era a de pular em cima dele e do detetive, dando um monte de tapas e socos em ambos.

Castro, de quando em quando, olhava em minha direção e, mesmo sem eu estar olhando diretamente para ele, podia perceber seu ar arrogante e vitorioso de quem já tinha tudo resolvido e estava só esperando terminar para colocar algemas em mim.

— “Ai, que ódio!!!” — pensei comigo

PERIGOSAS NACIONAIS

mesma. – “Esses dois vão ter o que merecem! Ah, se vão!”

— O que ela fez depois que lhe disse todos os perigos e formas de falha mecânica nos freios? – continua Castro em seu interrogatório.

— Ela me pediu para caprichar no serviço. Queria garantir que ninguém teria uma surpresa desagradável na viagem.

— Ela disse se iria viajar junto com o marido?

— Pelo que me lembro, ela disse que ele ia viajar sozinho.

— Certo. Então, você confirma seu primeiro depoimento dado no dia em que fui à oficina?

— Confirmo, sim senhor. É exatamente isso que aconteceu.

PERIGOSAS ACHERON

— Obrigado. Agora, só mais uma pergunta. A mulher que esteve em sua oficina é a mesma que está aqui sentada ao seu lado.

Meu rosto enrubesce e engulo seco enquanto aguardo a resposta. Ele olha para mim e me examina de cima a baixo. Quase bati nele, pois me senti invadida naquela hora.

— Não, senhor – responde Jair.

— Como assim?! – pergunta Castro indignado e pasmo. – Você tem certeza disso?

— Tenho. A mulher que levou o carro do Seu Alex era, até parecida com essa moça, mas era mais magra e acho que até mais alta. Não é essa aí não. Mas, será que a senhora podia ficar em pé um pouquinho. Só para eu ter certeza.

— É claro que sim – respondo com satisfação e alívio enquanto me levanto.

— Não falei – diz o rapaz. – A outra era
PERIGOSAS ACHERON

bem mais alta. Com certeza. Ah, e o cabelo dela era mais curto também e meio encaracolado.

Respiro profundamente e volto a sentar. Castro, desconsolado, nem consegue olhar para mim. Provavelmente, por vergonha pelo papelão de ontem em meu escritório. Chego a festejar por dentro o seu mal-estar diante das declarações do mecânico.

Parece que se passaram vários minutos, apesar de terem sido, realmente, apenas um ou dois quando Castro agradece a Jair por seu depoimento e diz que ele podia ir. Depois, vira-se para mim totalmente sem graça.

— Acho que lhe devo desculpas.

— E deve mesmo! — respondo ainda sentindo ganas de pular em seu pescoço, mas segurando-me. — Se eu quisesse, poderia prejudicá-lo, e muito, por seu comportamento antiprofissional

ontem em minha sala. Você foi grosseiro, atrevido, ofensivo, usando palavras e insinuações extremamente desrespeitosas para comigo e para com o arquiteto que estava lá também.

— A senhora gostaria de prestar queixas contra o detetive Castro? — pergunta o outro homem que, até esse instante, tinha sido apenas um mero espectador.

— Antes de responder, gostaria de saber quem é o senhor?

— Sou o delegado Prestes, responsável por esta delegacia e *chefe* dele — diz, apontado para a pobre figura do detetive, inerte atrás da mesa e esperando o pior.

— E o que aconteceria se eu registrasse uma queixa contra ele? Pois, sua postura foi extremamente agressiva.

Olho para Castro com fagulhas nos olhos,
PERIGOSAS ACHERON

tamanha minha indignação.

— Na verdade, ele seria suspenso e tirado do caso. Isto só para começar.

— Bem, eu acredito que ele já está punido só pela vergonha que passou aqui hoje – digo. – E, além do mais, não gostaria que ele fosse tirado do caso.

— Por quê? – pergunta o delegado sem entender.

— Já estou acostumada com sua presença e creio que outro investigador agora seria mais um incômodo do que uma coisa boa.

— Tudo bem. Como quiser, mas, de qualquer forma, ele será severamente repreendido. É meu costume investigar todos os pontos antes de acusar alguém e ele, com certeza, se precipitou em seu caso. Peço desculpas formais e me coloco à sua disposição para o que precisar.

— Obrigada, doutor. Muita gentileza de sua parte. Posso ir agora?

— Pode sim – responde Castro. – E...

Não deixo que ele finalize a frase. Queria ir embora daquele lugar o quanto antes e respirar ar puro, pois, toda essa situação estava me fazendo muito mal.

Nadinho me esperava do lado de fora e peço a ele que me leve direto para a empresa. Sabia que Fabiano estava lá examinando as salas e conversando com os executivos e funcionários para pegar detalhes sobre como deixar cada espaço aconchegante e apropriado a cada um.

Eu o encontro conversando com Helena e peço que entre comigo no escritório.

— E aí? Como foi com o detetive? – pergunta ele curioso e apreensivo.

— Um SUFOCO! – desabafo.

— Imagino que tenha sido muito difícil. Passei a manhã conversando com seu pessoal, mas não parava de pensar em você e no que poderia estar acontecendo na delegacia. Perguntei várias vezes para Helena se havia chegado e estava fazendo isso agora mesmo quando entrou.

— Obrigada por seu carinho e preocupação.

— E o que aconteceu, afinal?

Conto os detalhes do depoimento de Jair, da negação dele em me reconhecer como sendo a mulher que foi à oficina, da reação de Castro e do delegado. Ele ouve atentamente, festejando o desfecho da história.

— Mas, a cara desse detetive caiu no chão! — diz ele rindo e se divertindo com minhas descrições das caras e bocas de Castro.

— Graças a Deus, deu tudo certo e aquele

PERIGOSAS ACHERON

babaca percebeu que eu não era a tal mulher.

— Mas, ele, pelo menos, pediu desculpas a você?

— Acho que ele até tentou, mas sai de lá sem deixar que falasse nada. Estava cansada, injuriada e me sentindo mal por conta de toda pressão que passei. Queria só ir embora. Agora, espero que encontrem essa mulher. Atrevimento dela se passar por mim! – digo entre dentes.

— Calma, Deise. Com certeza, eles acabarão descobrindo quem ela é e quem é o responsável pelas mortes de Alex e de seus sogros. O que você precisa, agora, é esquecer tudo isso e seguir em frente.

— Você tem razão, mas não é tão fácil assim esquecer.

Começo a chorar novamente, creio que, desta vez, num misto de tristeza e alívio por ter

PERIGOSAS ACHERON

esclarecido tudo na delegacia em relação a minha participação no acidente. Agora, tenho que esperar e seguir em frente, como Fabiano disse.

Na semana seguinte, as reformas já estão em seu início. Os projetos que me apresentaram ficaram excelentes e tive que pedir apenas poucas mudanças. Fabiano e sua equipe são muito talentosos e acho que a nova decoração ficará ótima.

— O que está achando? — pergunta ele quando entro na sala de Marcos, a primeira a ser reformada.

— Até aqui, estou achando muito bom — respondo entusiasmada. — Essa cor azul turquesa que escolheram para a parede esquerda combinada com o cinza claro das demais é muito bonita. Está dando um destaque muito elegante à sala.

— Também acho. E o que vi nas minhas

PERIGOSAS NACIONAIS

pesquisas anteriores ao projeto é que seus executivos e diretores têm gostos bastante semelhantes e os estilos irão fazer uma combinação perfeita no final das obras.

— Você tem uma estimativa de quanto tempo levará para tudo ficar pronto?

— Acredito que um mês, pois são vários ambientes a serem reformados. No final de agosto ou início de setembro, talvez.

— Bom, mas é melhor eu deixar vocês trabalharem. Já atrapalhei demais.

— Que nada, Deise. É até bom vê-la andando no meio da bagunça de entulhos, latas de tinta, madeiras... Parece uma menininha curiosa com esses olhos brilhantes e transparecendo tanta alegria que dá vontade de pegá-la no colo e sair rodopiando pela sala.

— Desse jeito, você me deixa sem graça.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você fica linda quando ruboriza, sabia?

— Tá bom, tá bom... — digo, tentando escapar. — Deixe-me ir. Ainda falta uma hora para terminar o expediente e preciso assinar uns documentos que Helena trouxe essa tarde.

— Janta comigo?

— E você ainda não se cansou da minha companhia? Temos almoçado juntos quase todos os dias na última semana — brinco.

— Isso porque você ainda não aceitou nenhum de meus convites para jantar.

— Já pensou se eu tivesse aceitado? A esta altura, você já estaria cansado de me ver.

— Nunca! — diz ele enfaticamente.

Fico sem graça de novo. Ele é mestre em me deixar sem ação...

— E, então? — insiste Fabiano. — Aceita

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

jantar comigo dessa vez?

— Está bem. Eu aceito.

— Ótimo! – diz batendo palmas. – A que horas você pretende sair?

— Acredito que às 18:00h. Só que, antes, gostaria de passar em casa e tomar um banho. A poeira está até em meus ossos.

— Certo. Também preciso de um bom banho – diz ele. – Posso pegá-la por volta das 20:00h. Que tal?

— Perfeito.

No caminho de minha sala, encontro Marcos.

— Oi, Deise. Parece radiante hoje. Alguma novidade boa?

— Nenhuma. Estava apenas dando uma olhada em como está ficando sua sala.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, então está explicado – diz Marcos com ar maroto.

— Que quer dizer com isso? – pergunto rindo e entrando na brincadeira.

— *Nada...* É que você gosta muito de *supervisionar* as obras ao lado de Fabiano, é claro!

— Mas, que *papo* é esse?

— Ora, nenhum... – diz ele rindo.

— Nenhum, é? Sei. E, fique sabendo, que não está rolando nada entre mim e Fabiano, viu? São somente assuntos profissionais.

— Nenhum *climazinho*?...

— Mas, pare com isso! – estrilo, tentando mudar de assunto.

— Entendo...

Atiro uma caneta nele que se abaixa para não ser atingido em cheio. Começamos a rir e fico

PERIGOSAS ACHERON

feliz em ter desenvolvido um relacionamento tão bom com ele e com o resto do pessoal.

Ele entra comigo em meu escritório, pois me aguardava para falar de alguns investimentos novos das empresas.

— Você está ficando *expert* em administração – diz ele no meio da conversa.

— E olha que nem tive tempo ainda de ingressar em uma faculdade com planejava quando assumi.

— Sabe, a melhor faculdade é essa aqui: o dia a dia.

— Pode ser, Marcos, mas sinto falta de um estudo mais aprofundado. Contribuiria muito mais com as empresas se conhecesse todas as ferramentas de mercado disponíveis para um bom gerenciamento dos negócios.

— Olha aí! Já está até falando como uma
PERIGOSAS ACHERON

grande empresária. “Ferramentas disponíveis”, “gerenciamento dos negócios”.

— Ora, pare de caçoar! Estou falando sério.

— Eu também, Deise. E, se deseja mesmo estudar, dou todo meu apoio.

— Obrigada.

— Mas, mudando de assunto. E o detetive Castro? Não o vi hoje. Não que isto não seja um alívio, pois já estava cansado de trombar com ele a todo instante. Só estou estranhando seu sumiço. O que foi? Ele achou outras pessoas para atormentar?

— Não, mas, pelo que soube, ele pegou uma suspensão por minha causa. O delegado, mesmo eu não fazendo uma queixa formal sobre o comportamento dele ontem quando esteve aqui me afrontando, resolveu colocá-lo num “gancho”.

— E merecido. O que você me contou

PERIGOSAS ACHERON

sobre as barbaridades que lhe falou me deixou indignado. Você não merecia.

— Obrigada. Não pedi essa punição, mas acredito que foi bem merecida mesmo. Bom, acho que vou embora. Estou bastante cansada, empoeirada e precisando de um banho quentinho.

— Também vou. O dia foi bem exaustivo hoje. Até amanhã, Deise.

— Até amanhã, Marcos. Bom descanso.

Capítulo 15



— Puxa, Helena, quem diria? Já estamos terminando o mês de novembro.

— É. Amanhã já é dia primeiro de dezembro. Sei que é um chavão, mas o tempo tem corrido muito nos últimos anos.

— Com licença... — Áurea entra, falando com a voz cantada. — Como vai minha irmãzinha favorita?

— Cara de pau! Pelo que sei, sou sua *única* irmã.

— Vai saber... De repente, temos mais alguns irmãos e irmãs por aí que nosso paizinho nunca contou, não é?

— Mas, você... Isso é jeito de falar do papai?

Todas rimos. Áurea está animadíssima com a proximidade de seu casamento com Reinaldo.

— Como vão os preparativos para o grande dia? – pergunta Helena.

— Ótimos! – diz empolgada.

— Até que enfim, resolveram marcar a data – completa a secretária.

— Graças a Deise que nos presenteou com a finalização da decoração de nossa casa. A equipe de Rafael fez uns arranjos lindíssimos e a maninha aqui pagou tudo e, ainda, comprou alguns móveis e utensílios que faltavam. Ficou fantástico! E você vai, não é Helena?

— E eu ia perder?! De jeito nenhum! Já até marquei em minha agenda. Dia 22 de dezembro.

— Legal. Não vejo a hora.

— Bom, meu namorado ficou de me pegar para irmos ao teatro e preciso ir para casa me arrumar. Até segunda, dona Deise. Tchau, Áurea.

Nos despedimos e, também, saímos.

A loja de vestidos de noiva ficava na região dos Jardins e era uma das mais sofisticadas de São Paulo. Somos logo recepcionadas na entrada pela vendedora.

— Veio provar o vestido, Áurea?

— Sim e minha irmã gostaria de ver alguns modelos para ela. Você pode nos ajudar?

— Claro. Venham comigo.

A sala de provas ficava ao fundo da loja e, enquanto esperava que a Áurea experimentasse seu vestido, aproveitei para olhar alguns modelos para mim. Todos maravilhosos e de um bom gosto incrível. Os estilistas daqui são muito bons. Porém, os primeiros que a jovem vendedora me apresentou

PERIGOSAS ACHERON

eram, apesar de lindos, um pouco fora do meu estilo. Creio que com detalhes e pedrarias um tanto exagerados.

— Você tem algo mais discreto? Esses vestidos são fantásticos, mas eu prefiro sem tantos bordados. Um pouco mais clássico, talvez.

— Com certeza. Vou pedir que as meninas tragam uma outra linha.

Nesse instante, a Áurea vem para onde estou.

— Que lindo! Você ficou incrível com esse vestido, Áurea.

— Ah, maninha. Estou amando tudo isso. Ficou lindo, não é?

Ela aponta para o vestido, cujo corpo era coberto por inúmeras e pequenas pedras de cristal, dando um brilho singular sem ser exagerado. A saia plissada em organza terminava com uma cauda não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

muito longa e finalizada com uma delicada faixa com os mesmos bordados do corpo. Em volta do pescoço, uma echarpe de seda finíssima caindo para trás e cobrindo parte dos ombros.

— Gostou mesmo, Deise?

— Você não podia ter escolhido melhor. Ficou perfeito! E nos cabelos, o que vai usar?

— Ainda não decidi. Estou em dúvida e queria que você me ajudasse a decidir. Por isto, vim buscá-la.

— Eu a ajudo se você também me ajudar a escolher meu vestido. Estou igualmente em dúvida – digo apontando para o aparador que haviam trazido com novos modelos para eu ver.

Coroa... Vestido vermelho... Arranjo floral... Conjunto vinho... Entre arranjos e vestidos, ficamos quase uma hora indecisas ante tantas opções.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Puxa, até parece eleição de deputados. O número de candidatos é tão grande que fica difícil optar por um ou outro – brinca minha irmã.

— Verdade – digo, rindo e me deliciando com esse momento íntimo e feliz entre irmãs.

Áurea tenta decidir entre dois arranjos.

— Creio que este confeccionado de pequenas flores brancas intercaladas por alfinetes de strass e pérolas combina mais com seu vestido. É mais delicado. Além disso, ficaria melhor com seu cabelo.

— Verdade, esse outro é meio grande mesmo. Então, está decidido. E o seu vestido? Qual deles vai levar?

— Este longo, cor de vinho, com alças e casaquinho de renda.

— Ótima escolha. Simples, porém muito elegante.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se desejar, podemos bordar pequenas pedras de strass salpicadas no casaquinho de seda. Dará um brilho muito bonito e charmoso. Já que é a irmã da noiva, tem todo direito de caprichar.

— Mas, não vai ficar meio exagerado.

— Na verdade, ficará bastante delicado — diz a vendedora.

— Tudo bem. Pode fazer desse jeito. Muito obrigada por sua atenção.

— Vou mandar fazer os ajustes e o bordado. Assim que estiver pronto, ligo para a senhora vir até aqui provar.

Saímos da loja muito animadas. Nadinho leva a Áurea para sua casa e, depois, vamos para a minha. Estava exausta.

Sento-me na poltrona em frente à lareira, como sempre que posso.

PERIGOSAS ACHERON

— A senhora quer que sirva o jantar? — pergunta Odete.

— Na verdade, não sei. Está tão tarde...

— Mas, Isaura preparou aquelas Batatas à duquesa, arroz branco, uma salada mista com palmitos e filé de frango à milanesa.

— Batatas à duquesa?!

Viajo, lembrando a primeira vez que comi essa receita quando ainda menina na casa de minha mãe. Parece que ainda sinto o cheirinho vindo da cozinha... Um delicado purê de batatas acrescido de queijo ralado, disposto em pequenas montanhas sobre a forma untada e polvilhada com farinha de mandioca torrada. Por cima, fatias de *mozzarella* derretidas no forno. Eu sempre era a primeira a sentar na mesa. De vez em quando, minha mãe incrementava a receita, colocando fatias de tomate, orégano e azeitonas sobre a *mozzarella*. Ficava

fantástico!

— Que delícia! Sabia que fui eu quem deu a receita para Isaura.

— Sim. Sua mãe fazia para vocês. A senhora me contou. Eu a acho muito peculiar. Mesmo com todo dinheiro deixado por seu pai, ela nunca quis ter muitos empregados e faz questão de cozinhar todas as refeições.

— Ela sempre disse que não gostava do tempero de outras pessoas. Foi difícil para eu me acostumar com todos vocês aqui em casa. Isaura na cozinha, Alice cuidando da casa, Jonas no jardim, você e Roberto supervisionando tudo. O único que via menos era Nadinho, pois estava quase sempre a serviço do Alex. Fiquei muito assustada no início.

— Eu me lembro. A senhora não se acostumava com nossa presença e era difícil convencê-la a não fazer nosso serviço.

PERIGOSAS NACIONAIS

— É mesmo. Você teve, até que me tirar quase à força da cozinha uma vez. Eu estava com Isaura, conversando e cortando pepinos no balcão.

— Ah, eu não aguentei vê-la com a faca na mão, no maior bate papo com a cozinheira que estava sentada junto à mesa tomando um cafezinho. Foi demais!

Rimos com as lembranças.

— Quer saber, Odete? Hoje, vou comer na cozinha. Vamos, mulher! Avante! Estou morrendo de fome! – digo, enquanto empurro a governanta.

Isaura se assusta ao me ver entrar na copa, rindo e brincando com Odete.

— Fiquei sabendo que você fez tudo o que eu gosto – digo, dirigindo-me à cozinheira.

— Eu imaginei que gostaria e resolvi fazer uma surpresa.

PERIGOSAS ACHERON

— E gostei mesmo. Tanto que resolvi comer aqui.

— Aqui?!

— Por que está estranhando? A cozinha não faz parte da casa?

— Faz, mas...

— E a casa não é minha?

— É, mas... – diz Isaura encabulada.

— Ih, mas quantos “*mas*”, menina. Vai, anda! Estou faminta. Ah, e vocês já jantaram?

— Na verdade, ainda ninguém jantou, dona Deise – diz ela.

— Então, Odete. Chame todo mundo e você, Isaura, ponha os pratos na mesa. Vamos comer todos juntos.

— Mas, o que deu na senhora hoje?

— Saudade, Isaura. Saudade da época em

PERIGOSAS NACIONAIS

que tudo era motivo de alegria para mim. Do tempo em que não precisava me preocupar com etiquetas, costumes, tradições... Minha mãe é quem está certa. Nós não precisamos de pompa para viver, apenas sermos nós mesmos.

As duas se entreolham, cúmplices de meus sentimentos e se apressam em preparar tudo e chamar os outros.

Por volta das 2:30h da madrugada, resolvemos nos deitar.

— Obrigada por aturarem minhas loucuras — digo.

— Que é isso, dona Deise. Foi muito bom ter a senhora na minha copa.

— Concordo com Isaura — diz Odete. — Às vezes, é bom sair um pouco da linha.

— E da rotina — completa Roberto.

PERIGOSAS ACHERON

— Sabe, dona Deise, o Sr. Alex nunca foi tão amigável conosco — diz Nadinho. — Não que não tenha sido um bom patrão e uma ótima pessoa, mas ele tinha um jeito mais austero, mais na dele.

— Verdade. Meu marido sempre teve um comportamento mais austero, como disse, Nadinho. Mas, foi criado dessa forma. Não teve as mesmas liberdades que eu ou vocês. Bom, mas, agora, vamos dormir. Todos devem estar bastante cansados. Ah, e não precisam se levantar muito cedo amanhã. Afinal, fui eu que os fiz ficar acordados até tão tarde. Eu também foi aproveitar e dormir um pouco mais. Boa noite e, mais uma vez, obrigada pela companhia.

— Boa noite — respondem todos.

Pela manhã, sinto-me estranha. Ajeito os travesseiros na cabeceira da cama e recosto-me a eles, meio sentada, meio deitada. Odete bate à porta

PERIGOSAS NACIONAIS

e entra, para variar, com uma bandeja trazendo meu café da manhã.

— Você sempre adivinha a hora que eu acordo, não é?

— É que a conheço tão bem que sei quais são os limites em que aguenta ficar na cama – diz ela sorrindo.

— Verdade.

— Mas, o que houve? A senhora parece um tanto inquieta.

— Não sei, Odete. Talvez, seja porque vi minha irmã experimentando seu vestido de noiva. Talvez, pela loucura de ontem à noite, mas acordei com o coração apertado.

— Deve ser porque sente falta de seu marido e muitas coisas a tem feito se lembrar da época de seu casamento com ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pode ser...

— Então, anime-se. Tome seu café e desça para a piscina. Está fazendo um dia lindo. Quente e convidativo para um bom mergulho.

— Você nunca nadou em minha piscina, não é?

— Que é isso? Não me atrevera. Além do mais, não sou muito chegada e nem sei nadar. Com certeza, eu me afogaria se entrasse na água.

— Não pode ser tão ruim assim – brinco.

— Sou pior. Na verdade, morro de medo de água. Trauma de infância.

— O que houve? – pergunto curiosa.

— Minha família era sócia de um clube de campo em São Bernardo do Campo junto com outras famílias de nossa vizinhança. Sempre que podíamos, passávamos o domingo lá. Num desses

PERIGOSAS ACHERON

domingos, uma amiga da minha mãe estava tentando me ensinar a boiar de barriga para cima na piscina e meu irmão pulou bem em cima de mim. Fui para o fundo e quase me afoguei. Daquele dia em diante, natação ficou fora dos meus planos.

— Quando somos crianças, fazemos cada bobagem, não é?

— Se fazemos. Bom, vou descer. Até mais tarde.

— Até, Odete.

Quando a governanta sai, eu me levanto e caminho até a sacada. O dia estava, realmente, lindo e quente, mas meu coração continuava amargurado e aquela beleza toda acabou por se transformar em mais um motivo de angústia. Sentia que algo estava faltando e cheguei à conclusão que Odete estava certa.

— “Preciso separar as coisas – penso. – “A
PERIGOSAS ACHERON

saudade que tenho de Alex não pode estragar a alegria de Áurea. Ela vai ser feliz!''.

Com esses pensamentos, volto, tomo meu café, troco a roupa e desço para a sala. De repente, uma determinação tomou conta de mim. Tinha de mudar o rumo de minha vida, esquecendo o passado e olhando para frente. Já me transformara em uma empresária de sucesso nos poucos meses em que estava na direção das empresas e precisava seguir adiante.

— O que houve, dona Deise? — estranha Odete. — Até agora a pouco, parecia tão triste...

— E estava.

— Mas, o que a fez se animar tão depressa?

— A vida, querida. A *vida* — digo com ênfase.

— Não entendi.

— Resolvi viver, Odete. Não posso mais ficar me lamentando pelo que aconteceu. Devo descobrir dentro de mim a mulher que ainda tem vontade e força para reconstruir seus caminhos. E vou começar por aqui!

Vou até a lareira e, determinada, retiro o quadro da família Rubiano e o ponho no chão, encostado a parede.

— Por favor, chame Roberto e Jonas e peça que eles coloquem esse museu no quarto de despejo. Não quero mais ter de ficar olhando para esse velho orgulhoso e prepotente.

— Como quiser.

— Ah, e peça para o Nadinho me esperar na frente da casa. Vou sair. Quero comprar algo bonito para colocar no lugar dessa velharia. Algo que alegre a vista, que traga vida para esta sala.

— A senhora, realmente, se animou – diz

ela contente com minha reação.

Passeio com Nadinho por várias lojas, buscando um quadro, uma tapeçaria, uma escultura ou vaso que combine com a decoração. Encontro muitas opções, mas nada que chamasse, verdadeiramente, minha atenção. Queria algo diferente do tradicional.

Ao pararmos próximo a um farol fechado para nós, vejo uma pequena loja de arte e resolvo descer. Para minha surpresa, encontro, descansando em um cavalete no canto esquerdo da loja, um quadro no tamanho exato para o espaço sobre a lareira. A pintura era feita com uma leveza de traços tão incrível que cheguei a soltar uma exclamação.

— Que lindo!

— Vejo que gostou – comenta um homem parado ao meu lado.

— É muito bonito. Lembra muito os grandes mestres do Impressionismo.

— Foi justamente nessa escola que o pintor se inspirou. Desde que resolveu dedicar-se à pintura, ele optou por um estilo próximo ao Impressionismo, porém, tendo o cuidado de não parecer ser apenas um copiador de estilos, mas impondo o seu próprio.

— Pelo visto, você conhece bem o artista – digo.

— Na verdade, ele é meu irmão. É uma pena que nunca quis expor seus quadros. Esse aí, por exemplo, foi trazido para cá depois de muita briga.

— Por quê? – estranho. – Eu o achei tão talentoso.

— Ele acha que seus trabalhos são muito simples e tem receio de que sejam encarados

PERIGOSAS NACIONAIS

apenas como meras imitações de Renoir ou outro grande mestre. Tentei convencê-lo a mostrar sua arte ao público e, só depois de uma espécie de aposta, permitiu que eu escolhesse um e trouxesse para cá. De acordo com a reação das pessoas, então, ficaria provado quem tinha razão, se eu ou ele.

— Quer minha opinião sincera? — pergunto.

— Não ia querer que fosse de outra forma — diz ele animado.

— Você ganhou a aposta, com certeza!

— Irrrrrrrrrrrrrrraaaaaaaaaa... — grita, levantando a mão direita para cima, em atitude de vencedor. — Sabia que eu conseguiria provar para ele que não pode esconder seus talentos.

— E não pode mesmo. Aliás, quanto quer pelo quadro?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Na verdade, não coloquei um preço nele. Não pretendia vendê-lo. Queria apenas provar que era bom.

— Mas, você venderia no caso de alguém se interessar?

— Talvez. Não havia pensado nisso.

— Que tal R\$ 3.000,00?

— Como?! — assusta-se. — R\$ 3.000,00?! Quem pagaria tanto por um quadro?

— Ué, você não é o dono dessa loja? Já deve estar acostumado a vender muitas obras de arte.

— Sim, mas minha loja é simples e o artigo mais caro que tenho aqui não passa dos R\$ 400,00.

— Então, está na hora de crescer. Pode começar vendendo esse quadro para mim e, depois,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

podemos conversar sobre promover uma exposição com os outros trabalhos de seu irmão. Isto, se eles forem tão bons quanto este.

— A senhora está falando sério?!

— Com certeza. Posso levar o quadro?

— Pode sim. E obrigada.

Pago e ele me ajuda a levar o quadro para o carro parado no estacionamento em frente da loja.

— Ah, esqueci de perguntar. Qual é o nome do artista?

— Fabiano.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 16



— Ficou lindo, dona Deise!

— Obrigada, Roberto. Foi pura sorte termos encontrado essa peça. Se o farol estivesse aberto, nunca veria aquela loja.

— Verdade – concorda ele.

— É tão suave e gostoso de olhar – comenta Odete, admirando o quadro sobre a lareira.

— Dá uma sensação de paz... – completa o mordomo.

— Foi por isso que decidi comprá-lo. É o oposto daquele que estava ali antes.

— E é mesmo – concorda Odete. – O Sr. Alexandro era muito duro de coração e mostrava isto até naquele retrato. Nunca falei nada porque quem sou eu para me intrometer nas coisas dos PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

patrões, mas não me sentia bem olhando o quadro da família. Não gostava dele.

— Eu me sentia da mesma forma. Essa figura do pai de Alex sempre me causou revolta. Tinha ganas de pegá-lo e jogá-lo longe, mas me segurava por causa do meu marido. Ele não aprovaria. Agora, tudo acabou e é essa imagem que veremos todos os dias, uma imagem que traz paz, pois é exatamente o que estou buscando: paz de espírito.

— E vai ter — reforça Roberto.

Olho para ele e me sinto renovada. Há muito, não me sentia tão leve.

— Sabe, pessoal. Acho que vou dar uma festa para inaugurar minha nova fase e apresentar esse quadro lindo.

Percebo que ambos se animam com a ideia e continuo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vou fazer umas ligações e ver quem estaria livre esta noite. Se todos toparem, partiremos para os preparativos. É possível ajeitar tudo em menos de um dia, Odete?

— É claro que sim, dona Deise. Com as facilidades de hoje em dia, preparar uma festa de última hora não é tão complicado. Dá um pouco de trabalho e será meio corrido, mas creio que não haverá problemas.

— Os convidados serão poucos, mas quero aproveitar esse meu bom humor e mostrar para todos que Deise Rubiano está renascendo das cinzas.

— O que posso fazer para ajudar? — pergunta Roberto animado com a ideia.

— Ajude Odete com a lista das coisas que precisamos. Enquanto isto, vou ligar para meus amigos e para minha família.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

De todos para quem liguei, somente Sonia ficou de confirmar, pois já tinha outro compromisso e dependia de desmarcá-lo. Os demais amaram o convite e garantiram suas presenças.

Odete e Isaura providenciaram os quitutes, alguns preparados pela própria cozinheira, outros comprados em lojas especializadas. Roberto e Nadinho foram atrás de bebidas e ajudaram a governanta nas idas às compras necessárias. Alice, também muito animada, arrumou toda casa e a encheu de flores para deixar o ambiente ainda mais alegre. Jonas também ajudou, colocando mesas e cadeiras à beira da piscina, nas quais foram postas lindas toalhas e alguns vasos de flores.

Por volta das oito e meia da noite, todos já haviam chegado, inclusive, Sonia.

— Fiquei feliz que pôde vir, Sonia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu também, Deise.

— Ela, na verdade, estava louca para arrumar uma desculpa para não ir ao outro compromisso – brinca Lamarck.

— Por quê? – pergunto curiosa por saber que compromisso chato teria sido.

— Se ela não viesse aqui, teria de jantar com a futura sogra... – continua Lamarck com a brincadeira.

— Ah, entendi... – digo, rindo.

— Ora, Deise, não acredite nesse tonto.

Rimos e brincamos mais um tempo e, depois, fui me juntar a outro grupo, formado por Rafael, Jussara, Suzana, Cristina, Tininha e André.

— Estão bem servidos? Desejam mais alguma coisa? – pergunto como boa anfitriã.

— Está tudo perfeito, Deise. Obrigado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas, e o Fabiano? Ele não vem?

— Não sei, Rafael. Pelo menos, ele confirmou que viria.

— Vai ver está com alguma *gata*... – brinca André.

Todos me olham com ar maroto para ver qual seria minha reação.

— E se estiver? Qual o problema? – pergunto, tentando disfarçar meus rubores.

— *Nenhum*... – diz ele rindo.

— Mas, falando no Diabo... – diz Cristina, apontando para a porta da sala, recém-aberta por Roberto.

— *Hummmm*... Olhem só os olhinhos dela. Estão brilhando mais que luzinhas de árvore de Natal – diz Rafael, emendando a brincadeira de André.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dou de ombros enquanto todos ficam rindo e vou ao encontro de Fabiano.

— Oi, tudo bem? Demorou para chegar. Todos estavam perguntando de você.

— Desculpe o atraso, Deise. Tive de atender um chamado familiar.

— Mas, está tudo bem? — pergunto preocupada.

— Tudo bem, sim. Minha mãe teve um pequeno mal-estar, mas já está melhor. Foi só um susto.

— Que bom. Todos estão na beira da piscina. Está uma noite tão agradável que ninguém quis ficar dentro de casa. Vamos, eu o levo até eles.

No caminho, avistamos Áurea e Reinaldo, rindo e se divertindo. Parecia que estavam em sua própria festa de casamento, tamanha animação.

PERIGOSAS ACHERON

— Eles estão muito felizes, não é? — repara Fabiano.

— Estão mesmo. E eu também. Os dois formam um lindo casal e, graças a Deus, se dão muito bem. Tenho certeza de que terão uma vida longa juntos.

Uma visita inesperada nos surpreende e interrompe nossa conversa. Volto-me e olho em direção à porta, indo até ela em seguida e largando Fabiano sozinho.

— Detetive Castro?! Fazendo hora extra no serviço? — brinco, tentando quebrar o incômodo que senti ao vê-lo.

— Talvez, Sra. Rubiano. Mas, que bela festinha — diz ele, olhando para a porta que dá acesso à piscina.

— Estou apenas recebendo alguns amigos. Pelo que sei, isso não é nenhum crime — digo

secamente.

— Será que podemos conversar em particular? Prometo que tomarei apenas poucos minutos do seu tempo.

Estranho, mas peço a ele que me acompanhe até o escritório. Fecho a porta após nossa entrada e ofereço a cadeira em frente à mesa para que se sente. Depois, ocupo a cadeira de Alex e aguardo que o detetive diga a que veio hoje aqui.

— Sra. Rubiano...

— Por favor – interrompo. – Já lhe disse que não precisa me tratar com tanta formalidade. Pode me chamar de Deise apenas, está bem?

— Está bem... Deise – diz um tanto relutante.

— Melhor. E o que o trouxe aqui? Alguma novidade no caso?

— Sim. Encontramos a mulher que levou o carro de Alex para a oficina naquele dia.

— E vocês já a interrogaram? – pergunto afoita. – Ela disse por que se passou por mim?!

— Infelizmente, não pudemos fazer-lhe nenhuma pergunta.

— Como assim?! – digo já me exaltando.

— Calma, Deise. Nós confirmamos com Jair que a reconheceu no IML esta tarde.

— Ela está... morta?!

— Sim.

— E como ela morreu? – pergunto com o coração batendo forte e frustrada por não poder saber o que a levou a fazer o que fez.

— Aparentemente, um acidente. A vizinha estranhou o fato dela não aparecer em seu aniversário e decidiu procurá-la. Como a casa

estava fechada e ninguém atendia a campainha, ela olhou pela janela e a viu caída ao pé da escada na sala. De acordo com o legista, ela rolou os degraus e, aparentemente, quebrou o pescoço na queda.

— Que coisa terrível! — digo sem acreditar no que ouvia.

— Também acho, mas, em minha profissão, vejo situações como essa com mais frequência do que desejaria.

— Não deve ser nada fácil ser um policial. Tantas mortes, tantos crimes...

— E não é. Mas, perdoe minha intrusão em sua festa. Achei que você gostaria de saber.

— Não se preocupe com isso. Gostei que tivesse vindo e agradeço seu interesse e sua dedicação nesse caso. Você tem sido incansável.

— Quero muito solucionar as mortes de Alex e de seus pais. Sei que tenho muitos outros

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

crimes sem solução ainda, mas este, em especial, traz um interesse a mais para mim.

— E por que esse caso é diferente dos outros? – pergunto enquanto olho para seu rosto, que parece mais meigo do que em outros encontros anteriores que tivemos.

— Porque quero vê-la feliz de novo e aliviar a carga que foi colocada em seus ombros – diz de forma carinhosa.

Aquelas palavras me tocam profundamente e chego a sentir uma enorme simpatia por ele. Aliás, tenho mudado meu conceito sobre Castro nos últimos meses e já não o vejo mais como aquele homem irritante e arrogante de antes. Sua postura tem mudado e ele, com certeza, tem sido muito mais atencioso e cortês comigo.

— Mas... – começo, tentando desviar os últimos pensamentos. – Fique conosco esta noite.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Já que está aqui, aproveite a festa.

— Não sei. Creio que não seria muito conveniente – diz ele sem graça.

— Que é isso? Não há inconveniente algum. Venha. Vou apresentá-lo aos meus amigos.

Arrasto-o para o jardim, pegando em seu braço.

Ao me verem de braço dado com o detetive, todos olham direto para Fabiano que parece se incomodar com a cena. Confesso que não sabia aonde enfiar a cara. Disfarcei e o apresentei a todos.

O céu estava repleto de estrelas e minha mãe, finalmente, sai da cozinha e se junta a nós.

— Até que enfim! – brinco com ela. – A senhora esqueceu que foi *convidada* para a festa e não *contratada* para trabalhar nela?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ora, pare de implicar comigo, Deise. Você sabe o quanto gosto de ver se está tudo certinho.

— Eu sei, mãe. Estava só brincando. Aposto que Isaura amou sua companhia.

— E amei mesmo – cochicha a cozinheira em meu ouvido ao passar por mim, segurando uma bandeja de canapés.

— E aí, filha? Por quem bate seu coração? – pergunta, apontando discretamente Fabiano e Castro que conversam com Áurea e Reinaldo perto de onde estavam.

— Castro?! De onde tirou essa ideia?! – digo sem jeito.

— Ora, minha menina. Eu reparei no jeito que você olhou para os dois a noite toda. Se eu a conheço bem, há uma ponta de dúvida em você sobre eles.

PERIGOSAS ACHERON

— Não mesmo – respondo enfaticamente.
— Não quero nem pensar nessas coisas ainda. A morte de Alex é muito recente ainda para eu me apaixonar por outra pessoa.

— Sei – diz ela entre um risinho maroto. – E não acho que seja tão recente assim. Já se passaram quase seis meses e você precisa refazer sua vida, minha filha. Além do que, esses dois são um pedaço de mal caminho, não acha?

— A senhora não tem jeito – digo, rindo. – Mas, por que a senhora acha que estou interessada em Castro? Fabiano eu até entendo por que temos saído bastante juntos mesmo não estando namorando, mas Castro?

— Na verdade, eu percebi que, tanto Fabiano quanto Castro, parecem dois “urubus” rodeando a casa. Eles não saem daqui ou do seu escritório. Tenho visto mais a eles do que via seu

marido em todos os anos em que esteve casada.

— Ora, mas o detetive está apenas fazendo seu trabalho.

— Seu *trabalho*? Acorda, menina! Ele está andando de quatro por você. Não acredito que não tenha percebido ainda.

— Ah, mãe. Para dizer a verdade, eu bem que desconfiava, mas tentava tirar essa ideia da minha cabeça.

— Pois, não devia tirar. Os dois estão numa disputa acirrada por conquistar seu coração e acho que você devia pensar nisso e decidir qual deles a atrai mais. Você merece ser feliz e eu aprovaria sua escolha, qualquer que fosse, pois ambos são muito bons rapazes e dariam excelentes maridos.

— Talvez, tenha razão, mas é difícil. Fabiano é um amor e ainda tem a vantagem de ser

PERIGOSAS ACHERON

um arquiteto como eu era. Isto traz grandes afinidades entre nós. Castro, por sua vez, saberia enfrentar minha rotina, pois, também tem uma vida atribulada e cheia de compromissos por ser um policial. Em contrapartida, eu acabaria caindo no mesmo problema que tive com Alex, pois, um detetive pode ser chamado a qualquer hora do dia ou da noite. É complicado.

— Não pense nas possibilidades, querida. Se este é melhor do que aquele. Ouça o seu coração. A felicidade não está na escolha *lógica*, mas na *certa*.

— Sempre sábia, dona Rose. Sempre sábia.

Abraço-a com carinho e, depois, vou dar uma passeada entre o pessoal.

Após algum tempo, percebo a ausência de Fabiano e vou procurá-lo. Ao entrar na sala, vejo-o

PERIGOSAS NACIONAIS

parado em frente a lareira. Olhava com bastante interesse o quadro que eu colocara ali.

— Belo trabalho, não acha? — pergunto.

— Sou suspeito para falar qualquer coisa sobre ele.

— Por quê? — estranho.

— Onde você encontrou esse quadro?

— Em uma pequena loja de arte. O dono disse que era um trabalho de seu irmão.

— E o que mais?

— Que o artista considerava sua obra sem valor e temia ser encarado como um mero copista dos quadros impressionistas.

— E o que *você* pensa a respeito?

Começo a desconfiar de tantas perguntas, mas respondo que considerava um desperdício deixar esse talento escondido do mundo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Veja os traços – digo, apontando para o quadro. – É raro encontrar tanta suavidade e leveza. Quem o pintou é, sem dúvida, um grande artista.

— Você acha isso mesmo? – pergunta ele com a voz estranha. Parecia emocionado.

— Por que tanto interesse, Fabiano?

Ao citar seu nome, uma lampadinha acende na minha cabeça.

— Será possível?! – pergunto num misto de ansiedade e êxtase. – Por acaso é você esse Fabiano? – aponto para a assinatura no canto direito da obra.

— Sou. Rubens, o dono daquela loja, é meu irmão caçula.

— Mas, isso é fantástico! Meu Deus, por que você esconde esse talento incrível?! Sua pintura é maravilhosa!

PERIGOSAS ACHERON

— Ora, não precisa exagerar.

— E quem está exagerando? Seu irmão falou sobre isso com você? E sobre minha proposta?

— Na verdade, não o vi hoje. Nem sabia que ele havia vendido o quadro. Mas, de que proposta você está falando?

— De expor seus quadros em uma galeria de arte. Tenho um amigo marchand e creio que ele toparia no ato montar uma exposição com você.

— Agora, você está mesmo exagerando – diz ele.

— Mas, que falta de confiança é essa? Por que você não acredita que tem, realmente, um grande talento?

— Sei lá. Meus trabalhos parecem meras cópias de Renoir e outros mestres contemporâneos dele. Meus professores sempre me incentivaram a

PERIGOSAS ACHERON

continuar, mas eu sou muito exigente comigo mesmo e nunca achei que era bom o suficiente.

— Tudo bem em querer sempre ir além, mas não justifica que não perceba a beleza daquilo que você criou.

— Meu pai sempre dizia: “É melhor não fazer do que fazer de qualquer jeito”. Acho que vem dele essa minha ideia fixa do “mais que perfeito”.

— Então, deixe esse pensamento de lado e me leve qualquer dia para conhecer o restante de sua obra. Estou curiosíssima! – digo entusiasmada pela descoberta do artista do quadro que comprei estar bem em minha frente.

— Tudo bem. Podemos combinar depois.

— Perfeito! Agora, vamos. Quero contar a novidade para o pessoal.

Mas, mal dá tempo de falar qualquer coisa.

André já vem em nossa direção e começa a caçoar.

— E aí? O que os dois estavam fazendo sozinhos na sala? – diz em tom malicioso e brincalhão.

— Admirando minha nova aquisição de arte – respondo.

— Sei. Aquisição de arte? Devemos acreditar nela, gente? – pergunta aos outros.

Fabiano fica sem graça e, por mais que tentássemos parar os comentários, eles nos alugaram o resto da noite, divertindo-se em nos ver sem respostas e sem ação. Quem não gostou muito da história foi Castro, que se mostrou bastante incomodado pelo que pude ver de longe.

Quase no final da festa, a Áurea chega perto de mim, aproveitando que eu me isolara um pouco de todos.

— O IBOPE está bom para o seu lado,
PERIGOSAS ACHERON

hein maninha? – cochicha ela em meu ouvido.

— Quem cochicha o rabo espicha – grita Reinaldo do outro lado da piscina.

— E quem reclama o rabo inflama! – responde ela, repetindo o chavão que meu pai sempre usava quando éramos pequenas.

Saio de fininho, aproveitando que minha mãe chamara Áurea para conversar.

— Oi, Rafael. Está gostando da festa? E a Juli? Não a vejo por aqui.

— A festa está muito boa e ela foi se sentar um pouco na sala com Cristina. Estava cansada.

— E não é para menos. Já passa da meia noite. Mas, estou tão feliz de poder receber vocês em minha casa. Com Alex, eu apenas *ia* a recepções, mas dificilmente as promovia – desabafo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tenho certeza de que esta será a primeira de muitas reuniões que você fará.

— Você e sua esposa estão tão felizes! Deu para ver hoje o quanto fez bem aos dois haverem reatado.

— Verdade. E você? Para que lado pende esse seu coraçãozinho?

— Até você! — ralho em tom de brincadeira. — Hoje, todo mundo está querendo me arrumar casamento.

Caio na risada, pois sei que ele está na torcida por me ver acertando os ponteiros com Fabiano.

Aos poucos, todos começam a se despedir e ir embora.

— Foi uma bela festa!

— Obrigada, Lamarck. Mande lembranças

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minhas ao Barnes. Soube que você irá ao Rio essa semana.

— É. Há um projeto novo e ele pediu minha ajuda. Devo ficar alguns dias por lá. Só espero não levar nenhum tiro.

— Ai, que horror!

— Brincadeira. O Rio de Janeiro é uma cidade encantadora. Sempre que posso, vou passear em Copacabana ou no Leblon. Bom, obrigada pelo convite.

— Foi um prazer. Bom descanso.

— Para você também. Tchau.

— Tchau.

— Restamos só nós?

Volto-me e dou de cara com Castro.

— Parece que sim. Que bom que resolveu ficar.

PERIGOSAS ACHERON

— Estou feliz que acabaram nossas desavenças.

— Verdade. E pensar que você desconfiou de mim...

— Desculpe. Você ficou bastante nervosa com isso, não é?

— E como! – desabafo.

— Sabe, Deise, desde o começo tive a sensação de que este seria um daqueles casos difíceis de solucionar. Só que acho que estou deixando passar alguma coisa por entre meus dedos... Às vezes, sinto que a solução está na minha frente, mas não consigo enxergá-la.

— O engraçado é que sinto o mesmo, Castro. É como se a resposta estivesse do outro lado da página, só que não conseguimos virá-la.

— Verdade. Mas, não vamos estragar a noite. Será que ainda sobraram alguns croquetes e

PERIGOSAS ACHERON

empadas?

— E eu que pensei que servir empadas era brega...

— Olha, se é brega ou não, isso não me importa nem um pouco. Amo empadinhas, principalmente, de palmitos.

— Então, vamos atacar a cozinha. Também estou com uma fominha de fim de noite.

Algum tempo depois, voltamos para a sala e Castro colocou uma música em meu aparelho de som e me convidou para dançar. Enquanto rodopiávamos lentamente, ele me contou que, como eu, era viúvo há cerca de dois anos.

— Por que nunca me falou sobre isso? — pergunto.

— Bem, nossos encontros não têm sido muito “sociais” e não houve oportunidade de estarmos juntos “fora do serviço” por assim dizer, a

PERIGOSAS ACHERON

não ser agora.

— Como ela morreu? Desculpe, não sei se gosta de falar sobre esse assunto.

— Não me incomodo, fique tranquila. No início, era bem mais difícil, mas hoje já não dói tanto. Sinto apenas pela forma como tudo aconteceu. Estávamos esperando nosso primeiro filho quando houve uma complicação e ela teve um parto prematuro. Logo em seguida, sofreu uma hemorragia muito forte e não resistiu.

— Quer dizer que você tem um filho? — pergunto um tanto impressionada com a ideia.

— Infelizmente, o bebê nasceu com uma má formação e, também, morreu poucas horas após o parto.

— Puxa, que triste! Deve ter sido muito duro para você superar essa perda.

— Foi, mas creio que, se a criança tivesse

PERIGOSAS ACHERON

sobrevivido, seria bem complicado criá-la sozinho com a vida que levo. Na verdade, nem sei se superei por completo, pois, quando me vejo em casa e sem eles ali, a dor volta com força.

— Sei como é. Isso acontece comigo também.

— Cá estamos nós falando de nossos infortúnios...

— Tem razão. A música é linda, a noite está uma delícia e a companhia é extremamente agradável.

Nesse momento, ele me puxa mais para junto de seu corpo e sela meus lábios com um doce e suave beijo.

— Há muito tempo esperava por esse momento – diz ele com voz mansa e acariciando meu rosto.

Afasto-me um pouco sem, no entanto, sair
PERIGOSAS ACHERON

de seus braços.

— O que foi? — pergunta ele meio preocupado. — Acho que me precipitei, não é?

— Não — digo, colocando minha mão delicadamente sobre seus lábios. — Eu já sentia que isso poderia acontecer, só não sei se estou preparada para um novo relacionamento ainda.

— Eu entendo sua hesitação. Desculpe se eu não soube esperar, mas apaixonei-me por você desde o dia em que fui suspenso.

— Não acredito — digo surpresa.

— Pois é. Dizem que não devemos nos envolver emocionalmente em nosso trabalho e creio que foi por essa razão que a tratei tão rudemente naqueles dias. Depois do vexame e da bronca que levei, fui para casa louco de raiva. Só que, quando parei para pensar com mais calma sobre tudo o que ocorrera, percebi que eu estava

tentando achar culpa em você para encobrir ou tentar fugir do que realmente sentia. Fiquei sentado no sofá por horas, atônito com a descoberta da forte atração que tinha por você. A mulher de quem eu suspeitava ser uma assassina, de repente, transformou-se na mulher dos meus sonhos.

Olho para ele, encantada com essa revelação e, dessa vez, sou eu quem o beija.

— Será que teremos um novo patrão? — fala baixinho a governanta logo após Castro sair pela porta.

— Ah, que susto, Odete! — digo, colocando a mão no peito. — Desde quando você está aqui?

— Na verdade, eu vim a pouco verificar se estava precisando de alguma coisa e não pude deixar de ver a senhora e o detetive juntos. Saí discretamente e voltei agora.

— Não sei o que fazer, minha doce ama...
— lamento enquanto me aconchego em seus ombros.

— Calma, minha menininha – diz ela carinhosamente. – Tudo vai dar certo. O detetive Castro parece ser uma boa pessoa.

— Eu também acho, mas não planejava que isso acontecesse. Nem imaginava que eu estivesse tão atraída por ele...

— A senhora pende para o Sr. Fabiano também, não é mesmo?

— Você é muito perspicaz, Odete. E o pior é que marquei de ir à casa dele ver suas pinturas amanhã à tarde... E, agora, o que eu faço? – digo, entre soluços.

A governanta me abraça sem dizer nada por alguns instantes.

— Dona Deise – começa ela depois que
PERIGOSAS ACHERON

paro de chorar. — Sente-se aqui — apontando para o sofá.

Sentamo-nos uma ao lado da outra e ela segura minhas mãos.

— Sei que está confusa. São muitos pensamentos remoendo dentro de você. A perda de seu marido, as novas responsabilidades com as empresas, a suspeita de assassinato que se abriu em relação aos acidentes. Seu coração está bastante fragilizado e é normal buscar refúgio em novos sentimentos. O que você precisa é fazer um balanço sobre quem mexe mais com suas emoções. Não tente escolher de maneira rápida, pois a tendência é escolher errado. Vá com calma, pondere, veja quem lhe faz mais falta quando não está por perto. No momento certo, vai saber decidir. Quem sabe daqui a um mês, daqui a um ano...

— Um ano?! Meu Deus, não sei se

PERIGOSAS NACIONAIS

aguento essa indecisão por tanto tempo.

Ela ri.

— Faça o seguinte. Suba, tome um banho e descanse. Amanhã, suas ideias podem estar mais claras, concorda?

— Concordo e obrigada por me ouvir.

Subo as escadas já mais tranquila enquanto ela me observa com carinho. Custo, porém, a dormir, lembrando daqueles beijos...

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 17



Durante o almoço com minha mãe, o assunto era o casamento da Áurea. Maratona de entrega de convites, vestidos, decoração da igreja, buffet. Ficamos tão entretidas que quase me esqueci do que havia acontecido na noite passada.

— Estava pensando que você poderia hospedar sua tia Dulce, o tio Jorge e nossos primos em Adamantina. Sua casa é bem grande e tem quartos suficientes. O que acha, Deise?

— Posso sim – digo automaticamente.

— E eu posso levar meu irmão Thiago e sua esposa Laurinda para ficar em meu apartamento. Como seriam só os dois, ficaria mais fácil acomodá-los.

— Acho que não vejo meus tios e primos

desde meu casamento. Vivia pedindo para Alex me levar para visitá-los, mas ele nunca tinha tempo.

— Mas, agora quem precisa ter cuidado com essa história de falta de tempo é você, querida. Tem trabalhado tanto que quase não a vemos. Nos últimos dois meses, lembro de tê-la chamado várias vezes para sairmos e suas respostas sempre foram negativas devido a compromissos de negócios.

— Tem razão, mãe. Desculpe minhas falhas. Preciso vigiar mais e planejar melhor meus compromissos para não ficar igual a Alex.

— Mudando de assunto, estou achando você meio tensa, distante. Aconteceu alguma coisa. O detetive Castro falou alguma bobagem que a chateou, por acaso? — pergunta com chaminhas nos olhos.

Rio com o jeito dela de sempre querer me defender. Minha mãe nunca deixou de ser uma

mulher forte e determinada e aí de quem mexesse com a prole dela... Era briga na certa.

— Não se preocupe. Estou só em dúvida sobre algumas coisas que têm ocupado minha cabeça. Parece que estou em um carrossel gigante, girando sem parar.

— Deise, sei que ainda não se definiu sobre o que fazer de sua vida, mas isso não é motivo para tanto nervosismo. Você é nova e seus *pretendentes*, por enquanto, estão só na *sondagem* do terreno, não é mesmo? Tem bastante tempo para você pensar e decidir o que deseja para seu futuro.

— Nem tanto, mãezinha. Nem tanto...

— Por quê?! — espanta-se ela.

Dou uma rápida pincelada sobre o que aconteceu na noite anterior depois de todos haverem saído.

— Quer dizer que ele esperou todos irem
PERIGOSAS ACHERON

embora? Espertinho, hein? – diz ela rindo.

— Ah, mãe. Não brinca. Estou angustiada e sem saber o que fazer.

— Ora, pelo que me contou, não há muito o que fazer. Você está namorando e pronto. É deixar o barco andar e ver no que dá.

— Esse é o problema. Eu não sei se estou, realmente, namorando como a senhora disse e, depois, tem o Fabiano.

— Você o beijou também?!

— NÃO! Só foi com o Castro. Minha dúvida e meu medo é que marquei de ir à casa do Fabiano hoje à tarde.

— Mas, que encrenca, hein? Por que tudo em sua vida tem de ser complicado?

— Espero que não me enrosque mais do que já estou enroscada. Bom, marquei de ir lá

apenas para ver suas pinturas e avaliar a possibilidade de falar com Ramon sobre marcarmos uma exposição em sua Galeria de Arte.

— Aquele *marchand* amigo de seu pai.

— Ele mesmo. Acredito que valha a pena investir no talento de Fabiano.

— E Castro? Sabe que vai lá.

— Não. Fiquei com medo de que ele quisesse ir junto e complicar ainda mais as coisas. Marquei de jantar com ele mais tarde.

Minha mãe põe as mãos na cabeça e me olha com aquele olhar de quem não sabia se ria, se me dava uma surra ou se chorava junto comigo.

No caminho da casa de Fabiano, deixo-a em frente ao prédio em que mora. Fazia algum tempo que não dirigia e me atrapalhei um pouco para estacionar, ao que ela riu bastante. Também, tive certa dificuldade em achar a rua onde ele mora,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mas, logo, estava parada em frente ao portão e tocando a campainha.

O muro era revestido de pedras mineiras e os portões eram em alumínio. Ao entrar, percebo que o sobrado era simples, mas muito bem cuidado. A sala, no entanto, era bem mais sofisticada com piso de madeira e móveis de muito bom gosto.

— Foi você quem decorou sua casa? — pergunto em tom de elogio.

— Não. Foram meus pais. Quando eles a compraram e mobiliaram, eu ainda nem havia entrado na faculdade.

— Gostei.

— Aceita alguma coisa? Um drinque, um suco?

— Creio que um suco cairia bem com esse calor. Além do mais, é meio cedo para drinques.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vou pedir para a empregada trazer. Mas, sente-se e fique à vontade. Já volto.

O sofá era tremendamente confortável. Quase dava vontade de deitar e tirar um cochilo.

— Não me enganei mesmo! – digo com veemência quando ele retorna para a sala. – Você é muito bom! – afirmo, apontando para uma tela na parede em frente de onde estou. – Esse quadro também é seu, não é? Reconheci a assinatura.

— Este foi um dos meus primeiros trabalhos. Minha mãe gostou tanto que não deixa que ninguém o tire daí.

Eu me levanto e me aproximo da tela para ver mais de perto. Nisso, ele me abraça por trás, com ternura e, suavemente, acaricia minha face. Quase desmaio de susto.

— “Meu Deus!” – penso – “Isso não pode estar acontecendo comigo!”.

PERIGOSAS ACHERON

Fabiano me virou e, de frente para mim, encara-me com seriedade.

— Você sabe o que sinto por você, não é?
— diz com a voz trêmula.

— Penso que sim — respondo, quase sem fala.

— Depois daquele dia na praça em que nos conhecemos, surpreendia-me pensando em você muitas vezes e nosso segundo encontro, na verdade, não foi por acaso. Voltava ali, pelo menos, duas vezes por semana na esperança de vê-la.

— Mas, nossa conversa foi tão rápida... E você sabia que eu era casada também.

— Eu sei, mas me marcou bastante. Sua persistência em ficar ali, naquele frio terrível, aguardando seu marido mexeu comigo. Senti pena de vê-la tão triste e comovido com sua perseverança. Cheguei a ficar com raiva daquele

PERIGOSAS ACHERON

homem que nem sequer conhecia. Como ele não conseguia enxergar o amor que você dedicava por alguém que não sabia valorizá-lo? Queria encontrá-la de novo para poder mostrar o quanto você merecia mais do que o que seu marido lhe oferecia.

— Fabiano, eu...

Ele calou minha voz com um beijo ardente e apaixonado. Meu coração saltava, meu corpo tremia de alto a baixo e, diante de tanta emoção misturada ao medo e incerteza do que faria nessa situação, desfaleci em seus braços.

Quando acordei, estava deitada no sofá com Fabiano sentado no chão ao meu lado e segurando minha mão.

— O que houve? – pergunto, totalmente confusa.

— Não fale. Procure descansar mais um pouco. Você desmaiou e ficou desacordada por

PERIGOSAS ACHERON

quase meia hora.

— Desculpe, não sei o que deu em mim...

— Imagine. Estou é lisonjeado. Afinal, é a primeira vez em minha vida que um beijo meu faz a dama perder os sentidos.

Acabo rindo com a situação.

— Que vergonha! – digo, sentindo minhas bochechas queimarem.

— E, então? Está se sentindo melhor?

— Acho que sim.

Faço menção de me levantar, mas ele não deixa.

— Fique quietinha aí. Você está linda assim sem graça... – enquanto fala, arruma meus cabelos.

Seu carinho me deixa sem ação.

— “O que vou dizer a ele?” – penso

comigo mesma. — “E Castro? Meu Deus, em que baita confusão eu me meti!”

— Está com um ar tão sério e distante...
Em que está pensando?

— Que não mereço toda essa sua atenção, Fabiano.

— Ora, por que diz isso?

— Estou muito confusa em relação aos meus sentimentos e não tenho certeza do que quero nesse momento. Você me atrai, é carinhoso, faz um bem incrível para mim quando está comigo, mas tenho receio de confundir carência afetiva com amor ou paixão. Morreria se o magoasse. Você não merece outra decepção.

— Meu anjo, sei de suas incertezas. Sei, inclusive, da dúvida que tem entre mim e o detetive que está investigando a morte de Alex.

Um frio percorre minha espinha e não sei
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

se fiquei vermelha ou pálida ao ouvir o que ele me disse.

— Você sabe, então? — pergunto totalmente confusa e com uma vontade gigantesca de sair correndo dali.

— Que Castro arrasta um bonde por você e que você se sente balançada com isso? É claro que sei.

— Sabe também que ele se declarou e me beijou ontem à noite? — digo sem pensar.

Fabiano respira fundo e fica em silêncio por alguns segundos.

— Então, foi por isso que desmaiou? E eu que pensei que meu beijo era eletrizante... — diz com ar jocoso.

Não consigo deixar de rir.

— Fá, o que faço com você?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que você vai fazer eu não sei, mas, com certeza, eu não vou desistir sem lutar.

Levanta o corpo e me faz sentar, envolvendo-me em seus braços.

— Não vá desmaiar de novo – diz, antes de me beijar novamente.

Foi uma tarde deliciosa. Rimos, brincamos, olhamos todas as suas telas e ele, inclusive, começou um retrato meu, fazendo um rápido esboço.

— Preciso ir – digo, olhando o relógio. – Castro irá jantar comigo esta noite.

— Que pena – diz ele, lamentando.

— O que faremos, Fabiano? – pergunto com a voz embargada.

— Eu tenho uma ideia. Você namora o detetive e tem um caso comigo às escondidas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Assim, terá a chance de avaliar qual de nós tem mais condições de fazê-la feliz.

— Não brinca. Isso é muito sério.

— Não estou brincando, Deise. Quero mesmo ficar com você, mas, se tiver de dividir suas atenções por um tempo até que se decida, estou disposto a enfrentar tudo com resignação.

— Mas e se minha escolha for por ele?

— Vou sofrer muito com certeza, mas vou entender e aceitar sua escolha. Saiba, porém, que vou fazer de tudo para conquistar seu coração. Eu a amo e desejo passar o resto da minha vida ao seu lado, se me aceitar.

— Não posso dizer-lhe o mesmo, pelo menos, não ainda, mas espero poder um dia.

Abraço-o forte e cheia de carinho.

Ao sair com o carro, vejo sua figura pelo

PERIGOSAS ACHERON

retrovisor, acenando até desaparecer.

— Odete, alguém me ligou? – pergunto ao entrar.

— Sua mãe, perguntando se já havia chegado.

— Ela disse o que queria?

— Não, apenas que retornaria mais tarde ou ligaria em seu celular.

Por falar em celular, o meu telefone toca e, logo, identifico o número.

— Oi, Castro. Tudo bem?

— Oi, Deise. Tudo bem e você? Tentei ligar antes, mas caiu na caixa postal.

— Devia ser quando eu estava dirigindo. Fui visitar um amigo essa tarde.

— Posso saber que amigo?

Fico sem fôlego com a pergunta e

PERIGOSAS ACHERON

hesitante em responder.

— Eu... É... Você não conhece.

— Entendo – diz meio incrédulo pelo que senti em seu tom de voz. – Mas, está tudo certo para hoje à noite?

— Está sim. A que horas vem para que Isaura deixe tudo pronto?

— Oito horas está bom? Tenho uma coisa para fazer antes de ir.

— Está ótimo. Assim, tenho tempo de tomar um banho e me arrumar. Até mais tarde, então.

Desligo o celular ansiosa pelo que eu estava fazendo. Nisso, ele toca novamente.

— Oi, Áurea.

— Oi, maninha. A Odete deu o recado?

— Que recado? Ela só me disse que a mãe

havia me ligado. Por quê?

— Na verdade, fui eu quem pediu para ela ligar. Eu queria pedir um favor.

— Qual?

— Você se lembra do Bigode?

— O vizinho da Suzaninha? E quem esqueceria aquele doido? O que tem ele?

— Eu fui levar o convite dele e de sua esposa, mas eles se mudaram. Você, por acaso, tem um telefone ou o novo endereço?

— Tenho sim. Eu já passo pelo Whatsapp, pode ser? Se não me engano, ele se mudou para Higienópolis. Mas, confirmo e envio para seu celular.

— Maravilha! Ele não pode faltar ao meu casamento.

— Concordo. Ele é muito divertido e sinto

PERIGOSAS NACIONAIS

saudades dele, da esposa e da irmã dele também.

— O importante é encontrá-lo.

— Bom, tenho que desligar. Preciso me arrumar, pois Castro vem para cá daqui a pouco.

— É... Eu fiquei sabendo de umas histórias...

— Que histórias? – digo, tentando disfarçar.

— Que alguém ficou aí depois que todos foram embora ontem...

— Mas, a Odete é uma linguaruda – brinco. – Depois, eu me acerto com ela.

— Não a culpe. Ela deixou escapar sem querer e sabe como é sua mãe...

— Interrogou tanto que ela acabou soltando a língua. Sei muito bem como Dona Rose é convincente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Nós duas rimos.

— Mas, você não sabe nem a metade, Áurea.

— Como assim, Deise?! Fala aí. Que aconteceu a mais que não sei?

— Sua curiosa! – brinco. – Amanhã, eu conto. Agora, não dá tempo.

— E você vai me deixar curiosa até amanhã? Que maldade!!!

— Até amanhã, Áurea – digo, rindo. – Agora, preciso mesmo desligar.

Após me arrumar, desço as escadas aos pulinhos, brincando nos degraus sem perceber que Castro me observava da sala. Quando o vejo, fico imensamente envergonhada.

— Não precisa ficar vermelha. Você estava uma gracinha, saltando feito uma menininha

PERIGOSAS ACHERON

travessa.

Terminei de descer a escada e fui até ele que me abraçou com doçura, estendendo-me um lindo buquê de rosas vermelhas.

— Que bom vê-la assim feliz. Sempre que a encontrava, estava nervosa, angustiada, séria... Hoje, porém...

— Acho que percebi, finalmente, que não estou sozinha e isto me fez muito bem.

Entrego o buquê para Odete e peço que coloque as flores em um vaso e, depois, nós dois vamos até o sofá e nos sentamos abraçadinhos. Era muito bom sentir todo aquele aconchego e Castro demonstrava ser um homem extremamente carinhoso e dedicado.

— Deise, gostaria de perguntar uma coisa. Ontem, passamos momentos maravilhosos juntos, mas acabei indo embora sem saber ao certo o que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

você pensa a respeito de tudo o que aconteceu.

— Bem, eu lhe disse que não sei definir meus sentimentos. Pelo menos, não nesse momento.

— Sim, mas o que quero ouvir é, independentemente de qualquer coisa, se você gostaria de *namorar* comigo?

Lembro-me do que Fabiano disse à tarde e me seguro para não rir.

— “Namorar você e ter um caso com ele... Meu Deus! Aonde fui amarrar meu burro?” — penso, antes de responder.

Minha demora o deixa ansioso. Seus olhos brilham e parecem marejar na expectativa de uma resposta negativa.

Respiro fundo e respondo.

— Tudo bem, Castro. Eu aceito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele se levanta, me ergue do chão e roda comigo pela sala. Depois, me beija com tanta paixão que quase perco o fôlego.

Após o jantar, voltamos a nos sentar abraçadinhos no sofá.

— Sabe, Deise. Você é uma mulher incrível e especial.

— Eu me acho tão sem sal... Tão comum...

— Que nada. Seu temperamento, seu jeitinho doce de ser, sua maneira de ver a vida fazem com que as pessoas se apaixonem por você.

— Posso até cativar as pessoas com facilidade, mas as perco com a mesma facilidade depois.

— Não acredito nisso — diz ele enfaticamente.

— Mas, é verdade. Veja Alex, por

PERIGOSAS ACHERON

exemplo. Foi um amor ardente, vibrante e nos víamos todos os dias no começo do namoro. Minha mãe chegou a estipular dias específicos para ele vir à minha casa. Então, terça, quinta, sábado e domingo eram os dias “oficiais” determinados por ela e segunda, quarta e sexta eram os “extraoficiais”, nos quais saíamos escondidos dela.

— Sério?! – diz ele, divertindo-se com a história.

— Sério. Nunca ganhei tantos presentes, flores, bombons... Ele costumava comemorar todos os *desaniversários* de namoro.

— Desaniversários? O que é isso? – estranha ele.

— Era como ele chamava os aniversários mensais de nossa relação. Festejava todos os meses, sem exceção. Mas, depois...

— Ora, mas você não pode generalizar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seus relacionamentos com outras pessoas baseada somente em sua decepção com Alex.

— É que já perdi tantos amigos...

— Isso é normal. Na vida, conhecemos muitas pessoas, mas nem todas ficam conosco para sempre. São fases que passamos em nosso desenvolvimento como seres humanos.

— Pode ser, mas, mesmo assim, tenho medo.

— Não tenha, senão vai perder momentos preciosos dos quais pode se arrepender mais tarde.

— É bom ter você ao meu lado.

Eu me aconcheço mais junto dele, sentindo sua respiração e as batidas do seu coração. Sinto-me segura e feliz pela primeira vez em anos.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 18



— Mas, diz logo, menina! Estou curiosíssima! Quase nem dormi essa noite, pensando no que você tem para me contar.

Espero o garçom entregar os cardápios e sair antes de começar a falar com a Áurea.

— Seus olhos estão praticamente saltando das órbitas! Modere-se! Olha que a curiosidade matou o gato.

— Ah, Deise. Conta logo e pare de enrolar – diz ela afoita.

— Bem... Para começar, eu estou mais enrolada do que fio de telefone – digo baixinho com medo de que os demais clientes do restaurante ouçam.

— É verdade que o detetive se declarou?!

— pergunta ela animada e sem nenhuma discrição.

Eu a encaro com ar de reprovação, mas vejo que não vai adiantar nada. Áurea está tão empolgada em saber das novidades que acho melhor contar logo.

— Você quer que eu conte ou não? — pergunto, tentando fazê-la se conter um pouco.

— É lógico que eu quero! Que dúvida!

— Então, fique quieta! Que coisa! Como eu dizia, estou numa verdadeira enrascada. Você e a mãe sabem que tenho certo interesse em Fabiano, não é?

— Mas, não era o Castro?!

Movo um pouco a cabeça de lado e olho para ela com ironia.

— Está bem, desculpe. Pode falar.

— Sim, o Castro também me atraía um

pouco, mas não pensava nele antes da mesma forma que pensava em Fabiano. Por não ter muita certeza do que sentia, resolvi ficar na minha. Só que não adiantou.

— O *detetivezinho* a agarrou! — diz ela, batendo palmas como uma criança feliz que acabou de ganhar um doce.

— Áurea! — repreendo, olhando para os lados a fim de ver se não tinha ninguém olhando para nós.

— Ah, é que você demora muito para falar. Não precisa ficar nos detalhes. Vai logo para o fim da história!

— Mas, os detalhes são importantes. Não dá para entender sem eles...

— Ah, meu Deus! Estou vendo que vamos terminar o almoço e eu ainda estarei ouvindo a *introdução...*

PERIGOSAS NACIONAIS

— Exagerada... Bem, acontece o seguinte...

Era engraçado contar as coisas para minha irmã. Ela ouvia com tanta atenção que parecia viver cada momento narrado devido às expressões que fazia e comentários que soltava de quando em quando. Era, literalmente, cômico!

— Menina!... Você está me saindo uma grande safadinha, hein? *Dois ao mesmo tempo!* Tudo bem que ainda não bateu meu recorde, mas...

— Recorde? — estranho.

— É. Lembra da faculdade? Namorei *três* de uma vez naquela época.

— TRÊS?! Como eu não fiquei sabendo disso?

— Eu não contei por que não foi nada tão sério. Eram só beijinhos leves...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E quem eram eles?

— Um era dono de uma loja em frente ao ponto de ônibus, onde pegava a condução para ir à faculdade. Depois, tinha um aluno de outra sala e um professor.

— Eu me lembro do professor. Só não sabia que havia mais dois na parada. E como fazia para que um não soubesse do outro. Ainda mais, na faculdade em que eram dois?

— Um malabarismo doido, maninha. O dono da loja eu só via de vez em quando e só enquanto esperava o ônibus. Nunca disse a ele onde morava. O aluno, eu engabelava, pedindo para a Vanessa dizer que eu não tinha ido naquele dia ou que havia saído mais cedo quando queria que o professor me levasse para casa. Aliás, o professor acabou sendo o único depois, pois me apaixonei de verdade por ele.

PERIGOSAS ACHERON

— E dispensou os outros?

— Com certeza. Fiquei muito pouco tempo vivendo essa loucura. Creio que foram apenas umas três semanas.

— Você namorou bastante tempo aquele professor, não é?

— Sim. Ele era uma pessoa muito especial. Ficamos juntos quase dois anos. Pena que acabou...

— Verdade. A mamãe e eu também gostávamos muito dele. Bem, mas você tem o Rei agora e, em breve, começará uma nova vida.

— Verdade. Nem sempre, os relacionamentos dão certo. Graças a Deus, deu entre mim e o Reinaldo. Ai, vou me casar! – diz empolgada e novamente batendo palminhas.

Não aguento e solto uma gargalhada. Quase morro de vergonha depois porque fui
PERIGOSAS ACHERON

fulminada por vários olhares a minha volta, ao que nos divertimos bastante. Desta vez, rindo mais baixinho.

— Mas... Voltando ao *seu* assunto... *Dois?! Logo você, Deise? Não dá para acreditar.* Eu sempre fui mais maluquinha, mas você era sempre tão certinha...

Conversamos durante todo o almoço e o assunto era *sempre* Castro e Fabiano. Áurea ficava desfolhando elogios e críticas de ambos e tentando balancear quem seria minha melhor escolha. Acabou não chegando a uma definição.

— É, maninha... Está difícil...

— Eu sei! — ponho a mão no rosto e faço caras de quem vai chorar, porém rindo.

A tarde no escritório foi tranquila apesar de ser uma época de muitas entregas da fábrica de brinquedos, devido à proximidade do Natal. As

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vendas fecham com mais antecedência, mas sempre restam negociações de última hora.

— Já vai? — pergunta Marcos ao entrar em minha sala e ver que estava arrumando minhas coisas para sair.

— Sim. Estava dizendo para Helena que o dia foi proveitoso e sossegado. Creio que posso me dar ao luxo de ir um pouco mais cedo para casa. Até a dispensei também.

— Eu já estou de saída, dona Deise. Precisa de algo antes?

— Não, Helena. Pode ir e bom descanso.

— Obrigada. Para a senhora também.

— Alguma novidade sobre aquela mulher?
— pergunta Marcos.

— Ainda não. Pensei até que Castro viria aqui hoje falar sobre isso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Aquela figurinha se tornou quase uma mobília da sua sala de tantas visitas que recebeu dele.

— É, mas prepare-se para vê-lo ainda mais vezes... – digo.

— Ué. Por quê?

— Porque Deise aceitou ser minha namorada.

Marcos se volta sobressaltado para trás. A entrada sorrateira de Castro e a notícia o espantam.

— Mas, que maravilha! – diz ele após se refazer um pouco do susto. – Finalmente, ela se decidiu.

— Decidiu? – estranha o detetive.

— Decidi a deixar o passado e o sofrimento para trás e seguir em frente – apresso-me a explicar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Para minha sorte, Marcos o distrai com um turbilhão de perguntas e Castro nem percebe o rubor em meu rosto.

— “Não sei quanto tempo vou aguentar essa história...” — penso — “Eu não sou assim! Essa ideia maluca do Fabiano... Como foi que eu aceitei isso?!”

Meus pensamentos são interrompidos por Marcos.

— Vou deixar os dois pombinhos a sós. Até manhã, Deise. Tchau, Castro e felicidades.

— Tchau — responde o detetive. — Vim buscá-la para jantar — diz, voltando-se para mim. — Topa?

— Claro. Vou avisar Odete e dispensar Nadinho.

No caminho, pergunto para onde vamos.

PERIGOSAS ACHERON

— Surpresa! — diz ele com animação.

Estacionamos na garagem de um prédio na Vila Madalena e subimos para um apartamento no sétimo andar. Ao entrarmos, vejo que é um lugar simples, porém, aconchegante.

— Este é o meu lar — diz ele, apontando para o interior do apartamento. — Não é muito grande, mas é confortável.

— E bonito..., mas, que aroma fantástico é esse? — digo, puxando o ar bem devagar para poder me deliciar com o cheirinho delicioso que vinha da cozinha.

— Há! Há! Essa era a surpresa! Venha.

Ele me leva mais para dentro e vejo que a sala é dividida em dois ambientes distintos. Em frente à porta e próximo à janela, ficavam dois sofás de dois lugares, uma poltrona, rack, televisão. À direita da porta, era a sala de jantar e vejo que a

mesa estava posta para dois com um lindo castiçal de duas velas ao centro.

— Não vai me dizer que preparou um jantar para mim?

— Com minhas próprias mãos – diz ele, orgulhoso e mostrando as mãos.

— Você sempre me surpreende – digo, feliz com a iniciativa dele e lembrando que, também, me surpreendeu no sábado à noite.

— Espere para ver o prato principal. Receita exclusiva da minha mãe.

— Estou ansiosa para experimentar.

— Dê-me sua bolsa, então.

— Gostaria de lavar minhas mãos.

— O banheiro é logo após a sala de jantar à direita.

Peço licença e me dirijo até ele. Quando

PERIGOSAS NACIONAIS

volto, as luzes estavam apagadas e as velas acesas. Castro puxa uma cadeira para que eu me sente à mesa. Depois, vai até a cozinha e volta com uma travessa de salada. Folhas mistas, temperadas levemente e com pequenos quadradinhos de abacaxi.

— Que combinação incrível! – digo. – De onde tirou a ideia de colocar abacaxi?

— De uma viagem que fiz a Natal a um tempo atrás. Serviram no hotel em que me hospedei.

— Muito bom.

Os pratos a seguir foram mais impressionantes ainda. Bacalhau à Portuguesa acompanhado de arroz branco.

— Jamais imaginei que você fosse capaz de preparar tudo isso – digo, espantada. – Ainda mais, com a vida corrida que tem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você me pegou... Na verdade, passei na casa da minha mãe para pegar todos esses pratos e deixá-los aqui antes de ir buscá-la.

— Mas, que malandro! – digo, rindo. – Você quase me enganou.

— É que eu queria impressioná-la. Na verdade, sou péssimo cozinheiro.

Rimos bastante juntos.

— Obrigada pelo jantar delicioso – digo, antes de sair do carro e entrar em minha casa.

— Agradeça a dona Esther.

— Pelo menos, sei que você tem uma mãe supertalentosa na cozinha e não vou reclamar quando precisar ir almoçar na casa da sogra – brinco.

— Verdade. Sua sogrinha vai amar receber você e passar um monte de receitas. Ela adora

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cozinhar.

— Bem, vou entrar. Já está tarde e amanhã ainda é dia de branco para nós dois.

— Eu a acompanho. Não quero que nada lhe aconteça.

— Está falando o Romeu ou o Castro?

— Não entendi.

— Ora, o Romeu é um homem comum, normal... Já o Castro é o detetive, o policial que vê perigo em tudo e desconfia de todos. Qual de vocês dois quer me proteger?

— Os dois. O Romeu como um homem comum e apaixonado e o Castro, como um servidor da lei que não pode permitir que um mal atinja a cidadã mais importante da cidade para ele.

— Que romântico! — digo, verdadeiramente emocionada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Namoramos um pouquinho, sentados no sofá da sala e, depois, resolvo perguntar sobre a mulher que havia sido encontrada morta.

— Já está mesmo confirmado que era a mulher da oficina?

— Sim. Como já havia dito, o mecânico a reconheceu no IML. Infelizmente, isso travou as investigações sobre o possível mandante do crime.

— Você acha que alguém está por trás?

— Temos quase certeza disso. Pelo que os peritos disseram, ela também pode ter sido assassinada e desconfiamos de queima de arquivo.

— Como?! Assassinada?! — pergunto surpresa.

— Sim. Ainda precisamos de uma confirmação, mas os indícios apontam para isso. Parece que ela foi empurrada da escada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que horror!

Ele me explica alguns detalhes das deliberações dos peritos, detalhes meio técnicos, mas que parecem ser bastante exatos.

— Não entendo nada dessas coisas – digo, referindo-me ao que ele me contara. – Deve ser bem difícil para vocês chegarem à conclusão dos casos que chegam em suas mãos.

— É difícil, mas gratificante quando pegamos os bandidos. É muito bom dar um desfecho, principalmente, para as famílias que perderam seus bens ou entes queridos. Acaba sendo um alívio.

— E o caso de Alex? Você acha que conseguirão achar o culpado?

— Estou torcendo para que sim, mas, como já disse, nem sempre é fácil. E, agora, com a morte de Eva, as coisas pioraram um pouco.

PERIGOSAS ACHERON

— Ela se chamava Eva?

— Sim. Eva Bastos. Estamos investigando possíveis conexões com amigos, pessoas ligadas às empresas. Espero conseguir algo em breve.

— Gostaria de poder ajudar, mas não faço a menor ideia de quem poderia ter feito tal barbaridade. Temo ser a próxima...

— Você acredita que possa ser um alvo?

— E não?! Meus antecessores estão mortos, ambos assassinados. Se aconteceu isso a eles por conta do cargo que exerciam, eu seria a escolha lógica para o assassino agora que estou no mesmo lugar que eles ocuparam.

— Nós também desconfiamos que você seja um alvo em potencial. Não falei nada para não a preocupar, mas foi esse um dos motivos de minhas visitas constantes. Para protegê-la. Inclusive, tem policiais alocados para sua proteção

PERIGOSAS NACIONAIS

também. Eles ficam em frente da empresa e da sua casa. Você não deve ter percebido por que estão à paisana para não chamar a atenção.

— Agora, fiquei com mais medo ainda... — digo enquanto um calafrio percorre minha espinha.

— Não precisa ficar. Estou na sua cola o tempo todo.

— Obrigada. Acho que você só não esperava se apaixonar por sua protegida, não é?

— Não mesmo — responde ele rindo. — Mas, tome cuidado — diz, voltando a um tom mais sério. — Ele, ou ela, já matou quatro pessoas e parece ser esperto, procurando que as mortes aparentem ser acidentais.

— Vou tomar.

Despedimo-nos e ele vai embora.

— “Puxa, não pensei que sentiria falta de

PERIGOSAS ACHERON

alguém que acabara de sair... Já estou com saudades do Romeu...” — penso ao entrar no meu quarto. — “Deise Castro... Até que combina” — começo a rir sozinha com essa ideia.

Estranho ver Odete entrar tão tarde da noite nos meus aposentos.

— Dona Deise? Desculpe incomodar, mas a senhora poderia vir até a cozinha comigo. Aconteceu algo muito estranho esta noite e nós queremos lhe contar.

Desço e encontro todos os funcionários sentados na mesa da copa.

— O que houve? — pergunto preocupada.

— A Isaura afirma que havia alguém na garagem esta noite — começa Roberto. — Foi lá pelas onze horas. Estávamos todos aqui tomando um café quando ela se levantou e foi buscar algumas bolachas no armário. Ao olhar pela janela,

PERIGOSAS NACIONAIS

percebeu que as luzes estavam acesas.

— E eu tenho certeza de que estavam apagadas quando sai do meu quarto para vir até a cozinha – afirma Alice.

— Eu também vi as luzes apagadas – confirma Jonas.

— E o que fizeram? – pergunto.

— Eu, o Jonas e o Nadinho fomos até lá para averiguar – diz Roberto.

— E havia mesmo alguém?

— Não, dona Deise – responde Jonas.

— Viram alguma coisa fora do lugar?

— Na verdade, dona Deise, eu estranhei a caixa de ferramentas estar aberta – conta Nadinho.
— Eu tinha quase certeza de tê-la fechado depois que usei umas chaves de fenda e o martelo para arrumar uma prateleira na garagem.

PERIGOSAS ACHERON

— Será que não pode ter esquecido de fechar, Nadinho? — pergunta Roberto.

— Pode ser, mas não tenho certeza — diz o motorista.

— Bom, o melhor é ficarmos todos de sobreaviso. Agora a pouco, Castro me disse para tomar cuidado. Amanhã cedo, você pede para o mecânico vir aqui em casa e examinar todos os carros — orienta Nadinho. — Vou para a empresa de Uber ou de táxi.

— Por quê, dona Deise? A senhora acha que alguém possa ter mexido nos carros?

— Não sei, Roberto. Pode ser um pouco de paranoia da minha parte, mas, com tudo o que tem acontecido, é melhor prevenir.

— Tem razão — concorda ele. — Acho bom nos recolhermos.

— Também acho — digo. — Já passa de
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma hora da madrugada e todos precisam descansar. Fosse quem fosse, não deve voltar esta noite. Por isto, não tenham medo. Amanhã, falo com a polícia e, talvez, eles reforcem a vigilância por aqui. Boa noite a todos.

— Boa noite – respondem.

— Roberto, antes de se deitar, poderia verificar se está tudo em ordem com o sistema de alarme.

— Sim, senhora. Ia mesmo fazer isso. Tenha um bom descanso.

— Você também.

Subo, mas custo muito a dormir. Desta vez, não são pensamentos românticos ou saudosos que ocupam minha cabeça, mas um medo terrível...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 19



— É sim... Foi pouco antes de chegarmos aqui em casa... Isso... Não sei, mas também acho que eles deviam ter me falado enquanto você ainda estava comigo... Verdade. É bem provável que eles não quisessem nos atrapalhar, mas... Tudo bem. Vou avisar que você está indo para lá e Roberto lhe mostra tudo. Obrigada. Tchau, Romeu... Outro...

— O que Castro disse? – pergunta Marcos preocupado.

— Ele vai pessoalmente até minha casa verificar, mas estava bastante apreensivo.

— E não é para menos, mas quem poderia ter estado lá?!

— Provavelmente, um ladrão que se assustou ao perceber que havia alguém acordado e

fugiu.

— E o sistema de alarme? Por que não acusou a presença dele na garagem?

— Nós ligamos o alarme só quando todos se recolhem para dormir. Como eu não havia chegado e todos estavam conversando na cozinha, não estava ligado ainda.

— Mas, será que o bandido não viu as luzes da casa acesas? Que atrevimento entrar com pessoas ainda acordadas.

— Também estranhei isso, mas nem sei se havia mesmo alguém lá. De repente, um dos meus funcionários esqueceu de apagar as luzes da garagem e tudo não passou de um susto.

— Pode ser, mas é melhor você mudar um pouco suas rotinas. Quem matou Alex pode estar atrás de você agora.

— Foi o que Castro disse ontem. Ah,
PERIGOSAS ACHERON

Marcos, estou com tanto medo...

Desabo no sofá, pois estava em pé andando de um lado para outro até então. Coloco as mãos no rosto e Marcos se senta ao meu lado para tentar me tranquilizar.

— Não adianta ficar assim, Deise. Esse nervosismo todo só vai lhe fazer mal. Lembre-se de que sua pressão tem ficado meio instável nos últimos meses. Aliás, você tem tomado os medicamentos que o médico receitou?

— Tenho sim, Marcos. Acho que teria parado no hospital várias vezes se não os tomasse. É muita coisa para uma pessoa só administrar...

— Faça o seguinte. Tire o dia de folga. Vá passear um pouco, ver sua mãe, talvez.

— A ideia é bem atraente. Vou pensar nisso. Agora, vá. Sei que deve ter muitas coisas para fazer.

— E tenho mesmo, mas me avise se precisar de qualquer coisa, está bem?

— Aviso sim, obrigada.

Meu celular toca assim que ele sai.

— Oi, Fabiano. Tudo bem?

— Tudo. E você, meu amor? Como está?

— Assustada.

— Por quê? O que houve? – estranha ele.

Conto rapidamente o ocorrido.

— Não se preocupe, Deise. Deve ter sido apenas alguém que esqueceu as luzes acesas e não se lembra.

— Tenho minhas dúvidas. Afinal, existem motivos de sobra para eu temer.

— Que motivos?

— Não disse nada a você e a ninguém, mas Castro compartilha meus temores. Raciocine

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

comigo: Alex, pai, e sua esposa sofreram um acidente que, na época, não conseguiram determinar se foi provocado ou não. Meses depois, meu marido sofre um acidente parecido e quase no mesmo lugar. Só que, desta vez, a perícia determinou que foi criminoso e está certa de que os dois carros foram sabotados. Se analisarmos com cuidado, existe uma grande chance de as mortes terem sido motivadas por algo ligado às empresas ou por alguém que os queria fora da presidência. Logo, eu posso estar na mira do assassino já que assumi o cargo agora.

— Nem pense nisso, menina!

— Não adianta ficar nervoso ou bravo comigo, Fabiano. A possibilidade existe e eu devo me precaver. Castro disse haver policiais à paisana me vigiando desde que pensaram nisso. Então, não é pessimismo da minha parte. É um perigo real.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pode ser, mas não fique com tanto medo. Você pode acabar vendo bandidos em cada esquina desse jeito.

— Você tem razão. Preciso mesmo me acalmar.

— Almoça comigo hoje? Estou morrendo de saudades.

— Será que a polícia não vai nos seguir?

— Nós os despistamos — brinca ele. — Conheço um lugarzinho aconchegante e escondidinho. Que tal? Posso pegá-la por volta das 12:30h.

Aceito o convite e desligo o telefone.

— Será que estou agindo certo?

— Falando sozinha? O que foi? Pirou de vez?

— Oi, Áurea. Que surpresa boa! O que faz

PERIGOSAS ACHERON

aqui?

— Fomos entregar um convite aqui perto e resolvemos dar uma passadinha.

— O Reinaldo veio com você?

— Veio, sim. Deu uma parada para falar com Marcos e já deve estar vindo para cá.

— Falando de mim? — pergunta ele ao entrar todo faceiro e animado.

— Até parece! — Áurea desdenha. — Com tanta coisa boa para falar, íamos estar falando sobre você? Mas que pretensioso...

— Faz de conta que eu acredito — continua ele no mesmo tom brincalhão. — E aí, cunhadinha? Pronta para receber essa figura maravilhosa, definitivamente, em sua família? — pergunta apontando para si mesmo.

— Fazer o quê? Gosto não se discute. Se

PERIGOSAS NACIONAIS

minha irmã não tem o dela lá muito aguçado, quem sou eu para contrariar?

— Podia dormir sem essa, espertinho —
Áurea caçoa.

Após alguns minutos de conversa descontraída, Reinaldo perguntar sobre o caso de Alex.

— Como estão as investigações? Tiveram algum progresso?

— Na verdade, não, Rei. A morte daquela mulher jogou um balde de água fria no processo.

— Mas, eles não vão desistir, não é mesmo? Há tantos casos sem solução no Brasil.

— Creio que não, principalmente agora que encontraram Eva morta — digo.

— Já sabem o nome dela? — pergunta minha irmã.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim. Eva Bastos.

— Triste, mas vamos mudar de assunto. É muito deprimente tudo isso.

O assunto passa a girar em torno dos preparativos do casamento.

— Meu Deus! – diz Reinaldo olhando para o relógio. – Já é quase meio dia!

— Puxa, nem vimos o tempo passar e acabamos atrapalhando toda a sua manhã, Deise.

— Não atrapalharam nada. Eu estava mesmo precisando me distrair. Marcos tinha até sugerido que eu fosse embora mais cedo. As coisas estão tranquilas por aqui.

— E como está o namoro? – pergunta ela, esfregando as mãos de curiosidade.

Conto sobre o jantar e sobre o que senti quando ele foi embora.

PERIGOSAS ACHERON

— Se está sentindo saudades assim, é bem provável que esteja se apaixonando por ele.

— Verdade, Áurea. Ele é muito romântico e carinhoso... Estou me apegando a ele, sim.

— Mas, e o outro? — pergunta em sussurros.

— Não seja indiscreta, Áurea — ralha Reinaldo.

— Ela sempre foi assim, Rei. Desde menina — defendo.

Depois que eles saem, pego minha bolsa e desço para a garagem do prédio. Combinei com Fabiano para me pegar lá a fim de ninguém ver que saímos juntos. O Insulfilm do seu carro é bem escuro e acho que dá para despistar se houver algum policial na rua como Castro disse.

Pegamos a Rodovia Raposo Tavares. O restaurante ficava à beira da estrada. Era pequeno,
PERIGOSAS ACHERON

agradável e com uma decoração bem rústica.

— Bem que você disse que o lugar era escondidinho – comento.

— Gostou?

— Muito. Meu sonho de menina era morar no campo em uma fazenda ou sítio com pomar, horta, umas duas vacas leiteiras, galinhas e um haras com uma belíssima criação de Mangalargas.

— E por que não tem tudo isso? Dinheiro não seria um problema, concorda?

— Alex odiava o “mato”, como se referia ao campo quando eu externava meu desejo de adquirir um sítio para passear de vez em quando.

— Tenho um amigo que negocia propriedades no interior. Se quiser, posso pedir que lhe mostre algumas.

— Não sei...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não precisa ser longe da capital, Deise. Assim, fica fácil de ir e vir.

— Um lugar como esse é bom quando se tem alguém para desfrutar conosco. Sozinha não tem a mesma graça ou beleza. Por enquanto, quero acertar minha vida e definir os rumos que devo tomar. Tenho algumas ideias que precisam ser minha prioridade agora. Depois, quem sabe.

— Eu sou uma delas? — pergunta com jeito maroto.

— Você e *Castro*.

— Azedou o creme... — diz entortando a boca.

Não consigo ficar sem rir com a expressão do seu rosto.

— Vamos fazer uma coisa? — diz ele. — Esquece o detetive por hora e vamos falar de nós?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas, o “*nós*” tem ele no meio e isto está me deixando maluca, sabia?

— Eu sei, meu anjo. Para mim, é difícil saber que o *oficial* é ele e não eu, mas isto não vai fazer com que eu desista de você. Eu a amo muito. De verdade.

Sorrio e seguro sua mão com carinho.

— “Se, ao menos, eles tivessem algum defeito... Seria bem mais fácil decidir” – penso.

— Um tostão por seu pensamento.

— Essa é antiga, hein? Acho que é do tempo do meu tataravô – brinco para disfarçar minha preocupação.

Ele ri.

— Que tal um sorvete de sobremesa? – sugere.

— E o meu regime?

PERIGOSAS ACHERON

— Deixe para amanhã, ou para *segunda-feira* como todo mundo.

— Só se for um Sundae. Faz muito tempo que não tomo um. Acho que desde que me casei.

— Boa pedida. Dois Sundaes para dois gulosos.

Caímos na gargalhada e, depois do almoço, aproveitamos para dar um passeio no lago atrás do restaurante. Era um lugar que me lembrou muito as ilhas que visitei logo após a morte de Alex. Tinha umas pedras próximo à água, onde nos sentamos para apreciar a linda paisagem. E o melhor de tudo: silêncio. Sem barulho de carros, buzinas... Bem diferente da praça em que nos vimos pela primeira vez.

Ele me abraça e ficamos ali, agarradinhos e curtindo o barulhinho da água batendo de leve na margem e das folhas sacudidas pela brisa que as

acaricia. Não queria que o tempo passasse...

À noite, entro na sala e encontro minha mãe conversando com Odete e Roberto.

— Oi, mãe. Faz tempo que está aqui?

— Cheguei por volta das seis horas e eles estavam me fazendo companhia — responde apontando para os dois.

— Que bom. Janta comigo, não é?

— Sim. Preciso conversar com você.

Estranho um pouco o tom de voz usado por ela. Parecia preocupada.

Após o jantar, nos sentamos na sala, bebericando um suco.

— O tempero da Isaura é muito bom. Só não é melhor que o meu — brinca ela.

— Vaidade é pecado, sabia?

— Deise — começa em tom grave e com

PERIGOSAS NACIONAIS

certa hesitação. — Desde domingo, eu queria lhe falar uma coisa. Cheguei a pegar o telefone para ligar, mas achei que seria melhor se fosse pessoalmente.

— O que houve, mãe? A senhora está tão tensa.

— É que recebi um telefonema estranho logo depois que você me deixou em casa.

— Foi um trote? — pergunto cada vez mais intrigada.

— Talvez, mas me assustou bastante.

— O que disseram?

— A voz estava distorcida e, por isto, não sei se foi homem ou mulher. Sabe aqueles filmes policiais, onde o bandido usa um aparelho para alterar a voz? Então, parecia com isso. Só que dava para entender bem o que dizia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas, o que foi afinal? — insisto, ansiosa.

— Ele, ou ela, disse que sabe quem matou seu marido e que essa pessoa está mais perto do que se imagina.

— E ele deu algum nome? Uma dica de quem seja essa pessoa?

— Não, mas acrescentou que você também corre perigo e desligou.

— Meu Deus! — exclamo assustada.

Levanto-me e passo alguns minutos andando de um lado para outro sob o olhar silencioso de dona Rose.

— O que a Áurea falou sobre isso? — pergunto.

— Não contei a ela. Tive medo de estragar sua alegria. O casamento está tão próximo...

— Fez bem. Acho que também não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

contaria como não contei o que houve aqui ontem.

Percebo que falei demais e acabo relatando a história da luz da garagem e da desconfiança do pessoal da casa.

— Ah, minha filha! Você está vendo?!

— Calma, mãezinha. O Castro veio hoje aqui e, pelo que me disseram, não achou nenhuma evidência de arrombamento ou algo assim. Deve ter sido um simples descuido dos funcionários.

— Mesmo assim.

— Sei que tudo isso a preocupa, mas pode ser apenas uma brincadeira de mau gosto. Afinal, saiu nos jornais e nas revistas notícias sobre as investigações e alguém pode ter querido passar um trote.

— Pode ser, mas...

— Não fique assim, por favor. E, para que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

esteja mais tranquila, foi contar ao Castro sobre a ligação que recebeu, está bem? De repente, ele consegue até descobrir de onde ela veio. Pelo menos, nos filmes do CSI, NCIS, Criminal Minds e outras séries dos canais pagos da televisão eles conseguem descobrir quem ligou para quem, não é?

Ela ri um pouco quando cito essas séries, pois são as suas favoritas. Ela não perde um episódio, mesmo os repetidos.

— Obrigada, filha, mas, independentemente se for ou não trote, tome cuidado.

— Pode deixar.

— Dona Deise, sua irmã está ao telefone — informa Odete.

— Alô. Oi, Áurea. Tudo bem?

— Tudo. Escuta, a mãe está aí com você?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está sim. Ela veio jantar comigo.

— Ué, que novidade é essa? No meio da semana?

— Por que a pergunta? Por acaso, está com ciúmes? – brinco.

— Não, maninha. Só estranhei chegar em casa e não a encontrar. Além do mais, não deixou nenhum recado como é do feitio dela.

— Vai ver ela esqueceu. Quer falar com ela?

— Não precisa. Só pergunte se ela quer que vá buscá-la. É meio perigoso andar sozinha à noite.

— Não precisa. Eu peço para o Nadinho levá-la daqui a pouco. Fique em paz, está bem?

— Ok. Até mais.

— Até.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Desligo o telefone e brinco com minha mãe.

— Sua filhinha estava com saudades. Queria saber a que horas ia voltar para casa.

— Se você me emprestar mesmo o Nadinho, posso ir agora. Já passa das dez horas e nós duas precisamos descansar, principalmente, você que quase não dormiu a noite passada.

— É claro que empresto.

— E, filha... Estou mais tranquila por ter contado sobre aquela ligação estranha. Sei que você está prevenida e vai tomar cuidado.

— Vou sim, mãe. E, também, tem o Castro que me protege. Nada de mal vai acontecer, ok?

— Certo. Mande um beijo para meu genrinho. Diga que estou muito feliz com o namoro de vocês e aprovo cem por cento.

PERIGOSAS ACHERON

— Ele vai gostar de saber disso.

Depois que ela sai, eu me sirvo de uma taça de vinho e me sento no sofá. Com essa nova história trazida por minha mãe, ia ser difícil dormir.

— “Preciso ligar para o Romeu... Puxa, mais uma para tirar meu sono! Quem sabe o vinho me ajuda um pouco” – penso enquanto sorvo uma boa golada.

Capítulo 20



“ALOHA!”

Uma enorme e extremamente colorida faixa com essa saudação, colocada à entrada do salão, e duas recepcionistas vestidas como havaianas recebiam os convidados. As jovens ofereciam, a cada um, belíssimos colares em organdi como nos típicos *luaus* no Havaí.

Ao entrar, todos tinham a exata sensação de estar em uma das festas tradicionais desse país paradisíaco. A mesa, coberta de uma toalha de feno e recoberta por folhas de bananeira, chamava a atenção pela originalidade e beleza. Inúmeros arranjos florais ou feitos com frutas junto com vasos de cerâmica, taças coloridas, coquinhos e outros adereços tornavam o ambiente

fantasticamente festivo.

— Menina, não é que deu certo? Ficou ótimo!

— Também gostei, mãe – concordo vislumbrada. – A Áurea é meia louquinha, mas essa ideia de fazer a festa em estilo havaiano foi maravilhosa!

— E ela está tão linda!

— Não comece a chorar de novo – digo, abraçando-a.

— E por que não? Afinal, vou ficar sozinha agora – diz ela chorosa.

— Não pense assim, mãezinha. Na pior das hipóteses, a senhora pode vir morar comigo.

— Por que pior das hipóteses? Ficar com minha filha não é nada desagradável – brinca dona Rose.

PERIGOSAS NACIONAIS

Poucos minutos depois, o casal entra ao som de uma música havaiana e passa por um corredor feito por meninos e meninas trajados com roupas típicas e que jogam sobre eles arroz e pétalas de diferentes flores.

— Genial! — comenta um dos convidados perto de nós.

— Cara, nunca vi um casamento como esse. Esses dois são incríveis! — reforça outro.

— Este é para ficar na história! — complementa um terceiro.

— Ainda bem que o casamento deles vai ficar na história de um jeito bom e não como aquele outro em que nós fomos, lembra? — pergunto, brincando.

— Verdade, filha — responde minha mãe, rindo muito ao lembrar do desastre decorativo que vimos naquela ocasião.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oi, Deise.

— Oi, Fabiano. Não o tinha visto chegar.

— Cheguei a pouco. Tive certa dificuldade para estacionar. Mas, de onde sua irmã tirou a ideia para essa festa?

— Ela disse que quis dar um clima parecido ao que contei sobre minha viagem ao Pacífico. Falei tanto das belezas de lá que ela disse haver se inspirado em meus comentários e que queria dar um ar alegre como o das ilhas.

— Podíamos passar nossa lua de mel lá – sussurra em meu ouvido.

— Quem sabe... – respondo.

A entrada, um tanto atrasada de Castro interrompe nosso pequeno idílio.

— Desculpe pela hora. Acho que perdi quase tudo – justifica-se antes de me beijar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mais um pouco e perderia até a festa — diz Fabiano enciumado.

— Parece meio nervoso — repara o detetive. — Aconteceu alguma coisa?

— Nada — responde ele secamente. — Bem, eu vou conversar com o pessoal. Estou vendo Lamarck e Rafael do outro lado. Até mais tarde, Deise. Castro.

— O que acontece com seu amigo, Deise? — pergunta Castro após Fabiano haver se distanciado.

— Ciúmes, eu creio. Afinal, ele também gostava de mim. Já lhe falei sobre isso, lembra?

— Eu sei. Bem, mas o importante é que estou do seu lado e morrendo de saudades.

Ele me abraça forte e me beija no rosto com muito carinho.

PERIGOSAS ACHERON

— Por que demorou tanto? — pergunto. —
Pensei que, por ser sábado, você estaria de folga.

— Houve um problema no meu plantão de ontem. Um meliante acabou sendo morto em um tiroteio com meu pessoal e acabamos presos até quase às onze horas da manhã de hoje por causa disso. Quando cheguei em casa, comi alguma coisa e capotei na cama. Desculpe, mas acabei perdendo a hora.

— Tudo bem. Não precisa se explicar tanto.

— Decepçãoi você, não é?

— Alex me deixou sozinha muitas vezes por causa de seus compromissos de negócios. Já estou acostumada — digo visivelmente decepcionada.

Alguns amigos chegaram e mudamos de assunto, mas percebi que meu comentário o fez
PERIGOSAS ACHERON

ficar pensativo.

Mais tarde, expresso meu receio de que meu relacionamento com Castro acabe sendo um erro ao conversar com a Áurea.

— Não acha que ainda é cedo para pensar assim? – pergunta ela me repreendendo.

— É que ele não tem controle sobre seus horários de trabalho e vai terminar sendo tudo como era com Alex: noites sozinhas, comemorações esquecidas... Não sei se aguentaria.

— Ué, escolhe o outro, então?

— Não é tão simples assim...

— Maninha, você é quem complica tudo. E daí se acabar sendo como era com Alex? Você está mais madura hoje e tenho certeza de que não irá cobrar tanto, pois aprendeu que Alex, na verdade, queria dar o melhor para você. Veja o Rafael e a Luci. Você os fez reatar, lembra? E eles

PERIGOSAS ACHERON

enfrentavam os mesmos problemas que você enfrentou com seu marido.

— Eu sei.

— E outra coisa, já não deu tempo suficiente para se decidir? Há quanto tempo está com esse relacionamento duplo?

— Ainda estou confusa, Áurea. Às vezes, acho que não deveria ficar com nenhum deles. Se não consigo decidir, é bem provável que eu esteja apenas enganada em relação aos meus sentimentos.

— Pode ser... Olha, tenho uma ideia. Por que você não se afasta de ambos por um tempo? A distância poderia lhe dizer de quem sente mais falta.

— É uma ideia interessante... Vou pensar nisso. Mas, vamos voltar para a festa. Devem estar sentindo sua ausência.

— Vamos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Aí estão vocês! Por onde andaram? — pergunta Reinaldo.

— Fomos retocar a maquiagem, amor — Áurea responde.

— Onde está o Fabiano?

— Ele foi embora, Deise.

— Sem se despedir... — falo decepcionada.

— Até que ele tentou encontrá-las, mas desistiu. E você deveria entender que Fabiano não estava muito à vontade, vendo você e Castro desfilando de um lado para o outro, não é?

— Eu posso imaginar... — concorda minha irmã.

— É. Preciso dar um jeito nessa situação — digo determinada.

Castro se aproxima, trazendo alguns coquetéis de fruta. As taças coloridas e de

PERIGOSAS ACHERON

diferentes sabores são distribuídas entre nós.

Pouco depois, os noivos são chamados para mais uma sessão de fotos e nós dois nos dirigimos a um grupo que estava perto da mesa de doces. Eram Marcos, Helena, Dr. Everaldo e o Sr. Alencar, ex-sócio das empresas, acompanhado de Gildete, sua inseparável enfermeira. Reparei que ela era uma linda mulher, com cabelos pretos levemente cacheados e aparentando ter uns 45 anos. Não saía do lado dele e segurava sempre o encosto da cadeira de rodas, como se quisesse evitar que ela saísse andando sozinha, mesmo com os freios acionados. Muito cuidadosa, com certeza.

— Bela cerimonia! — comenta o Sr. Alencar. — E a festa digna das melhores colunas sociais.

Agradeço o elogio em nome dos noivos.

— E todos foram bem servidos? —

pergunto.

— Com certeza – responde Helena. Aquele *Dip de Siri com legumes* estava divino.

— E os petiscos eram bem tropicais – comenta Marcos.

— E muito criativos – complementa Dr. Everaldo. – O sucesso da recepção entre os convidados é visível.

— Ficamos muito contentes com isso. Minha irmã queria fugir do convencional e, como o casamento seria no início do verão, decidiu arriscar e deu certo.

— Achei a decoração sensacional – elogia Marcos. – Principalmente, na área da piscina, aonde criaram um cenário perfeito das praias do Havaí. Trouxeram até areia! – exclama, apontando para o lugar. – Parece que a água da piscina é o mar.

— A ideia foi toda dela?

— Quase toda, Helena. Ela sugeriu e a equipe de decoradores da Linhares e do Buffet cuidou de reproduzir.

— Incrível! — diz a secretária. — Eu tenho também o sonho de fazer alguma coisa exótica quando for me casar.

— Já pensou em algo? — pergunta o Sr. Alencar curioso e atento à conversa.

— Na verdade, pensei em fazer num estilo cigano, mas, até *hoje*, não tinha certeza se teria coragem.

— Cigano?! — estranha Gildete. — Interessante...

Helena nos conta, sob a admiração de todos, que era descendente de ciganos e passamos bons momentos falando sobre costumes, tradições, comidas típicas... Soubemos, inclusive, que uma de

PERIGOSAS ACHERON

suas tias era uma princesa.

— Fascinante! — exclama a enfermeira.

No fim da festa, só os amigos mais chegados ainda permaneciam. Áurea e Reinaldo já haviam partido para sua tão sonhada lua de mel. O roteiro escolhido por eles foi o litoral do Nordeste com aquelas praias incríveis.

Reunimo-nos à beira da piscina. Os persistentes eram Marcos, Helena, André, Tininha, Rafael, Jussara, Castro, minha mãe e eu.

— Pena que meu noivo teve que ir à casa de seus pais neste final de semana — lamenta Helena. — Queria que ele tivesse visto a decoração.

— Verdade — concordo. — Agora, fiquei espantada com a resistência do Sr. Alencar. Apesar de Gildete insistir para que fossem para casa para que ele pudesse descansar, ficaram até quase agora a pouco.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele sempre foi festeiro — lembra Marcos. — A maior parte das grandes recepções, confraternizações e coquetéis na empresa tinham seu comando. Acho que sentia falta de sair de casa. Sua enfermeira é competente, mas muito *chata*, como ele mesmo me disse algumas vezes. Não o deixa fazer nada.

— Puxa, agora me lembrei — digo. — Você enviou a ele o convite de nossa festa de fim de ano, Helena?

— Enviei, sim. E ele confirmou sua presença, apesar dos protestos da enfermeira. O Sr. Alencar me disse que ameaçou despedir Gildete se ela continuasse insistindo que ele iria somente na condição de voltar cedo para casa.

— Ele é único... — recorda Helena. — Lembro bem do tempo em que o Sr. Alencar ainda trabalhava junto com seu sogro. A empresa era tão

PERIGOSAS ACHERON

viva! Vibrante, sabe?

— Você trabalha na Alencar Rubiano há bastante tempo? – repara Tininha.

— Comecei lá há uns dez anos. Entrei como auxiliar de escritório.

— Era bem novinha, então.

— Era. Tinha acabado de fazer 18 anos e, na época, a empresa em que minha mãe trabalhava faliu. Eu e meus irmãos decidimos arrumar emprego para poder ajudar, pois a situação ficou bem difícil. Eu pegava parte do salário para pagar um curso de Secretariado e, quando me formei, fui promovida como secretária do Departamento de Vendas.

— Daí, foi subindo até chegar onde está – comenta Marcos. – Seu sogro sempre recebia elogios sobre Helena e, quando a dona Selma se aposentou, a levou para ficar no lugar. Ótima

escolha, por sinal.

Helena ruboriza, encabulada com o elogio.

— Detetive Castro, alguma novidade no caso de Alex? – pergunta André, mudando de assunto.

— Na verdade, eu estava quase achando que seria um caso perdido, mas surgiram alguns fatos novos.

— Fatos novos? – pergunta Jussara.

— Sim.

— São a respeito das ameaças contra minha filha?

— Deise tem sido ameaçada, dona Rose?!
– pergunta Tininha espantada.

Todos se voltam assustados e interessados na resposta de Castro.

— Calma, pessoal. Não são ameaças

PERIGOSAS NACIONAIS

diretas. São suspeitas de que ela possa, também, estar em risco.

Ele conta rapidamente da suposta invasão em minha casa e do telefonema recebido por minha mãe. Todos escutam atentos.

— Além disso, quem matou pai e filho pode ter certo interesse na presidência das empresas, cargo ocupado por Deise agora.

— Meu Deus! – exclama Tininha.

— E vocês estão dando alguma proteção a ela?

— Sim, André. Há algum tempo já.

— E você suspeita de alguém? – inquire Jussara

— Sim. Não posso provar nada ainda, mas acredito que, mais cedo ou mais tarde, essa pessoa cometerá um erro e, aí, o pegaremos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E se ele não cometer?

— Cometerá, Marcos.

— E como pode ter tanta certeza? – diz André.

— Porque ele *já* cometeu alguns e deve cometer outro. Pela minha experiência, creio que em breve.

Quis perguntar que erros foram estes, mas decidi ficar quieta. Queria parar de pensar em tudo isso. Já estava com muito medo e minha vontade era a de curtir a alegria do casamento de minha irmã mais um pouco. Por isto, desviei o assunto.

— Vou pedir que nos sirvam mais alguns quitutes da festa. Quem topa? – disse.

Todos concordam e ficamos mais uma hora comendo e jogando conversa fora até que nos despedimos e vamos embora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 21



Fabiano não se conforma com minha decisão.

— Entenda, meu querido. Eu preciso alinhar meus sentimentos.

— Mas, eu não sei se vou suportar ficar longe de você. Procure entender-me também.

— Pense uma coisa, Fabiano. Se eu me decidir por Castro, não terei de me separar de você?

— Sim, mas, nesse caso, terei de me conformar com uma separação definitiva. Agora, você pedir para dar um tempo em nosso relacionamento é diferente.

— Não vejo qual a diferença. E, além do mais, serão apenas alguns dias. Preciso mesmo esfriar minha cabeça. Você pode me ajudar nisso?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, meu anjo – diz sem concordar totalmente. – Mas, por que sair de São Paulo?

— Porque aqui esbarrarei em vocês dois o tempo todo. Depois, não estarei tão longe. Meu apartamento no Guarujá é de fácil acesso. Agora, preciso ir. Minha mãe está a minha espera lá em casa.

— Está bem. E só concordo com essa sua viagem porque Dona Rose vai junto com você – diz ele, brincando e tentando não deixar um clima de briga no final da conversa.

Ele me puxa e me dá um longo beijo de despedida. Senti um forte arrepio como se esse fosse o último... Fiquei calada por um segundo, mas procurei jogar essa sensação fora.

— Até semana que vem – digo.

Ao chegar em casa, minha mãe me aguardava na sala de estar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Trouxe tudo o que precisava, mãezinha?

— Sim, querida. Está tudo nas malas que Nadinho já acomodou no carro.

— Mas, já? Isso é que é vontade de viajar — brinco.

Peço que Odete e Roberto tragam as minhas malas.

— Elas estão em cima da minha cama — aviso a governanta. — Você pode pedir ao Nadinho que as coloque no carro junto com a bagagem de minha mãe, Odete?

— Sim, já ia fazer isso, dona Deise.

— Ah, eu esqueci de avisar a Ruth sobre a hora em que chegaríamos.

— Não se preocupe, Deise. Eu liguei para ela e disse que estaremos lá antes do jantar e pedi

PERIGOSAS ACHERON

que deixasse alguma coisa pronta.

— Que bom, mãe. Mas, já vi que meu regime vai para o brejo hoje.

— Faça como eu, filha. Não se pese nos próximos dias.

Dona Rose sempre tinha respostas na ponta da língua e muito bem-humoradas, por sinal.

A viagem estava tranquila. Resolvi usar o Corolla por ser mais confortável e com um bom espaço para a bagagem. A tarde estava fresca e nem precisamos ligar o ar condicionado.

— Gosto desse horário de verão – comenta minha mãe. – Dá a impressão de estarmos sempre adiantadas.

— Também gosto. O dia fica mais comprido e conseguimos aproveitar melhor o sol. Além do mais, é bom viajar enquanto não escurece. Se estivéssemos no horário normal, não teria dado

PERIGOSAS ACHERON

tempo de pegar a estrada ainda com sol. Eu tinha tanto para fazer...

— Falou com os dois?

— Falei. Foi duro, mas eu tinha de fazer isso. Castro ficou bastante deprimido e Fabiano... Bem, ele me pareceu mais compreensivo, apesar de ter-se magoado também.

— Foi melhor assim. Aquela situação não era a ideal para nenhum de vocês. E, agora, você pode pensar com mais clareza.

— Eu tenho certeza disso. Foi apenas difícil ver seus rostos quando comuniquei minha decisão. Com Castro, foi pior porque abri o jogo e disse que estava confusa com minhas emoções.

— Contou sobre o Fabiano? — pergunta ela um tanto aflita.

— Por cima. Não entrei em detalhes para não o ferir ainda mais, porém disse que ele havia se

PERIGOSAS ACHERON

declarado e que isso me abalou.

— Coitado...

— Sei que deve ter sido duro para eles, mas eu não me sentia bem com esse relacionamento duplo. Não é certo.

Uma derrapada com o carro me assusta e percebo que a velocidade está um pouco excessiva para a descida da serra. O motorista parece muito apreensivo. Seu semblante no retrovisor denota um nervosismo que não lhe é habitual.

— Desculpe – diz ele ao notar que nos assustamos. – Não quero afligi-las, mas parece que estamos com problemas no freio.

A dificuldade em segurar o carro torna-se maior a cada curva.

— Meu Deus! – grita dona Rose, colocando as mãos na cabeça, apavorada ao ver que quase batemos na proteção à beira do acostamento.

PERIGOSAS ACHERON

— Segurem-se — pede Nadinho. — Acho que tive uma ideia.

O motorista passa para a pista da esquerda e tenta, numa manobra um tanto maluca, raspar a lateral do carro em um barranco. Ele queria ver se conseguia diminuir a velocidade do carro, mas somos arremessados para o lado oposto com o impacto e começamos a rodopiar. Por pouco, o carro que vinha logo atrás escapa de bater em nós. Acabamos por parar com uma forte batida em uma pedra poucos metros abaixo. Levei a mão à testa, devido a dor e percebo que estava sangrando. Tentei me mexer para ver como estavam minha mãe e Nadinho, mas desmaiei.

Abro os olhos ainda meio confusa e com a vista turva. Demoro a me dar conta de onde estou. Uma mão toca meu pulso e, aos poucos, percebo a figura de um médico que me examinava. Era um

PERIGOSAS NACIONAIS

homem de meia idade, cabelos levemente grisalhos e de aparência incrivelmente saudável e viva.

— Sente-se bem? – pergunta ele.

— Na verdade, minha cabeça está doendo bastante.

— Você levou uma pancada forte aí – aponta para minha testa. – Foi um milagre não ter sofrido um traumatismo craniano.

Havia uma bandagem envolvendo toda minha cabeça.

— O ferimento foi grave? – pergunto, ainda sem entender muito bem o que havia acontecido.

— O suficiente para você ficar desacordada por quase 72 horas.

— Tudo isso?!

— Não se assuste. O importante é estar

PERIGOSAS ACHERON

acordada agora.

Tentei me mexer, mas tive dificuldade por causa do gesso em minha perna direita e da faixa em minha mão e braço esquerdo.

— O que houve?

— Uma pequena fissura na perna devido ao fato de você ter ficado presa pelo banco da frente que se deslocou no momento do impacto. No braço, houve um corte e algumas escoriações. Nada de muito sério e a recuperação será tranquila e breve. Creio que, em poucas semanas, você estará novinha em folha. Não houve nada de mais grave porque você usava o cinto de segurança mesmo sentada no banco de trás.

— Graças a Deus, mas... e minha mãe? E o Nadinho? — pergunto ao mesmo tempo em que me exalto pelo medo do que teria acontecido a eles.

— Seu motorista está bem. Como a batida

foi mais no lado direito do carro, ele sofreu alguns ferimentos, mas, como a senhora, nada grave. Deve receber alta hoje. Em relação a sua mãe...

— Como ela está?! — interrompo apavorada.

— Calma. Ela nem sequer precisou ser internada. Passou pelo Pronto Socorro e foi liberada com ferimentos leves.

Meu coração estava acelerado e começo a chorar sem controle. Não sei dizer se pelo medo que senti de perder minha mãe, pelo alívio de saber que ninguém se feriu gravemente ou pelo pavor de imaginar que o acidente pode ter sido provocado da mesma forma que aconteceu nos outros dois.

Nesse instante, entra uma enfermeira e sussurra algo no ouvido do médico, saindo a seguir.

— Há um investigador da polícia querendo lhe falar. Perguntou se já havia acordado.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que o senhor disse para a enfermeira?
— perguntei, enxugando as lágrimas.

— Que ele deveria aguardar eu sair para conversar com ele e que não adiantasse nada sobre seu estado. Esse homem tem vindo aqui nos últimos três dias e ficado quase o tempo todo na sala de espera.

— Deve ser Castro.

— A senhora o conhece?

— Sim. Ele é o responsável pelas investigações da morte de meu marido em um acidente criminoso meses atrás.

— Quer que eu o deixe entrar ou mando que volte depois?

— Pode deixá-lo entrar. Obrigada por tudo, doutor.

— Tudo bem. Mais tarde, volto para vê-la.

PERIGOSAS ACHERON

Ele sai e, pouco depois, entra o detetive.

— Oi — diz receoso e trêmulo. — Como você está? O médico disse que acabou de acordar e que não devo forçá-la muito. Então, não vou ficar muito tempo, ok? Você precisa de tranquilidade e descanso.

Ele fica meio distante, com medo de se aproximar. Quando peço que venha para mais perto, Castro pega minha mão e a beija demoradamente. Em seguida, senta-se ao meu lado na cama e acaricia meu rosto.

— Que bom que você acordou... Fiquei tão aflito estes dias! Pensei que ia enlouquecer... Não sei o que faria se a perdesse...

— É. Parece que não foi dessa vez — digo, tentando acalmá-lo. — Castro... Não sei se é a hora certa de perguntar, mas não foi nenhum *acidente*, não é?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não – diz de forma enfática. – Os freios foram preparados para falhar. Havia um pequeno furo por onde o óleo vazava gradativamente. Não há dúvidas. Tentaram, realmente, matá-la.

O choque faz com que minha voz saia embargada e fraca quando pergunto:

— Quem?... E como? O meu mecânico examinou o carro naquele dia em que, supostamente, alguém entrou em minha casa.

— Sim, mas seu motorista disse que você tem usado o Corolla todos os dias porque é, pelo que percebi, seu carro preferido. Pode ter acontecido em um dos momentos em que saiu sozinha, sem Nadinho.

Três dias depois, Odete e Roberto conversam comigo na sala de estar.

— Graças a Deus, a senhora está de volta.
— diz a governanta visivelmente emocionada.

PERIGOSAS ACHERON

— E bem — completa o mordomo. — Tivemos receio de que ficaria em coma e não acordasse.

— É, a gente escuta tantas notícias de pessoas que ficaram anos entevadas em uma cama.

— Não era o meu caso — tento explicar. — Eu fiquei desacordada, mas não chegou a ser um coma. Foi apenas devido a pancada muito forte que levei na cabeça.

— Sim, mas havia perigo de sequelas, não é?

— Talvez, Roberto. Não entendo muito disso — respondo. — O importante é que não aconteceu nada de mais sério comigo e nem com Nadinho ou minha mãe.

— Quanto tempo vai ficar com esse gesso? — pergunta Odete.

— Pelo médico, mais um mês. Depois,
PERIGOSAS ACHERON

tirarei novas radiografias e, se estiver tudo bem, ficarei livre desse negócio pesado e incômodo — brinco.

Outra cadeira de rodas entra na sala com Nadinho sentado nela e Isaura empurrando.

— Mas, olha quem chegou. Veio me fazer companhia?

— Soube que chegara do hospital e vim ver como a senhora estava — diz o rapaz.

— Estou bem e nós dois fazemos uma bela dupla. Que tal apostarmos uma corrida de cadeiras?

— Nem pensar, dona Deise — ralha a governanta. — Ninguém vai fazer bagunça por aqui. Vocês tratem de ficar bem quietinhos e comportados.

Todos riem.

— Graças a Deus, não quebramos nenhum

PERIGOSAS NACIONAIS

osso, não é Dona Deise?

— Verdade, Nadinho. Logo, estaremos sem esse gesso e de volta à normalidade.

— Não vejo a hora. Sou um ótimo motorista de automóveis, mas esse negócio é muito mais difícil de manobrar – diz, apontando para a cadeira. – Vivo batendo nas paredes e nos móveis da casa – continua ele.

— Mas, pare de reclamar, homem! – interrompe Isaura. – Dê-se por feliz de me ter como empurradora oficial.

— Prefiro eu mesmo dirigir. Você é muito barbeira – brinca o motorista.

— Barbeira?! Ora, seu... seu ingrato.

— E não. Você vive me prensando nos batentes das portas.

Divertimo-nos com a discussão dos dois.

PERIGOSAS ACHERON

— Isso vai acabar dando em casamento — sussurra Odete para nós, que concordamos, rindo da dupla.

— Por falar em casamento, sua irmã já voltou da lua de mel?

— Não, Roberto. Ela deve estar aqui para o Reveillon.

— Pena que a senhora estava internada no Natal. Havíamos planejado uma surpresa.

Nisso, Jonas e Alice entram, carregando uma Cesta de vime gigantesca. Estava tão pesada que precisava de ambos para segurá-la. Eles a colocam na mesa de centro em frente ao sofá. Quando olho seu conteúdo, fico maravilhada. Vários pacotes com castanhas do Pará, amêndoas, nozes, uvas passas, doces, biscoitos importados, chocolates finos e outras guloseimas. Havia também uma garrafa de Champagne, duas de vinho

PERIGOSAS NACIONAIS

branco e duas de vinho tinto suave.

— Feliz Natal atrasado! — dizem em coro.

— Mas, que coisa linda! — agradeço emocionada. — De quem foi a ideia?

— De todos nós — responde Jonas. — Nós compramos as coisas, a cesta, o celofane, as fitas e montamos tudo. Queríamos que fosse do seu jeito.

— Cada um lembrou de uma coisa que gostava, fizemos a lista e Roberto e Odete foram comprar — completa Alice.

— Gostei muito, pessoal. Muito mesmo. Obrigada pelo carinho e pela lembrança. Pena que não tive tempo de comprar os presentes de vocês... Ia fazer isso no Guarujá, mas...

— Não precisa de presente nenhum, dona Deise — diz Odete. — Trabalhar com a senhora já é um presente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Isaura se levanta apressada e nervosa.

— O que foi, menina?! Que nervosismo é esse?! — pergunta Roberto.

— Bom, a conversa estava tão boa e a agitação de saber que dona Deise estava de volta me fizeram esquecer de fazer a janta. Esse horário de verão engana a gente...

— Não se preocupe — digo na esperança de acalmá-la.

— Mas, já passa das seis horas, dona Deise!

— E daí? Fique tranquila. Roberto, ligue para a pizzaria e peça algumas pizzas e refrigerantes. A Odete e a Isaura irão arrumar a mesa e faremos uma refeição diferente, está bem?

Depois de um tempo, percebo que haviam posto apenas um prato à mesa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Meninas, por que só um prato?

— Ora, para a senhora, dona Deise — responde Odete sem entender.

— Mas, parem com isso! Nós somos em quantos? — pergunto. — Deixe-me ver... Eu, Odete, Roberto, Nadinho, Isaura, Jonas e Alice... Sete, não é?

— É — concordam.

— Então, coloquem a mesa para sete pessoas.

— Mas, dona Deise...

— Por que o espanto, Isaura?

— Bom, é que... nós nunca nos sentamos na mesa de jantar para comer com os patrões.

— Pode até ser, mas eu os quero ao meu lado hoje. A vida é curta demais e deve ser vivida com amor, união e respeito. Vocês me receberam

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

outro dia lá na copa e, agora, quero recebê-los aqui. O que eu faria se não fosse vocês? Todos merecem estar nessa sala comigo.

Os olhos de todos marejam.

— As pizzas devem chegar em vinte ou trinta minutos, dona Deise.

Roberto olha para os outros e estranha o clima.

— O que houve? — pergunta.

— Nada de mais, Roberto — digo. — Pediu vários sabores?

— Sim — responde sem entender o que havia acontecido para todos estarem tão emocionados.

No início, houve certo constrangimento, mas, depois de uns minutos, todos estavam à vontade e felizes.

PERIGOSAS ACHERON

A campainha soa e Roberto vai atender, voltando com Rafael, Luciane e Fabiano.

— Mas, que bela surpresa! Sentem-se — convido. — Isaura, ponha mais alguns pratos, talheres e copos, por favor.

— Ora, ora... Pensamos em encontrar uma recém-acidentada deprimida, solitária, precisando de apoio, companhia, distração e olha o que encontramos: uma bela farra. Bonito, não? — brinca Fabiano.

— Verdade. Eu e a Luci estávamos em casa, preocupados com nossa amiga e resolvemos prestar nossa solidariedade...

— Marido — interrompe Luci — eu estou me sentindo frustrada. Queria *tanto* fazer minha boa ação de hoje... E agora? Será que tem uma velhinha lá fora precisando atravessar a rua?

Houve uma explosão de risos. A expressão

PERIGOSAS ACHERON

dos três era hilária.

— Vocês podiam muito bem ser atores, sabiam?

— E de comédia, dona Deise – concorda Jonas. – Tipo aquele programa antigo do Miguel Falabella, “Sai de Baixo”, lembram?

Todos concordam e começam a relembrar episódios e características dos personagens enquanto comemos. O papo corre sobre isso por quase quinze minutos.

— Mas, falando sério agora – diz Fabiano. – Você está bem, Deise?

— Estou sim. E melhor ainda com a visita de vocês.

Mais tarde, meus amigos e eu nos reunimos na sala de estar para conversar um pouco. O pessoal da casa agradeceu o jantar e se retirou para descansar. Apenas Odete, Roberto e Isaura se

PERIGOSAS ACHERON

colocaram à disposição para o caso de precisarmos deles para alguma coisa.

— Castro já teve algum novo resultado nas investigações?

— Parece que não, Luci. Quem está provocando esses acidentes não deixa pistas e as coisas estão um tanto complicadas.

— Mas, deve haver algum suspeito, Deise — insiste Rafael. — Não é possível que ele não esteja pensando em ninguém.

— Pensando ele está — digo, dando de ombros. — Mas, não quer me dizer os nomes. Ele receia que eu mude minhas atitudes com as pessoas de sua lista e prejudique seu trabalho, pois, o assassino pode recuar e se esconder ainda mais.

— É... Enquanto ele, *ou ela*, se sentir fora de suspeitas, será mais fácil encontrar uma brecha para pegá-lo — concorda Fabiano.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Castro está esperando isso mesmo — confirmo. — Ele acredita que a pessoa que está por trás de tudo vai acabar cometendo um erro.

— Tomara, Deise — diz Luci. — Graças a Deus, ele não teve sucesso com você. Seu motorista deve ser muito bom para conseguir escapar de um acidente fatal.

— E é mesmo — concordo. — Ele foi muito hábil nas manobras. Eu não teria a coragem ou a presença de espírito que ele teve para arriscar daquele jeito.

— Como você está encarando tudo isso, Deise? — pergunta Rafael.

— Com medo, meu amigo. É muito difícil pensar que existe alguém que deseja ver você dentro de um caixão. Até me arrepio toda só de imaginar. Eu até acreditava que poderia ser um alvo, mas eram só conjecturas. Agora, no entanto...

PERIGOSAS ACHERON

— A coisa ficou bem real, não é? —
emenda Fabiano.

Todos se calam e o ambiente se torna
pesado por alguns minutos.

Quebrei o gelo, tentando mudar o rumo da
conversa e dos pensamentos.

— Mas, vamos deixar que a polícia pense
nessas coisas e faça seu trabalho — digo. — Que tal
tomarmos um refresco, um drinque? Podíamos
jogar também. O que acham?

— Boa ideia! Eu conheço um jogo muito
divertido — diz Luciane.

— Que jogo? — pergunta Rafael.

— “Mal mal”. Algumas cartas dão ordens
que mudam o andamento do jogo e é imprevisível
saber quem vai usá-las e em que momento. Por
exemplo, o Ás pula o jogador seguinte, o 8 faz o
próximo comprar quatro cartas, a Dama volta o
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

jogo e assim por diante. E quem ficar só com uma carta precisa gritar Mal Mal. Se bater sem anunciar antes, é obrigado a comprar quatro cartas. Ganha quem ficar sem nenhuma carta no final.

— Gostei — diz Fabiano. — Você pode fazer uma lista dessas cartas e nos ensinar a jogar.

— E eu peço para a Odete providenciar sucos e ver se sobrou algum refrigerante — digo.

Brincamos por cerca de uma hora e meia. Realmente, o jogo era bastante divertido e rimos muito com as tentativas de todos em não deixar que um de nós ganhasse. Foi muito bom porque esquecemos das preocupações por um bom tempo.

Antes de irem embora, Fabiano pede que os dois o esperem no carro e volta-se para mim.

— Estou feliz que esteja bem.

— Eu também estou, apesar de tudo.

PERIGOSAS ACHERON

Digo isso, apontando para o gesso em minha perna.

— Isso vai passar logo.

— Só não sei quanto tempo vai levar para sarar meu espírito – digo, depois de um longo suspiro angustiado. – O corpo se refaz, se recupera, mas a cabeça...

Ele se comove com minhas lágrimas e se abaixa à minha frente, segurando minhas mãos. Era a primeira vez que chorava depois de sair do hospital essa tarde.

— Fique tranquila – diz ele. – Estarei sempre por perto se precisar.

— Eu sei – digo, procurando me recompor. – Mas, vá. Rafael e Lucia estão esperando por você.

— Não quer que eu fique um pouco mais? Posso chamar um Uber ou um táxi depois.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não há necessidade. Já estou melhor e preciso mesmo me deitar um pouco. Estou cansada de ficar sentada.

— Tem certeza? – insiste.

— Tenho sim. Pode ir.

Antes de sair, ele se aproxima e me beija com imensa ternura.

— Eu te amo, Deise – diz com voz suave.

Não consigo responder. Apenas sorrio e ele sai, mandando-me outro beijo antes de fechar a porta.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 22



O ambiente da delegacia é confuso e barulhento. Policiais ao telefone, pessoas sendo levadas algemadas, outras tentando atendimento e, ainda, outras sentadas inertes, simplesmente, esperando.

— Golias! Hei, Golias! Venha cá! – grita um dos policiais.

Mal consigo evitar o riso quando olho na direção de onde estaria o tal “Golias” e me deparo com a figura de um homem de 1,50m de altura respondendo ao chamado. Castro, que já chegara ao meu lado, diverte-se com minha reação.

— Esperava o quê? – pergunta ele. – Um gigante?

— Que susto! – digo quase saltando da

cadeira. – Não o tinha visto chegar. Mas, quanto ao tal de Golias... Realmente, esperava outra coisa.

Caímos na risada antes dele segurar nos punhos da cadeira de rodas para me empurrar em direção à sala de seu chefe.

— O Golias é um cara muito legal – diz ele durante o trajeto. – Você sabia que foi ele mesmo que colocou esse apelido em si?

— Sêrio? Mas, por quê?

— Ele disse que sempre caçoavam de sua altura e, para não se sentir discriminado ou chateado com o “bullying”, decidiu brincar consigo mesmo. Com isto, as pessoas passaram a respeitá-lo mais e ele acabou por ficar bastante popular entre os colegas.

— Inteligente. Ao invés de ficar magoado, entrou na brincadeira e ficou acima dos que cometem qualquer tipo de discriminação.

O escritório do delegado era simples, mas muito bem arrumado. Dispunha de uma mesa, cadeiras, uma estante com livros e uma persiana cinza na janela atrás de onde Dr. Prestes se sentava.

— Boa tarde, Sra. Rubiano.

— Boa tarde, Dr. Prestes. Prazer em revê-lo.

— Espero que em circunstâncias melhores do que as de sua última visita – diz ele, olhando para Castro que enrubesce. – Mas, chamei-a hoje aqui para esclarecer alguns pontos. Já havia pensado em desistir das investigações do caso de seu esposo e sogros ou, pelo menos, diminuir a intensidade delas devido à falta de conclusões sobre o autor ou autores dos delitos. Porém, o ataque contra sua vida mostrou que devemos continuar.

— Agradeço por isso – digo.

— Vou lhe fazer algumas perguntas,

talvez, até repetidas, mas é possível que a senhora se lembre de algum detalhe que não se lembrara na ocasião em que foi interrogada antes. Além de ter dados novos que podem ser acrescentados ao processo.

— Tudo bem — concordo um tanto contrariada, pois não aguentava mais responder a tantos questionamentos.

— Hoje, a senhora está mais envolvida com os negócios de seu marido e da família e, com certeza, conhecendo melhor as pessoas que trabalhavam ou se relacionavam comercialmente com eles. Então, minha pergunta é se poderia citar alguém que tivesse interesse em suas mortes.

— Interesse?... Não sei... É certo que existem pessoas que lucrariam se toda família Rubiano saísse de cena.

— Quem por exemplo? — pergunta o

delegado, ajeitando-se em sua cadeira e demonstrando interesse em minha resposta.

— Concorrentes, talvez... As empresas são muito fortes no mercado e um enfraquecimento na direção delas favoreceria a outras subirem no rank de negócios.

— Quem mais?

— Bem, pode haver algum membro da diretoria que almeje a presidência, mas, sinceramente, não consigo ver nenhum deles como assassino.

— Porém, a senhora pensou em um deles mais especificamente? – continua Prestes.

— É difícil dizer. Todos parecem ser pessoas corretas e honestas, além de muito dedicados ao trabalho. Mas, lembrei-me outro dia de um ditado popular que me deixou um tanto apreensiva: “Não acredito em bruxas, mas que elas

PERIGOSAS ACHERON

existem, existem”.

— Assim como esse assassino — diz Castro.

Olho para ele e vejo que está, visivelmente, abalado. O fato de eu também ter sido vitimada o deixou muito preocupado comigo e com minha segurança. Ele me disse no hospital que não se conformava de ninguém ter visto meu carro ser sabotado, mesmo com toda proteção policial que tinha sido colocada em meu favor.

O delegado volta a me fazer perguntas, desta vez, relativas especificamente sobre meu acidente. Foram quase duas horas de conversa.

— Creio que não ajudei muito — digo ao finalizar o interrogatório.

— Não pense assim, Sra. Rubiano. Às vezes, não enxergamos na hora, mas uma simples palavra ou frase dita nesses encontros pode se

PERIGOSAS ACHERON

tornar a chave para elucidação do crime.

— Obrigada por seu empenho, Dr. Prestes. O senhor, Castro e sua equipe estão sendo muito prestativos e competentes.

— Nem tanto — diz o detetive. — Não conseguimos evitar que você sofresse um atentado contra sua vida.

Ele mostrou que estava mesmo indignado.

— Como não vimos nada? — continua ele.

— Castro, — interrompo — Vocês não têm como me vigiar ou vigiar minha casa e meus carros o tempo todo. De repente, mexeram nos freios do Corola no momento de troca de turno dos policiais designados para me proteger. Ouvi um dos seus homens explicando para uma mulher que não se conformava em ter seu carro roubado que existem horários em que essa transição é feita e que os bandidos aproveitam para atacar. Não há culpados

nisso, apenas do safado que está fazendo essas barbaridades!

Minhas últimas palavras soam com tom de revolta e ênfase que não é contra os profissionais responsáveis pela investigação, mas contra quem está tentando destruir minha vida e minha família.

— Desculpe, mas gostaria de ir embora. Vocês precisam dizer-me mais alguma coisa?

— Não, Sra. Rubiano – responde Prestes.
– Castro a acompanhará até a saída. Obrigada por ter vindo.

— Eu é quem devo agradecer. Até mais, doutor.

Castro, para diminuir a tensão, passa a dirigir minha cadeira de rodas como se estivesse pilotando uma moto.

— Brummmm... Brummmm – diz ele enquanto me desvia de mesas, cadeiras e portas até
PERIGOSAS ACHERON

chegarmos ao estacionamento, onde Roberto me esperava no carro. Como Nadinho não podia dirigir, ele me trouxe e aguardava minha saída.

— Desculpe a demora, Roberto. Não imaginei que a entrevista iria se alongar tanto.

— Que é isso, dona Deise. Estive me distraíndo com o vai e vem de pessoas, carros e policiais. Teve até uma mulher que entrou batendo no marido porque ele estava bêbado. Alguém chamou a polícia por causa da briga entre o casal em sua casa e eles acabaram sendo trazidos para cá. Pelo menos, foi o que entendi que estava acontecendo. Foi bem engraçado.

Castro repara que o carro era um Corola prata.

— Ué, este é o carro em que se acidentou?
— pergunta curioso.

— Não — respondo. — Por quê?

— Parece igual – explica ele.

— É que eu pedi ao Marcos comprar um novo em nome das empresas Alencar Rubiano. Também, pedi que fosse prata porque acho essa cor mais clássica e bonita.

— Entendo. E... Posso ir vê-la essa noite?
– pergunta vacilante.

— Hoje, estarei com minha família. Áurea e Reinaldo chegaram da lua de mel e nos convidaram para um jantar em sua casa. Mas, você pode ir amanhã. Como é réveillon, vou fazer uma ceia e seria muito bom se você também fosse.

— Combinado, então. Devo chegar por volta das 22:00h, tudo bem? Preciso dar uma passadinha na casa da minha mãe antes.

— Certo. Até amanhã.

Castro ajuda Roberto a me acomodar no banco traseiro com a perna esticada no assento e
PERIGOSAS ACHERON

um travesseiro nas costas e, enquanto o mordomo guarda a cadeira de rodas no porta-malas, ele se senta perto dos meus pés.

— Deise, eu acho que você não foi muito sincera com o delegado lá dentro.

— O que quer dizer com isso? — pergunto com estranheza.

— Você foi à festa de final de ano da companhia esta semana?

— Sim. Dei uma passadinha. Fiz um discurso rápido, agradecendo aos funcionários por seu bom trabalho durante o ano, tomei uma taça de champagne, conversei um pouco com algumas pessoas e saí. Estava meio sem pique para festas.

— Ou temerosa?

— Por que essa pergunta? — estranho.

— Acho que você desconfia de alguém

diretamente e essa pessoa faz parte do quadro de diretores. Por isto, não se sente mais tão à vontade na presença dela. Por que não me diz quem é?

— Você é bastante perspicaz.

— Por isso, sou detetive — diz ele, encarando-me com as sobrancelhas meio erguidas.

— Preferia não citar nomes. Se estiver errada, posso cometer uma grande injustiça.

— É Marcos, não é? É dele que você desconfia.

— Por que tem tanta certeza disso?! — pergunto exaltada.

— Porque ele é o *meu* principal suspeito.

Essa afirmação me faz tremer de alto a baixo. O braço direito de Alex, o homem em que ele e seu pai depositavam tanta confiança... E o pior é que não era somente eu que pensara nessa

possibilidade. Sim, porque seria ele o provável sucessor da presidência, tanto que assumiu interinamente até a abertura do testamento de Alex que me colocava na posição.

À noite, já refeita do stress daquele dia, chego à casa de minha irmã e me deparo com uma nova mulher. Áurea estava deslumbrante ao lado de Reinaldo. Ambos bronzeados e tremendamente animados. Passaram um tempão contando sobre a viagem.

— Gente, o Nordeste é incrível! As praias são maravilhosas! Só estando lá para ver o quanto são lindas – descreve ela empolgada.

Os pais de Reinaldo são muito simpáticos e divertidos. Amam contar histórias da infância do filho.

— Esse cara de pau se juntava com os colegas do bairro e aprontava poucas e boas –

PERIGOSAS NACIONAIS

contou o Sr. Rubens. – Imaginem que, numa ocasião, puseram uma linha amarrada ao poste em frente à nossa casa e a seguraram abaixada enquanto se escondiam na garagem. Era época de chuvas e a rua, ainda não asfaltada, estava um verdadeiro lamaçal. Tínhamos que andar com todo cuidado para evitar escorregões e quedas. Então, eles ficaram esperando um “trouxa”, como diziam. Não demorou muito e uma moça apareceu. Ela estava linda, trajando um vestido de linho, muito na moda naqueles dias, branquinho, branquinho... Que dó! Eu estava voltando para almoçar em casa e vi quando a coitada voou para o meio do barro, tropeçando no fio esticado por aqueles pirralhas. Por sorte, ela não se machucou, mas seu vestido... Quando o Rei me viu, ficou pálido de medo, pois já sabia que levaria aquela surra.

— E levou? – pergunta Dona Rose, rindo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E que surra, sogrinha! Fiquei uns três dias sem conseguir sentar direito — lembra Reinaldo.

— E a moça? O que ela fez?

— Ah, Deise. Essa foi a melhor parte. Depois de apanharem de mim e dos seus pais, todos tiveram de lavar o vestido, além de ficarem escravos da moça por uma semana.

— Escravos?! — estranho.

— É — continua o Sr. Rubens. — Eles tinham de fazer tudo o que ela pedisse, desde ir à venda, limpar sua casa, carregar coisas...

— Que legal! Bem que mereceram — observo. — E eles aprenderam a lição?

— Que nada. Duas semanas depois, eles amarraram um fio em volta do poste e em uma lata cheia de água em cima do muro e ficaram esperando para ver quem levaria o banho.

PERIGOSAS ACHERON

— Não é possível! — exclama minha mãe.

— E o pior é que quem acabou molhada foi a própria mãe de um dos garotos — conta Dona Eunice, sogra da Áurea.

— Coitado. Apanhou muito mais que eu — relembra Reinaldo.

A onda de lembranças e risadas por cada história contada segue por um bom tempo e intercaladas entre as infâncias de todos. Ninguém escapou de ser exposto ou de lembrar alguma peripécia feita por alguém ou por si mesmo.

Após o jantar, o casalzinho e eu nos reunimos na sala.

— Até quando a polícia vai ficar de plantão aonde você está? — pergunta Áurea, referindo-se à viatura parada em frente da sua casa.

— Não sei, maninha. Castro e o delegado Prestes querem inibir outra ação do assassino.

— Foi confirmada a sabotagem no seu carro, então?

— Foi sim, Reinaldo.

— E por que não nos avisaram sobre seu acidente? – pergunta minha irmã. – Teríamos voltado imediatamente para cá.

— E para quê? – discordo. – Ia só estragar o passeio de vocês. Eu estava bem e nada de mais grave aconteceu que justificasse interromper sua lua de mel.

— Mas, você ficou bastante tempo desacordada. E se acontecesse algo pior?

— Só que não aconteceu, Áurea – digo, tentando acalmá-la. – Caso contrário, mamãe teria ligado para vocês. Agora, vamos mudar de assunto. Seus sogros e a nossa mãe estão voltando e não quero que ela fique mais nervosa do que já está.

— Amei seu jardim, filha. Quem é o
PERIGOSAS ACHERON

responsável por cuidar dele? – pergunta minha mãe.

— Eu emprestei o Jonas, jardineiro da Deise – Áurea explica. – Ele veio aqui e fez todo o projeto, plantou e cuidou de tudo. Ah, e disse que viria de vez em quando para dar uma revisada.

— Jonas é muito talentoso – comenta Reinaldo. – Sempre admirei o jardim da Deise e, quando ela disse que poderíamos pedir que ele nos ajudasse, aceitamos correndo.

— Bom, precisamos ir. Está ficando tarde e velhinhos precisam se deitar cedo – diz o Sr. Rubens.

— E onde há velhinhos aqui? – pergunta minha mãe, brincando e olhando em volta.

Rimos e conversamos por mais alguns minutos e vamos embora. Eu também estava cansada e queria me deitar um pouco. O dia
PERIGOSAS ACHERON

seguinte ia ser corrido por conta do réveillon.

Odete me ajuda a deitar assim que chego e subo para o meu quarto. Custei um pouco a dormir, lembrando da entrevista com o Dr. Prestes e da desconfiança de Castro. Sabia que seria muito provável que Marcos estivesse por trás de tudo, mas, ao mesmo tempo, não quero acreditar nessa possibilidade.

— “Marcos é um rapaz tão amável...” — penso pouco antes de pegar no sono.

Acordo sobressaltada e gritando desesperadamente. Logo, entram correndo no meu quarto Roberto e Odete, assustados com os gritos.

— O que houve, dona Deise?! — pergunta a governanta ao chegar ao lado da cama e se sentar ao meu lado.

— Desculpem — respondo em meio ao choro compulsivo que tomara conta de mim. — Foi PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um pesadelo. Sonhei que havia alguém aqui dentro e que tentava me sufocar com o travesseiro. Foi horrível! – levo as mãos ao rosto e não consigo parar de tremer e de chorar.

Nesse instante, Isaura e Alice também entram.

— Puxa, acordei todo mundo – digo, enxugando as lágrimas. – Perdoem-me, por favor.

— Que é isso, dona Deise – diz a cozinheira. – Acordamos apavorados e viemos correndo ver o que tinha acontecido, mas, graças a Deus, podemos ver que a senhora está bem.

Conto os detalhes do pesadelo e, em seguida, Isaura desce para a cozinha e volta com um copo de água com açúcar.

— Minha mãe sempre dizia que água com açúcar acalma os nervos. Então, beba, dona Deise – diz ela me oferecendo o copo.

PERIGOSAS ACHERON

— Obrigada, querida. Mas, que horas são?
— pergunto.

— Quase três da manhã – responde Alice.

— Meu Deus! – exclamo. – Acordei a todos e vocês terão um dia tão cheio amanhã. Gente, me desculpem, de verdade.

Eles ficaram comigo até que eu me acalmasse e pudesse voltar a dormir, o que não foi nada fácil. Meus nervos estavam à flor da pele.

Na tarde seguinte e já refeita do susto, supervisiono os preparativos para a festa de fim de ano. Todos correm de um lado a outro, ora levando copos, pratos e outros utensílios, ora arrumando uma decoração, ora colocando alguma coisa nas mesas.

— Que animação! – reparo.

— É sim, dona Deise – diz Isaura, parando ao meu lado entre uma de suas idas e vindas da
PERIGOSAS ACHERON

cozinha.

— E o pessoal para servir já chegou?

— Sim. A administradora do Buffet mandou que eles viessem cedo para ajudar na arrumação e para o caso de algum convidado chegar adiantado.

— Muito bom, Isaura. Gostou da disposição das mesas?

— Ficou muito bom. A ideia de concentrar tudo ao redor da piscina foi o ideal. Aliás, a senhora gosta de fazer suas festas aqui fora, não é?

— Gosto mesmo. Sempre que faz um tempo quente, aproveito para receber meus amigos neste espaço. É mais fresco e mais fácil para vocês limparem depois. Se cair algo no chão, é só lavar e está tudo em ordem.

— Verdade, dona Deise.

PERIGOSAS NACIONAIS

— No ano passado, também fiz o réveillon aqui, lembra?

— Eu não estava. Fui passar o final de ano com minha família.

— É mesmo. Que memória a minha. E por que não fez o mesmo este ano? Poderia ter ido.

— Por causa da senhora e do Nadinho.

— Certo.... Quem cuidaria dele, não é mesmo? – falo com ar maroto.

Isaura fica encabulada e ri sem jeito.

— Vocês já pensaram em se casar? – pergunto.

— Já falamos sobre isso, mas é complicado.

— Ora, por quê? Vocês podem se casar e morar por perto. Tem um prédio aqui na rua que possui apartamentos à venda.

PERIGOSAS ACHERON

— Ah, mas deve ser muito caro. Não temos dinheiro para isso.

— Então, esse será meu presente de casamento para vocês. Assim que passarem as festas, nós duas vamos até lá e escolhemos um deles. Aquele que você mais gostar. Combinado?

— Mas, dona Deise...

— Está decidido. Minha mãe sempre dizia que presente não se recusa. Só se recebe e agradece, certo?

A jovem começa a chorar de alegria e me abraça forte.

— A senhora é um anjo, dona Deise. Um verdadeiro anjo.

— E vocês dois são muito especiais para mim. Afinal, não posso perder minha quituteira favorita. Vai que se casam e decidem morar muito longe. Quem vai fazer aquelas delícias que você faz

PERIGOSAS ACHERON

para mim? Agora, vá. Tem bastante serviço ainda pela frente.

Isaura sai quase pulando de alegria e percebo que vai correndo em direção a Nadinho. Certamente, para contar a novidade.

Sorriso feliz com minha decisão.

Roberto e Odete também preferiram ficar comigo devido ao acidente. Insisti para que tirassem uma folga assim como fizeram Alice e Jonas, mas não aceitaram.

— De jeito nenhum, vamos deixá-la sozinha – disseram taxativos, mesmo eu falando que poderia ficar com minha mãe.

Tive sorte em ter pessoas tão dedicadas ao meu lado.

Por volta das dez horas, a festa estava animada. Helena, desta vez acompanhada do noivo, não parava de dançar. Rafael e Luciane tentaram

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acompanhar seu ritmo, porém, sem sucesso.

— Parece que estamos ficando velhos — diz Luciane. — Antes, tínhamos mais pique.

Áurea acabou sendo minha anfitriã. Com a cadeira de rodas, não podia ir a todos os lugares e ela ficava de mesa em mesa, conversando e atendendo os convidados.

— Você daria uma excelente relações públicas — comento ao vê-la se aproximar.

— Talvez, mas cansa — diz ela rindo. — Você viu meu marido?

— O Rei?

— Quem mais, querida? Pelo que sei, eu só tenho *um* marido — diz com ar brincalhão.

— Resta saber se *ele* só tem uma esposa — brinco. — Vai saber aonde ele anda?

— Eu sei — diz, fingindo estar brava. — Ele

PERIGOSAS ACHERON

está bem ali com a mamãe.

Áurea aponta para o canto esquerdo da sala de jantar, aonde os dois estão conversando.

— Antes de ir, todos estão bem servidos?
— pergunto.

— Estão sim. Não se preocupe. Os garçons do Buffet não deixam pratos ou copos vazios. São muito atentos.

— Que bom. Agora, vá ver seu maridinho. Ele já deve estar sentindo sua falta.

Minha mãe deixa os pombinhos e vem em minha direção.

— Oi, filhinha. Tudo bem?

— Tudo. Estava olhando o pessoal se divertindo.

— E eu observava os *dois* — aponta em direção a Fabiano e Castro ao lado de Rafael e

Luciane. – Está bem engraçado ver as expressões com que olham um para o outro. Tentam disfarçar, mas parece que saem chaminhas de seus olhos na tentativa de fulminar o adversário.

— Coitados. Eles devem estar sofrendo bastante e a senhora se divertindo. Que feio, dona Rose! – repreendo em tom de brincadeira.

Áurea chama a atenção de todos.

— Pessoal, já está na hora da contagem regressiva. Vamos lá! 10... 9... 8... 7... 6... 5... 4... 3... 2... 1... FELIZ ANO NOVO!!!!

Os fogos começam a pipocar no céu, num espetáculo lindo de se ver. Mais um ano se inicia com todas as dúvidas, incertezas, mas repleto de sonhos e esperanças renovadas em todos. É como se a virada de ano passasse uma borracha nas tristezas e fracassos do ano anterior e descortinasse uma nova página, aonde seria escrita uma nova

história.

— As coisas parecem diferentes para mim este ano.

— Por que, Deise? – pergunta Fabiano que havia se aproximado para me desejar felicidades.

— Não sei dizer ao certo. Eu deveria estar me sentindo triste, solitária e saudosa devido à morte de Alex, mas...

— Sente-se como se estivesse sozinha a muito mais tempo do que somente poucos meses, não é? – completa ele.

— É – respondo com um forte e longo suspiro.

Ele coloca seu braço sobre meus ombros e me puxa para perto. Castro, do outro lado da piscina, observa enciumado.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 23



— Helena, poderia vir à minha sala um instante? – peço pelo ramal em minha mesa.

— Pois não – diz ao entrar.

— Não consigo alcançar aquela prateleira da estante de livros. Você poderia fazer o favor de pegar um deles para mim?

— Qual deles?

— O de capa marrom. Pelo que posso ver daqui é um livro sobre administração.

Ela estende a mão e alcança o volume pedido e me entrega.

— Obrigada, querida.

— Disponha, dona Deise.

Após sua saída, começo a folhear as

páginas. Resolvi aproveitar este tempo que terei de recuperação para me atualizar e estudar um pouco. Já havia pensado em ler alguns exemplares da enorme coleção que Alex e seu pai fizeram ao longo dos anos e à minha disposição no escritório, mas não tive muitas oportunidades para isso.

O livro que tinha em mãos “Administração Geral: técnicas práticas” parecia ser um bom começo.

— Estou gostando de ver — diz Marcos ao entrar.

— Oi, decidi ler um pouco e aproveitar para aprender algumas coisas úteis.

— Muito bom. Mas, por que não pediu que levássemos alguns livros para sua casa? Não seria mais confortável?

— Seria, mas estava com saudades do movimento do escritório. Passei tantos anos da

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minha vida entocada dentro de casa ou em lugares fúteis que, agora que encontrei uma nova motivação, não tenho muita vontade de ficar lá.

— Entendo.

— Alguma novidade?

— Não, Deise. está tudo tranquilo. O mês de janeiro é sempre assim sossegado. A única coisa que fazemos mais trabalhosa é o balanço do ano anterior e, normalmente, uma pequena auditoria nas contas.

— Sente-se, então. Vamos conversar um pouco.

— Como está sua perna? – pergunta ao se sentar no sofá.

— Deve ir bem – brinco. – Pelo menos, não sinto dores, a não ser nas costas. Esta cadeira está me matando.

PERIGOSAS ACHERON

— É horrível ter de ficar sentada quase o tempo todo. Ainda mais em uma cadeira sem muito conforto. Lembro-me de quando quebrei meu pé anos atrás. Não gostei nem um pouquinho de ficar com aquele gesso pesado e precisar andar de muletas.

— Por que não usou uma cadeira como esta? Não seria melhor?

— Nem pensar – diz ele, fazendo caretas.
– Eu numa cadeira de rodas? Jamais! – levanta as sobrancelhas e ri de si mesmo.

— Sabe, me pego, de vez em quando, pensando no Sr. Alencar. Há quanto tempo ele está doente?

— Há uns seis ou sete anos, acho.

— Coitado. Soube que ele era um homem extremamente ativo.

— E era mesmo – relembra Marcos. – Ele
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estava o tempo todo envolvido em algo. Projetos, negociações, festas, reuniões administrativas, visitas às empresas coligadas. Era uma *formiguinha incansável*, como costumávamos chamá-lo. Nunca conheci alguém tão dinâmico, tão elétrico.

— E o que houve com ele para acabar em uma cadeira de rodas e precisando do auxílio constante de Gildete?

— Devido ao seu temperamento e sua vida agitada, o Sr. Alencar não se preocupava muito com sua saúde. Suas horas livres eram sempre preenchidas com alguma atividade. Numa ocasião, eu o surpreendi ajudando funcionários a fazer algumas mudanças na fábrica têxtil em pleno domingo. Havia chegado um maquinário novo que necessitava de um espaço grande para ser instalado e ele não teve a menor dúvida: foi ajudar a arrumar o ambiente para a montagem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele tem mesmo um jeitinho de quem não suporta ficar quieto sem nada fazer.

— E não gosta mesmo.

— O que houve com ele? Foi um AVC?

— Na verdade, foi uma somatória de doenças. O Sr. Alencar, pelo excesso de trabalho, acabou tendo problemas de pressão, cardíacos, diabetes que acarretaram dois ou três derrames cerebrais, dois enfartes e outras complicações. Hoje, tem dificuldades motoras e um dos lados do corpo parcialmente paralisado. Tem feito fisioterapias e, pelo que sua enfermeira conta, alcançado bons resultados. Talvez, até volte a andar.

— Seria bom para ele se pudesse andar novamente — comento. — Pelo menos, teria condições de sair mais de casa, passear, ir a festas que ele tanto gosta, não é?

PERIGOSAS ACHERON

— É sim.

O telefone de Marcos toca. Um dos diretores o estava procurando para resolver um assunto que necessitava de sua atenção direta. Ele se despede e sai.

Volto, então, ao livro que estava em minhas mãos. Começo a folhear as páginas e, de repente, caem umas folhas que estavam dentro dele. Com bastante dificuldade, consigo pegá-las sem precisar pedir ajuda. Eram documentos relacionados a uma empresa de prestação de serviços. No meio, havia um contrato e passo a ler seu conteúdo.

— “Meu Deus! Não pode ser!” – penso assustada com o nome que leio no contrato. – “Eva Bastos. Mas, será que é ela?! Será a *mesma mulher?!*”

Trêmula e quase sem fôlego, peguei o

PERIGOSAS NACIONAIS

celular e liguei para Castro.

— Oi, Deise. Que surpresa! — diz o detetive empolgado.

— Oi, será que você pode vir até meu escritório nas empresas agora?

— O que houve?! Sua voz está estranha. Aconteceu alguma coisa?! — pergunta visivelmente preocupado comigo.

— Sim e preciso de você. Por favor, venha rápido.

— Já estou saindo. Fique calma, ok? Daqui a pouco, eu chego.

Desligo e sinto como se o ar me faltasse. A mulher que estivera se passando por mim era ligada, diretamente, com a empresa.

— “Então, Marcos pode *mesmo* ser o responsável pelos acidentes! Meu Deus! E ele está

PERIGOSAS ACHERON

bem aqui, perto de mim...”

Os pensamentos tumultuam minha mente e nem sei quanto tempo fico divagando sobre todas as possibilidades e implicações dessa descoberta. Meu coração batia forte, minhas mãos não paravam de tremer. Estava apavorada, literalmente.

Castro entra como um raio em minha sala e chega perto de mim tão rápido que Helena nem conseguiu me avisar de sua chegada. Ele se ajoelha a minha frente e segura minhas mãos, apertando-as sem, no entanto, machucá-las.

— O que aconteceu, meu amor?! — pergunta com extrema preocupação.

Estendo os documentos para ele sem conseguir proferir uma só palavra. Castro os confere e paralisa diante do que lê. Depois de alguns segundos, olha para mim sem saber o que dizer.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Aonde você encontrou esses papéis? — pergunta, finalmente.

— Dentro desse livro — digo, estendendo o volume para ele.

— Você já falou com alguém da empresa sobre isso?

— Ainda não. Pensei em perguntar para a Helena se saberia algo, mas achei melhor esperar por você.

— Fez bem — ele diz, suspirando e mostrando estar mais calmo. — Você pode chamá-la?

Anui com a cabeça e fui até a minha mesa para pegar o telefone interno. Pouco depois, ela entra.

— Em que posso ajudar, dona Deise?

— Sente-se aqui conosco — convido,

PERIGOSAS ACHERON

apontando para o sofá e as poltronas. — Preciso perguntar-lhe algumas coisas.

Ela estranha, mas senta-se na poltrona perto de mim e de Castro.

— O que foi? — pergunta ela sem entender nada.

— Você conhece Eva Bastos?

— Sim, dona Deise. É uma consultora empresarial especializada na área de indústrias têxteis. Ela foi contratada na época em que a Rede Mundial de Tecidos foi incorporada pela Alencar Rubiano. Por ser uma firma com sérios problemas financeiros, porém, de grande interesse para nós, a diretoria considerou mais viável trazer alguém para assessorar sua reestruturação e adaptação com nosso estilo de negócios.

— Foi aonde ela entrou, então... — divago.
— E quem sugeriu seu nome?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Na verdade, várias empresas foram contactadas antes de escolherem a de Eva — lembra a secretária.

— Ela chegou a ser uma funcionária nossa?

— Não. Ela tem uma empresa, a Eva Bastos Assessoria e Consultoria de Negócios Ltda. Por isto, é apenas uma prestadora de serviços contratada quando necessário. Aliás, tenho estranhado sua ausência. Ela nunca ficou tanto tempo sem aparecer por aqui, mesmo quando não estava trabalhando para nós.

— Quando foi a última vez que a viu? — pergunta Castro.

— Se não me falha a memória, acho que foi em novembro ou começo de dezembro. Lembro-me de conversarmos sobre a proximidade do final de ano e das festas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Foi antes dela cair da escada... —
recorda o detetive.

— Escada?! — pergunta Helena assustada
com a informação. — Ela se machucou?! Então, foi
por isso que não veio mais aqui e nem ligou...

— Na verdade, Eva faleceu — conto de
forma suave para não assustar a secretária ainda
mais.

— Que horror! — espanta-se a jovem. — O
Sr. Marcos já sabe disso?!

— Não sei, mas por que ele deveria saber?
— pergunta Castro desconfiado.

— Ora, ele era o principal responsável
pela contratação dos serviços de Eva. Quando o Sr.
Alencar ficou doente e se afastou da direção,
Marcos e o diretor administrativo ficaram
encarregados de tratar dos assuntos relacionados a
ela e sua empresa.

PERIGOSAS ACHERON

Sinto-me gelada ante essa revelação e não me atrevo a olhar para Castro que, pelo canto do olho, percebo estar me fitando.

O detetive e eu decidimos pedir que Marcos viesse à minha sala. Helena já havia voltado ao seu posto e ficamos no mesmo ambiente informal do escritório. O vice-presidente sentou-se na mesma poltrona em que estivera sentada a secretária. Castro logo começou a interrogá-lo.

— Sim, Castro. Eva prestava serviços através de sua empresa de assessoria — confirma Marcos ao detetive. — Quando o Sr. Alencar comprou a fábrica de tecidos quase falida de seu amigo Giancarlo Palestri, ela foi selecionada entre outros profissionais da área. Os resultados de suas estratégias foram tão proveitosos que ela passou a ser uma consultora permanente das empresas Rubiano. Sempre que necessário, ela trazia

PERIGOSAS NACIONAIS

soluções fantásticas e revolucionárias.

— O senhor soube de sua morte recente? — pergunta o detetive.

— Sim. Fui, inclusive, ao seu funeral. Eva acabou se tornando uma amiga com o passar dos anos. Quando seu sócio me ligou informando, fiquei estarecido. Mas, por que seu interesse nela? — pergunta com certa estranheza.

— Ela é a mulher que se fez passar por Deise na oficina mecânica — informa o detetive.

— Eva?! Impossível! Não acredito nisso! — diz Marcos com ênfase.

— Seu corpo foi reconhecido pelo mecânico que a atendeu. Não há dúvidas quanto a isso.

— Mas, não pode ser! O que a levaria a fazer isso?!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É o que pretendo descobrir, Marcos — diz Castro. — Resolvi falar com você porque era a pessoa mais próxima dela aqui nas empresas, pelo que soube.

— Nem tanto — explica Marcos. — Na maioria das vezes em que ela veio aqui, foi atendida pelo diretor administrativo, Aurélio Cristallini. Eu só participava das reuniões em casos que envolvesse negociações ou estratégias de grande porte. Senão, ambos tinham certa autonomia de ação.

— Obrigado. Se você se lembrar de mais alguma coisa que se relacione a Eva e suas ligações com a Alencar Rubiano, gostaria que me ligasse — diz Castro, estendendo um cartão de visitas a ele.

No dia seguinte, preferi ficar em casa. Acho que tive medo de ir à empresa. Saber que alguém de lá poderia ter tentado me matar era

PERIGOSAS ACHERON

aterrorizante. Pouco antes do meio dia, recebo a visita de Castro.

— Oi, meu amor — diz ele ao entrar. — Como você está se sentindo hoje?

— Apavorada — respondo. — E a que conclusão você chegou sobre o que descobrimos ontem?

— Eu fui conversar com seu diretor administrativo. Fazer algumas perguntas básicas sobre seu relacionamento com Eva Bastos. Ele confirmou o que Marcos dissera, mas fez questão de frisar que seu envolvimento com ela era estritamente de negócios. Voltei a falar com Marcos e o que me intriga é que, quando perguntei a eles sobre áreas mais pessoais a respeito dela, percebi que ambos tiveram certa relutância em responder.

— Como se quisessem esconder algo?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, Deise. Algo que pudesse ser comprometedor.

— Acho que eu não serviria para ser detetive – digo.

— Por quê?

— Quero descobrir logo as coisas. Não tenho paciência para ficar catando migalhas de um lado, pecinhas de outro para tentar montar um quebra-cabeças. Se não posso resolver depressa, fico por demais inquieta.

— Por isso, você é uma empresária e eu um policial. Sua personalidade é mais prática e a minha mais intuitiva, curiosa. Mas, mudando de assunto... Quer jantar comigo hoje à noite? Preciso voltar agora à delegacia, mas posso pegá-la por volta das oito horas.

— Não sei... – vacilo.

— Por favor... Prometo me comportar.

PERIGOSAS ACHERON

Queria apenas sua companhia.

— Tudo bem, mas se sair da linha... — brinco.

— Não sairei. Promessa de escoteiro — diz, fazendo o sinal de mão característico dessa promessa.

No final da noite e já de volta em minha casa, Castro me leva até a sala de estar. Posiciona-me junto ao sofá e senta-se à minha frente.

— Obrigado por ter aceito meu convite, Deise.

— Não precisa agradecer. Gostei muito de ter ido e o jantar estava ótimo.

— Ainda bem que gostou.

Hesita por alguns instantes e, depois, torna a falar.

— Meu amor, até quando terei de esperar

por sua decisão?

— Desculpe, mas não sei como responder – digo vacilante.

— Que pena! Sinto tanto sua falta...

Seus olhos chegam a marejar, o que me emociona muito também. Ele percebe isso, levanta-se e me pega em seu colo, envolvendo-me e me beijando com ardor. Deixo-me levar pelo momento e esqueço tudo o mais: tabus, preconceitos, medos...

Castro me carrega pela escada em direção ao meu quarto.

— Eu te amo – sussurra entre dois beijos apaixonados antes de me colocar deitada em minha cama. – Pedirei ao Roberto que traga sua cadeira de rodas e a Odete que venha ajudá-la a se vestir para dormir, está bem?

— Está bem e... obrigada.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pelo quê?

— Por apenas me trazer para cima.

— Sem tentar nada, você quer dizer?

— Por respeitar meus sentimentos e limitações.

— Posso garantir que isso não tem sido nada fácil, mas compreendo suas dúvidas e respeito sua vontade. Apesar de, hoje, ter sido quase impossível conter meus impulsos...

Termina a frase com um enorme e profundo suspiro, o que me faz quase puxá-lo para meus braços e pedir-lhe para ficar. Há muito tempo não sentia o desejo tão forte de ter alguém ao meu lado, mas me contive ao lembrar que prometera a ele e a Fabiano que, antes de assumir um compromisso sério e definitivo com um dos dois, não quebraria barreiras. Além de comunicar a ambos minha decisão sobre com quem me casaria.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Após me beijar novamente, Castro se despede e sai.

Pouco depois, minha fiel escudeira entra.

— Que moço bom! — diz, referindo-se ao detetive.

— Também acho, Odete. Apesar de ser um tanto rude às vezes, ele tem um coração muito terno.

— Por que não continuou a namorar com ele? Seria um excelente marido na minha opinião.

— Estou confusa ainda. Tanto Castro quanto Fabiano têm qualidades que qualquer mulher desejaria em um homem. É difícil escolher...

— Minha menina, posso não saber muitas coisas, mas de uma eu sei: ninguém consegue amar duas pessoas ao mesmo tempo e nunca do mesmo jeito. Uma sempre será a preferida...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Resta saber qual, não é mesmo?

— Mas, a senhora vai saber. Na hora certa, seu coração vai lhe dar a resposta que tanto procura. Agora, vou ajudá-la a se trocar. Já está bem tarde e a senhora precisa dormir.

— Por minha causa, vocês sempre acabam se deitando tarde – lamento, me referindo a ela, a Isaura e a Roberto.

— Ih, não se preocupe com isso! Sempre fui meio “coruja”, meio boêmia. Quando mocinha, costumava varar as noites nas casas de Samba espalhadas pela cidade. E, depois, velho não sente tanto sono – diz, rindo.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 24



— NÃO!!!!

Sem perceber, acabara gritando enquanto dormia. Sentei-me na cama tremendo e suando frio. Odete e Roberto entram correndo no quarto.

— O que foi, dona Deise?!

— Outro pesadelo, Roberto. Desta vez, sonhei que Fabiano era um bandido perigoso e que, ao ser descoberto, estava prestes a matar Castro com uma machadinha.

Os dois caem na gargalhada e, por pouco, não se rolam no chão de tanto rir. Eu acabo me envolvendo e rimos juntos por uns quatro minutos. Odete e eu chegamos a derramar lágrimas.

— Nossa, dona Deise. Há muito tempo, não ria tanto – diz a governanta.

— Nem eu — concordo. — Acho que pensei tanto nos dois antes de pegar no sono que acabei tendo esse sonho maluco.

— Verdade — diz Roberto. — Os psicólogos falam muito sobre esse tipo de coisa. Aquilo que você pensa demais ou assiste na TV antes de se deitar acaba criando vários tipos de sonhos e pesadelos. Ainda bem que foi só isso, não é? — completa.

— Pois é. Quem manda a senhora querer paquerar dois ao mesmo tempo? Dá nisso.

Voltamos a rir por mais um tempo gostosamente. Depois, o mordomo vai para a cozinha dizer para Isaura preparar meu desjejum enquanto a governanta me ajuda a escolher uma roupa no closet e a me vestir.

— A senhora vai ao escritório hoje? — pergunta ela antes de tirar um conjunto bege do

cabide.

— Não. É melhor ficar em casa. Se houver algum problema, eles sabem aonde me encontrar. Talvez, eu chame minha mãe para vir me fazer companhia.

— Então, esse conjuntinho básico vai servir.

Tomo meu café à beira da piscina e, depois, começo a refletir sobre tudo o que me aconteceu.

Lembro-me bem da alegria que sentia ao lado de Alex no primeiro ano de nosso casamento. Tudo era motivo para festas, presentes, passeios. Porém, as coisas mudaram quando seu pai começou a tratá-lo como irresponsável, dizendo que ele não honrava o nome da família, que não era bom o suficiente para ser seu sucessor nas empresas.

É estranho pensar no rumo que as coisas

PERIGOSAS ACHERON

tomaram. Mais estranho ainda é saber que os três, pai, mãe e filho estão mortos. Quero chorar e lamentar por essa perda gigantesca, mas, ao mesmo tempo, sinto como se eles fossem pessoas distantes, desconhecidas... Não entendo essa sensação. Parece que meu inconsciente quer bloquear as lembranças, os sentimentos que se confundem dentro de mim.

O acidente... A morte... O aniversário de casamento, passado sozinha... A praça... Fabiano... Rafael... Castro... As suspeitas... O atentado contra minha vida... Qual a razão de tudo isso? O que viria a seguir.

Divago por horas sem sentir. A única conclusão lógica a que chego é que a ganância, a fome por poder e dinheiro deve estar levando quem está por trás de tudo a fazer o que fez.

Roberto interrompe meus pensamentos.

— Dona Deise. A Srta. Helena está ao

telefone.

— Ué. Por que ela não me ligou no celular?

Olho para o aparelho sobre a mesa na beira da piscina e me dou conta de haver quatro ligações perdidas da secretária. Fiquei tão absorta que não ouvi o telefone tocar.

Vou até a sala e atendo.

— Oi, Helena. Desculpe. Não ouvi suas chamadas. Tudo bem?

— Graças a Deus, a senhora estava em casa.

— O que houve, querida? Parece nervosa. Aconteceu alguma coisa?

— Infelizmente, sim, dona Deise. É o Sr. Marcos... Ele está no hospital.

— Hospital?! – digo sem acreditar. – O

PERIGOSAS NACIONAIS

que houve?!

— Pelo que soubemos, parece ter sido uma tentativa de assalto. Ele estava a caminho da empresa quando foi abordado e baleado.

— Meu Deus! O que mais vai acontecer?!
Aonde ele está?

— No Albert Einstein.

— Eu vou para lá.

— Certo. Eu e alguns diretores também vamos. Nos encontramos no hospital. Até daqui a pouco.

— Até mais, Helena e obrigada por me avisar.

— Avisar de quê?

Eu me assusto com a voz por trás de mim e, ao me virar, vejo que é Fabiano. Explico a ele o que houve com Marcos em rápidas palavras.

PERIGOSAS ACHERON

— De jeito nenhum, você vai sair daqui! — diz ele taxativo.

— E desde quando lhe dei liberdade para mandar em mim? — pergunto um tanto exaltada. — Acho que já sou bem grandinha para tomar minhas próprias decisões!

— Sim, mas não está raciocinando — começa ele. — E se o cara que tentou matá-la estiver à espreita por aí? Você sabe se não foi essa mesma pessoa que atentou contra a vida do Marcos só para armar-lhe uma cilada?

— Como assim? — pergunto já mais calma.

— Deise, pense! Você ficou tão desorientada com a notícia que seria um alvo fácil para qualquer um.

Respiro fundo e Fabiano continua.

— Você nunca ouviu falar em distração? Ele pode ter criado uma para fazê-la sair de casa,
PERIGOSAS ACHERON

esquecendo-se de vigiar.

— E me pegar desprevenida...

— *Agora*, você entendeu.

— Realmente, eu ia sair de qualquer maneira... Desculpe minhas palavras rudes.

— Não se preocupe com isso, meu anjo. O importante é se manter segura.

— Obrigada. Vou avisar Helena que não me esperem.

Após fazer uma rápida ligação, volto-me para Fabiano.

— Mas, o que veio fazer aqui no meio do dia?

— Queria contar sobre a conversa que tive com Castro.

— Que conversa? – estranho.

— Sobre você.

Sua resposta e seu olhar fixo em mim me fazem estremecer.

— Deise, eu a amo. Sei que conversar com ele, talvez, não ajude em nada na sua decisão, mas queria entender suas dúvidas. De repente, conhecer um pouco mais sobre meu rival me ajudaria a encontrar um meio de conquistá-la de vez ou de me acostumar com a ideia de perder você.

Passamos cerca de uma hora conversando. Ele, sentado bem próximo, a todo instante segurava minha mão e me fitava profundamente, como se quisesse decorar cada pedacinho do meu rosto. Sua meiguice e carinho me acalmavam e pude me sentir segura e aliviada.

Helena liga por volta das duas da tarde com notícias mais detalhadas. Marcos sofrera um desses “sequestros relâmpagos” e, enquanto o levavam para sacar dinheiro em um caixa

eletrônico, um dos assaltantes interpretou um de seus movimentos como tentativa de reação e acabou disparando a arma. Por sorte, a bala não atingiu nenhum órgão vital e ele já estava fora de perigo.

— Marcos teve muita sorte — comenta Fabiano após eu contar o que Helena acabara de me passar.

— Teve mesmo. Deverá ficar internado por uns dias, mas é só, graças a Deus.

— Dona Deise, desculpe interromper, mas o detetive Castro está aqui e deseja lhe falar.

— Obrigada, Roberto.

Castro é introduzido na sala pelo mordomo e se depara com Fabiano sentado no sofá. Ele acabara ficando para o almoço e, depois, continuamos nosso bate papo na sala, pois, havia começado a chover e não dava mais para ficar à

beira da piscina.

— Acho melhor eu ir — diz Fabiano, levantando-se meio sem jeito.

— Não é necessário — interrompe o detetive. — Somos adultos e eu sei que você se preocupa tanto quanto eu com a segurança de Deise.

Fabiano se espanta um pouco, mas volta a se sentar.

— Como você está? — Pergunta Castro, dirigindo-se a mim.

— Estou bem — respondo. — Fiquei abalada com a notícia sobre Marcos, mas, graças a Deus, não foi tão grave como imaginamos.

— Que bom. Vim aqui para detalhar alguns fatos interessantes sobre essa ocorrência com seu vice-presidente.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ouvimos atentamente as explicações, as dúvidas e suspeitas levantadas de forma preliminar. Castro e seus colegas notaram certa discrepância na forma como os bandidos agiram. Em eventos de sequestro relâmpago, os ladrões, em geral, levam a vítima para um banco ou caixa eletrônico não muito longe do local do sequestro, o que, no caso de Marcos, seria na região da Brigadeiro Faria Lima e adjacências. Ele havia sido abordado na saída de sua casa no bairro de Pinheiros e a opção mais lógica seria procurar levá-lo a um lugar mais perto dali. No entanto, ele foi deixado, após ser atingido pelo disparo, no bairro do Rio Pequeno, bem próximo da Rodovia Raposo Tavares. O banco mais próximo dali ficava a cerca de vinte ou trinta quarteirões.

— E tem mais — continua o detetive. — Não levaram o carro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eles não podem apenas ter-se apavorado e fugido a pé? – pergunta Fabiano.

— Pode ser e, por isso, seguiremos duas linhas de investigação. A da possibilidade de ser, realmente, somente um sequestro ou...

— Quem tentou me matar, quis mudar o *método* para confundir a polícia – complemento.

Os dois me olham em silêncio.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 25



— Cada vez, complica mais! Mana, não sei como você está aguentando – Áurea comenta. – Se fosse eu, acho que já tinha pirado.

— Sua irmã sempre foi mais controlada – diz minha mãe. – Lembro-me de quando ainda eram crianças. Você vivia agitando todo mundo, queria jogar bola com os meninos, empinar pipa. Andava até de carrinho de rolimã, enquanto Deise ficava sossegada com sua boneca favorita ou com aquele urso panda que sua vó dera em seu segundo aniversário.

— Ah, mãe! Eu sempre gostei muito daquele urso... – relembro.

— Você dormia agarrada com ele todas as noites. Seu pai lutou para tentar tirar essa mania,

PERIGOSAS NACIONAIS

mas acabou desistindo – continua Dona Rose.

— Verdade. Eu era mais teimosa que ele – digo, rindo.

— Mas, o pior é que, já noiva do Alex, eu a via pegar o urso e levar para a cama – completa minha irmã.

— Vocês sabiam que eu ainda o guardo em meu quarto?

— Não acredito!

— Sério, Áurea. Só não durmo mais com ele, mas, de vez em quando, ainda dou uns *agarrões*.

— Que coisa meiga... Deve ser lindo ver uma marmanjona dessas abraçada com um urso – Áurea caçoa.

— E o Rei? – pergunto, mudando de assunto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ganhando “o pão nosso de cada dia”.
Afinal, alguém precisa sustentar a casa, não é?

— Eu *sei* que ele está trabalhando – digo.
– Quero saber como ele está passando, pois faz tempo que não o vejo.

— Ué, mas já está com saudades? Escute, o marido é meu, sabia?

— Você não consegue falar sério mesmo – comento, rindo do jeito dela.

— Olha, até que eu tento... Ano passado, por exemplo...

— Ah, cale-se, Áurea – interrompe minha mãe. – Como dizia o Quico, nos episódios do “Chaves”, aquele seriado mexicano: “Cale-se, cale-se, você me deixa loooooooooooooouca!”.

Odete entra na sala e avisa que o almoço estava sendo servido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oba!!!

Áurea, praticamente, salta da poltrona e se dirige à sala de jantar.

— Amo a comida da Isaura! – continua ela, esfregando as mãos.

O cardápio consistia em um estrogonofe de frango, purê de batatas, arroz, salada de verduras variadas e um bom vinho para acompanhar.

— Odete, você me faria uma gentileza?

— Pois, não Dona Áurea.

— Peça para Isaura preparar um suco para mim, pois estou evitando bebidas alcoólicas.

— Desde quando? – pergunto. – Você nunca rejeitou uma taça de vinho antes.

— É que, agora, é diferente...

— Diferente como? O maridinho não deixa?

PERIGOSAS ACHERON

— Que nada, Deise. A Áurea tem uma novidade para contar. Por isto, viemos aqui hoje — diz minha mãe.

— Que novidade? Já sei. Ganhou na Sena e, por causa da promessa que fez para ganhar, tem de ficar um ano sem beber — brinco.

— Até parece. Mas, eu, realmente, vou ganhar alguma coisa em breve — diz minha irmã, divagando.

— Ah, conta logo! Estou ficando curiosa.

— Você vai ser titia, Deise — conta ela finalmente.

Se não fosse o gesso na perna, eu teria saltado e feito a maior festa no meio da casa, mas, mesmo assim, explodi de alegria. Um sobrinho... Minha irmãzinha ia ter um bebê... Não poderia ter recebido melhor notícia do que essa!

— Que maravilha, Áurea! Então,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

precisamos ir ao Shopping comprar umas coisinhas – digo animadíssima.

— Calma! Tem muito tempo pela frente ainda – diz ela. – O médico disse que devo estar com um mês e meio de gravidez apenas.

— Então, ficou grávida na lua de mel?

— Acho que sim, Deise.

— Mas, eu quero sair para comprar uns presentinhos para o meu sobrinho de qualquer jeito.

— Mas, nem sabemos se será menino ou menina – comenta minha mãe.

— Ora, a gente compra peças brancas, verdes, amarelinhas. Estas cores são neutras e servem para qualquer sexo, não é?

— Tudo bem, Deise. É até bom sairmos um pouco para você se distrair – diz Dona Rose.

— Verdade – concordo. – Eu me lembro

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

da última vez em que fui ao Shopping e havia uma moça parada na ponta da escada rolante olhando para baixo, como se procurasse alguma coisa entre os degraus. Quando me aproximei para ver se podia ajudar, ela começou a me perguntar se eu sabia aonde estavam.

— Aonde estão o quê? – inquiri curiosa.

— Os ratinhos...

— Mas, que ratinhos, menina? – insisti.

— Ora, *aqueles* que fazem a escada subir e descer. A senhora os viu?

Quando dei por mim, havia uma turma de jovens e alguns curiosos olhando para nós e rindo a mais não poder. Eu acabara de “pagar um grande mico”, como eles mesmo disseram.

— E a jovem? – perguntou minha mãe.

— Merecia um Oscar pela interpretação.

PERIGOSAS ACHERON

Na hora, fiquei sem graça, mas acabei rindo junto com todos. A menina me abraçou e saiu como se não tivesse acontecido nada. Aí, eu ri mais ainda. Era uma verdadeira atriz.

Decidimos que nós iríamos às compras depois que eu tirasse o gesso, pois ficaria mais fácil circular pelas lojas sem essa cadeira de rodas.

Passamos o resto da tarde fazendo planos, discutindo a decoração do quarto do bebê, escolhendo nomes... Áurea quase teve um ataque na menção de alguns nomes mais estranhos e rimos muito com suas reações.

— Bom, precisamos ir.

— Ainda é cedo, mãe.

— Eu tenho um compromisso com uns amigos agora à noite e ainda preciso me arrumar.

— E o Rei quer me levar para jantar. Comentei que estava com vontade de comidas

PERIGOSAS ACHERON

italianas e ele combinou de me pegar para irmos a um rodízio de massas no Bixiga. Dizem que é muito bom.

— Cuidado com o peso – alerta. – O médico deve ter dito para se precaver de engordar muito, não é?

— Eu, hein? Num rodízio?! Vou é me arrebentar de tanto comer – brinca ela.

Ao vê-las indo embora, sinto saudades da época em que saíamos juntas, procurando lugares novos para comer e passear. Sempre fomos muito unidas.

De repente, um calafrio percorre minha espinha. Procuro não dar muita importância a isto, mas uma sensação estranha, quase um pavor, começa a tomar conta de mim. Meu coração dispara com batidas cada vez mais rápidas, fortes e descompassadas. Sinto-me sufocada. É como se

meu pescoço estivesse sendo apertado por mãos invisíveis. Começo a tremer e a temperatura do meu corpo parece baixar. Meu rosto torna-se gélido e um enorme vazio se apodera do meu peito.

— Tudo bem, dona Deise? — pergunta Roberto preocupado ao notar meu mal-estar. — A senhora está pálida!

— Não sei. Sinto-me estranha...

— Vou lhe buscar um copo de água.

— NÃO! — quase grito. — Por favor, estou com medo de ficar sozinha. Na verdade, estou apavorada.

Faço-o ficar ao meu lado e o abraço. Percebo que o deixo um tanto constrangido, mas, aos poucos, ele começa a acariciar meus cabelos, do mesmo jeito que meu pai fazia quando eu sentia medo ou me machucava e chorava por isto.

— Menina, menina — disse com carinho. —
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não fique assim. Nada de mal vai lhe acontecer.

— Como você sabe? Como pode saber? — digo entre lágrimas.

— Eu, simplesmente, sei, dona Deise. Deus a protegerá, a senhora vai ver.

Começo a me sentir mais segura, mais calma e ele me convence a ir deitar um pouco antes do jantar. Odete e ele me ajudam a subir para meu quarto e a me deitar.

— Deseja beber alguma coisa? — pergunta a governanta. — Um suco bem docinho pode ajudar a acalmá-la.

— Acho que sim — digo, aceitando a oferta.

— Já trago, então e, assim que o jantar estiver pronto, posso trazê-lo aqui também para a senhora não ter que descer novamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Boa ideia. Acho que vou assistir algum filme ou ler um livro para me distrair e esquecer essa sensação ruim. Obrigada aos dois.

Ambos saem e eu pego o controle remoto da TV. Há muito tempo, não assisto a um filme ou qualquer programação. Tenho mais passeado do que ficado em casa. Encontro uma comédia antiga, mas acabo nem assistindo porque o sono me envolve e durmo logo em seguida.

Na tarde seguinte, vou ao consultório do Dr. Wagner e explico o que se passou comigo. Ele pede que eu me vá até a maca e me examina cuidadosamente.

— Aparentemente, não há nenhum problema físico com você – explica ele. – Vou pedir que faça alguns exames e me traga os resultados assim que ficarem prontos por precaução, está bem?

PERIGOSAS ACHERON

— O que pode ser, doutor?

— Deise, – começa falando com mansidão – você tem enfrentado muitas situações difíceis pelo que me contou e é natural que esteja estressada. O que descreveu sobre seus sintomas de ontem são, certamente, resultado de toda tensão dos últimos meses. Seu corpo está apenas reagindo a tudo isso. Vou receitar um calmante leve para aliviar o stress e você poder se sentir melhor.

— Tudo bem. Obrigada, Dr. Wagner. Tenho mesmo passado por poucas e boas... Não sei como estou sobrevivendo a tudo isso.

— Você é muito forte. Sempre foi, mas existem momentos em que é extremamente normal desabar diante das dificuldades. Não tenha medo e tente se distrair de alguma forma. Fugir dos problemas de vez em quando não é nenhum pecado. É apenas sobrevivência. E bem que você

PERIGOSAS NACIONAIS

está precisando dar umas escapadelas, não é mesmo?

— Verdade, mas o que não entendo é porque tive essa crise de ontem logo depois de passar uma tarde tranquila e divertida com minha mãe e irmã que, inclusive, veio me dizer que está grávida. Se o que preciso é distração, não deveria ter ficado daquele jeito, não é mesmo?

— Você teve *uma* tarde tranquila depois de meses de ataques ao seu emocional. Não foi suficiente para eliminar todo o malefício causado por tantas lutas. Além disso, seu subconsciente deve ter disparado seu medo de que algo de terrível possa acontecer com sua família, principalmente, com sua irmã que espera por um bebê.

— Verdade. Essa ideia passou, mesmo, pela minha cabeça quando as vi indo embora. Foi rápido e quase não me lembrava.

PERIGOSAS ACHERON

— Por isto, estou lhe receitando esse calmante. Ele, aliado a um bom repouso e a momentos alegres, irá ajudá-la a superar tudo isso. E, caso eu veja a necessidade, a encaminharei para uma terapia.

— Não sou muito adepta a essa ideia de terapia. Parece coisa de velha rica que não tem o que fazer – brinco.

Ele ri.

— Não sei quantas velhas ricas você conhece, mas acho que, no seu caso, faria bem conversar com alguém. Desabafar com uma pessoa fora de seu circuito familiar e de amizade seria bastante proveitoso a meu ver.

— Vou pensar sobre isso. O senhor não é o primeiro a me recomendar uma terapia.

— Se quiser, conheço uma psicóloga muito competente. A Dra. Claudete. Acho que

PERIGOSAS ACHERON

tenho um cartão dela... – abre a gaveta de sua mesa e, ao achar o referido cartão, estende-o para mim.

Coloco o cartão na bolsa e saio. Roberto estava à minha espera na antessala do consultório e voltamos para casa.

Capítulo 26



— E então, quando vai largar a bengala? – pergunta Marcos ao me ver entrar em sua sala.

— Na verdade, o fisioterapeuta disse que já era para ter largado, mas ainda tenho um pouco de receio. E você? Como está?

— Fisicamente, bem...

— Mas...

— É, Deise. O “*mas*” é que incomoda. Já se passaram tantos meses desde o sequestro e eu ainda acordo no meio da noite apavorado com os pesadelos.

— Você não está sozinho nessa. Apesar da terapia e do calmante que tenho tomado, também tenho muitos pesadelos e meus empregados vivem tendo que me acudir no meio da noite por causa dos

meus gritos.

— Sei bem o que é isso. Mas, o que me intriga é que, até agora, a polícia não descobriu nada.

— É. Daqui a algumas semanas, fará um ano da morte de Alex e eles ainda estão tateando no escuro

— Dona Deise – interrompe Helena. – O detetive Castro deseja falar-lhes.

— Peça que entre – diz Marcos.

O detetive nos cumprimenta, visivelmente, animado.

— Tenho boas notícias – começa ele. – Prendemos uma quadrilha que, pela descrição que você, Marcos, nos forneceu, são os mesmos que o sequestraram. Precisaríamos somente que você fosse à delegacia fazer o reconhecimento.

— Quando? – pergunta o vice-presidente.

— Quanto antes, melhor. Assim, podemos fechar esse caso logo.

— Ele tem razão, Marcos – digo diante da vacilação que percebo nele. – Sei que não será fácil para você encarar aqueles crápulas, mas, com certeza, será um alívio vê-los atrás das grades, concorda?

— Concordo, sim. Então, vamos lá. Pode ser agora, Castro? Assim, fico livre de uma vez dessa história.

Espero ansiosa pela volta de Marcos ao escritório, mas acabo indo embora quando percebo que ele iria demorar e, talvez nem voltasse.

Roberto ainda está dando uma de motorista. Apesar de Nadinho ter, como eu, tirado o gesso, o médico ainda não o liberara para dirigir. Em casa, sento-me na poltrona em frente ao quadro

de Fabiano e fico a observá-lo enquanto o jantar não é servido.

— É uma bela obra, sem dúvida.

Viro-me e dou de cara com Castro atrás de mim.

— Faz tempo que você não o vê? — pergunta, apontando para o quadro sobre a lareira.

— Creio que já fazem uns dois meses. Ele sempre me liga do Rio de Janeiro e, da última vez, disse que a filial da empresa de Rafael está em franco crescimento.

— E quando ele volta para São Paulo?

— Não sei. A princípio, ele foi apenas para ajudar em um projeto de grande porte, mas acabou se envolvendo em outras obras. É possível que nem volte. Pelo menos, é o que Rafael está achando.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que ele acha isso? — pergunta, disfarçando um meio sorriso de satisfação pela ausência de seu arquirrival.

Seguro o riso ao ver essa sua expressão para não incentivar ainda mais suas ideias e continuo falando como se não tivesse reparado.

— Fabiano se deu muito bem com o estilo de Barnes e os dois estão tendo tanto sucesso junto aos clientes que Rafael está pensando seriamente em deixá-lo por lá.

— E você está com saudades?

— Pare de ironizar. Já lhe disse para não forçar a barra.

— Eu sei, desculpe-me.

— E o Marcos? — pergunto, buscando quebrar o clima.

— Identificação positiva.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sério?! – digo, animada com a notícia.

— Sério. Agora, nós vamos dar uma boa prensa naqueles caras e descobrir se foram mandados para atacar Marcos ou se era apenas uma tentativa de assalto. Estou mais propenso a acreditar na primeira alternativa – afirma.

— Será que, finalmente, nosso homem cometeu um erro? – pergunto, esperançosa de por um ponto final em todo esse sofrimento.

— É o que espero.

— Posso servir o jantar?

— Oi, Odete. Pode, sim, e ponha mais um talher à mesa, por favor. Castro irá jantar comigo.

O sorriso do detetive se abre ao ouvir que ele ficaria e me estende a mão para me ajudar a levantar e ir em direção à mesa. E, por sinal, um lindo sorriso...

PERIGOSAS ACHERON

No dia seguinte, estou envolta em meio a alguns papéis trazidos por Helena que nem percebo a entrada de Marcos em minha sala.

— Bom dia.

— Oi, Marcos. Nem o vi entrar.

— Percebi. Você estava tão absorta... O que são esses papéis? – pergunta curioso.

— São os planos do Departamento de Marketing para o segundo semestre. Estava revisando alguns pontos para deixar tudo pronto para nossa reunião de segunda-feira.

— E o que achou? Estão bons?

— Estão. Propuseram boas estratégias e acredito que trarão muitos resultados positivos. Só precisa da aprovação da diretoria para serem colocados em prática.

— Mudando de assunto, o detetive lhe

PERIGOSAS NACIONAIS

contou sobre ontem?

— Sim. Ele foi à minha casa e disse que você reconheceu os homens que o sequestraram.

— Foi difícil encará-los, sabia?

— Dá para imaginar. E, agora, está mais aliviado?

— Não sei. É uma sensação estranha. Apesar de vê-los presos, o medo não passou. Parece até que aumentou.

— É normal, eu acho. Inconscientemente, você pode achar que eles voltarão para se vingar, talvez.

— Talvez, mas não quero pensar mais nisso. Vamos ao trabalho?

— Dê uma olhada nesse projeto. É para a linha de tecidos da primavera...

O resto da semana foram de análises e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

revisões dos planos que seriam apresentados à diretoria.

No sábado após o almoço, resolvo dar um passeio no Guarujá em companhia de Castro que insiste em me levar em seu carro.

— Para prevenir — dizia ele.

A viagem foi rápida e Ruth já nos esperava com aquele maravilhoso bolo de coco cremoso, pães, frios e uma nova receita de patê de frango que, segundo ela, aprendera em um programa de culinária na TV.

— Vão passar a noite aqui? — pergunta ela.

— Vamos sim — respondo.

— Os quartos já estão arrumados.

— Sempre eficiente — digo, abraçando-a carinhosamente.

— Virá mais alguém?

PERIGOSAS ACHERON

— Talvez, Áurea e Reinaldo. Disseram que, provavelmente, viriam para o jantar. Só minha mãe preferiu ficar em São Paulo. Ainda está meio receosa de descer a serra.

— É compreensível, dona Deise. Com licença. Vou terminar de ajeitar as coisas.

— E Raul? – pergunto. Não o vi quando chegamos.

— Meu velho foi até o supermercado buscar algumas coisas. Logo, deve chegar.

— Acho que dá tempo de um passeio pela praia antes de anoitecer. Que tal? – sugere Romeu.

Nos trocamos e saímos. Eu coloquei apenas um conjunto de short e uma camisetinha de alças finas em tons de azul. Ele, porém, resolveu vestir uma bermuda e uma camisa de mangas curtas, ambas de estampas tão berrantes que o faziam se parecer com turistas americanos

passeando nas praias de Miami ou do Havaí.

Enquanto andávamos descalços e segurando chinelos e minha sandália nas mãos, não havia quem não nos olhasse. Muitos chegavam a comentar alguma coisa entre si e caíam na gargalhada, mas, apesar disso, percebi que não me sentia constrangida ou envergonhada ao lado da figura engraçada do detetive, que falava e gesticulava animadamente e sem parar. Sua companhia me fazia muito bem.

Voltamos ao apartamento por volta das 18:30h.

— Já estávamos quase pondo a polícia atrás de vocês dois — brinca minha irmã ao chegarmos.

— Faz tempo que estão aqui? — pergunto.

— Um tempão! — diz ela — Pergunta para a Ruth.

PERIGOSAS NACIONAIS

A simpática senhora dá uma olhadinha para mim e pisca o olho direito ao mesmo tempo em que dá uma inclinada de cabeça. Logo, entendo o sinal.

— Entendo... Vocês devem é ter chegado, no máximo, há uns dez minutos.

— Como?! — Áurea diz com expressão jocosa de quem está se sentindo ofendida. — Você duvida da minha palavra? Que *absurdo*!

Ponho a mão na barriga, já um pouco crescida, de minha irmã e começo a falar.

— E aí, neném? O que me diz? A mamãe é ou não é uma baita safada?

Sinto um chute embaixo da minha mão.

— Olha aí! — digo entusiasmada. — Até seu filho já sabe das malandragens da mãe!

— Seu traidor! — ralha ela, brincando e

PERIGOSAS ACHERON

apontando a própria barriga.

Castro e Reinaldo sentam-se na sala de vime para conversar, enquanto a Áurea e eu fazemos o mesmo, só que no sofá da sala de visitas.

— E aí? Foi ao médico ontem? — pergunto.

— Fui e fizemos a ultrassonografia.

— E o que deu? O bebê está bem? Já sabe o sexo?

— Bom, o médico disse que ele tem duas pernas, dois braços, uma cabeça, um coração... Ele até bate, sabia? Ah, tem também...

— Certo, engraçadinha. Disso tudo, eu sei — interrompo com cara de brava.

Ela ri.

— Brincadeira, maninha. Foi emocionante escutar o coraçãozinho dele e vê-lo se mexendo naquela telinha. É meio esquisito porque não dá

PERIGOSAS NACIONAIS

para definir muito bem as imagens, mas deu para saber direitinho o sexo. É um menino – diz minha irmã, colocando as mãos no rosto e com a expressão mais linda e radiante que já vira nela.

Nem mesmo no dia de seu casamento, a vi tão feliz. Isto me fez desejar um recomeço e uma família. Sempre sonhei em ter um filho e ver minha irmã prestes a ser mãe deu-me uma pontinha de inveja.

— O Rei deve estar pulando de alegria! – comento. – Um menino? Todo homem deseja ter um filho, não é?

— Ele já escolheu até o nome.

— Que apressado – digo, rindo. – E qual é?

— Samuel.

— Nome forte.

PERIGOSAS ACHERON

— Também acho e tem um significado muito especial. Samuel quer dizer “ouvido por Deus”.

— Que lindo!

— E é mesmo – concorda ela. – A Bíblia cita a história de Ana, a mãe do profeta Samuel. Ela pediu que Deus lhe concedesse um filho porque era estéril e só um milagre poderia realizar esse seu grande sonho. Ana prometeu que, se Deus atendesse seu clamor, ela entregaria a criança para ser educada no templo e separada para servir a Deus como gratidão. Reinaldo me disse que sonhava muito em ser pai e, como suas orações foram atendidas, colocará no bebê o mesmo nome que Ana escolheu.

— Amei... Só não sabia que o Rei se interessava por assuntos ou leitura bíblica.

— É que começamos a frequentar uma

igreja há alguns meses, pouco antes de nos casarmos.

— Sério?! E por que não falaram nada?

— Queríamos ter a certeza de que nos firmaríamos primeiro.

— E, pelo jeito, se firmaram...

— Sim. Os pastores e o povo que frequenta a igreja são muito amorosos e alegres. Parece uma grande família festeira. Deveria ir conosco um dia.

— Podemos combinar. Acho que é uma boa ideia.

— Você vai gostar. No começo, tínhamos certo receio, pois sempre ouvimos muitas histórias negativas sobre igrejas evangélicas, mas, depois, vimos que eram só invencionices. A única diferença que constatamos é a de que os cristãos não precisam de bebidas, drogas ou outros

PERIGOSAS ACHERON

subterfúgios para serem felizes. Eles apenas são e pronto. Existe tanta paz em seus corações... e, agora, nos nossos também.

— Bem que estou precisando de um pouco de paz... Não me conformo desse assassino não ter sido pego ainda.

— E os caras que sequestraram Marcos? Não disseram nada que ajudasse a descobrir quem é esse bandido?

— Na verdade, não, Áurea. Eles disseram que foram contratados por alguém, mas não sabem o nome da pessoa.

— Essa eu não engulo. E como foram contratados, então? — pergunta ela incrédula.

— Segundo eles, tudo foi tratado através de um intermediário.

— Então, que a polícia ache esse intermediário! — diz quase gritando.

Castro se volta para nós.

— É o que estamos fazendo, Áurea — diz o detetive se aproximando e sentando-se ao meu lado. — Pela descrição que deram, conseguimos fazer um retrato e o disponibilizamos para o acesso de todas as delegacias de São Paulo. Mais cedo ou mais tarde, o encontraremos.

— Tomara, Castro — digo em meio a um suspiro. — Tomara...

O detetive me puxa e eu me aconchego em seu peito. Nos recolhemos relativamente cedo porque pretendíamos nos levantar por volta das sete ou oito horas para aproveitar bem o dia.

Desperto com um barulho vindo da sala do apartamento e, mesmo meio sonolenta, visto um roby de cetim e vou ver o que é. Encontro Castro em pé e trajando calça e camisa sociais, as mesmas roupas com as quais costuma trabalhar.

— Onde vai? E por que essas roupas? —
estranho. — Na praia, elas não são as mais
apropriadas, concorda?

— Concordo e desculpe se a acordei.

— Tudo bem, mas, falando sério, o que
houve?

— Estava acordado desde às seis da manhã
em meu quarto, pensando. Não quis me levantar
para evitar fazer algum barulho que os acordasse.
Devido à agitação do meu dia a dia, me acostumei a
acordar cedo e a dormir pouco. Por volta das sete,
meu celular tocou com o delegado me ligando.

— Não vai me dizer que o estão mandando
voltar para São Paulo? Será que você não pode ter
um final de semana tranquilo?

— O pior é que estão. Ele disse haver
novidades e que precisa de mim. Ia pedir que
alguém a acordasse, mas, acabei eu mesmo fazendo

PERIGOSAS NACIONAIS

isso – diz, apontando para a mesinha de centro aonde ele tropeçara. – Desculpe ter de ir embora assim. Sei que planejamos uns passeios, mas...

— Eu entendo, Castro. É sua profissão. Minha irmã pode me levar de volta amanhã.

Ele me puxa para seus braços e me beija com enorme ternura, ao que me entrego sem nenhuma resistência.

— Uhuuuuuuuuuuu!!! Como estamos! – festejam Áurea e Reinaldo parados junto à porta da cozinha.

Há muito, não ficava tão vermelha e sem graça.

— Desde quando estão aí? – pergunto.

— Desde que o desastrado tropeçou na mesinha. Estávamos na cozinha quando ouvimos o barulho e viemos ver o que tinha acontecido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E o que faziam na cozinha tão cedo?

— O que acha, Deise? A Áurea sentiu desejo de comer uma salada de frutas com creme de leite – começa meu cunhado. – Gente, vocês não têm noção do que é uma mulher grávida!!! Ela está me cutucando desde às quatro horas da madrugada, pedindo essa bendita salada – aponta para a travessa gigante nas mãos de minha irmã.

— E você se recusando a levantar! – reclama ela.

— Mas, benzinho. Você mesma poderia ter-se levantado e feito quantas saladas quisesse...

— Mas, eu queria uma que fosse feita por *você*. Se fosse eu, não valia – resmunga, fazendo beicinho como uma criança.

Rimos um pouco daquela situação antes do detetive sair.

À tarde, nós três nos sentamos na varanda
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e ficamos admirando a praia.

— Deise, quando você vai decidir o rumo de sua vida? — pergunta meu cunhado. — Dá para ver que você gosta do Castro. Tudo bem não querer se envolver mais intimamente com nenhum dos dois antes de ter certeza de seus sentimentos. Creio ser uma atitude louvável e correta, mas não acha que os está fazendo sofrer em demasia?

— Na verdade, eu acho que já estou definida.

— Por Romeu? — pergunta minha irmã com entusiasmo.

— Vocês saberão em breve. Quero que a revelação do meu escolhido seja feita em uma ocasião especial para ele e para mim.

— Vamos continuar curiosos...

— Pelo jeito, sim... — diz Reinaldo.

PERIGOSAS ACHERON

Esboço um risinho maroto e meio de menininha. Fazia tempo que não me sentia tão segura em relação à minha vida.

Decidimos voltar para São Paulo no próprio domingo. Saímos por volta das oito horas porque, neste horário, o trânsito já está mais leve. Eles me deixam em casa cerca de uma hora e meia depois. Insisto para que entrem um pouco, mas a Áurea não parava de dizer que queria ir ao *Amor aos Pedacos* comer um bolo de morangos.

— Não existe doceria ou confeitaria melhor — dizia ela. — E tem uma loja aqui pertinho na Av. Brigadeiro Faria Lima...

Quase acabei indo junto, mas resolvi que seria melhor descansar.

Estranhei o silêncio excessivo de dentro de casa e notei que a luz da sala, sempre mantida acesa, estava apagada. Parei no terraço hesitante.

PERIGOSAS NACIONAIS

Um frio percorre minha espinha de alto a baixo.

— “Isso está ficando mais comum nos últimos tempos do que eu gostaria” – penso antes de pegar no celular e ligar para Castro. – “Droga! Caixa Postal! Por que inventaram a telefonia móvel se ela não funciona quando precisamos?”.

Resolvi dar a volta pelos fundos. A porta da cozinha estava trancada e as luzes também apagadas. Nas dependências dos empregados, tudo escuro e silencioso, o que me assustou ainda mais. Pensei em ligar para minha irmã, mas com ela nesse estado...

Volto para a frente da casa sem saber o que fazer e vejo o carro de Reinaldo estacionando em frente ao portão. Corro até eles.

— Por que voltaram?

— Você esqueceu de pegar sua mala. Mas, o que houve? Parece assustada – repara Reinaldo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho que não é nada, mas estou com receio de entrar em casa.

Explica rapidamente.

— Vocês duas fiquem aqui no carro. Vou entrar e ver o que está acontecendo.

— Cuidado, Rei! – pede minha irmã, visivelmente, temerosa.

Nossa apreensão dura pouco mais de cinco minutos. Logo, o vemos voltar.

— Está tudo em ordem, Deise. Podem entrar.

— Que bom! – respiro aliviada enquanto os dois entram com o carro na garagem, o fecham e vamos em direção à porta da sala.

— SURPRESA!!!!!!!!!! – grita um coro de vozes ao mesmo tempo em que as luzes se acendem.

PERIGOSAS ACHERON

— Meu Deus! – exclamo.

Meu coração batia tão forte e depressa que pensei que desmaiaria.

— O que é isso?! – pergunto, ainda abalada com o susto.

— Ora, é seu aniversário! Esqueceu? – pergunta minha mãe com os braços abertos, esperando para me cumprimentar.

— Não acredito... Eu esqueci por completo... Por isso, vocês insistiram tanto para voltarmos hoje, não é maninha?

— Claro. Você iria estragar toda surpresa se ficássemos na praia.

Fiquei sabendo que fecharam a porta da cozinha quando perceberam que eu tinha ido para os fundos da casa. Áurea e Reinaldo fingiram que iam embora para que eu não desconfiasse de nada e, quando voltaram e me viram ainda do lado de

PERIGOSAS ACHERON

fora, resolveram manter as aparências e fazer o teatrinho dele entrando para verificar se tudo estava em ordem.

Castro se divertia de me ver totalmente pega de surpresa.

— Você não veio mesmo para trabalhar, não é? — pergunto para ele.

— Não. Combinamos de levá-la para o Guarujá e deixá-la com os dois para que pudéssemos preparar tudo. Até fingimos esquecer que era seu aniversário para que não desconfiasse de nada.

— Gente, vocês me deram um baita susto! — digo, agora rindo e bem mais calma. — E nunca iria imaginar que vocês estavam preparando essa festa surpresa.

A casa estava repleta de amigos e as comemorações seguiram até de madrugada. Por

PERIGOSAS ACHERON

volta das quatro horas, o único que permanecia era Castro.

— E aí, gostou da surpresa?

— Amei! No ano passado, nem pude comemorar e hoje... Que festa incrível! Obrigada.

Nós nos sentamos no sofá abraçadinhos e aconchegados. Eu não queria que a noite acabasse... Acabamos adormecendo.

Capítulo 27



— Essa história já está ficando maçante. Se não somos chamados à delegacia para algum esclarecimento, depoimentos ou outras coisas, somos interpelados pelo detetive Castro a todo instante. Ele já nem se apresenta mais para entrar em nossas salas! Só vai entrando... Se, pelo menos, descobrissem algo palpável...

— Sei como se sente, Marcos. Também estou cansada... – desabafo.

Sou interrompida por Helena, avisando que nos aguardavam no anfiteatro da Alencar Rubiano no andar térreo do prédio. Era, normalmente, usado para palestras, cursos de especialização para os funcionários ou para reuniões de maior porte.

Hoje, todos estavam ali com um objetivo diferente. Haveria uma homenagem pelo primeiro aniversário da morte de Alex. Os diretores da empresa sentavam-se em cadeiras previamente colocadas do lado esquerdo do palco. No centro, um púlpito recoberto com uma fita preta em sinal de luto e, à direita, um grande retrato de Alex posto sobre um cavalete cercado de flores.

Fernando de Alencar fora posicionado ao lado da diretoria em local de destaque e, ao seu lado, sua “fiel escudeira”, apelido dado à enfermeira Gildete que nunca o deixava sozinho. Eu e Marcos também nos sentamos junto a eles.

Discursos, homenagens de diretores, executivos e até do Sr. Juvenal Freitas, o funcionário mais antigo das empresas eram intercalados com palavras de planos para o futuro e apresentação de novos projetos em que meu marido

estava trabalhando antes de seu falecimento.

Sou encaminhada à tribuna para, também, falar algumas palavras. Meu discurso é rápido e objetivo. Nunca fui adepta a prolixidade ou pedantismo, muito comum nas pessoas que, para se mostrarem cultas ou intelectuais, ficam “enchendo linguiça”, por assim dizer.

— Boa tarde a todos. É muito bom tê-los aqui hoje... Neste último ano, aprendi muitas coisas. De uma simples esposa, com sonhos de continuar sua carreira de arquitetura, passei a ser viúva e presidente de um conglomerado de empresas, das quais pouco sabia. Graças a vocês e a assessoria de pessoas como eles – aponto para a diretoria – pude contribuir para dar continuidade aos sonhos de três pessoas, meu sogro, do Sr. Alencar, aqui presente, e de Alex.

Minha voz embarga por uns segundos e, a

seguir, retomo minha fala.

— Quem diria que coisas como essas que vivemos pudessem acontecer? Quando ouvimos ou lemos nas reportagens sobre sequestros, assassinatos, tragédias e desastres, ou mesmo quando assistimos a filmes que tratam sobre essas situações, nos comovemos. Quantos de vocês não chegam a derramar lágrimas ou a se revoltar com notícias ou cenas dramáticas? Só que a última coisa que vem à nossa mente é a possibilidade de sermos atingidos por tais acontecimentos. Porém, todos estamos vulneráveis, pois a criminalidade tem crescido em todo mundo. O que fazer, então? Buscar culpados entre as pessoas ou autoridades? Não sei. O que sei, com certeza, é que nos esquecemos de buscar a pessoa que, realmente, detém o poder de cuidar de nossas vidas, nossas famílias, nossos projetos e sonhos. Aquele que tem toda sabedoria e pode nos dar força para enfrentar

PERIGOSAS ACHERON

todas as situações. Essa pessoa é Deus! O único que jamais falhou, falha ou falhará e é Ele quem trará o culpado ou culpados pela tragédia que vivemos à justiça, pois Deus *sabe, exatamente, quem foi o responsável*. Eu creio nisso, pois também tenho a certeza de que foi Ele quem me ajudou a suportar todo sofrimento e dor com a perda de meu marido. Obrigada a Ele e a cada um de vocês que se manteve firme ao nosso lado e não poupou esforços para que as empresas Alencar Rubiano continuassem em pé e crescendo como era sonho e desejo de seus fundadores. Deus abençoe a todos!

Durante o jantar já em minha casa, converso com Castro sobre a homenagem feita a Alex.

— Gostei de seu discurso — diz ele. — Principalmente, da forma como colocou aquela

PERIGOSAS NACIONAIS

insinuação que lhe pedi para acrescentar em suas palavras.

— Sobre o assassino?

— Sim. Quando você afirmou que “Deus sabe quem é o culpado”, surtiu um efeito maior do que eu esperava.

— Sério?! Confirmou suas suspeitas? – pergunto entusiasmada e esperançosa.

— Sim. Sempre achei que alguém de dentro das empresas estivesse envolvido no caso, mas não conseguia definir quem. Agora, pela reação que vi de um dos que estavam sentados atrás de você...

— Na diretoria?! Meu Deus!

— Exatamente – responde Castro convicto.

Assustei-me com a declaração,

PERIGOSAS ACHERON

principalmente, pelo tom firme com que Castro me respondeu. Também, desconfiava que fosse uma pessoa próxima, mas ter a certeza disso me apavora.

— Quem é? — pergunto um tanto relutante, pois não sabia se, realmente, queria ouvir o nome dessa pessoa.

— Ainda não vou dizer. Preciso ir atrás de pontos que liguem essa pessoa aos possíveis autores e, também, descobrir os motivos... A ideia é, talvez, armar uma cilada para pegá-lo.

— Mas...

— Deise, não posso me precipitar. Preciso estar totalmente certo antes de fazer a denúncia final e a prisão. Por enquanto, só vi um homem inquieto, ansioso e, aparentemente, assustado, mas essas reações podem ter inúmeras causas. Não se preocupe. Se for ele, muito breve saberemos.

No dia seguinte, Rafael convidou-me para almoçar e marcamos de eu ir até sua empresa de arquitetura encontrá-lo.

— Olá, Rafael. Tudo bem? – digo ao entrar em sua sala.

— Oi, Deise. Tudo ótimo.

— Vejo que mudou algumas coisas em seu escritório. Gostei.

— Arquiteto é assim mesmo. Sempre mudando e inovando. Nunca gostei da mesmice e sou contra qualquer tipo de rotina.

— Também sou – sorrio.

— Sente-se. Só vou terminar um assunto e já sairemos, ok?

— Sem problema. Eu fui ao escritório hoje e quase não tinha nada que necessitasse minha atenção. Às vezes, nem sei por que precisam de

PERIGOSAS NACIONAIS

mim na Alencar Rubiano. As empresas quase andam sozinhas.

— É a vantagem de se ter uma equipe competente.

— Verdade, Rafael. Alex podia ter seus defeitos, mas sabia escolher muito bem seus subordinados.

— Você se importa de ficar sozinha uns minutinhos? Preciso levar essas planilhas ao Departamento de Projetos. É coisa rápida, prometo.

— Pode ir.

— Vou pedir que lhe tragam um café. Ou prefere outra coisa?

— Café está ótimo, obrigada.

Pouco depois, a porta se abre e imagino ser a secretária de Rafael trazendo o café. Ao me virar, sou surpreendida pela presença de Fabiano, parado

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

na entrada da sala com os olhos explodindo faíscas e um sorriso tão imenso que quase escondia seu rosto. Antes mesmo que eu tivesse a chance de pensar, ele se aproxima, me envolve em seus braços, ergue-me de leve e começa a me girar pela sala.

Sua alegria em me ver era evidente. Encostada ao seu peito, podia sentir as fortes batidas de seu coração e sua voz doce sussurrava trêmula em meu ouvido:

— Que saudades... Deise, que saudades...

Não sei quanto tempo ficamos assim. Meus sentimentos explodiram em nova confusão. Não sabia o que pensar...

Finalmente, ele me pôs no chão, me afastou com suavidade e me encarou com imensa ternura. Ele estava chorando!... Passei a mão em seu rosto, enxugando as lágrimas, surpresa e

PERIGOSAS ACHERON

encantada. Minha voz quase não sai.

— Que coisa linda, Fabiano! E que surpresa também.

— Fiz o Rafael chamá-la com o pretexto de almoçarem juntos, pois queria muito vê-la.

— E por que não me falou que estava em São Paulo?

— E perder esse momento? NUNCA!!!!

Seu sorriso era contagiante.

— Almoça comigo? – convida ele.

— É claro que sim. Que pergunta...

Saímos do escritório e encontramos Rafael na antessala com ar de menino travesso.

— E, então, Deise? Gostou da surpresa?

— Amei! Mas, quase tive um enfarte.

— Menos, Deise, menos... O Fabiano pode até ser boa pinta, mas não é para tanto – brinca

PERIGOSAS ACHERON

Rafael.

— Belo amigo! Obrigado pela parte que me toca – continua Fabiano com a brincadeira.

Somente eu e Fabiano fomos almoçar. Rafael alegou que não queria *atrapalhar o reencontro*. Fomos a um restaurante na Rodovia Anhanguera. Fizemos nossos pedidos e, enquanto aguardávamos, fomos até uma varanda que dava para os fundos. A vista era muito bonita. Abraçados, observávamos alguns pássaros que brincavam no meio das árvores sem se importarem com o vento frio que soprava. Aconcheguei-me mais a ele na tentativa de me aquecer.

— Quer entrar? – perguntou.

— Ainda não. Estou gostando desse abraço – digo em meio a um sorrisinho maroto.

Fabiano levantou meu rosto delicadamente e tirou-me o folego com um longo e apaixonado

PERIGOSAS ACHERON

beijo.

— Por que sempre tenho a impressão de que vou desmaiar quando estou com você?

— Porque eu tiro seu ar.

— Seu convencido! – brinco.

O almoço estava ótimo e, depois de comermos, damos um passeio pelo terreno em volta do restaurante. Parecia um sítio com gramado, árvores, playground para crianças e um pequeno lago repleto de peixes dourados e trutas. Eram enormes e nadavam tão próximos à margem e à superfície que poderíamos pegá-los com as mãos se quiséssemos. Lembrei-me das Ilhas Seichelles.

— Deise, case-se comigo – falou-me com voz doce. – Eu a amo demais e queria tê-la ao meu lado para o resto de minha vida.

— Eu sei disso e, quando estou com você, desejo o mesmo. Você me encanta e eu me sinto a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mulher mais amada do mundo, mas tenho medo.

— De que, Deise?

— De magoá-lo. De dar-lhe esperanças e, depois... Você pode compreender isso?

— Posso. Desculpe se forcei a barra, se fui longe demais.

— Não se culpe, Fabiano. A mais errada em toda essa história sou eu e não vocês. Não posso ficar a vida toda dividida entre dois homens. Preciso tomar uma decisão – digo, resoluta. – Você vai ficar em São Paulo?

— Só mais uns dez ou quinze dias. Por quê?

— Dentro desse prazo, terei uma resposta ao seu pedido de casamento.

— Tem certeza? – pergunta inquieto.

— Tenho sim. Espere só mais alguns dias,

PERIGOSAS ACHERON

por favor.

— Esperarei, Deise. Ansioso e esperançoso.

Ao entrar em casa, sinto meu coração e meu corpo queimarem. Trêmula e vacilante, chego à sala e me sento na poltrona em frente à lareira. O quadro de Fabiano sobre ela prende minha atenção ao ponto de não ver ou ouvir ninguém.

Odete, preocupada, tentou em vão chamar minha atenção. Quando, finalmente, a ouvi, ela perguntou o que me fizera ficar tão absorta.

— Fabiano... – respondo.

Conto sobre o encontro surpresa, o almoço, o pedido de casamento. O beijo...

— Você já teve problemas como esse antes. Seu emocional está um caco, dona Deise. Precisa dar um jeito em sua vida, minha querida. Por que não faz o que o Dr. Wagner lhe sugeriu?

PERIGOSAS NACIONAIS

— De tirar uma licença e ficar em casa por alguns dias?

— Isso mesmo. O ideal é nem receber a visita de ninguém.

— Mas, nem uma visitinha? – pergunto.

— Só se for previamente agendada e sem emoções fortes, entendeu? – diz Odete.

— Às vezes, penso em desistir de algumas coisas para tentar recuperar minha sanidade – digo.

— Do quê, por exemplo? – pergunta ela.

— Não sei. Da presidência das empresas, de tentar refazer minha vida com outro homem... Tenho a impressão de que, se desistir dessas coisas, voltarei a ter paz. Deixaria de sentir tanto medo de errar e de magoar ou prejudicar as pessoas. Ou de ser morta por causa da ganância de alguém.

— Então, dê uma desculpa para se afastar

PERIGOSAS ACHERON

— comenta Odete. Diga que sua saúde requer atenção e que o médico recomendou que ficasse em repouso por, sei lá, dez dias. Assim, não levanta nenhuma suspeita e pode descansar, se sentir mais segura e pensar melhor sobre suas decisões. A senhora pode pedir que sua mãe fique aqui para ter companhia. Tem tantos quartos de hóspede nessa casa.

— Gostei da ideia. Ficarei quietinha em casa, ok?

Rimos um pouco.

— Vou pedir que a Isaura providencie um lanche para a senhora.

— Obrigada, querida.

Pouco depois, Isaura chega com uma bandeja. Suco, um delicioso croissant de frango com catupiry e um pedaço de bolo cremoso de fubá. Ela coloca as guloseimas sobre a mesa de

PERIGOSAS ACHERON

centro.

— Deseja mais alguma coisa, dona Deise?

— Não, Isaura, obrigada.

Pego o celular e ligo para Dona Rose. Conto sobre as recomendações de Odete e peço a ela que venha passar uns dias comigo.

— Como tenho que ficar quietinha em casa, seria muito bom que a senhora me fizesse companhia – digo.

Capítulo 28



— Bom dia, dona Deise. Vai ao escritório hoje? – pergunta Roberto ao me ver levantar cedo.

— Bom dia. Hoje, vou ficar em casa – respondo.

— Então, por que não aproveitou para dormir um pouco mais?

— Na verdade, passei a noite inteira em claro.

— Por quê? – estranha ele.

— Um pressentimento... Fiquei agitada e não consegui dormir.

— A senhora precisa relaxar. Por que não vai passear com sua mãe? Fazer compras, talvez.

— Tenho medo de sair de casa.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não deveria, dona Deise. A senhora não pode ficar se escondendo a vida toda. Tudo bem que precisa repousar, mas um passeio seria muito bom, não acha?

Nesse instante, toca a campainha. Roberto vai verificar, voltando em seguida com Castro e se retira, deixando-nos sozinhos.

— Oi, Deise. Como está?

— Não muito bem, eu acho.

— Pretende sair.

— Na verdade, estou de *licença médica* – brinco.

Explico o que conversei com a governanta e de minha decisão de ficar uns dias em casa.

— Entendo – diz ele. – Mas, creio que preciso de você na Alencar Rubiano e terei de interromper seu descanso.

PERIGOSAS ACHERON

— Por quê? — pergunto intrigada.

— Você vai saber quando chegarmos lá. Tomei a liberdade de pedir que sua secretária convocasse uma reunião em seu nome com a diretoria da empresa e com o ex-sócio de seu sogro, o Sr. Alencar.

— Não entendi o porquê de chamá-lo...

— Não seja curiosa. Espere e entenderá. Pedi que seu advogado também estivesse presente. Podemos ir?

— E seu eu disser que não?

Romeu solta uma risadinha marota e deixa minha pergunta sem resposta. Estende seu braço, o qual aceito e saímos em direção ao seu carro.

Senti-me estranha ao entrar na sala de reuniões. Mesmo tendo entrado e saído tantas vezes dali, parecia que ela estava diferente: pequena, opressiva, quase sufocante... Procurei controlar

PERIGOSAS ACHERON

minhas emoções perante todos.

Castro me orientou quanto ao que dizer para justificar aquela convocação, pois eles deviam acreditar que *eu* a fizera. Ele ficou do lado de fora, aguardando o momento oportuno para entrar.

— O motivo de estarmos todos aqui — comecei — diz respeito a algumas mudanças que pretendo fazer na administração das empresas. Como essas alterações incidem diretamente sobre o trabalho de cada um de vocês, achei por bem nos reunirmos para explicar os detalhes e não permitir que fiquem dúvidas sobre minhas decisões. Tenho certeza de que, após ouvirem minhas deliberações, entenderão meus motivos. Peço que não tomem atitudes precipitadas, pois haverá alguns cortes e remanejamentos de posições. Meus objetivos são diretamente ligados a agilizar tomadas de decisões em determinados setores que estão caminhando de

PERIGOSAS NACIONAIS

forma um pouco lenta. Creio que, com isto, poderemos elevar o nível das negociações de novos projetos e produtos.

Enquanto falava, senti uma inquietação discreta nos presentes. Inventei que alguns setores estavam um tanto improdutivos e que, para melhorar seu desempenho, iria fundi-los a outros, sem citar diretamente quais seriam esses departamentos. Eu estava atirando para todos os lados, improvisando para que não percebessem que, na verdade, eu não tinha nada a dizer e, muito menos, queria mudar algo. Já estava ficando sem balas e quase suando frio quando um dos presentes explodiu. Era o Sr. Alencar.

— Ora, chega dessa baboseira!

— Como disse? – perguntei com ar de quem estava ofendida por ter suas decisões de comando contestadas com tal veemência.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você está há quase vinte minutos e, até agora, só falou bobagens! — continua ele com sua interpelação. — Não estou entendendo nada e tenho quase certeza de que ninguém está — aponta para os demais.

— O senhor já vai entender — digo, sem mostrar alteração em meu comportamento.

— Duvido muito, Sra. Presidente de araque! *Humpft!*... Igualzinha àquele idiota do Alexandro! Enquanto eu me ralava todo trabalhando de verdade, com a mão na massa, aquele engomadinho só vivia fazendo discursos, reuniões, eventos sociais, puxando o saco de políticos e de um monte de empresários babacas iguais a ele! Queria ver ele dar a vida pelas empresas como *eu fiz!*

— Pelo que sei, meu sogro conseguiu fechar excelentes negócios com seus contatos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

comerciais e com sua maneira de administrar — defendo.

— Balela! O que faz uma empresa andar é garra! É estar grudado ao setor de produção para não deixar cair a qualidade dos produtos e serviços e, também, no pé do departamento comercial para garantir o escoamento da produção. O Alexandro era um “almofadinha” preguiçoso. *Eu* não! Eu dei meu sangue por essa empresa! E o que ganhei em troca?! Uma cadeira de rodas, uma enfermeira chata que não larga do meu pé e uma pensãozinha honrosa em “consideração pelos muitos anos dedicados ao trabalho”, como disseram em minha despedida. EU fundei a primeira empresa! EU A FIZ CRESCER! E para quê?! Para ser reduzido a um *nada*! A um *sócio honorário* sem nenhuma importância! Nem sei por que me chamaram para essa reunião idiota!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu vou lhe explicar, Sr. Alencar.

Castro entra na sala, pegando a todos de surpresa.

— O que significa isso?! – ralha o Sr. Alencar.

— Simples. Nós rodamos muito em busca de montar o quebra-cabeças sobre as mortes de seus sócios e os atentados contra as vidas de Deise e Marcos. Pensamos em inúmeras possibilidades e usamos várias linhas de investigação para encontrar suspeitos, possíveis motivos, provas etc. Mas, sempre voltávamos à estaca zero e isto estava nos deixando sem muitas opções. Um dia, surgiu uma ideia e resolvemos arriscar, mesmo que acabasse dando em nada novamente. Conversamos com Deise e a pusemos em prática. Pedi a ela que incluísse umas palavras em seu discurso feito na homenagem prestada a Alex por ocasião do

PERIGOSAS ACHERON

aniversário de sua morte. Os senhores devem se lembrar quando ela disse que “Deus sabia quem era o culpado”. O que eu pretendia era observar a reação das pessoas a essas palavras, principalmente, nos senhores.

Nova inquietação, desta vez bastante aparente, entre todos.

— Pois é — continua o detetive. — E deu certo. Um de vocês ficou visivelmente abalado.

— Mas, que absurdo! — grita o ex-sócio de meu sogro. — E, desde quando, um sentimento demonstrado pode ser evidência de um crime?!

— Concordo com o senhor, mas era uma estratégia que poderia ou não dar certo. Só que o resultado nos levou a direcionar nossas buscas em outra direção e acabamos encontrando muitas outras coisas.

— Como assim?!

— Vou explicar, Sr. Alencar. Tendo esse novo suspeito em vista, passamos a investigá-lo de forma minuciosa e descobrimos que, em determinadas datas, houve saques vultuosos de sua conta bancária, sempre dois ou três dias antes dos “acidentes” sofridos por todas as vítimas desse caso, inclusive Eva Bastos. Esta, porém, ainda não se constituía em uma prova suficiente. Comparamos o valor dos saques com o que os sequestradores de Marcos receberam para assassiná-lo. Batata! As quantias eram idênticas!

— Isso ainda não prova nada! — continua o ex-sócio.

— Por isso, fomos atrás dos motivos e, por suas próprias palavras hoje aqui, acredito que encontramos.

A reação do Sr. Alencar a essa última afirmação foi tremendamente violenta e inesperada:

PERIGOSAS NACIONAIS

— Aquele idiota merecia morrer! Ele tinha que pagar por tudo o que me fez!!! Eu construí essa empresa! Eu!

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 29



— Quem diria? Aquele velhinho parecia tão indefeso...

— Pois é, Áurea. As aparências quase sempre nos levam a tirar conclusões erradas – explica Castro. – Eu, na minha profissão, estou acostumado a ver pessoas extremamente simpáticas, carismáticas e de temperamento dócil cometerem atrocidades inimagináveis.

— Ainda custo a acreditar que era ele por trás de tudo – comento.

— Você deve ter levado um grande choque – diz Reinaldo.

— Nem me diga. Eu, simplesmente, caí sentada na cadeira como um saco de batatas. A última pessoa de quem desconfiaria era ele.

— Aliás, todos nós — acrescenta Marcos que também havia comparecido ao jantar em minha casa.

— Minha filha, ainda não consegui entender direito essa história. O que levou o Sr. Alencar a mandar matar seu marido e, ainda, atentar contra sua vida e a de Marcos? A revolta dele não era somente com seu sogro?

— Eu explico dona Rose — responde Castro. — Acontece que ele se achava injustiçado conforme seu depoimento na delegacia depois de o levarmos preso. O Sr. Alencar acreditava que Alexandro, seu sócio, tinha culpa em relação ao seu estado de saúde. Não se conformava de estar naquela cadeira de rodas. Agora, coloquem-se no lugar dele. Um homem extremamente ativo, trabalhador e cheio de garra ter de, num piscar de olhos, se tornar dependente de outros até para

tomar um banho ou calçar um simples sapato. Ele sempre lutou sozinho para alcançar os seus sonhos e, segundo ele mesmo disse, sentia-se, agora, um inútil, um *nada*, um *fraco*. De repente, vira seu sócio, alguém que ele considerava ser um aproveitador, assumir a direção total das empresas e dizer a ele que não precisaria se preocupar com nada, pois uma porcentagem do lucro seria transferida todos os meses para sua conta bancária de forma vitalícia. O Sr. Alencar achou que aquilo era uma afronta. De acordo com sua maneira de pensar, *ele* havia construído um império que seria desfrutado por quem, ao seu ver, não merecia. Então, engendrou o seu plano e o colocou em ação.

— E quem era a pessoa que contratou os falsos sequestradores de Marcos e como Eva Bastos se envolveu nessa história? — perguntou Reinaldo.

— A pessoa era o próprio Sr. Alencar. Ele

possuía um equipamento de distorção de voz e ligava para os sequestradores, enquanto sua enfermeira se ausentava por alguns minutos, fazendo a transferência do dinheiro para eles depois. Por isto, não sabiam o nome do mandante. Quanto a Eva, ele a convenceu de que receava que alguém estivesse tentando matar Alex. Disse a ela que não acreditava que a morte de seu antigo sócio e sua esposa tivesse sido um acidente e temia pela vida do filho de Alexandro.

— Sim, mas como ela conseguiu pegar o carro de Alex e levá-lo à oficina?

— Na verdade, não era o carro de Alex, Áurea.

— Como assim?! – todos perguntam ao mesmo tempo e espantados com a novidade.

— Era um carro alugado, igualzinho ao de Alex. Como Eva não tinha como saber, o Sr.

Alencar a enganou, inventando que havia conversado com o filho de seu sócio sobre a importância de uma revisão nos freios e que ele havia permitido que a jovem pegasse seu carro e o levasse para o mecânico. Instruiu à locadora que deixasse o automóvel alugado na frente do prédio das empresas e entregasse as chaves e os documentos para a jovem que estaria ali esperando. Eva acreditou que Alex mandara alguém levar-lhe o carro.

— Sim, mas ela não desconfiou de nada? E por que se apresentou como se fosse eu? — digo sem entender muito bem.

— O Sr. Fernando a convenceu que eram instruções de Alex para que ninguém pensasse que eles estavam envolvidos emocionalmente. Afinal, uma mulher diferente levando o carro de um homem casado para uma revisão poderia, como ele

disse, “pegar mal”. Além disso, ele sabia o quanto ela era curiosa e contou que Eva faria perguntas ao mecânico sobre seu trabalho, o que ela realmente fez, levando-me a pensar que Deise era responsável pela sabotagem nos freios. Porém, a jovem ficou apreensiva depois que a polícia abriu as investigações e procurou Fernando Alencar. Ele disse a ela para não contar nada, pois as suspeitas poderiam recair sobre sua pessoa e, depois, mandou matá-la por garantia.

— Os mesmos bandidos fizeram isso?

— Sim, Dona Rose, e sabotaram os carros também.

— Mas, por que matar Alex? Se ele já havia se vingado, qual o motivo de continuar matando?! — pergunto ainda indignada e inconformada com a revelação do dia anterior.

— O Sr. Alencar acreditava que o filho

seria igual ao pai quando percebeu que Alex tinha os mesmos conceitos de investir em reuniões, recepções e coquetéis para atrair clientes e fornecedores. Ele sempre achou que trabalho duro e mão na massa eram os verdadeiros combustíveis para o sucesso de qualquer negócio e não ficar “paparicando” empresários e políticos. Ele gostava muito de participar e organizar festas e recepções, porém suas intenções eram a de alegrar a grande família Alencar Rubiano, como ele considerava as empresas, e seu sócio as transformou em meras reuniões de interesses comerciais, excluindo os funcionários e pessoas que lutavam pelo sucesso real dos negócios.

— Mas, ele não via o progresso da Alencar Rubiano? Não conseguia enxergar que as empresas estavam em pleno crescimento?

— Não, Áurea — continua o detetive. —

Para ele, o crescimento se devia ao bom trabalho dos funcionários e não pelo que Alexandro e seu filho faziam. Além disso, seus olhos estavam focados em sua própria revolta e não via mais nada. Uma mente ociosa e envenenada com mágoas do passado acaba deturpando a realidade. Ele construiu uma fantasia da qual não conseguiu escapar.

— Mas, e eu e Marcos? Por que nos incluiu nessa fantasia maluca de rancor e ódio?

— Deise, você herdou algo pelo qual *nunca* trabalhou. Seu marido não permitia que você se envolvesse nos negócios e, após sua morte, assumiu tudo. Para o Sr. Alencar, você era a pessoa menos merecedora de estar na posição de presidente. Marcos, por sua vez, assumiu a vice-presidência quando ele precisou se afastar por causa da saúde. Este foi um dos motivos de seu

ódio.

— Um dos motivos, você disse? —
estranho. — Havia outra razão?

— Na verdade, sim. E acredito que o
segundo motivo era ainda mais forte na cabeça do
Sr. Alencar.

— Mas, o que eu fiz de tão grave? —
pergunta Marcos sem entender nada.

— Você é filho de Alexandro Rubiano
com uma secretária pela qual seu sócio era
apaixonado. Tudo foi acobertado para não haver
escândalos e, quando você cresceu, seu pai o
contratou para trabalhar com ele. Sua grande
capacidade de trabalho, sua inteligência e sua
perspicácia nos negócios, logo, o fizeram se
destacar e crescer dentro das empresas.

— Inacreditável... — diz Marcos, quase
sussurrando, enquanto se recosta à cadeira da mesa

de jantar.

— Alex sabia disso?

— Não, Deise. Quando ele honrou Marcos em seu testamento, o fez por seus méritos profissionais. Os únicos que sabiam de tudo eram o Sr. Alencar e o advogado, Dr. Everaldo.

— E por que ele não disse nada quando Alex morreu? — pergunta minha mãe.

— Quando soube de toda história, intimei o advogado para um depoimento e, ao inquiri-lo sobre isso, ele disse que tudo seria revelado somente após sua morte, pois havia prometido a Alexandro manter segredo. Então, incluiu essa informação em seu próprio testamento para que Marcos pudesse requerer seus direitos de filho e, também, herdeiro das empresas.

— Mas, existe algum documento que comprove esse fato?

— Sim, Áurea – continua Castro com suas explicações. – Dr. Everaldo me entregou uma certidão de nascimento em que constam o nome de Alexandro e de Simone como pais de Marcos. Como ela faleceu quando o filho tinha apenas dois anos, Alexandro mandou esconder essa certidão e falsificou outra com o nome de um ex-funcionário, também já falecido.

— Então, toda minha vida foi uma mentira?! Quem eram aqueles que me criaram como se fossem meus pais verdadeiros? – pergunta o jovem vice-presidente entre lágrimas.

— Eles o adotaram quando sua mãe faleceu e nunca disseram nada por que temiam que você se revoltaria se soubesse que era adotado.

— Entendo...

— Marcos, existe uma coisa muito boa em tudo isso, sabia? – digo, buscando consolá-lo. –

Você, como meio-irmão de Alex, é herdeiro de parte das empresas e não será mais, apenas, um funcionário. E eu estou muito feliz. Você, mais do que ninguém, merece isso.

— Obrigado, Deise. Jamais cogitei ser mais do que um funcionário e estou chocado com essa revelação. Sei que não teria me incomodado de saber que era filho adotivo, pois meus pais me criaram com muito amor. Devo tudo que sou a eles. Porém, nunca imaginei que Alexandro pudesse ser meu pai verdadeiro apesar de sempre perceber que ele me tratava diferente, com maior atenção do que aos demais. Eu achava que ele apenas gostava de mim, mas, agora...

— Você descobriu que ele o amava, não é?

— É sim, Deise. Mesmo não tendo assumido sua paternidade, ele sempre me tratou com muito carinho, além do normal e, agora, sei

por quê.

— Vou pedir ao Dr. Everaldo que legalize sua situação e o torne sócio das empresas. Como ele possui sua certidão de nascimento original, acredito que não será um processo muito complicado. Além disto, vou solicitar um inventário de todos os bens da família para que você receba tudo o que tiver direito.

— Obrigado, Deise. Nem sei o que dizer...

Após o jantar, minha irmã e eu estamos na sala de estar. Marcos e Castro já haviam se retirado.

— E você, maninha? O que vai fazer agora? – Áurea pergunta.

— Vou, finalmente, poder descansar de toda essa loucura.

— E já se decidiu? Por Castro ou Fabiano?

— Creio que sim, Áurea. Ponderei

PERIGOSAS NACIONAIS

bastante, mas acredito que já sei com quem quero compartilhar meu futuro.

— E quem é? – pergunta ela empolgada e esfregando as mãos de curiosidade.

— Calma! Agora, que tudo está resolvido e eu posso me sentir mais segura, quero me preparar para falar com os dois. Não vou adiantar nada antes de fazer isso, pois não desejo que eles saibam pela boca de outra pessoa.

— Você tem razão. Eles são dois caras muito legais e merecem saber de sua decisão por sua própria boca.

— Ainda bem que entende.

— E aí, Áurea? Vocês duas não vão parar de *tricotar*? Eu e sua mãe estamos a um tempão no carro esperando.

— Desculpe, Rei. Já estou indo.

PERIGOSAS ACHERON

— Nós estávamos só fazendo uma última fofoquinha – brinco.

— Mana, sei que você será muito feliz e orarei para que Deus lhe dê sabedoria em sua escolha e, também, na hora de conversar com eles sobre o que decidiu.

— Obrigada, Áurea. Tenho certeza de que Ele fará isso.

Capítulo 30



— “... estas são as Ilhas dos seus sonhos...”

Aquela frase dita ao alto-falante do avião já era conhecida por mim. Olhei pela janela e dei um suspiro profundo. Seychelles... Que prazer imenso estar de volta a esse lugar!

Como da primeira vez, François estava de prontidão à minha espera.

— *Bonzour*, madame! – cumprimentou-me com uma imensa e visível alegria. – Que bom vê-la novamente!

— É bom estar de volta, meu amigo. Não lhe disse que retornaria? – digo, empolgada em revê-lo e a este paraíso.

— E eu sabia que falava a sério – diz o
PERIGOSAS ACHERON

jovem guia. – Só que, desta vez, não veio sozinha.

— É verdade. Quero lhe apresentar meu marido.

— Casou-se novamente?! Que boa notícia! Ficar sozinho é muito ruim, muito ruim. Seja bem-vindo às nossas ilhas. Espero que goste daqui tanto quanto sua esposa.

— De tanto ela falar, já estou amando este lugar – diz meu esposo.

— E logo amará por outros motivos – digo. – Estas ilhas são mágicas e nos enfeitiçam com suas belezas. No meio de todos os medos e preocupações pelas quais passei, uma das coisas que me dava alento era a esperança de poder, um dia, rever esse paraíso.

— Madame disse medos? – pergunta François curioso. – Teve problemas muito sérios no retorno ao seu país?

— Muito mais que sérios...

Enquanto nos dirigíamos ao mesmo hotel em que me hospedei anteriormente, contei a ele sobre o que me ocorreu no Brasil de forma resumida.

— *Mas que terrible!* Essa história daria até um filme policial. Ainda bem que em meu país não existem crimes como esses.

— Lembrava-me desse detalhe o tempo todo – disse. – A cada novo incidente, eu desejava estar aqui, livre de toda aquela violência e medo.

— Mas, já passou, meu amor. Agora, devemos aproveitar a nova chance que a vida nos deu e reconstruir sobre as cinzas uma nova história, a *nossa* história.

— Foi por isso que me casei com você. Tenho certeza de que seremos felizes.

— Chegamos, madame. Enquanto se
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

registram, providenciarei que levem suas bagagens.

— Sempre prestativo e elegante. Obrigada, François.

— Querem visitar algum lugar amanhã?

— Sim, quero levar meu marido a La Digue. Vou inverter um pouco o roteiro que fizemos antes e ir lá primeiro e não por último.

— Perfeito. A que horas eu os pego?

— De manhã cedo. Acho que lá pelas oito horas. Quero aproveitar bastante o dia.

Nos despedimos e, após o registro, subimos ao quarto para descansar da longa viagem.

No dia seguinte, em La Digue...

— Foi aqui que desejei, na primeira vez em que estive nessas praias, poder estar feliz ao lado de alguém que me amasse. Disse a mim mesma naquele dia que voltaria e que, quando

PERIGOSAS ACHERON

voltasse, não o faria sozinha.

— E não está mesmo. Ah, e, se depender de mim, jamais se sentirá só novamente.

— Sei disso, Castro. Mesmo com sua profissão tão corrida, você esteve ao meu lado sempre que podia e, quando não estava comigo, eu, ainda assim, me sentia segura, amparada, cuidada. Quando percebi isto, sabia que era a você que eu, realmente, amava. Que não precisaria me sentir abandonada ou colocada em segundo plano nunca mais.

— E não vai mesmo. Eu a amo acima de tudo e, se depender de mim, vou fazer de tudo para que você seja uma mulher feliz. Sei que Fabiano também faria o mesmo, mas sou grato por ter sido o seu escolhido.

— Foi a escolha certa. Além disso, ele vai se sair muito bem. Rafael o designou para ficar no

Rio de Janeiro em definitivo e sua carreira como pintor também está deslanchando.

— Verdade. Aquela exposição na galeria de seu amigo Ramon foi um sucesso. Quantos quadros ele vendeu mesmo?

— Quase todos, Romeu. Eles agradaram muito quem estava na mostra que promovemos. E ele até conseguiu um *affair*, não é mesmo? — digo, rindo.

— Aquela jovem ficou bastante interessada nele... Como era o nome dela mesmo?

— Alice. E o melhor de tudo é que ela mora no Rio também. Estava em São Paulo visitando a família e foi na exposição com a mãe. aonde acabou se encantando com o artista.

— Tomara que eles se acertem — diz Castro. — Fabiano é um cara muito legal e ela é muito bonita, elegante. Combina bem com ele.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não estou gostando muito desses elogios – brinco, fingindo estar com ciúmes de Alice.

— Que gracinha... Com ciúmes do maridinho?

Romeu me abraça e rimos. Era muito bom estar com ele e saber que Fabiano poderia também ser feliz nos deixava mais leves. Livres de uma culpa que poderia interferir em nossa vida.

— Mas... vamos deixar seu antigo rival de lado um pouquinho e curtir nossa lua de mel – digo.
— Afinal, esta praia é bem convidativa para um namoro, não acha?

Seu beijo, naquele lugar paradisíaco, foi tão ardente quanto o sal que nos envolvia e selou para sempre nossa felicidade.

Fim... Ou será um novo começo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Agradecimentos



Minha vida foi sempre repleta de pessoas que me inspiraram e me fizeram crescer em todas as áreas. Todos os sonhos realizados, todas as conquistas alcançadas foram possíveis pelo apoio, carinho e amor que recebi em minha trajetória.

Este livro homenageia algumas delas, lembradas pela menção de nomes e características especiais em suas personalidades ou talentos. Sou grata a cada uma, mas, principalmente, à minha família, sempre presente e participante de todas as vitórias, alegrias e bênçãos recebidas.

Ricardo, meu amado esposo, é meu grande e inseparável companheiro. Aonde quer que eu vá, ele está ao meu lado para me ajudar em tudo o que eu preciso. Sempre serei grata a ele por me dedicar um amor tão grande, incondicional e incontestável.

PERIGOSAS NACIONAIS

Meus filhos são o grande tesouro que Deus me deu. Sou feliz pelo enorme privilégio de ter dado à luz a três pessoas tão lindas e às quais amo de uma forma que não posso e nem tenho como descrever.

E, agora, fui ainda mais enriquecida pela vinda de dois lindos e fantásticos netinhos, Rebeca, de 4 anos, e Daniel, de pouco mais de um ano e meio. São as coisas mais preciosas de minha vida.

Obrigada a todos por fazerem de mim a mulher mais feliz desse mundo e por estarem ao meu lado em todos os momentos, tristes ou alegres.

Amo vocês.

PERIGOSAS ACHERON

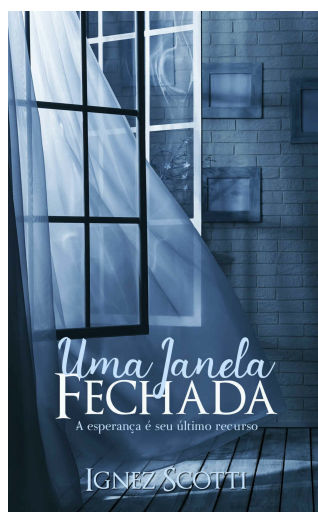
Biografia



Ignez Scotti é redatora e revisora de textos, além de professora e coordenadora pedagógica em um Curso Livre em Teologia.

Ama escrever, ler, cantar, ensinar entre outras coisas.

Outros livros da autora



Uma janela fechada

Dois jovens, planos, sonhos. Tudo pronto para a chegada do dia mais feliz de suas vidas. De repente, o inesperado acontece e, o que antes era sonho, torna-se um pesadelo... Nunca mais as coisas seriam as mesmas.

"Os personagens são encantadores!"

Anny Caroline, Blog Meu pequeno vício